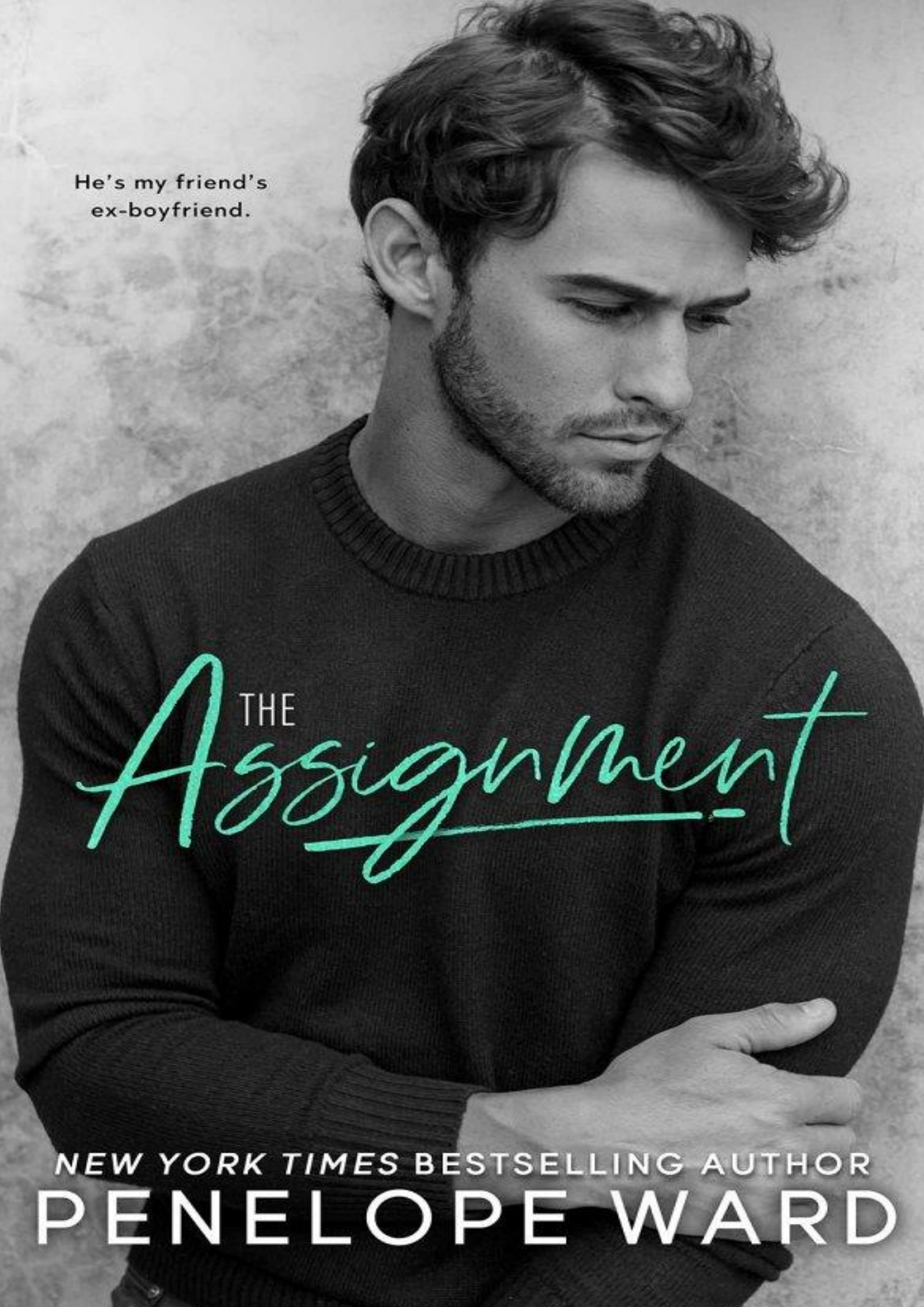

He's my friend's
ex-boyfriend.
THE
Assignment
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
PENELOPE WARD


WICKED LADY

THE Assignment

PENELOPE WARD

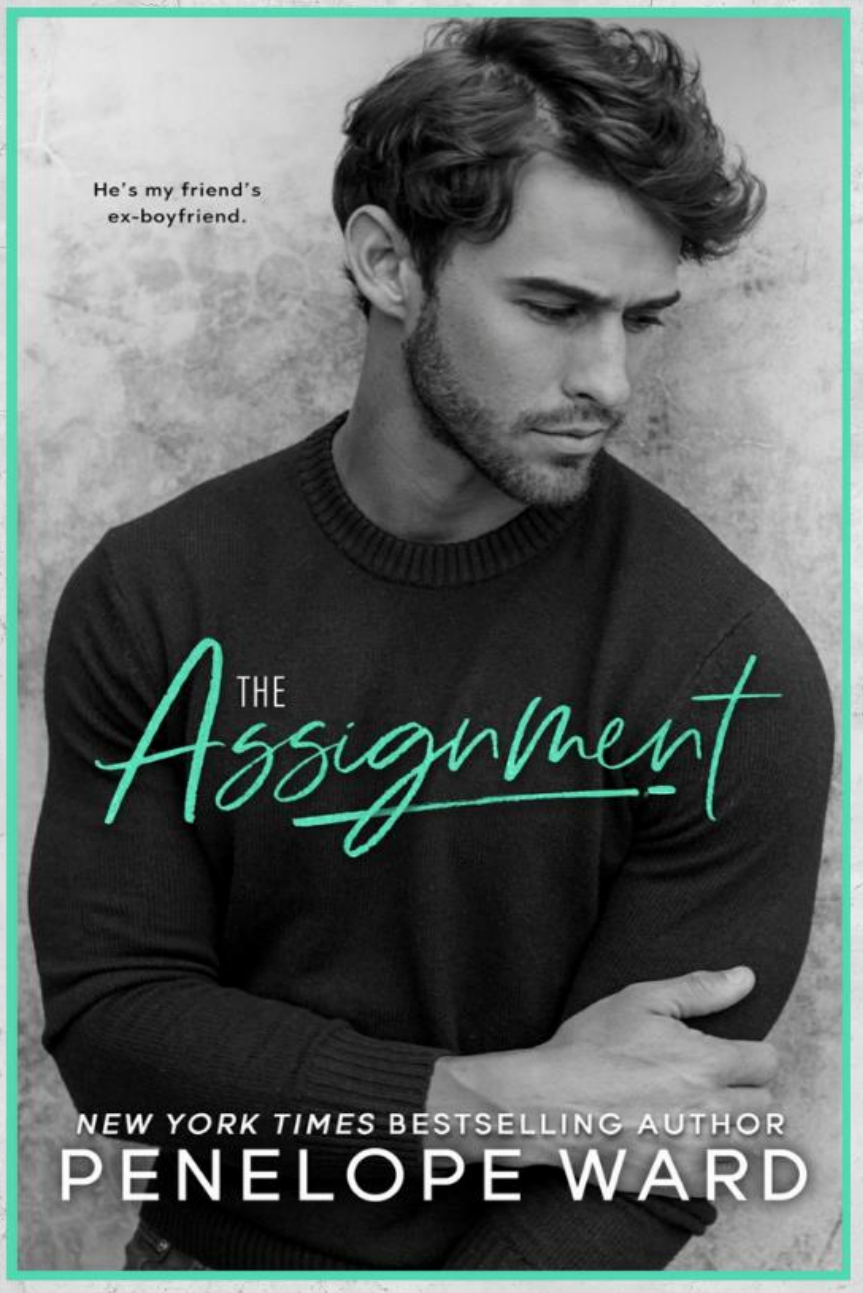
A presente tradução foi efetuada pelo grupo WL, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra. Incentivando à posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto. Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro original, modo, não poderiam, idioma não ser no a impossibilitando conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WL poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que foram lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o de qualquer WL parceria, coautoria grupo ou coparticipação em eventual delito cometido por presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



Lançamento



#ÚNICO

SINOPSE

Razões pelas quais eu não deveria me sentir atraída por Troy Serrano.

Número um: *Ele é detestável.*

Número dois: *Ele e eu fomos inimigos há mais de uma década no colegial.*

Número três: *Ele é o ex da minha amiga.*

Eu poderia continuar e continuar, de verdade.

Quando minha chefe me dá uma tarefa indesejada e me diz que envolve passar um tempo com o neto de um dos nossos pacientes, o neto acaba sendo Troy.

Agora ele é tão bem-sucedido quanto inegavelmente bonito.

Que sorte a minha. Quatro horas por semana tendo que lidar com sua personalidade insuportável e conselhos não solicitados.

O único consolo é olhar para seu rosto irritantemente lindo entre nossos muitos argumentos.

THE Assignment

PENELOPE WARD

Mas aos poucos nos tornamos cordiais um com o outro e nossos passeios se transformam em algo pelo qual realmente anseio.

O que está acontecendo comigo?

Aparentemente, entendi mal a tarefa, porque certamente não incluía pensar em Troy quando fecho os olhos à noite, imaginando como seria com ele – apenas uma vez.

Todo o tempo me odiando por fantasiar com um cara que é todo errado para mim.

Um cara cujo carro eu arranhei naquela época (longa história, mas ele mereceu).

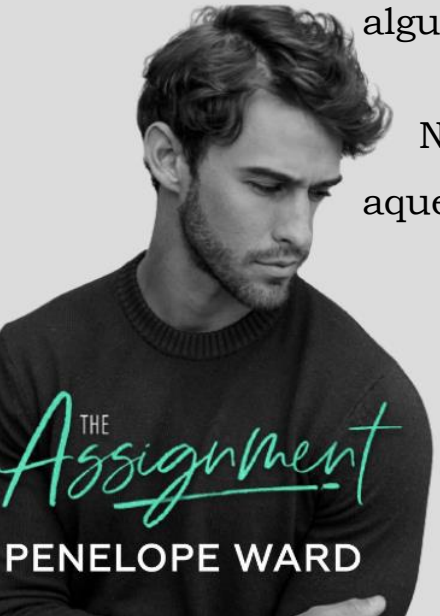
Isso é tudo, uma fantasia.

Bem, até aquela noite no bar.

À noite, Troy e eu nos encontramos, e todas as nossas frustrações reprimidas vêm à tona.

Ainda assim, recuso-me a aceitar que isso signifique alguma coisa.

Não há como o cara que eu deveria odiar ser também aquele sem o qual eu não posso viver.



Capítulo Um

Aspyn

— O que foi? — pergunto à minha supervisora, Laura Rowlings, que tinha acabado de me chamar em seu escritório.

— Lembra-se do fim de semana passado, quando Louie Serrano esteve sumido?

Trabalho no Horizons, lar de idosos, como coordenadora de atividades. O Sr. Serrano é um dos moradores. Na semana passada, seu neto adulto levou um esporro por violar as regras da instalação.

— Sim. Eu não estava trabalhando naquele dia. Mas ouvi dizer que foi um circo. O neto o tirou daqui?

— Sim — Laura assente. — O levou para um passeio sem esclarecer isso com a administração. Pensávamos que Louie tinha saído de alguma forma. Então o neto o traz de volta para cá como se não fosse nada. Ele sabia sobre a política. Nem fingiu que não. E foi a segunda vez que ele fez algo assim.

Embora eu pessoalmente não entenda por que é grande coisa se alguém levar um membro da família para sair um pouco, sei que a instalação tem uma regra estrita sobre obter autorização primeiro. O neto do Sr. Serrano deveria ter conseguido permissão, mas as pessoas por aqui estão tratando isso como se ele tivesse tirado o velho da prisão. Na maioria das vezes, as pessoas que moram aqui não têm nenhum membro da família visitando. Então parece estranho difamar alguém por prestar atenção em seu ente querido. Achei todo o cenário meio fofo, para ser honesta.

— Essa situação tem algo a ver com o motivo de você me chamar aqui? — indago.

Laura suspira. — Sim. Aparentemente, este neto voltou para Meadowbrook vindo de Seattle para cuidar do avô na ausência de seu pai. O pai do homem – o filho do Sr. Serrano – está viajando pela Europa por alguns meses. Esse cara insiste que seu avô precisa sair em um horário mais regular. Ele agora tem permissão de Nancy para sair com ele duas vezes por semana em horários designados sem ter que avisar primeiro, desde que ele o traga de volta em um determinado horário.

— O jeito que ela estava reclamando sobre o que ele fez... — Balanço minha cabeça. — Estou surpresa que Nancy tenha atendido ao seu pedido.

— Bem, ela estava brava até que ele veio no dia seguinte e se desculpou formalmente. Esse cara é bastante atraente e bastante

persistente – arrogante, mas encantador. Eu o vi quando entrou para falar com ela. Acho que Nancy se apaixonou um pouco por ele.

Reviro os olhos. — OK.

— Mas como ele pode não ser confiável para seguir as regras, dado seu comportamento passado, Nancy disse que só permitiria as saídas regulares se enviássemos um acompanhante da instalação que possa garantir que o Sr. Serrano seja devolvido com segurança a tempo.

De repente, percebo onde isso está indo. — Deixe-me adivinhar... sou eu quem toma conta do neto idiota?

— Não há mais ninguém que possamos designar. Você é a única da equipe não essencial. Você vai apenas andar com eles e ficar em segundo plano.

— Quando isso começa?

— 14h desta tarde.

O quê? Olho a hora no meu celular. — Não é um grande aviso. Isso é em dez minutos.

— Eu sei. Eu sinto muito. Ela se esqueceu de me avisar sobre isso até pouco tempo atrás. Já cancelei a cantoria que você deveria fazer na sala de jantar às três.

Olho para mim mesma. Mesmo que eu não seja da equipe médica, o centro queria que eu viesse trabalhar com a mesma roupa que as enfermeiras daqui usam. Scrub[1] não é uma escolha de roupa essencial para uma diretora de atividades, mas gosto do fato de que eu não tenho que escolher uma roupa para o trabalho – é como uniforme escolar de antigamente, só que muito mais confortável. No entanto, isso também significa que hoje estarei me aventurando pela cidade com uma roupa coberta com o personagem Pateta da Disney.

O único consolo em tudo isso, suponho, é que o Sr. Serrano é um dos meus favoritos. Ele é incrivelmente amigável e tem uma inteligência afiada e rápida. Eu não me importaria de passar um tempo com ele.

Corro para o banheiro e passo um pente pelo meu cabelo liso e castanho claro. Eu não corto o cabelo há mais de dois anos, então minhas tranças caem um pouco acima da minha bunda.

Depois de me refrescar, atravesso o corredor. Eu não tenho ideia de onde iremos e fico um pouco nervosa para conhecer esse neto que supostamente encantou nossa diretora de instalação durona.

---

[1] O Scrub é a tradicional vestimenta cirúrgica de enfermeiras.

Quando entro no quarto do Sr. Serrano às 14h em ponto, fico surpresa ao encontrá-lo sozinho.

— Ei, Sr. Serrano.

Ele está sentado em sua cadeira de rodas, pronto para ir. — Ouvi dizer que você vai ser minha acompanhante hoje, Aspyn.

Eu rio. — Bem, acho que é o seu neto que estou tecnicamente acompanhando.

— Ele é uma boa criança. Bem, não é mais uma criança. Ele tem vinte e nove anos e é um profissional. Ganha mais dinheiro do que eu já fiz. Mas ainda o vejo como um menino. Ele é um cara bom. E se parece que estou tentando capturar o seu interesse nele, você está certa. — Ele pisca. — De qualquer forma... — Sr. Serrano continua depois que eu não respondo. — Ele não quis causar nada demais me tirando daqui.

— Eu sei disso, mas é nosso trabalho mantê-lo seguro, então precisamos saber onde você está o tempo todo. — Abro as cortinas para deixar mais sol entrar em seu quarto. — E, aparentemente, isso aconteceu mais de uma vez?

— Sim. A primeira vez, eu queria assistir o Mets. Este lugar tem uma televisão a cabo ruim, então não pude assistir ao jogo aqui. A segunda vez eu estava desejando um sorvete do McDonald's. Se trouxesse para mim, já estaria muito derretido quando ele chegasse aqui.

Eu não posso deixar de sorrir. — Bem, eles não queriam que a terceira vez fosse o charme. Então agora você está preso a mim.

— Existem pessoas piores com quem ficar preso. — Ele sorri.

Ele é tão paquerador.

Então uma voz profunda me assusta. — Pateta é quem está se juntando a nós?

Eu me viro para encontrar um homem muito alto e bonito com uma linda juba de cabelo castanho me examinando. Eu agora desejo ter usado qualquer coisa, menos o uniforme do Pateta hoje.

— Aspyn, este é meu neto, Troy.

Troy.

Eu pisco. *Aqueles olhos.* Este não é o primeiro encontro.

Não.

É ele.

Este é um pesadelo.

Troy Serrano.

Bom Deus.

Troy.

Serrano.

De alguma forma eu nunca liguei o sobrenome do Sr. Serrano com *aquele* cara do ensino médio. Faz onze anos, e foi por isso que eu não o reconheci imediatamente. Seu cabelo está um pouco mais comprido. Mas não só Troy Serrano era um dos caras mais populares da Meadowbrook High, ele também era o ex-namorado da minha melhor amiga no último ano. Ele a traiu, e vamos apenas dizer que eu... fui um pouco louca com ele. E depois disso nos tornamos inimigos.

Isso *não é* bom.

Ele me olha de cima a baixo. — Aspyn Dumont. Quase não reconheci você.

Sr. Serrano olha entre nós. — Você conhece a adorável Aspyn?

Os olhos de Troy se estreitam. — Adorável? Não é exatamente assim que me lembro dela.

O Sr. Serrano sorri, parecendo divertido. — Como vocês dois se conhecem?

Limpo minha garganta. — Fizemos o ensino médio juntos.

— Não brinca! — O Sr. Serrano bate com a mão no braço da cadeira de rodas.

Eu *gostaria* de estar. Neste mesmo segundo. *Brincando*.

Troy dá um sorriso presunçoso. — Sim. Nós fizemos. Mas não nos dávamos exatamente bem. — Seus olhos encontram os meus. — Não é mesmo, Aspyn?

Sem sequer saber a extensão do meu mau comportamento, seu pobre avô tenta me defender. — Como isso é possível? Aspyn é um amor.

— Um amor que arranhou meu carro e colocou laxantes nas rosquinhas do meu time — Troy zomba.

— Não nos donuts de *toda* a equipe — esclareço. — Apenas no creme Boston que sabia que você comeria.

Ele me encara. — Oh, certo. Perdoe-me. Você só tentou *me matar.*

A mortificação toma conta de mim. Se ao menos eu pudesse afundar no chão e desaparecer. Limpo minha garganta. — Foi uma coisa muito imatura de se fazer. E não me orgulho disso. Mas na época, senti que você merecia por machucar minha amiga. — Solto um longo suspiro. — De qualquer forma, já faz mais de uma década. Não faz sentido ficar pensando em algo que aconteceu há muito tempo, quando éramos praticamente crianças.

— O que ele fez para merecer isso? — pergunta o Sr. Serrano.

— Eu traí minha namorada do ensino médio — Troy responde.

— Bem, então ela está certa. Você mereceu.

Te amo, Sr. Serrano. Meu estômago revira. — Como eu disse, é história antiga. Eu pediria à gerência que designasse outra pessoa para acompanhar seus passeios, mas não temos funcionários para arranjar uma substituição.

— Vamos pegar carros separados? — pergunta Troy.

— Não, me disseram para ir com vocês.

— Eles não confiam em mim?

Levanto minha sobrancelha. — Deveriam?

— Você não tem nenhuma chave com você, tem? Nesse caso, não vou deixar você chegar perto do meu carro.

Reviro os olhos. — OK, eu mereci isso. E minhas chaves estão ficando para trás.

— Acho que você pode vir, então. — Ele sorri.

Troy empurra o Sr. Serrano para fora da sala. Sigo para iniciar o que sem dúvida serão as duas horas mais longas da minha vida.

Concentro-me nos ombros largos de Troy. Ele sempre foi atraente, com um corpo incrível apesar de sua personalidade feia. Mas agora ele é como o menino que eu lembrava, só que mais bonito – um homem adulto. Eu só posso imaginar o dano que ele causou em coitadas e inocentes mulheres na última década.

O sol de agosto está quase cegando enquanto caminhamos pelo estacionamento. Troy dirige um Range Rover preto. Claramente ele está indo bem. Isso não me surpreende. Homens com a confiança arrogante que ele sempre exibiu normalmente se tornam bem-sucedidos – provavelmente porque passam por cima das pessoas para chegar lá.

Ajudo o Sr. Serrano a entrar no lado do passageiro antes que Troy desmonte a cadeira de rodas e a coloque no porta-malas. Eu então me sento na parte de trás enquanto Troy se senta no banco do motorista.

O carro cheira a sua colônia. Aroma arrogante, assim como ele. Seus impressionantes olhos verde-azulados travam com os meus por um momento através do espelho retrovisor. Eu imediatamente desvio o olhar.

Troy vira-se para seu avô. — Aonde você quer ir, Nonno?

Nonno. Italiano para avô.

— McDonalds.

— Eu posso te levar literalmente a qualquer lugar, e você sempre escolhe o mesmo. Vamos mudar isso.

— Eu gosto do sorvete deles. Processe-me. E é onde sua avó e eu costumávamos ir aos domingos depois da igreja. Isso me lembra ela.

Quem pode argumentar com isso?

Troy suspira. — OK, velho. O que você quiser. — Ele desce a estrada em direção à praça onde fica o McDonald's.

Um pouco de silêncio constrangedor se passa antes de Troy colocar uma música. Começa a tocar *"Come Fly with Me"* de Frank Sinatra.

— Bem, pelo menos você tem bom gosto musical — digo.

— Sinatra é legal... — Ele aponta o polegar para seu avô. — Eu toco isso para esse cara.

Eu sorrio, inclinando-me para o banco da frente. — Você gosta de Sinatra, Sr. Serrano?

— O que há para não gostar? Ele era o melhor. Ninguém melhor do que *"Old Blue Eyes"*[2].

[2] Nome do disco de 1995 do cantor Frank Sinatra.

— Eu concordo. Eles não os fazem mais assim.

Quando chegamos ao drive-thru, o Sr. Serrano diz para mim. — Você quer um gelado, Aspyn?

Gelado? Tenho que pensar por um segundo. Ele talvez queira dizer casquinha de sorvete. — Não, obrigada.

— Ela é gelada o suficiente — Troy brinca, me lançando um sorriso travesso pelo espelho retrovisor.

Maldito sorriso. Tão mal quanto eu sempre pensei que ele fosse, ele é irritantemente bonito, ainda mais agora do que no ensino médio.

Troy pede um sorvete para o avô e uma batata frita grande para ele. Claro, ele poderia comer o que diabos quisesse e ainda parecer tão bem.

— Tem certeza de que não quer nada? — pergunta Troy. — Por minha conta.

Nos últimos quinze minutos, mais ou menos, estou com uma dor de cabeça lancinante. Um pouco de cafeína realmente ajudaria. Resolvo aproveitar a oferta dele.

— Na verdade, vou tomar um café preto, mas posso pagar pelo meu.

Sua sobrancelha levanta. — Sem creme ou açúcar?

— Não.

— Imaginei.

Meus olhos se estreitam quando ele me pede um café.

Enquanto ele dirige, digo: — O que deveria significar... *imaginei?*

— Você parece uma pessoa do tipo café preto.

Depois que ele para na janela de pagamento, pergunto: — Como assim?

— Você sabe... simples, amarga. Mas muito tempo se passou desde o ensino médio, então talvez você tenha mudado. Se quiser provar que estou errado, estou aberto a isso.

— Você não sabe nada sobre mim – antes ou agora — falo, a raiva aquecendo meu rosto. — Você está baseando seu julgamento em coisas que eu fiz em defesa da minha amiga. Coisas que fiz por causa das *suas* ações. — Enfio três dólares na cara dele, mas ele não aceita.

Ele coloca sua mão brevemente ao redor da minha e a empurra de volta. — Guarde seu dinheiro. Você está aqui por minha causa. Não deveria ter que pagar por nada.

Cruzo meus braços e bufo no banco de trás enquanto Troy paga ao caixa.

Ele para na janela da entrega e alguns segundos depois passa uma casquinha de sorvete para seu avô. Ele coloca as batatas fritas no colo e pega meu café da atendente.

Troy se vira e me entrega. — Você ainda está brava por causa de algo que eu fiz no ensino médio? — ele pergunta. — Estamos chegando aos trinta. Há coisas piores para se preocupar no mundo, sabe?

Dou de ombros. — Você está *me* dando uma atitude e me chamando de simples e amarga. Parece que você é quem precisa superar isso.

— Bem, talvez eu tenha estado na defensiva porque você está me olhando como se quisesse me matar desde o momento em que me reconheceu.

— Eu sinto muito. Não sabia que era tão óbvio.

Ele mostra seus dentes brancos e brilhantes. — Então, você *quer* me matar...

— Não. Isso não foi o que eu quis dizer. Eu só... — solto um suspiro e paro de falar.

Ele escolhe em uma vaga e estaciona o carro. Então coloca uma batata frita na boca antes de se virar para mim e estender a mão. — Vamos fazer uma trégua, OK? Deveríamos, já que temos que passar quatro horas por semana juntos.

Deus. Isso soa como muito tempo para ter que lidar com ele. Mas eu certamente poderia *fingir* ser cordial pelo bem do meu doce cliente. Eu faria pelo Sr. Serrano.

Eu finalmente pego a mão de Troy e a aperto. — Certo.

Meu corpo traidor desfruta do toque quente de sua pele, e isso me deixa desapontada comigo mesma. Isso prova como a atração física instintiva poderia ser. O sex appeal de Troy Serrano não está para debate. Não antes e não agora. É sua alma que é questionável.

Tenho vergonha de admitir que antes de Jasmine começar a namorar com ele, eu realmente tinha uma queda por Troy. Ele era o jogador de futebol popular por excelência. E eu era exatamente o tipo de garota que era invisível para caras assim. Minha cabeça estava presa nos livros, não nas bundas dos atletas. Eu nunca usava maquiagem ou me exibia em roupas minúsculas como Jasmine e muitas outras garotas faziam. Mas eu ainda tinha olhos, e eu era apenas humana. Quando Jasmine falou sobre como era estar com ele, lembro-me da dor de imaginar como seria. Então ele a machucou e se tornou o Inimigo Número Um para mim.

Depois de alguns minutos, Troy liga o carro novamente e dirige pela estrada enquanto Frank Sinatra continua tocando. A música suave é um forte contraste com meus nervos aguçados. A

próxima música é *"Under My Skin"*[3], o que eu acho terrivelmente irônico, considerando que Troy definitivamente conseguiu ficar debaixo da minha hoje.

Posso ver o rosto do Sr. Serrano no espelho lateral. Ele parece tão contente comendo seu sorvete e ouvindo sua música favorita. Se ao menos a vida fosse tão simples para todos nós.

— Para onde vamos agora? — pergunto.

— Ao shopping — Troy responde.

— O que tem lá?

— Lojas — ele brinca.

— Eu sei. — Eu cerro os dentes. — Mas há um lugar específico para onde estamos indo?

— Nonno só gosta de passear — diz ele, observando-me pelo espelho. — Por que a expressão infeliz? Eles têm uma loja da Disney. Eu posso te deixar lá se você quiser, Pateta.

— E essa sua trégua durou no máximo o que? Três minutos? — Sopro meu café.

---

[3] Tradução: Debaixo da minha pele.

— Ainda está rolando. Eu só gosto de mexer com você. Quer dizer, vamos lá, você está usando um scrubs do Pateta. Isso é como pedir para ser zoada.

Reviro os olhos, embora ele esteja certo.

Quando chegamos ao Meadowbrook Mall, Troy estaciona e tira a cadeira de rodas do Sr. Serrano do porta-malas. Uma vez que o Sr. Serrano está instalado, nós três caminhamos juntos do estacionamento até a entrada principal, que fica ao lado da praça de alimentação.

Lá dentro, o Sr. Serrano decide que quer pedaços de pretzel de canela, então nos aventuramos até o quiosque Auntie Anne e esperamos na fila.

Meus olhos pousam no relógio de aparência cara de Troy, então viajam até seu antebraço musculoso e as veias que o revestem. Uma lufada de seu perfume momentaneamente domina o cheiro da canela.

— Você quer algo? — pergunta Troy.

— Hmm?

Quer. Algo?

Oh.

Os pretzels. Certo.

— Não. — Balanço minha cabeça. — Eu não como açúcar.

Seus olhos se arregalam. — Você não come açúcar? Qual objetivo de viver, então?

— 16h — digo.

Ele sorri. — Ah. Levei um segundo. 16h. O horário após o qual você não precisa mais me agraciar com sua presença.

— Você entendeu.

Vários segundos se passam. — Como você acabou trabalhando no Horizons, afinal?

A resposta verdadeira não é algo que contarei a ele. Este trabalho nunca tinha sido meu sonho, de forma alguma. Mas eu me sinto sortuda por tê-lo depois de vários anos me sentindo perdida sobre minha carreira. Trabalhar no Horizons era a carreira que eu havia escolhido depois de muitas oportunidades perdidas.

— Eu meio que... caí lá — respondo.

— O que exatamente você faz lá – além de tomar conta de homens que odeia em viagens ao shopping?

— Sou a coordenadora de atividades.

— O que isso implica?

— Reservar viagens de campo, providenciar transporte e liderar atividades internas, entre outras coisas.

— Parece meio divertido.

— Aprendi a gostar. — Dou de ombros. — De qualquer forma, você... parece estar se saindo bem. O que você faz?

— Sou consultor financeiro – crio planos financeiros personalizados, executo negócios no mercado e concebo estratégias fiscais, esse tipo de coisa. Minha empresa está sediada em Seattle, onde moro, mas posso trabalhar de qualquer lugar, e é por isso que posso ficar aqui temporariamente. Eles começaram a fazer a transição de todos para remotos há alguns anos.

— Quando você voltou para Meadowbrook?

— Estou aqui há apenas um mês. Não é minha escolha, realmente. Mas alguém precisava ficar de olho no meu avô. Meu pai acabou de se aposentar mais cedo do corpo de bombeiros e planejou uma viagem para a Europa com sua namorada. Ele precisava de paz de espírito enquanto estava fora. Ele se sentiu culpado por deixar Nonno, então eu disse a ele que me mudaria para cá por um tempo e manteria o forte para que ele não precisasse se preocupar.

— Bem, isso é... louvável.

Ele sorri. — Doeu para você dizer isso, não foi?

— Um pouco. Como você sabe?

— Você tinha esse olhar em seu rosto como se estivesse constipada quando as palavras saíram. Seu desdém por mim não para, mesmo quando está me elogiando.

— Desculpe se não consigo esconder minha reação a você. Quando alguém machuca meus amigos, eles me machucam.

— OK, mas você me deu o troco, não foi? Toda aquela porcaria que você puxou? Arranhando meu carro?

— Não há comparação entre machucar uma pessoa e machucar um carro.

— Não se esqueça dos donuts. Você poderia *facilmente* ter me machucado se eu cagasse até a morte.

Luto contra o riso. — O que você quer que eu faça? Olha, eu te disse que não estava orgulhosa das minhas ações naquela época. Elas foram extremamente imaturas. Nós concordamos com uma trégua, mas isso não significa que eu posso esquecer instantaneamente a animosidade do passado. Isso vai levar tempo – mais do que a meia hora que passamos juntos. Sim, foi há muito tempo, mas de alguma forma ainda parece que foi ontem.

— Parece que foi ontem porque você está presa em um túnel do tempo.

Cruzo os braços. — Do que você está falando?

— Aposto que você nunca saiu de Meadowbrook, certo?

— Por que você assumiria isso?

— Palpite ousado?

— O que ficar em Meadowbrook tem a ver com alguma coisa?

— Este lugar não mudou nem um pouco. Olha esse shopping. É tudo a mesma coisa. Você já deveria ter saído, experimentado um pouco do mundo. Talvez você não fosse tão sensível sobre as merdas que aconteceram no ensino médio se vivesse fora dessa bolha.

Sentindo meu sangue começar a ferver, eu imediatamente fico na defensiva. — Não há nada de errado com Meadowbrook. E nem todo mundo tem o luxo de apenas se levantar e sair.

Claro que eu poderia querer explorar outros lugares, mas esse idiota não sabe nada sobre minha vida ou as circunstâncias por trás das minhas decisões.

Ele procura meus olhos, parecendo ter lido minhas palavras. — Por que você não pode ir embora?

— Tenho meus motivos. Eu não vou entrar neles com você agora em uma fila para pretzels.

— Por que não?

— Não é o local apropriado.

— Quem disse? Auntie Anne[4]?

— Cale-se. — Eu rio.

— Cuidado com a língua, Pateta. — Ele pisca. — Você não quer que Mickey a ouça.

Sr. Serrano entra na conversa: — Rapaz, vocês dois não param, não é?

Nós nos viramos para ele simultaneamente.

Felizmente, é a nossa vez na fila, o que me dá uma pausa de ter que falar com Troy. O Sr. Serrano fica mais do que feliz quando recebe seu saco de canela. Mesmo que eu tenha desistido do açúcar, eu ainda amo o aroma doce de qualquer coisa recém assada. Meu estômago ronca – um pouco alto demais.

Claro, Troy não perde nada.

— Seu estômago está implorando por misericórdia, Dumont — diz ele.

---

[4] Trocadilho com o nome do quiosque de pretzel Auntie Anne que significa Tia Anne.

— Na verdade, não. Estava apenas reclamando por ter que passar um tempo com você.

— Boa — ele diz enquanto mastiga.

Ficamos ao lado do quiosque enquanto o Sr. Serrano saboreia seu lanche.

Então Troy interrompe meu descanso. — Como está Jasmine esses dias? Eu vi que ela tem um bebê.

Surpreende-me que ele saiba disso. — Sim. Uma garotinha que está com um ano e meio agora. Como você sabia?

— Ela solicitou amizade comigo no Facebook.

— Jasmim solicitou amizade com você?

— Sim — diz ele com a boca cheia.

— Quando?

— Cerca de um ano atrás, talvez?

— Hmm — eu murmuro, achando isso um pouco estranho.

— Até Jasmine pode me perdoar — diz ele. — Mas você não consegue deixar a merda ir.

O fato de Jasmine iniciar contato com ele me deixa perplexa. Ela está casada e feliz agora com um cara que conheceu na

faculdade. Eles se mudaram para uma cidade na Pensilvânia que fica a apenas uma hora de carro de onde estamos em Nova Jersey. Achei estranho que ela se tornou aleatoriamente amiga de Troy quando falou tanto sobre ele. Jasmine tinha sido obcecada por ele enquanto estavam namorando. Tudo o que ela falava era o quão bom ele era na cama e quão grande era seu pau. Ele tinha sido a melhor coisa desde o pão fatiado até que ela o pegou em flagrante no cinema com outra integrante do time de líderes de torcida.

— Vocês ainda são unha e carne? — ele pergunta.

— Nós não nos vemos com tanta frequência desde que ela se casou e teve um bebê. Mas eu a visito de vez em quando. Ela mora em New Hope agora.

— Legal.

— Sim. Aquele é um bom lugar para se estabelecer.

— A palavra *se estabelecer* soa tão deprimente. — Ele ri.

— Isso não me surpreende, vindo de você.

— Quando penso em me estabelecer, *penso* no meu caixão caindo no chão.

— Acho que você não tem planos de se estabelecer, então.

— Não tão cedo.

— Eu imaginei.

— Talvez algum dia, no entanto. — Troy suspira, limpando a canela do canto da boca. — Olha, eu fui um idiota por trair Jasmine. Mas pelo amor de Deus, eu mal tinha dezoito anos. Não sabia distinguir minha bunda do meu cotovelo, muito menos como ser um namorado. Eu entendo que isso te irritou, mas machucar mulheres não é algo que eu tenha o hábito agora.

— Como exatamente você consegue evitar isso? — pergunto, genuinamente curiosa. Acho difícil acreditar que ele tinha mudado tanto, dada sua aparência e atitude.

— Eu não encorajo ninguém. Estar com mais de uma pessoa não é traição se você nunca se compromete com ninguém em primeiro lugar.

— Ah. — Cruzo os braços. — Uma fobia de compromisso.

Ele olha para a minha mão. — Eu não vejo um anel no seu dedo.

— Atualmente não estou envolvida com ninguém, mas não tenho medo de compromisso. Estou ansiosa para encontrar minha alma gêmea quando for a hora certa.

— Deus não permita que ele cruze seu caminho — Troy solta. Então seus olhos se arregalaram. — Onde diabos está meu avô?

Minha cabeça vira para onde o Sr. Serrano estava sentado. Ele tinha desaparecido.

Meu batimento cardíaco acelera. — Que diabos?

— Você tinha um trabalho, Pateta. Tanta coisa para uma escolta.

Ignorando seu comentário idiota, olho ao redor. — Ele já saiu do seu lado antes?

Troy balança a cabeça. — Não.

Meu coração começa a acelerar. — Devemos ficar aqui no caso de ele voltar ou ir procurá-lo? — Minha falta de experiência em escoltar as pessoas vem à tona.

Troy solta um suspiro. — Você fica aqui. Vou dar uma volta.

Alguns minutos se passam e o Sr. Serrano não aparece.

Troy vem andando de volta até onde estou, estendendo a mão. — Entregue-me seu telefone.

— Por quê?

— Vou digitar meu número para que possamos nos manter em contato. Eu vou ficar desse lado do shopping. — Ele aponta. — Você vai na outra direção.

Eu entrego a ele, e ele coloca seu número em meus contatos antes de nos separarmos.

Enquanto marcho pelo shopping, eu me sinto tão decepcionada comigo mesma. Como consegui perder o pobre Sr. Serrano no primeiro dia desta tarefa? O maldito Troy tinha me distraído. Mas, em última análise, isso foi minha culpa. Eu deveria ser a responsável. Essa era a razão pela qual estava aqui em primeiro lugar.

Cerca de cinco minutos se passam antes que meu telefone toque. É uma mensagem de Troy.

Troy: Alguma coisa?

Eu digito.

Aspyn: Não.

Troy: Merda.

Aspyn: Onde diabos ele poderia ter ido?

Troy: Foda-se se eu sei. Tentei a tabacaria, mas nada.

Aspyn: Tabacaria? Ele fuma?

Troy: Ele gosta de um bom charuto.

Aspyn: Nojento.

Troy: Não se for o certo. Você nunca provou um charuto?

Aspyn: Você pode parar de me mandar mensagens e procurar seu avô, por favor?

Troy: Estou usando a função de voz para gerar o texto. Ainda procurando enquanto eu falo.

Aspyn: Qualquer outro lugar que ele gosta de ir?

Os pontos na tela se movem.

Tróia: Victoria's Secret.

Aspyn: Corte essa merda.

Troy: LOL. Estou falando sério. Isso surgiu agora para mim. Ele poderia ter ido para lá.

Aspyn: Por que em nome de Deus ele estaria em uma loja de lingerie?

Troy: Minha avó costumava usar um spray corporal de lá.

Oh. Meu coração aperta.

Aspyn: Ele ainda compra isso?

Troy: Pulveriza em seus lençóis.

Aspyn: Oh, meu Deus. Esse é o cheiro frutado que sempre sinto no quarto dele.

Troy: Sim.

Paro no diretório do shopping para verificar onde a Victoria's Secret está localizada.

Aspyn: Isso é do meu lado do shopping. Indo para lá agora.

Troy: OK. Vou continuar procurando por este lado.

Quando entro na loja, acidentalmente bato de lado em uma pilha de roupas íntimas coloridas, fazendo com que elas caiam no chão. Eu as pego e as jogo na mesa em uma pilha bagunçada antes de correr para o caixa.

— Com licença. Você pode me dizer se um homem idoso em uma cadeira de rodas esteve aqui por acaso? — pergunto a caixa.

Para minha surpresa, ela assente. — Sim, na verdade. Ele saiu há cerca de um minuto. Ele comprou um frasco de spray corporal Love Spell.

— Por acaso você pegou a direção para onde ele foi?

— Não, desculpe-me. Eu não estava prestando atenção.

Droga.

Mando uma mensagem para Troy enquanto saio da loja.

Aspyn: Eles disseram que seu avô estava aqui comprando o spray! Ele saiu pouco antes de eu chegar aqui. Ainda estou procurando.

Troy: Você saiu com alguma calcinha nova?

Aspyn: Muito engraçado.

Troy: Porque sua calcinha tem estado torcida o dia todo. Você poderia usar uma nova.

Aspyn: Não me mande mensagem de novo até encontrar seu avô.

Xingando baixinho, empurro meu telefone na minha bolsa.

Depois de vagar pelo meu lado do shopping por mais vinte minutos, paro de mãos vazias.

De repente, noto Troy andando em minha direção. Parecendo frustrado, ele ergue as mãos em derrota.

Ele para quando me alcança e passa a mão pelo cabelo. — Eu preciso comprar um maldito telefone para ele.

— Ele não tem um?

— Ele tem um telefone flip antigo, mas nunca o leva consigo.

— Nós vamos encontrá-lo. — Suspiro, notando preocupação genuína em seus olhos.

Isso é tudo minha culpa.

Engulo em seco. — Quero dizer, ele deve estar em algum lugar aqui, certo? Ele não teria saído. — Então uma lâmpada se acende na minha cabeça. — Vamos pedir ao segurança do shopping para anunciá-lo.

Ele estala os dedos. — Essa é uma ótima ideia. Por que diabos eu não pensei nisso?

— Porque você não é muito inteligente?

Ele me encara e partimos juntos em busca de ajuda. Mas antes que tenhamos a chance de encontrar alguém, Troy bate no meu braço e para de andar. Ele aponta para uma floricultura.

Através do vidro, avisto o Sr. Serrano, cheirando um grande buquê de flores que o atendente acabara de lhe entregar.

Troy corre pelas portas enquanto eu o sigo.

— Por que diabos você saiu? — ele grita. — Estávamos preocupados.

O Sr. Serrano nem pestaneja enquanto continua a cheirar as rosas amarelas. — Achei que deveria deixar vocês para continuarem com sua discussão.

Troy aperta a mandíbula. — Você poderia ter nos dito que estava saindo.

— Minha partida ajudou vocês dois a pararem de brigar?

Troy suspira. — Bem, sim, mas...

— Então missão cumprida.

— Você quase nos deu um ataque cardíaco no processo, Sr. Serrano.

— O quão longe você acha que eu poderia ter ido nesta cadeira?

— Tudo pode acontecer em um lugar como este — digo. — Você poderia ter sido roubado ou se aproveitarem de você muito facilmente.

Sua expressão suaviza. — Desculpe por deixa-la preocupada, moça bonita.

— Por que você está comprando flores, afinal? — pergunta Troy.

— Estas eram as rosas favoritas de sua avó – rosas amarelas. Mas não são para mim. Elas são para você.

Os olhos de Troy se estreitam. — Para *mim?*

— Sim. Para você dar a Aspyn e pedir desculpas por ser tão idiota.

Levanto minha mão. — Isso realmente não é necessário.

— Claro que é — insiste Serrano antes de entregar o buquê para seu neto.

Troy relutantemente pega as rosas antes de oferecê-las a mim. — Pateta, você aceita essas rosas? — Ele abre um sorriso travesso enquanto bate os cílios, que parecem insanamente longos para um homem.

— Enquanto eu adoraria jogá-las de volta na sua cara, vou aceitá-las em nome de seu doce avô que teve boas intenções. — Eu as pego e me viro para o homem idoso. — Obrigada, Sr. Serrano.

Nós três saímos da floricultura, e penso que poderíamos estar saindo do shopping até que Troy para na frente da loja de colchões.

— Ei, podemos entrar aqui por um segundo? — Troy entra sem esperar por uma resposta.

— Não estou com pressa de voltar — diz o Sr. Serrano enquanto o seguimos.

Troy começa a andar em volta, experimentando vários colchões.

— É realmente necessário você comprar um colchão hoje? — pergunto.

— Na verdade, é, porque eu tenho dormido como uma porcaria — diz ele enquanto salta em um deles. — A cama que meu pai colocou no quarto em que eu durmo na casa dele é dura como uma rocha. Tenho certeza que é o colchão velho dele. Eu quero pegar um bom de espuma de memória.

— Espuma de memória! — grita o Sr. Serrano. — Eu poderia usar um desses. Isso vai me ajudar a lembrar de merda?

Eu rio e me sento na cama em frente a Troy.

Ele se deita todo para trás e abre os braços. — Ah, este é bom. Tão malditamente confortável. — Sua camisa sobe um pouco, e eu finjo não notar o vislumbre de seu abdômen duro como pedra.

Eu me levanto e então me sento na beirada daquele pelo qual ele está delirando. É mais firme do que eu gosto. — Este não é nada comparado ao que eu estava sentada.

Troy se levanta da cama e vai até o outro. Depois de pular algumas vezes, ele diz: — Ah, de jeito nenhum. Aquele é melhor.

— Discordo.

Uma vendedora se aproxima. — Você sabe que não vai ganhar essa discussão, certo? — ela diz a ele. — A esposa sempre consegue o que quer no final.

Troy bufa. — Pateta? Ela não é minha esposa. Ela é apenas uma garota que tentou me envenenar no ensino médio.

— Oh. Eu sinto muito. Posso lhe ajudar com algo?

— Eu aviso você.

— Ele é evasivo. Não perca seu tempo — repreendo.

Com certeza, quinze minutos depois, Troy sai sem fazer um pedido de colchão.

O resto da minha tarde com os homens Serrano é bem tranquila. Antes de sair do shopping, acompanhamos o Sr. Serrano até a tabacaria onde ele comprou um charuto, que Troy prometeu deixá-lo desfrutar quando tivesse mais tempo durante o próximo passeio, visto que o Horizons não permite fumar no local. Quando passamos pela Disney Store na saída, Troy teve a sua diversão, é claro, sugerindo que eu entrasse e comprasse algo por sua conta – como um Pateta de pelúcia. Eu o ignorei, apesar de estar tentada a aproveitar sua oferta e comprar algo para minha sobrinha. De jeito nenhum eu lhe daria essa satisfação, no entanto.

Depois que devolvemos o Sr. Serrano ao seu quarto na instalação, estou indo para encerrar o dia quando Troy me para no corredor.

— Ei, Aspyn...

Eu me viro para encará-lo. — Sim?

— Obrigado por hoje – ajudando-me a procurá-lo. A situação me assustou. Ter você lá tornou tudo mais fácil.

— Sim, bem, ele não teria ido embora se não estivéssemos discutindo em primeiro lugar.

— É uma loucura como tudo isso aconteceu, hein?

— A que você está se referindo especificamente?

— Você e eu tendo que passar um tempo juntos. Quais são as chances? Sorte terrível de sua parte.

— Eu teria que concordar.

Troy ri. — É um mundo pequeno, afinal.

Demoro alguns segundos. *É um mundo pequeno, afinal. A canção da Disney.* Reviro os olhos. — Pare com as piadas da Disney.

— Pare com as roupas da Disney, e eu paro com as piadas da Disney. — Ele pisca antes de ir embora.

O ar fresco que me atinge quando saio para o estacionamento ajuda a clarear um pouco minha mente e meu humor, mas os eventos do dia passam pela minha cabeça durante todo o caminho para casa. Eu não consigo parar de pensar na facilidade com que Troy ainda me irrita depois de todos esses anos.

Como estou parando na casa dos meus pais a caminho da minha casa, penso em dar à minha mãe as flores que o Sr. Serrano tinha comprado.

Estaciono na frente da casa dos meus pais e estendo a mão para o lado do passageiro para pegar a bolsa Vera Bradley, onde guardo meu dinheiro e telefone. Dou um tapinha no assento. *Cadê?*

Eu não consigo me lembrar de levá-la de volta para o Horizons comigo. Meu coração cai.

Deixei no carro de Troy Serrano.

Capítulo Dois

Troy

No meu caminho de volta da casa de Nonno, paro na loja de artigos para a casa para comprar uma sapateira para o armário do meu quarto. Quando abro a parte de trás do meu Range Rover para colocar a caixa plana no banco, noto algo: uma carteira feita de tecido florido com uma alça fina. Está do lado do assento onde Aspyn estava sentada. Eu a pego.

Merda. Estou prestes a enviar uma mensagem para ela quando percebo que seu telefone está enfiado na aba da frente. *Droga.*

Abro a carteira e procuro a identidade dela. Sua foto mostra o mesmo rosto de cadela engessado que ela apontou para mim a maior parte do dia. O endereço listado não é tão longe de onde eu moro, e mesmo que fosse, preciso devolver isso para ela hoje à noite. Voltando ao banco do motorista, coloco o endereço no meu GPS e desço a estrada.

No caminho, penso no dia de hoje. Aspyn pareceu amolecer um pouco no final, mas no geral ela estava muito nervosa perto de mim. Eu fui tão idiota no ensino médio? No fundo, eu sei que a resposta é sim.

Sempre me lembrei dela como um patinho feio. Antigamente, ela saía comigo e Jasmine, mas não falava muito. Eu gostava dela o suficiente – até que ela ficou louca. Ela me deu todos os motivos para não gostar dela depois disso. Eu pensei que já tinha superado há muito tempo tudo o que aconteceu naquela época, mas está claro que *ela* não. Eu a respeito por defender sua amiga, mesmo que ela tenha me fodido para fazer isso. Mas na época eu tinha tomado suas ações como um ataque pessoal.

Eu tenho que dizer, Aspyn é definitivamente mais bonita do que eu lembrava. Ela realmente floresceu ao longo da última década. Seus longos cabelos cor de areia são lindos – lisos e volumosos, praticamente até a bunda. Sua bunda parece muito bonita naquelas calças do Pateta também. Elas se encaixam como uma luva. Ela é alta, curvilínea e cheia em todos os lugares certos. Scrubs não mentem. Não, eu definitivamente não jogaria Aspyn Dumont para fora do quarto, embora ela provavelmente cortasse meu pau no meio da noite.

Quando chego à casa, verifico duas vezes para ter certeza de que o número na caixa de correio corresponde ao do meu GPS. Pego a carteira do lado do passageiro e vou em direção à porta.

Depois de bater, espero.

Cerca de trinta segundos se passam antes de eu bater novamente.

Não há resposta, mas pela janela posso ver que a televisão está ligada. Parece passar um show infantil. Eu sabia que ela gostava da Disney, mas caramba.

Bato na porta pela terceira vez e grito: — Ei! Aspyn, você está em casa?

— Vá embora! — A voz de uma criança vem de trás da porta. Parece uma garotinha.

— Uh... — Eu pisco. — Com quem estou falando?

— Você é louco? — ela diz. — Eu não vou te dizer meu nome!

— Por quê?

— Estranho perigoso!

— Eu prometo que não sou uma pessoa perigosa. Meu nome é Troy. Eu só preciso entregar a carteira e o telefone de Aspyn. Ela os deixou no meu carro hoje. — Depois que ela não responde, eu digo: — Que tal isso... se você abrir a porta um pouco, eu posso simplesmente enfiá-la por ela. Você nem vai precisar me ver.

— Abrir a porta apenas o suficiente para que você possa atirar? Como eu sei que você não tem uma arma?

— Tecnicamente, eu poderia atirar pela porta se tivesse uma arma. Mas eu *não* tenho uma arma, e prometo que sou totalmente legítimo.

Posso ouvir uma conversa abafada e então a porta se abre de repente. Aspyn está ali com o cabelo molhado, parecendo que tinha acabado de sair do banho. Ela parece sem fôlego.

Antes que eu possa dizer uma palavra, olho para baixo para encontrar a garota pequena com uma gigantesca pistola de água apontada para mim. Levanto minhas mãos, mas não antes que ela comece a atirar. Um dilúvio de água vem até mim. Por causa de sua altura, a linha de fogo é direcionada diretamente para o meu pau.

Merda!

Rajadas de água continuam a me bater.

— Kiki, pare! — Aspyn finalmente grita.

Ela demorou bastante.

— Que diabos? — falo, olhando para minhas calças encharcadas.

O peito da garota arfa quando ela abaixa sua arma. — Você não deveria ter aberto a porta! — ela diz a Aspyn.

— Ele não é um estranho. Eu o conheço. — Aspyn se vira para mim, uma pitada de diversão em seu rosto. — Eu realmente sinto muito.

Minha sobrancelha levanta. — Você sente?

— Kiki, vá para o seu quarto e, por favor, guarde isso — ela ordena.

A garotinha atira punhais em mim antes de partir.

Estendo a bolsa, que de alguma forma conseguiu ficar quase seca. — Você deixou sua carteira e telefone no meu carro.

Seus olhos caem momentaneamente para a gigantesca mancha de água na minha virilha antes que ela olhe de volta para mim. — Eu sei. Tentei entrar em contato com seu avô para obter seu número, mas disseram que ele estava dormindo. E por algum motivo a equipe do escritório não conseguiu localizar suas informações de contato. Nancy estava fora durante o dia, e eles não podiam contatá-la. Eu ia te procurar no Facebook para tentar te mandar uma mensagem assim que eu saísse do banho. Você acabou me vencendo. Obrigada por trazê-la. Desculpe pelo ataque agora.

— Estou surpreso que você tenha dito a ela para parar de atirar.

— Sim, bem, você foi legal o suficiente para dirigir até aqui com minha carteira, então...

Olho além de seus ombros. — Ela é sua filha?

Aspyn hesita. — Minha sobrinha.

— Ah. Você não tem filhos então...

— Não.

— Babá?

Ela olha para os pés. — Não exatamente.

— Ela mora com você?

Aspyn olha para mim. — Minha irmã... morreu. Então, minha sobrinha divide seu tempo entre minha casa e a casa dos meus pais.

Merda. Engulo em seco. — Eu sinto muito. Eu não sabia.

— Você não tem que sentir pena de mim. Eu posso ver esse olhar em seus olhos novamente. — Ela zomba: — Pobre pequena Aspyn presa em Meadowbrook.

Meu coração afunda, lamentando a merda estúpida que eu disse antes. — Isso não é o que eu estava pensando. Nem um pouco.

O olhar triste em seus olhos me atinge com força. Quero abraçá-la, o que é estranho, considerando o quanto sei que ela não gosta de mim.

Gotas de água escorrem por sua camiseta enquanto ela solta um suspiro. — De qualquer forma... obrigada por deixar isso aqui. Eu realmente apreciei isso.

— Sim. — Enfio as mãos nos bolsos. — Sem problemas.

Demoro-me por alguns segundos até que ela agarra a maçaneta da porta. Tomo isso como minha deixa para sair. Assentindo com a cabeça, saio pela porta, e ela não perde tempo fechando-a atrás de mim.

Aspyn não consegue se livrar de mim rápido o suficiente.

Porque eu tive que deixar a carteira, estou dez minutos atrasado para encontrar meu amigo Eric para jantar em um bar e churrascaria local. Eric cursou o ensino médio conosco, e esta será minha terceira vez saindo com ele desde que voltei para Meadowbrook.

Ele já está sentado em uma cabine quando chego ao Pub Boone, onde o ar sempre cheira a uma mistura de carne queimada e álcool.

Eric imediatamente olha para o meu ponto molhado. — Que diabos, cara? Você se mijou?

— Não. — Sento-me em frente a ele. — Eu levei um tiro com uma Super Soaker[5]. Não tive tempo de ir para casa e me trocar.

— Que porra é essa?

— Sim... essa garotinha – longa história. Eu vou explicar mais tarde. — Pego um cardápio. — Vamos apenas pedir. Estou morrendo de fome.

Depois que pedimos nossa comida, eu lhe fiz a pergunta que estava pesando sobre mim durante todo o caminho. — Você já deu uma olhada em alguém ou algo do passado e isso trouxe de volta toda a merda que tentou esquecer? Fez você perceber que todos esses sentimentos que você achava que tinham desaparecido nunca realmente foram embora?

Eric assente. — É assim que me sinto quando olho para a vodka Stoli. Lembra-me da vez em que vomitei em Christy Hemingway no décimo ano.

Aspyn é como minha própria pilha de vômito.

— Você se lembra de Aspyn Dumont do ensino médio?

Ele rasga um pedaço de pão. — Sim, claro.

---

[5] Super Soaker é uma marca americana de pistola de água recreativa que usa ar pressurizado manualmente para disparar água com maior potência, alcance e precisão do que as pistolas de esguicho convencionais.

— Ela trabalha no lugar onde meu avô está.

— Mesmo? Ela não era psicopata? — ele pergunta enquanto pega a manteiga.

Seu uso da palavra *psicopata* me abala um pouco, principalmente porque sei que ele tem essa ideia sobre ela de *mim*. Esse tinha sido o meu apelido habitual para ela depois dos incidentes no ensino médio. Mas mesmo se eu pensasse que ela era um pouco *psicopata* naquela época, deveria ter escolhido as palavras ditas em voz alta com mais cuidado. Eu me sinto uma merda agora.

— Ela teve seus momentos, sim. Nós praticamente nos odiávamos, falávamos merda um do outro. Mas muito disso foi minha culpa.

Enquanto continuamos esperando por nossa comida, atualizo Eric sobre a situação com Aspyn e explico por que ela foi designada para acompanhar os passeios. Eu também o lembro da razão por trás de algumas das porcarias que ela fez a mim no ensino médio.

Bebo minha cerveja e olho para a garrafa. — De qualquer forma, eu não sei por que estou falando sobre ela...

— Como ela está agora? — ele pergunta.

A garçonete vem com nossa comida, e isso me dá um minuto antes de responder. Penso na aparência física de Aspyn. Seu

cabelo cor de areia é tão longo, quase até sua bunda voluptuosa. Sem uma gota de maquiagem, sua pele é lisa e impecável. Ela é naturalmente bonita, de alguma forma ainda mais quando fica irritada comigo. Fico surpreso com o fato de me sentir muito atraído por ela, alguém por quem eu não tinha nada além de desdém. Essa é uma contradição que eu não tinha experimentado antes. Talvez de alguma forma seu ódio a torne mais atraente de uma forma distorcida?

Eu minimizo isso. — Ela não é um nocaute nem nada, mas ela é... bonita. Bela bunda e peitos. Era difícil ver além do olhar de ódio em seu rosto, no entanto.

— Bem, parece que você terá outras oportunidades de mudar a ideia dela sobre você se vai estar com ela duas vezes por semana.

— Não tenho certeza se deveria me preocupar em tentar fazê-la mudar de ideia. Ela parece realmente presa ao passado.

Ele mastiga uma batata-doce frita. — Quanto tempo você vai ficar em Meadowbrook, afinal?

— Enquanto meu pai estiver fora. Provavelmente mais alguns meses no máximo. Ele não comprou sua passagem de volta, porque eles estão meio que improvisando a viagem inteira.

— O que ele está fazendo mesmo?

— Viagem pela Europa com sua namorada.

— Droga. Boa vida.

— Sim, bem, ele mereceu. — Abro o ketchup e despejo um pouco no meu prato. — Vou ficar na casa dele, certificando-me de que tudo esteja arrumado enquanto ele estiver fora.

Meu pai tinha se matado para me criar sendo um pai solteiro. Nós nunca tiramos férias, e ele raramente fazia algo por si mesmo. Alguns anos atrás, ele conheceu uma mulher com quem realmente se conectou. Foi o primeiro relacionamento real que eu podia me lembrar dele ter. Ele completou cinquenta anos este ano e tornou-se elegível para se aposentar mais cedo do corpo de bombeiros. Então foi isso que ele fez. Ele e Sheryl decidiram fazer um passeio pela Europa. Ele quase não foi, porque se sentiu culpado por deixar meu avô. Nós não tínhamos nenhuma outra família localmente. Mas eu lhe assegurei que cuidaria de tudo. Era o mínimo que eu podia fazer por um homem que dedicou toda a sua vida a me criar. E eu não fui fácil. Apesar dos melhores esforços do meu pai, eu era muito rebelde quando criança. Embora minhas notas fossem boas e eu me destacasse nos esportes, dei a ele muito trabalho, constantemente entrando em brigas e criando problemas. Devo muito a ele.

Naquela noite, ao voltar para casa depois do jantar com Eric, coloco meus pés no sofá e decido pesquisar *Aspyn Dumont* no Google. A primeira coisa que surge em minha busca é o obituário de sua irmã de oito anos atrás. Embora não liste a causa da morte, diz que ela havia deixado uma filha de seis meses. Isso faz

meu peito doer. Ashlyn Dumont tinha apenas vinte e quatro anos quando morreu. *Ashlyn e Aspyn.* Elas deviam ser próximas. Eu sou filho único, mas não posso imaginar perder um irmão. Meu peito aperta. Eu me sinto culpado mais uma vez por insultar Aspyn sobre ficar em Meadowbrook agora que sei que ela estava ajudando a cuidar de sua sobrinha. Essa não é uma vida fácil.

Eu não poderia mudar como tinha tratado Aspyn na escola ou as coisas desagradáveis que disse sobre ela pelas costas. Mas eu *poderia* pelo menos tentar mostrar a ela que eu havia mudado. A grande questão é: *eu havia mudado*? Ou eu ainda sou o mesmo idiota egoísta?

Essa questão me faz parar para pensar, e eu honestamente não sei a resposta. Tudo o que sei é que estar de volta a Meadowbrook com certeza me faz *sentir* como o cara mau novamente. Quero ser uma pessoa melhor e, de alguma forma, eu me importo em mostrar a ela que sou. Mas por quê?

Aspyn parece a personificação de todos os meus erros do passado, então talvez fazê-la gostar de mim me absolva dos meus pecados.

Na tarde de quinta-feira, quando meu segundo passeio da semana com Nonno começa, Aspyn parece feliz como sempre em me ver quando nos encontra em seu quarto. *Não.*

— Isso são donuts no seu uniforme? — pergunto.

— Eu o estou usando em homenagem a você. — Ela abre um sorriso genuíno.

Imaginei. O primeiro sorriso verdadeiro que recebo dela está relacionado à tentativa de me irritar.

— Você comprou isso só para mim?

— Acredite ou não, eu já tinha.

— Eu acredito, na verdade.

— Meus uniformes são temas de conversa por aqui.

— Então eu acho que você deveria dizer a todos o que os donuts representam. Ou você pode ter vergonha de admitir que quase me fez cagar até a morte? — Eu rio, percebendo que ela faz o mesmo. — Eu gosto que você esteja encontrando seu senso de humor, no entanto.

— Demorei um pouco para tirar o pó. Mas estava lá, afinal.

Quando ela sorri novamente, noto pequenas rugas ao redor de seus olhos. Meu olhar pode ter demorado um pouco demais.

— Pronto para ir? — ela pergunta, interrompendo meu olhar.

Limpo minha garganta. — Sim.

— Vamos — meu avô diz enquanto se dirige para a porta.

Como é um dia seco de verão, achei que seria bom passar o tempo ao ar livre. Prometi a Nonno que traria o charuto que compramos no shopping na terça-feira para que ele pudesse fumar.

Nós três entramos no meu carro e seguimos para um parque próximo. Assim que paro em uma vaga no estacionamento, removo um grande saco Ziploc com os charutos que trouxe do porta-luvas.

Escolhemos um local sob uma árvore frondosa. Tiro o charuto do meu avô do saco e entrego a ele. — Aqui está o seu Macanudo, Nonno.

Depois que ele o coloca entre os dentes, acendo um fósforo e o seguro na ponta.

— Obrigado, bom senhor. — Ele dá uma baforada no charuto e abre um sorriso enorme. — Isso que é vida.

Eu rio. Certamente não demorou muito para agradá-lo. Espero que eu possa ser tão facilmente satisfeito algum dia.

Tiro outro charuto da bolsa e entrego a Aspyn.

— O que você está fazendo? — Ela dá alguns passos para trás, como se eu estivesse tentando entregar a ela meu pau ou algo assim.

Eu ergo o Tatiana Classic. — Isso é para você. Nós vamos fumar também.

Ela balança a cabeça. — Ah, não, não, não. Eu não fumo.

— Você não tem que inalar isto. Apenas aproveite o sabor. O seu é infundido com baunilha. Que eu saiba não tem açúcar. Então, acho que está bem.

— Nunca fumei um charuto e não pretendo começar hoje.

— Eu vou estourar sua cereja. Literalmente.

Aspyn aperta os olhos. — Com licença?

Aponto para a ponta. — A parte que acende é conhecida como a cereja, a propósito.

Sua carranca diminui. — Oh.

— Apenas tente. Se você não gostar, pode jogá-lo no chão e pisar nele.

Para minha surpresa, ela cede, pegando o charuto de mim. Ela segura errado, como um cigarro.

Eu intervenho. — Descanse no seu dedo do meio – você é boa em usar ele – então enrole o dedo indicador em torno dele.

Ela faz o que eu disse, e então hesitantemente coloca o charuto entre os lábios. Algo sobre isso foi muito sexy. Sinto minha mente se aventurar em direção à sarjeta.

Acendo um fósforo e estendo para ela. — Trague suavemente enquanto eu acendo.

Aspyn inala e imediatamente começa a tossir.

— Que parte do *trague suavemente* você não entendeu?

— Eu inalei isso — ela tosse.

— Sim, eu percebi. Eu lhe disse para não fazer isso. Apenas chupe um pouco em sua boca e prove.

Minha mente está *definitivamente* na sarjeta agora.

— É tudo uma questão de técnica — digo. — Assista e aprenda. — Acendo o meu e demonstro. — Primeira coisa — falo enquanto pego um pouco da fumaça — você não pode negligenciar a cereja. — Aponto para a ponta. — Você tem que mantê-la acesa. Ao mesmo tempo, precisa encontrar um meio-termo feliz entre fumar rápido demais e não rápido o suficiente.

Ela imita o que eu faço, bufando levemente desta vez.

— É isso. Puxe isso em sua boca – nunca em seus pulmões. Nem muito rápido e nem muito lento. Se você chupar muito forte, vai estragar tudo. — Eu quase não pude evitar. — Provavelmente a única vez que eu já disse isso.

Ela tosse. — Tenho certeza. — Aspyn dá outra tragada. — Eu posso realmente sentir o gosto da baunilha.

— Não há produtos químicos neles. Então você deve ficar bem com qualquer dieta que esteja fazendo.

— Se você acha que isso é saudável, Troy, você está se enganando.

— Um não vai te matar. — Eu arqueio minhas sobrancelhas. — Você deveria tentar de *tudo* pelo menos uma vez.

— Eu peço desculpa, mas não concordo. Há algumas coisas que devem ser mantidas *completamente* longe.

Tenho certeza de que recebo essa mensagem em alto e bom som. Eu a observo um pouco e noto que ela está fumando com muita frequência.

— Espere cerca de trinta segundos entre as tragadas, então gentilmente permita que a fumaça saia de sua boca — eu instruo. — A beleza disso é que deve forçá-la a relaxar. Perfeito para pessoas tensas como você praticarem o relaxamento.

— Eu preciso de algo um pouco mais forte neste papel para lidar com você, Serrano.

— Isso pode ser arranjado da próxima vez. — Eu pisco.

— Por favor, não traga maconha para o próximo passeio.

— Por que não? Eu já estou com problemas com aqueles filhos da puta do Horizons — brinco. Então ela sacode a cinza. — Não faça isso! Você precisa dessa cinza na ponta para ajudar a controlar a temperatura.

— Você é tão mandão — ela diz enquanto sacode a cinza novamente só para me irritar. Parte cai no meu sapato.

— Vai queimar demais se você continuar fazendo isso — repreendo. — Deixe-o aceso e deixe-o fazer o seu trabalho. Então dê uma pequena sacudida de vez em quando se tiver que se livrar do excesso. — Eu sorrio. — Ao contrário de você, o charuto é delicado.

— Quem disse que não sou delicada? — Ela lança um olhar divertido.

— Você não é uma flor delicada, Aspyn Dumont. Eu sei disso. E isso não é um insulto, a propósito. Apenas constatando um fato. Você é forte e sabe disso. E isso é atraente.

Ela estreita os olhos. — O que você está tentando obter?

— Sinto muito que elogiar você de alguma forma soe ofensivo.

— Toda vez que você diz algo legal, eu sinto que estou sendo enganada.

— Uau. — Meu queixo cai. — É assim, então.

— Eu sinto muito.

— Está bem. Você está sendo honesta.

Seu tom suaviza quando ela respira fundo. — Tudo bem, eu já entendi. Eu deveria desacelerar e aproveitar isso. Vou tentar.

— À medida que você chega ao final, o sabor muda um pouco. Há um certo ponto em que o charuto não tem um gosto tão bom. É quando você sabe que tem que parar. Normalmente, eu o abandono e passo para outro.

— É como a sua vida amorosa?

— Muito engraçado, Dumont. — *É errado eu querer bater na bunda dela agora?*

Olho para o local onde meu avô estava apenas um segundo atrás. Ou foi há alguns minutos? *Porra!* Eu estava tão concentrando em Aspyn fumando aquela porra de charuto como se fosse meu pau que perdi a noção.

— Onde diabos está Nonno? — grito.

— Ah, não. — Seu rosto fica vermelho enquanto ela olha freneticamente ao redor. — De novo, não.

Eu cerro os dentes. — Ele está fazendo isso de propósito.

— Merda, Troy. Como pudemos deixar isso acontecer uma segunda vez?

Nós jogamos fora nossos charutos.

— Você vai nessa direção. — Aponto para trás de mim. — Eu vou até lá.

Ao procurar meu avô, de alguma forma acabo preso em um jogo de argolas, com um grupo de garotas dançando em círculo ao meu redor. Consigo escapar e começo a correr pelo parque.

Depois de cerca de cinco minutos, pego meu telefone e mando uma mensagem para Aspyn.

Troy: Alguma sorte?

Aspyn: Não.

Alguns minutos depois, porém, ela manda uma mensagem.

Aspyn: Eu o encontrei!

Graças a Deus.

Troy: Onde ele está?

Aspyn: Ele está conversando com uma senhora em um banco.

Troy: Onde?

Aspyn: Estamos atrás do prédio do banheiro público.

Troy: Pelo amor de Deus. Obrigado.

Meu plano original era repreender Nonno – até que eu o vi sorrindo e conversando com a mulher, que estava rindo de tudo o que ele dizia. Não querendo envergonhá-lo, decidi esperar até sairmos do parque para repreendê-lo. Tecnicamente, não foi apenas culpa dele. Nós deixamos isso acontecer de novo. Mas eu também conheço meu avô, e ele está jogando, tirando sarro de mim e de Aspyn por termos que parar nossas brigas por tempo suficiente para nos unirmos em busca de um velho desaparecido.

Aspyn fica de lado, observando meu avô falar com sua nova amiga. Seus olhos se encontram com os meus, e nós compartilhamos um sorriso. Nenhum de nós tem coragem de ficar bravo com ele.

Depois que devolvemos Nonno para o Horizons naquela tarde, vejo Aspyn no estacionamento.

Correndo em direção ao carro dela, grito: — Espere.

— E aí? — ela pergunta.

— Você saiu tão rápido. Eu só queria dizer adeus.

Sua boca se curva para baixo quando ela abaixa a cabeça.

— O que há de errado? — pergunto.

— Estou brava comigo mesma — ela admite. — Eu quase sinto vontade de me reportar à administração. Eu mereço ser demitida.

— Uau. — Paro de andar por um momento. — Não, você não merece. Ele está fazendo essa merda de propósito, então como pode ser sua culpa?

— Bem, eu me deixei distrair pelo seu... charuto.

Paramos na frente do carro dela.

— Aspyn, não seja tão dura consigo mesma. Você merece uma pausa.

Ela cruza os braços. — Como você sabe o que eu mereço?

— É obvio. Você trabalha duro em seu trabalho. Nonno me disse que toda a equipe te ama. Então, além de tudo, você cuida da sua sobrinha. Isso não é uma vida fácil. Ao contrário da minha, não tenho responsabilidades. E daí se você ficou um pouco distraída? Eu digo, já era hora.

Ela olha para a estrada ao longe, então se vira para mim. — Você não precisa se sentir mal por mim. Minha vida não é miserável, se é isso que você está insinuando.

Droga. Eu realmente não posso ganhar uma com ela. Ela torce cada elogio que tento dar.

— Eu não estava insinuando que sua vida é miserável, Aspyn. Apenas reconhecendo que você tem muito em suas costas e não deve se sentir culpada por nada que aconteceu hoje. — Suspiro. — O que você faz para se divertir?

Ela morde o lábio inferior, parecendo lutar para encontrar uma resposta. — Eu...

— Essa não foi uma pergunta capciosa, você sabe.

— Eu só... tenho que pensar sobre isso.

— Você tem que pensar sobre isso ou você não consegue se lembrar da última vez que se soltou? — Balanço minha cabeça. — Porra, você é realmente tensa, não é?

— Guarde suas impressões sobre mim para você. Você não precisa se preocupar com o quanto eu me divirto.

— Muito trabalho e nenhuma diversão não é maneira de viver.

Ela solta um suspiro frustrado. — OK, então eu tenho uma proposta para você. Por que você não vem hoje à noite e ajuda Kiki com a lição de casa enquanto eu saio pela cidade?

— Eu faria isso totalmente, se você me deixasse.

O engraçado, estou falando sério.

Ela balança a cabeça. — Eu estava apenas fazendo um ponto. Nunca deixaria você fazer isso.

— Se você confiasse em mim, você faria.

— Isso mesmo. Eu *não* confio em você.

Ai. Eu balanço a cabeça. — Está bem. Eu provavelmente acabaria morto por uma pistola d'água antes de sair de lá. — *Eu não confio em você. Eita. Diga-me como você realmente se sente, Aspyn.* Faço pouco das coisas, mas o que ela disse me chateou.

Ela abre um sorriso. — Isso provavelmente é verdade sobre a pistola de água.

Esse comentário parece uma pequena vitória.

— Bem, vejo você depois — diz ela.

Eu não estou pronto para terminar essa conversa, mas ela está claramente ansiosa para se livrar de mim. Mais uma vez.

— Tenha uma boa noite — digo. — Vejo você na próxima terça-feira.

Ela está prestes a abrir a porta do carro, mas para. — Isso foi uma piada de mal gosto?

— O que?

— Vejo você na próxima terça-feira?

— Pelo amor de Deus, Aspyn. Dê-me um pingo de crédito.

Ela ri enquanto entra no carro.

Fico ali e observo enquanto ela se afasta.

Porra, ela é um osso duro de roer.

Naquela noite, eu me sinto inquieto. Meus dias aqui em Meadowbrook não são nada parecidos com a minha vida em Seattle. Lá, tenho uma grande rede social, encontrando amigos algumas vezes por semana para beber depois do trabalho. Eu também vou a pelo menos um encontro por semana. Mas eu não tinha saído com uma mulher aqui desde que cheguei há um mês. Além das visitas a Nonno, eu trabalho o dia todo, então não faço praticamente nada, a menos que Eric esteja por perto. Mas ele tem uma namorada que ocupa uma boa parte do tempo dele, então nem sempre está disponível quando quero sair.

Preso na casa do meu pai e entediado, decido reativar o aplicativo de namoro que usei em Seattle. Acabo de reajustar as configurações de preferências para Nova Jersey. Na meia hora seguinte, deslizo para a esquerda para rejeitar quase todos os perfis mostrados para mim. Eu sou um filho da puta exigente – não tenho nenhum problema em admitir isso. Se ela não abala completamente o meu mundo no departamento de aparência e não tem uma descrição interessante em cima disso, é um não automático. Mas o padrão de rejeições esta noite chegou a um fim abrupto quando paro em um perfil em particular. Demora vários segundos antes que eu acredite no que estou vendo.

Olhando para mim, sorrindo, está ninguém menos que Aspyn Dumont.

Bem, o que eu sei? Ela não é uma eremita completa, afinal.

Isto é um *easter egg*[6] de proporções épicas.

Eu alegremente examino suas fotos, sentindo como se estivesse fugindo de um assassinato. Em uma, ela usa maquiagem pesada e um vestido extravagante, muito longe do uniforme do Pateta. Em outra imagem, ela usa um top preto e parece estar em um bar, com base nos copos pendurados ao fundo. Meus olhos se fixam em seu decote, que sei que ela não seria pega nem morta me mostrando de bom grado. Deus, ela tem peitos incríveis. Talvez eu deva dizer isso a ela e esperar apanhar. *Olha esse sorriso.* Nenhuma cara de cadela petrificada pode ser encontrada em alguma dessas fotos.

Quando olho para a descrição em seu perfil, porém, eu me encolho. Está cheio de clichês de aplicativos de namoro e poderia muito bem ter sido gerado automaticamente por um robô.

[6] Ovos de Páscoa na tradução literal, mas essa expressão normalmente é usada para se referir a uma surpresa oculta ou um recurso inesperado, com relação a um jogo de computador, um software, um filme ou uma pessoa.

Procurando alguém com um coração tão grande quanto seu senso de humor. Gosto de longas caminhadas na ciclovia e noites em frente ao fogo. Pessoas desonestas não precisam se candidatar.

Bocejo. Vamos, Aspyn. Você pode fazer melhor do que isso.

Essa genérica lengalenga nem sequer começa a representar o furacão que ela realmente é. Apaixonada, leal, *um pouco maluca.* Suponho que colocar a palavra *maluca* em sua descrição não teria sido bom, mas pelo menos não é genérico.

Fico olhando para a foto dela no top preto. Seu sorriso naquela parece particularmente genuíno comparado aos outros. Não foi uma selfie. E isso me faz pensar quem estava do outro lado da câmera. É bom vê-la parecendo feliz, e eu honestamente não consigo tirar os olhos dela. A coisa certa a fazer seria deslizar para a esquerda para rejeitá-la como uma opção, mas isso não teria sido nada divertido.

Não. Em vez disso, deslizo para a direita. De qualquer forma, sei que se Aspyn me visse aqui, ela deslizaria para a esquerda para me rejeitar mais rápido do que poderia piscar.

Capítulo Três

Aspyn

Minha antiga amiga de escola, Jasmine, mora na bela cidade de New Hope, Pensilvânia, bem perto do rio Delaware. Sua casa fica próxima do centro da cidade, com muitas lojas e restaurantes ecléticos nas proximidades. É cerca de uma hora de carro, e eu quase sempre saio para visitá-la. O marido de Jasmine, Cole, viaja muito, e ela nunca parece ser capaz de encontrar uma babá.

Liguei para ela dois dias atrás, quando cheguei em casa do trabalho após o segundo passeio com Troy para dizer a ela que gostaria de vê-la e ao bebê neste fim de semana. Um dos motivos da minha visita era contar a ela sobre a situação com Troy – seu ex.

Quando cheguei, Jasmine tinha acabado de colocar Hannah, sua filha, para dormir. Segurando uma garrafa de vinho e duas taças, ela se sentou em seu sofá de veludo amarelo mostarda. Ela sempre teve um estilo único. Há uma placa de neon de *Não Há Vagas* no meio da sala de estar e obras de arte modernas

adornando as paredes. Os sapatos que ela usou no dia do casamento – Stuart Weitzman incrustados de cristais Swarovski – estão orgulhosamente expostos em uma caixa de vidro iluminada no canto.

As taças de vinho retinem quando ela as coloca na mesa de centro rústica, junto com a garrafa. — Então, você mencionou que tinha algo interessante para me dizer?

Esfrego minhas mãos. — Sim, isso mesmo. Mas talvez você devesse nos servir um pouco de vinho primeiro.

Eu definitivamente vou precisar dele para isso.

Jasmine serve um copo de rosé para cada uma, e começo a contar a ela a história de como o neto de um dos nossos pacientes tirou o senhor da instalação. Sinto que é importante dar a ela os antecedentes antes de lançar a bomba.

— Então, pronta para a cereja do bolo? — eu finalmente pergunto.

Ela se inclina. — O que é?

— Acontece que o cara que estou acompanhando é... Troy Serrano.

Seus olhos se arregalam. — O quê?

— Sim. Que tal isso como azar?

Ela baixa o copo. — Você está absolutamente brincando comigo.

— Quem me dera estar.

— Quais são as chances?

— Com minha má sorte, aparentemente cem por cento. — Dou de ombros.

— O que diabos ele está fazendo em Meadowbrook? — ela pergunta. — Pensei que ele morasse em Seattle.

— Ele voltou para cuidar temporariamente de seu avô. Acho que ele vai voltar para lá assim que seu pai retornar da Europa.

Ela ergue o vinho novamente e olha para o copo agora quase vazio. — Eu não posso acreditar.

— Sim, tem sido uma grande aventura. Nas duas vezes em que fomos passear com o avô dele, conseguimos perder o pobre velho porque nos envolvemos em uma discussão. — Lembro-me do nosso tempo no parque. — Bem, a última vez não foi tecnicamente uma discussão. Troy estava tentando me ensinar a fumar um charuto. E eu estava um pouco resistente. Longa história.

Ela balança a cabeça e pisca. — Espera. Charutos? Perder o senhor? Você precisa começar de novo.

Eu rio. — Nós o levamos ao parque para que ele pudesse desfrutar de um charuto, já que não se pode fumar em nenhum lugar do Horizons. Troy levou charutos para todos. Ele estava me ensinando a fumar o meu, e o Sr. Serrano se afastou. Ele fez a mesma coisa na primeira vez que o levamos ao shopping. Ele some enquanto estamos distraídos. Ele faz isso de propósito e quase nos deu ataques cardíacos.

— Onde você o encontrou?

— Ele estava conversando com uma senhora que estava sentada em um banco.

Ela inclina a cabeça. — Sobre o que você discutia com Troy?

— Tudo e qualquer coisa. Coisas do ensino médio. Suas suposições sobre mim. Nós brigamos por muitas coisas. Velhos hábitos custam a morrer, eu acho.

— Mas já faz mais de uma década, Aspyn.

— Diga isso a ele — bufo, bebendo o restante do meu vinho. — Tenho certeza de que falei mais com ele na última semana do que durante todo o tempo em que estávamos no ensino médio. Ele parece pensar que sabe tudo de mim. Ele é tão... irritante.

Está calor aqui ou é impressão minha? Limpo minha testa.

— Sim... você nunca interagiu muito com ele — Jasmine diz. — Você ia conosco ao cinema e outras coisas, mas era principalmente a terceira roda.

— Exatamente. A maior interação que tive com ele foi depois que ele te traiu e eu fui atrás do carro dele – e o incidente com a rosquinha.

— Você estava louca ao fazer isso, garota.

— Ou como Troy gosta de me chamar, *psicopata.*

— Eu aprecio você cuidando de mim, no entanto. — Ela ri. — O engraçado é que Samantha agora está casada e seu marido conhece Cole. Mundo pequeno.

Samantha era a líder de torcida com quem Troy traiu Jasmine. Ela era nossa arqui-inimiga antigamente.

— Ela nem namorou Troy por tanto tempo, não é?

— Quando ele e eu terminamos, estávamos no meio do último ano. Eu sei que eles foram para faculdades diferentes, então não poderia ter durado muito mais do que a formatura. Ele provavelmente a largou antes disso, no entanto.

Coloco meu copo vazio na mesa e limpo minha boca com as costas da minha mão. — Ele mencionou que você fez amizade com ele no Facebook há um ano.

— Sim. — Ela dá de ombros. — Eu bebi um pouco mais de vinho uma noite depois de colocar Hannah na cama. Eu estava olhando suas fotos. Ele parece ter uma vida e tanto em Seattle. De qualquer forma... meu dedo basicamente escorregou, e eu apertei o botão adicionar amigo. Nós trocamos uma breve mensagem depois disso. Apenas uma porcaria mundana – como você está, o que você está fazendo hoje em dia – esse tipo de coisa. Eu me abstive de trazer à tona o passado. Nós nunca mais nos falamos depois daquela noite, embora eu fofoque suas fotos de vez em quando, quando estou entediada.

— Então, você não deve mais estar tão brava com ele se você se aproximou. Eu pensei que você nunca seria capaz de esquecer o fato de que ele te traiu.

Enquanto espero por sua resposta, eu me sinto estranhamente em expectativa.

Por que importa o que ela pensa dele agora?

Além disso, por que esse homem está constantemente em minha mente?

Ela suspira. — Era o ensino médio. As pessoas fazem merda. Há algum ressentimento persistente? Sim. Eu acho que ele é confiável? Não. Eu não sairia com ele de novo se fosse solteira. Uma vez trapaceiro, sempre trapaceiro. E se estivéssemos cara a cara, eu provavelmente não teria sido capaz de resistir a dar-lhe um pedaço da minha mente, apenas para deixar sair. Mas em

algum momento eu tive que escolher seguir em frente. Quer dizer, já faz mais de dez anos.

Huh. Isso me surpreende, mas eu assinto. — OK. Bom saber.

Eu pensei que tínhamos terminado a conversa sobre Troy até que ela disse: — Deus, ele está ainda mais gostoso agora, não está? — Ela baixa a voz: — Até hoje, ainda é o melhor sexo que já tive.

Engulo em seco, inexplicavelmente desconfortável com sua admissão e me sentindo um pouco ofendida em nome de seu marido. — Mesmo? Você ainda se sente assim? — eu sussurro, embora ninguém além do bebê esteja em casa. — Mesmo melhor que Cole?

O marido de Jasmine é um homem muito bonito que dá a Troy uma corrida pelo seu dinheiro no departamento de aparência. Mas o mais importante, ele é um cara legal.

Ela se recosta no sofá. — Era apenas... diferente naquela época. Eu era jovem e tudo era emocionante. Troy foi o primeiro cara a realmente me fazer gozar. Isso não é algo que você esquece. — Jasmine se inclina e serve mais vinho. — E você sabe, eu não estava com ele tempo suficiente para me cansar dele. Ainda era recente e novo quando terminou.

Minhas bochechas estão formigando. Não entendo muito bem minha reação. Ou talvez entenda, e isso está apenas me

perturbando. O que ela disse sobre Troy me deixou quente e incomodada por algum motivo, e isso é... perturbador.

— Não me interprete mal — ela fala. — Estou obviamente casada e feliz. Mas sexo casada... é diferente. Você fica muito confortável um com o outro. Não se trata mais de alcançar o melhor orgasmo possível ou tentar coisas novas. É mais como *podemos até tentar isso antes que o bebê acorde?*

— Sim, OK — exalo. — Eu posso entender isso.

No fundo, eu daria qualquer coisa para ter o que Jasmine tem. Um homem lindo, leal e trabalhador que parece adorar o chão que ela pisa. Gosto de pensar que poderia ser feliz sozinha para sempre e não precisar de ninguém. Mas anseio por encontrar alguém com quem compartilhar minha vida. O pensamento de estar envolta nos braços de um marido amoroso à noite parece mais atraente para mim do que algum encontro sexual no ensino médio, isso com certeza. Nada poderia substituir a segurança de saber que alguém a protege.

— Bem, pelo menos Troy era bom para algo no ensino médio — brinco. Então um pensamento aleatório me ocorre. — O que aconteceu com a mãe dele?

— Ela morreu quando ele era um bebê. Ele nunca quis falar sobre isso. Apenas disse que aconteceu antes que ele pudesse se lembrar de qualquer coisa e deixou por isso mesmo. Eu nunca me meti.

— Isso é triste.

— Ele parecia estar muito sozinho. Seu pai estava sempre trabalhando como bombeiro, e seus avós eram donos daquela padaria na Banton Street, onde a fila estava sempre virando a esquina. Nunca houve ninguém em casa. Eu certamente não me importei com isso, porque na época isso significava que tínhamos a casa dele para nós. — Ela ri. — Mas sim, uma criação meio triste.

— Isso seria como se Kiki não tivesse meus pais e eu com ela todos os dias. — Eu balanço minha cabeça. — Não consigo imaginar.

— Como *está* Kiki? — ela pergunta.

— Ela está bem. Na verdade, história engraçada, a primeira vez que tive que acompanhar Troy e seu avô, deixei minha carteira e telefone no carro dele. Ele foi lá em casa para entregá-la, e Kiki o acertou nas bolas com sua pistola de água.

Sua boca cai. — O quê? Por quê?

— Eu estava no chuveiro quando ele bateu. Ela pensou que ele estava tentando invadir a casa ou algo assim. Não sei. Ela é muito paranoica com tudo – sempre se certificando de que as portas estão trancadas e outras coisas. Acho que tem a ver com o fato de alguém ter roubado a casa dos meus pais uma noite, há um ano, enquanto todos dormiam. Muito assustador. Ela não

superou isso. De qualquer forma, eu não acho que ela quisesse acertar Troy nas bolas. Ele é apenas alto, e ela é baixa, então...

— Bem, eu diria que a mira dela foi *perfeita.* — Ela ri e toma um gole de vinho. — De qualquer forma, talvez você devesse arriscar, apenas por diversão.

Ela muda de assunto tão rápido que eu quase perco.

Paro no meio do gole. — Arriscar o quê?

Jasmine dá de ombros. — Arriscar com Troy...

Ela quer que eu dê uma chance ao ex-namorado dela? Eu pisco. — Você está de brincadeira?

— Não. Quero dizer, vocês dois estão saindo regularmente. E do jeito que você está descrevendo, há essa estranha tensão sexual. Estou recebendo uma vibração de você. Então, eu só quero que você saiba que, se por algum motivo sentir vontade de fazer isso, tudo bem para mim.

Estou mandando uma vibração? Bufo, tão incrivelmente desconfortável. — Sexual? *Não* é isso que está acontecendo.

— Se você diz... — Ela sorri.

Mas eu não consigo deixar por isso mesmo. — De qualquer forma, isso realmente não incomodaria você?

Ela suspira. — Quero dizer, seria um pouco estranho. Mas foi há muito tempo. E eu realmente não tenho o direito de estar com ciúme. Se você está entediada e ambos são solteiros, por que não?

— Hum... porque nós não *gostamos* um do outro, por exemplo.

— Isso pode mudar.

O suor pinica minha testa. — Não. Não vai. Mas o mais importante, você não disse 'uma vez trapaceiro, sempre trapaceiro' antes? Que você nunca namoraria com ele, se fosse solteira? Por que ele de repente é bom o suficiente para mim?

— Eu não estou sugerindo que você se *envolva* com ele, Aspyn. Apenas que você se divirta, se a oportunidade se apresentar. — Ela dá de ombros. — Ele é bom para isso.

Eu rio irritada. — Não, obrigada. Vou fazer um tratamento de canal para me divertir, em vez de me submeter a Troy Serrano.

— Quando foi a última vez que você esteve com alguém? — ela pergunta.

Ugh. — Faz algum tempo.

— Por quê?

— Não sei. Estou envolvida nas coisas do dia a dia. Recentemente, reativei o aplicativo de namoro. Mas os caras lá tendem a querer apenas uma coisa. Eu sempre cancelo logo depois de entrar. Uma semana é geralmente o meu limite. E mesmo nesse curto espaço de tempo, eu poderia fazer uma enorme colagem de fotos malucas dos perfis que eles me mandam. E o que diabos há com os caras que postam fotos de si mesmos com outras mulheres como foto de perfil?

Ela se serve de mais vinho. — Eles fazem isso?

— Sim! Eu não entendo. Isso deveria me fazer querer sair com ele? É basicamente como colocar uma placa que diz: *eu sou um jogador.* E ai, meu Deus, as piores são quando cortam uma mulher da foto, mas deixam um pedacinho do corpo dela. Isso é só prova de preguiça acima de tudo.

Jasmine cruza as pernas e se inclina para trás. — Você nunca conheceu alguém que valha o seu tempo?

— Não qualquer um que não esteja somente atrás de uma coisa.

— Bem, às vezes um cara que só quer sexo não é a pior coisa do mundo, desde que você esteja segura. Menos complicado.

Esfregando minhas têmporas, digo: — Estou ficando velha demais para isso.

Eu tinha fantasiado sobre tal relacionamento. Se eu não conseguisse encontrar a *pessoa certa*, então alguém confiável para fazer sexo era a próxima melhor coisa. Mas é preciso tanto esforço para encontrar a pessoa certa para isso quanto para encontrar alguém digno de mais.

— Qual é a alternativa? — ela diz. — Você não pode simplesmente permanecer celibatária até encontrar sua alma gêmea. E se você nunca fizer isso, ou se levar muitos anos? Você precisa se soltar. — Ela toma um gole de sua bebida. — Faça isso por aquelas de nós que não podem mais. Agite as coisas antes de secar.

— Eu posso ter passado desse ponto. Acho que já estou seca e atualmente precisando de reidratação. E agitar as coisas parece muito trabalhoso. Acho que estou cansada demais para isso.

— Sim. — Ela solta um suspiro. — Eu costumo esquecer o quanto você tem sobre os ombros. Acho que se você fosse solteira de verdade, sem responsabilidades, teria mais energia nos fins de semana.

— É exatamente isso. É muito trabalho eliminar as opções ruins por aí. É mais fácil apenas relaxar e descansar em casa quando tenho tempo livre, em vez de fazer uma caçada inútil. Eu invejo quem pode simplesmente sair de casa e encontrar o cara dos seus sonhos em alguma esquina, ou dividindo um táxi, como você vê nos filmes. Isso não acontece na vida real. Não apenas

isso, mas os caras normalmente não adoram quando você diz a eles que é basicamente uma mãe solteira durante a semana.

Ela assente. — Eu também não tinha pensado nisso. Tenho certeza que isso definitivamente torna as coisas mais difíceis.

— Sim. E Kiki não é exatamente fácil de agradar. Ela não é muito confiante, e isso só torna as coisas mais complicadas. O pior é quando ela realmente se acostuma com o cara, e então nós terminamos. Essa é mais uma perda em sua vida — suspiro.

— Como com Holden. — Ela assente.

— Sim — eu suspiro novamente.

Ela chuta os pés para cima. — OK, bem, prometa-me uma coisa.

— O que?

— Prometa que vai ficar com o aplicativo por mais tempo do que sua semana normal antes de cancelá-lo desta vez. Você tem que dar uma chance — diz ela. — Eu nunca tive que buscar encontros online porque conheci Cole na faculdade. Então, não posso falar por experiência, mas nem todos podem ser ruins.

— Não, eles não são todos ruins. Alguns são ruins e alguns são terríveis. — Eu rio.

Jasmine e eu conversamos por mais uma hora e terminamos o vinho. Então espero até a noite para voltar para casa para ficar um pouco sóbria antes de pegar a estrada.

No caminho para casa, sinto uma mistura de emoções. Sua sugestão de que eu me envolva com Troy? Essa foi a coisa mais estranha que poderia ter saído de sua boca. Eu não poderia imaginar dizer a minha amiga para ir atrás do meu ex. E é quase como se ela quisesse reviver seus dias de colegial indiretamente através de mim. Sinto que preciso de um banho depois dessa conversa. Mas também foi um alívio finalmente dizer a ela que estou passando um tempo com Troy. Se eu tivesse esperado muito, teria parecido que estava escondendo alguma coisa.

É por volta das 20h quando finalmente volto para minha casa naquela noite de sábado. Como é fim de semana, Kiki está com meus pais. Ela vai para lá nas tardes de sexta-feira e fica com eles até que minha mãe a deixe na minha casa no domingo à noite. Nos dias de semana, eu a recebo dos meus pais depois que saio do trabalho às quatro, e ela dorme na minha casa de domingo a quinta-feira. Funciona melhor assim, já que estou mais preparada para ajudá-la com a lição de casa. E ela estar com meus pais nos fins de semana me permite uma vida social.

Ou o potencial para uma, eu acho. O único problema é que, ultimamente, estou na rotina.

Esta noite, decido por uma noite de autocuidado. Depois da semana que eu tive, é muito necessário. Então tomo um banho, aplico uma máscara facial verde e visto meu pijama confortável. E coloco meu roupão felpudo, uma recente compra por impulso de fim de noite depois de passar muito tempo assistindo a uma dessas redes de compras domésticas. Então preparo um pouco de chá verde.

Apesar da minha promessa de relaxar, Troy Serrano ainda está enchendo muito a minha cabeça esta noite. Continuo pensando na conversa na casa de Jasmine, e então esses pensamentos passam para o que Troy tinha insinuado sobre eu não ter vida. Seus comentários no outro dia me motivaram a reativar o aplicativo de namoro. Eu não queria admitir que suas palavras me afetaram, mas elas me deram o chute na bunda que eu precisava.

Pego meu telefone para percorrer aquele mar de peixes principalmente contaminados no aplicativo novamente. Isso sempre parece um trabalho paralelo para o qual eu não tenho tempo. Ou eu converso com alguém com quem me dou bem e então ele me ignora, ou eu conheço caras que não são atraentes pessoalmente em comparação com o perfil online deles. É normalmente uma enorme perda de tempo.

É hora de tentar novamente, no entanto. Eu não saio com um homem há séculos, e preciso voltar ao jogo antes de murchar. Rio para mim mesma. *Se ao menos esses caras de aplicativos de namoro pudessem me ver com essa máscara e roupão.*

Tomo um gole do meu chá e começo a mordiscar e rolar o grão de cacau sem açúcar na minha boca.

Depois de vários minutos rolando a tela, de repente paro de mastigar ao ver um familiar par de dentes brancos perolados.

Eu conheço esses dentes.

Eu conheço esse homem.

Oh, Deus.

Encarando-me de frente está ninguém menos que Troy Serrano.

Caralho.

Troy, 29

Jogo meu telefone como se estivesse infectado com um vírus contagioso.

Alguns segundos depois, eu o pego de volta e olho para sua foto de perfil. Eu não teria imaginado que Troy precisasse usar um aplicativo de namoro, mas sendo novo na cidade agora, talvez ele ache que é a maneira mais fácil de conhecer pessoas. É claro

que o aplicativo o enviou no meu caminho em parte porque estamos geograficamente próximos um do outro. Eu quero bloqueá-lo, mas não sei exatamente como fazer isso. Eu nunca tive que bloquear ninguém de só ver meu perfil antes. Mas de jeito nenhum quero que ele me note aqui. Se ele surgiu como uma opção para mim, certamente o aplicativo me apresentaria a *ele* em algum momento. Meu estômago afunda. Descobrirei como bloqueá-lo logo depois de examinar minuciosamente seu perfil.

As fotos que ele escolheu são, claro, muito boas. Mas ele poderia tirar uma foto ruim com aquele rosto e cabelo foda-me? Em uma, ele usa um suéter preto justo e se encosta em uma parede de tijolos. Em outra, ele ergue um peixe que havia pescado, com seu abdômen esculpido à mostra.

Então eu rolo para baixo até a seção onde você deveria se descrever. Enquanto a maioria dos homens escreve um parágrafo simples, Troy escreveu um obituário.

Deus, que diabo é isso?

O amor pela vida do consultor financeiro Troy S. continuará vivo através de seus muitos amigos que continuarão a honrar seu legado vivendo suas vidas ao máximo.

Nascido em Meadowbrook, Nova Jersey, filho de um pai solteiro que se esforçou muito para criá-lo, Troy aprendeu em

primeira mão o que significava trabalhar duro. Por conta própria, porém, ele descobriu que trabalhar duro significava que você deveria se esforçar mais.

Troy frequentou a Universidade da Flórida para sua graduação e mestrado em Administração de Empresas (Vamos Gators!). Depois de vários anos de festa, Troy decidiu levar a vida a sério pela primeira vez quando embarcou em uma carreira como um dos principais consultores financeiros do Noroeste do Pacífico. Troy compartilhou sua paixão por números com seus muitos clientes satisfeitos.

Os prazeres mais simples da vida deram grande alegria a Troy. Ele estava igualmente feliz em relaxar e ver Netflix quanto praticar tirolesa na Costa Rica. Nos fins de semana, Troy costumava passar um tempo aprendendo sozinho a tocar violão. Ele adorava explorar trilhas locais para caminhadas e conversar com estranhos em muitos cafés de Seattle, encantando as pessoas com seu carisma e entusiasmo pela vida.

Ele tinha uma capacidade notável de ver o lado bom de tudo. Sua personalidade positiva contagia todos que encontra. Troy deixa seu pai, avô e um gato carente.

Para sua sorte, todas as informações acima são verdadeiras, exceto que Troy não está realmente morto. Ele está muito vivo e ansioso para ver se você é um match.

Senhor.

Meu telefone vibra, assustando o inferno fora de mim. É uma mensagem de Jasmine, certificando-se de que eu tinha chegado bem em casa. Mas então a tela muda. *Espere o quê?* Quando minha mão estremece, eu acidentalmente deslizo *para a direta* no perfil de Troy. Eu nem teria percebido isso se não fossem as palavras: *É um match!*

Quê?

Ah, não.

Não. Não. Não.

Se demos match, isso significa uma coisa: Troy já havia ido para a direta em *mim. Ugh!* Há quanto tempo ele sabe que estou aqui?

Jogo o telefone novamente, como se estivesse infectado com outro vírus perigoso.

Por cerca de um minuto, apenas fico sentada em pânico, minhas mãos em volta do meu rosto.

Então pego o telefone para tentar desfazer a ação. Mas antes que eu possa encontrar as informações, uma notificação aparece. Troy havia me enviado uma mensagem direta pelo aplicativo.

Meu coração bate forte no meu peito. Eu clico na conversa.

Troy: Bem, bem, bem. O que temos aqui?

Eu não consigo digitar rápido o suficiente.

Aspyn: Não temos nada aqui. Eu acidentalmente deslizei para a direita no seu perfil. Isso foi um erro.

Meu pulso acelera enquanto os pontinhos se movem.

Troy: Hum, e agora? Como exatamente isso aconteceu? Deslizando acidentalmente para a direita?

Percebo o quão ridículo isso soa. Mas é a maldita verdade! A coisa *mais* estúpida que poderia acontecer comigo, e eu nunca serei capaz de convencê-lo de que é verdade.

Aspyn: Meu telefone vibrou e me assustou. Eu estava olhando seu perfil na hora.

Troy: Ah, isso explica. Os telefones vibrando podem ser bastante traumáticos.

Solto um suspiro frustrado em direção à minha testa.

Aspyn: Você não precisa acreditar em mim, mas é a verdade.

Troy: Por que você estava olhando meu perfil?

Aspyn: Porque esse aplicativo estúpido me forçou.

Troy: Então, você estava olhando minhas fotos, pensando: Droga, ele é um filho da puta bonito. Pena que eu o odeio.

Aspyn: Você acertou a última parte. ;-)

Troy: O que você achou do meu perfil?

Aspyn: Honestamente?

Troy: Sim.

Aspyn: É totalmente desagradável.

Troy: Por que você diz isso?

Aspyn: Aquele obituário falso? LOL Você espera que as pessoas te levem a sério?

Troy: Era para ser ENGRAÇADO e inteligente. Achei que você disse que gostava de homens engraçados, de acordo com sua biografia chata pra caralho.

Aspyn: Se eu sou tão chata, por que diabos você deslizou para a direta em mim?

Troy: Porque não consegui deslizar para a esquerda. Eu me senti mal por você. Mas vamos falar sobre sua biografia.

Olho para cima e grito para o teto. Minha voz ecoa por toda a casa.

Aspyn: Não vamos.

Troy: Chato. Pra. Caralho. Antes de mais nada, um elogio: você está muito gostosa nessas fotos. Eu mal te reconheci.

Recuso-me a reconhecer o calafrio que percorreu minha espinha com seu elogio indireto. Em vez disso, digito novamente.

Aspyn: Nada como ir imediatamente de um insulto para um elogio e depois outro insulto.

Troy: É uma crítica construtiva. Eu sei que você é melhor do que essa biografia. Era como se você tivesse copiado e colocado de algum outro perfil chato pra caralho.

Aspyn: Não há nada de errado. É simples e direto ao ponto. Você não deveria escrever uma dissertação – ou um obituário.

Troy: Mas você não está vendendo quem você realmente é.

Aspyn: Eu não percebi que deveria estar me *vendendo*. Tenho problemas suficientes no aplicativo atraindo perdedores sem fazer nada. Talvez eu devesse intencionalmente permanecer chata para mantê-los longe. Sim, é uma ideia melhor.

Troy: Bem, suas fotos são um espetáculo. Então você vai atrair um quinhão de homens. Mas vamos lá, coloque um pouco de vida nas outras coisas.

Aspyn: Fiquei envergonhada por você lendo seu perfil.

Troy: Bem, pelo menos dentro do meu falso obituário está a essência de quem eu sou.

Aspyn: Um palhaço? Você está certo.

Troy: Deixe-me ajudá-la a reescrever sua bio.

Eu gargalho e digito.

Aspyn: Não, obrigada.

Troy: Dê-me um segundo.

Oh, senhor. O que esse homem está fazendo agora?

Aspyn: Você é insuportável.

Vários minutos se passam sem resposta de Troy. Eu não tenho certeza do que estou desejando neste momento. Quero que ele volte e continue essa conversa, ou eu quero que ele desapareça? Uma parte de mim está gostando disso. Eu não posso negar. Mas estou irritada comigo mesma por estar sentada aqui como uma idiota enquanto espero na beirada do meu assento. Então, eu me levanto e faço outro bule de chá.

Quando volto, não havia chegado nada. Ainda assim, como uma boba, espero.

Eu imediatamente me arrependo de não ter desconectado quando a próxima mensagem de Troy finalmente aparece.

Troy: Aqui está seu novo perfil:

Aspyn, 29: Eu sou a garota que vai arranhar seu carro com a minha chave se você machucar aqueles que eu amo. E tenha muito medo se eu lhe der rosquinhas, principalmente

Boston cream. Você deveria estar com medo de mim, mas ainda não parou de ler, parou? Porque vamos ser sinceros, essas primeiras linhas o intrigaram. Elas mantiveram sua atenção, então você parou de rolar. A verdade é que sou apaixonada, complexa e longe da mesmice que você se vê deslizando para a esquerda. Se você está procurando um desafio, alguém que não se satisfaça facilmente, então eu sou sua garota. Eu funciono com café preto e qualquer coisa que tenha gosto de sujeira. Não se preocupe em me trazer chocolates, porque eu vou jogá-los de volta na sua cara. Aqui está a coisa, no entanto. Posso ser difícil de agradar, mas sou única. E eu valho o esforço de me conhecer. Você provavelmente leu até aqui porque não conseguia tirar os olhos das minhas fotos. E as fotos nem mostram a melhor parte. Vamos apenas dizer que elas não me chamam de ASS-pyn[7] à toa – tão deliciosa e saltitante que o Pateta parece estar rindo quando eu ando no meu uniforme da Disney no trabalho (Tudo real, a propósito). Nada de catfishing[8] aqui. Fale comigo e veja se combinamos.

Vários segundos se passam enquanto eu me sento com o queixo aberto.

---

[7] Trocadilho usando o nome Aspyn combinado com a palavra Ass (Bunda) dando o sentido de que ela tem uma bela bunda.

[8] O processo de atrair alguém para um relacionamento por meio de uma persona online fictícia.

O que Senhor…

Finalmente digito.

Aspyn: Eu nem sei o que dizer sobre isso.

Troy: É melhor que o seu, não é?

Aspyn: Eu nunca namoraria um homem que rolasse para a direita depois de ler isso.

Troy: Eu deslizaria TOTALMENTE para a direita nisso.

Aspyn: Meu ponto exatamente. Você é perturbado.

Troy: Espero que você saiba que estou brincando!! Jesus Cristo, eu nunca deixaria você postar isso. Eu só estava tentando ser engraçado. Você está rindo de algo? Mesmo um pouco?

Aspyn: Talvez um pouquinho. Mas só por causa de quão estúpido foi.

Troy: Confissão...

Aspyn: Eu realmente quero saber?

Troy: Eu quis dizer o que eu disse sobre sua bunda. Espero que isso não te ofenda.

Aspyn: Ofender-me? Não. Mas pode ter certeza de que nunca mais vai ver esses Patetas, Serrano. Talvez eu tenha que queimá-los agora que sei que parecem estar rindo quando ando. WTF[9]?

---

[9] WTF - *Mas Que Porra?*

Troy: Droga. Eu não deveria ter dito nada. Totalmente ferrei isso para mim.

Aspyn: Isso mesmo, você fez.

Troy: LOL. Isso tudo é uma boa diversão. Eu não quero que você me odeie, Aspyn.

Aspyn: Eu nunca disse que te odiava. Você assumiu isso esse tempo todo. Mas eu nunca disse isso.

Houve uma pausa em nossas interações por alguns minutos. Em seguida, ele envia outro texto. Mas este é diferente.

Troy: Por alguma razão, é importante para mim acertar as coisas com você. Como se você tivesse sido designada para me acompanhar com Nonno por algum motivo. É a minha chance de fazer algo que eu nunca teria tido a oportunidade de fazer – fazer as pazes com alguém que machuquei no passado.

Aspyn: Você não me deve nenhuma caridade, Troy. Mas eu aprecio o sentimento.

Troy: Não é caridade. É mais como CLAREZA. Posso ver mais claramente agora os erros do meu passado. E eu quero te mostrar quem eu realmente sou. Ou quem eu acho que sou.

Suspiro. Nós dois éramos culpados por como agimos no ensino médio.

Aspyn: Olha, é preciso dois para dançar o tango. Eu também não era nenhuma santa. Então vamos passar por isso.

Mas ele não vai desistir.

Troy: Para você acreditar que eu mudei, preciso provar que sou uma pessoa melhor do que era naquela época.

Aspyn: Isso não é necessário.

Troy: É importante para mim.

Troy: Sério. Vamos ser amigos.

Aspyn: O que isso implica?

Troy: Podemos sair um dia. Como tomar uma bebida depois dos passeios com Nonno.

Eu preciso ser amiga de Troy como preciso de um buraco na cabeça. Mas o pensamento de tomar uma bebida com ele envia uma estranha onda de excitação através de mim. E é *exatamente* o porquê de cortar isso pela raiz.

Digito a resposta rapidamente, antes que possa mudar de ideia.

Aspyn: Acho que não.

Capítulo Quatro

Troy

O interessante de toda essa situação é o quanto adoro discutir com Aspyn Dumont. Eu não consigo me lembrar de uma única coisa que eu tenha gostado mais nos últimos anos. Ela pode não querer nada comigo, mas infelizmente para ela, posso ser muito persistente.

Troy: Eu não estou acima de implorar.

Não há resposta por muito tempo. *Droga.* Eu a tinha perdido?

Sento-me olhando para o telefone enquanto o gato do meu pai, Patrick, sobe atrás do meu pescoço e ronrona. *Bem, acho que este pequeno show acabou.* Eu devo tê-la assustado. Quando estou prestes a sair, ela envia outra mensagem.

De volta ao jogo.

Aspyn: Eu tentei refazer sua biografia também. Aqui está:

Troy, 29: Corra! Não ande. Eu posso parecer um barril de diversão sorridente e confiante, mas, na verdade, não saberia como manter meu pau nas calças nem que minha vida dependesse disso. Se você optar por continuar porque está hipnotizada pelo meu rosto irritantemente bonito, você pode esperar que eu seja um idiota crítico às vezes, sempre com um pouco de sarcasmo. Sou bom não apenas para aconselhamento financeiro (o que provavelmente está errado), mas também para outros conselhos não solicitados. Basicamente, se não for da minha conta, você pode esperar notícias minhas. Eu serei o primeiro a dizer-lhe para ter uma vida. Enquanto isso, sou tão confiável que não consigo nem sair com meu avô em público sem perdê-lo – duas vezes.

Depois que paro de rir, digito uma resposta.

Troy: Droga.

Aspyn: LOL. Eu sinto muito. Eu não pude evitar. Não se esqueça que você disse 'tudo pela diversão'.

Troy: Eu amo como você colocou essa última parte sobre o meu avô, embora você também seja culpada.

Aspyn: Eu sei. Eu debati deixá-lo de fora por esse motivo.

Troy: Mas espere... volte. Irritantemente bonito? Acho que acabei de receber meu primeiro elogio seu. Vamos falar sobre isso.

Aspyn: Não vamos.

Troy: Acho que estamos quites agora. Você me chamou irritantemente bonito. E eu disse que você tem uma bela bunda.

Aspyn: Isso conclui esta conversa, então?

Troy: Você não pode esperar para se livrar de mim, não é? Assim como naquela noite em que deixei seu telefone. A porta praticamente me bateu na saída.

Aspyn: Desculpe. Você me pegou desprevenida naquela noite.

Troy: VOCÊ foi pega desprevenida? Minha virilha foi pega em um tsunami.

Aspyn: LOL

Troy: Fico feliz que você ache engraçado. Meu amigo pensou que eu tinha me mijado quando o encontrei para jantar depois.

Troy: A propósito, leve seus tênis na terça.

Aspyn: Por quê?

Troy: Você vai descobrir.

Aspyn: Devo me preocupar?

Troy: Não.

Aspyn: Dê-me uma dica.

Troy: Tenho certeza que será a única vez nesta semana que você terá bolas voando na sua cara.

Eu imediatamente me arrependo dessa piada. Pode ter sido demais. Mas foi a primeira coisa que me veio à mente. *Opa.*

Aspyn: Sério?

Troy: Você pediu uma dica! Eu dei a você.

Aspyn e eu continuamos nosso vai-e-vem por quase uma hora antes que ela anuncie que precisa lavar uma máscara facial. Peço a ela que me envie uma foto com a máscara e ela me disse para ir para o inferno.

Pego minha velha máscara de Michael Myers e mando uma foto minha com ela. Foi difícil dizer, mas acho que ela achou engraçado.

Depois que paramos de enviar mensagens de texto, estou agitado. Você teria pensado que ingeri uma tonelada de cafeína ou algo assim. Eu não consigo dormir de jeito nenhum. Em vez disso, continuo tendo discussões imaginárias com ela na minha cabeça. Não a maneira usual como uma mulher me mantém acordado.

Na terça-feira seguinte, Aspyn aparece no quarto de Nonno vestindo um uniforme preto sem estampa. Eu não posso deixar de rir. Ela deve ter escolhido o uniforme mais escuro e simples que tinha por causa do comentário do Pateta risonho que eu fiz. Isto era um protesto, e eu o ouvi alto e claro. Para minha sorte, porém, o uniforme preto ainda abraça seu traseiro muito lindamente.

— Então, você vai me dizer para onde estamos indo agora? — ela pergunta.

Nonno sorri e responde antes que eu tenha a chance. — Vamos jogar basquete!

Ela sorri. — Oh. Legal. Eu não sabia que você jogava basquete, Sr. Serrano.

— Bem, Troy e eu costumávamos jogar quando eu podia andar facilmente. Eu senti falta disso. Foi ideia dele tentar de novo. Teremos que ver.

Ela olha para mim. — Acho que é uma ideia fantástica.

— Estou feliz que você pense assim. — Dou uma olhada nela. — Belo uniforme, a propósito.

— Estou de luto pela perda da minha dignidade na outra noite — diz ela, baixo o suficiente para que meu avô não possa ouvir.

Inclino minha cabeça para trás em uma risada. — Vamos. Foi divertido, e você sabe disso.

Suas bochechas ficam vermelhas. *Hmm... ela ainda está envergonhada?*

Antes de irmos para a quadra de basquete, paro no McDonald's. Esse pit stop é o início de todos os passeios. Eu automaticamente peço um café preto para Aspyn.

— Quer mais alguma coisa? — eu me viro para perguntar a ela.

— Não. Não há nada aqui que eu possa comer.

Eu me pergunto por que ela é tão restritiva sobre sua dieta. Minha inclinação é provocá-la sobre isso, mas não o faço desta vez, lembrando-me de ir um pouco mais leve. Parece que eu tinha feito algum progresso com ela ultimamente, e eu não quero estragar tudo.

A quadra de basquete está vazia quando chegamos. Assim que começamos a jogar, é óbvio que meu avô está se divertindo muito. Esta tinha sido uma boa decisão. Mesmo que Nonno não consiga colocar a bola no aro de sua cadeira, ele gostou de passá-la para nós e pegá-la. O ar fresco também é bom para ele. Eu jogo a bola para ele, ele passa para Aspyn e ela tenta lançar. Ela continua errando até que uma vez ela não o faz. Corro para ela e ofereço um high five, que leva cerca de trinta segundos completos para aceitar. *Tão durona.*

Ficamos quase duas horas na quadra, que passam voando mais rápido que o normal. Todos nós estávamos nos divertindo.

Depois que retornamos meu avô para o Horizons, eu novamente alcanço Aspyn no estacionamento enquanto ela está indo para seu carro para ir para casa. Eu poderia dizer que ela está tentando fugir sem dizer adeus.

— Você se divertiu? — pergunto, caminhando ao lado dela.

— Você sabe o que? — Ela sorri. — Foi muito divertido, sim.

— É a primeira vez que você se diverte comigo?

Ela finge ter que pensar sobre isso quando paramos na frente de seu carro. — Bem, é a primeira vez que não perdemos seu avô.

— Isso é verdade.

Ela procura por suas chaves. — Bom para nós por não sermos negligentes pelo menos uma vez.

— Acho que devemos comemorar isso — decido arriscar. — Jante comigo esta noite.

Aspyn para de procurar em sua bolsa e morde o lábio, parecendo que eu tinha acabado de pedir seu filho primogênito. — Eu não posso. Eu tenho que voltar para casa para Kiki.

Merda. Como eu não me lembrei disso? Ela me disse que pega a sobrinha da mãe dela depois do trabalho todos os dias.

— Claro. Eu tinha esquecido que você fica com ela nas noites de semana. — Inclino minha cabeça. — Quando você não fica?

— Noites de sexta-feira.

— Você quer jantar sexta-feira, então?

Ela olha para os pés por um momento. — Eu... na verdade tenho um encontro na sexta.

Sentindo-me esvaziando, eu engulo em seco. — Mesmo? Bom para você. Alguém que você conheceu no aplicativo?

— Sim.

— Para onde ele está levando você?

— Não tenho certeza ainda. Vamos nos encontrar para beber e decidir sobre o jantar depois.

— OK, então você está ocupada sexta-feira. Que tal sairmos no sábado?

O silêncio é ensurdecedor.

Aspyn morde o lábio por mais alguns segundos antes de finalmente dizer: — Acho que não, Troy. Eu aprecio que você quer ser amigo. Eu realmente aprecio. Mas ainda não cheguei lá.

Então há mais nisso do que ela apenas estar ocupada. Ela realmente não quer sair comigo. Eu certamente não serei um idiota pressionando-a. Eu tenho *algum* orgulho. Mas isso é péssimo.

— OK. Justo. — Dou alguns passos para trás, sentindo como se tivesse uma letra P de perdedor gigante no meu rosto.

Esta garota tinha ficado sobre mim ultimamente. E eu não consigo descobrir o porquê. Foi por causa do nosso passado? Ou estou apenas afim dela apesar de tudo isso? Normalmente, eu poderia deixar uma rejeição passar. Mas parece diferente desta vez.

Ela pega as chaves. — Tenha uma boa noite.

— Você também.

Fico no lugar, observando-a ir embora.

Em vez de entrar no meu carro e ir para casa, decido voltar para dentro para passar um tempo com Nonno enquanto ele janta na sala de jantar.

Eu o encontro e me acomodo ao lado dele, mas não conversamos muito enquanto ele se alimenta.

Finalmente, meu avô me interrompe no meio de um devaneio. — Por que essa cara?

Pego um garfo de um lugar vago ao lado dele e do uma mordida em seu macarrão. — Não é nada.

— Você e a senhorita Aspyn pareciam estar se dando melhor hoje.

— Cortina de fumaça — eu murmuro.

— O que você está falando?

— Nós estávamos indo muito bem até que ela me rejeitou no estacionamento. Eu a convidei para jantar – não em um encontro, apenas como amigos.

Nonno ri. — Você espera que eu acredite nisso?

— É verdade. Eu sei que ela não gostaria de sair comigo. Eu só quero acertar as coisas com ela, talvez conhecê-la em um nível platônico depois de toda a merda do passado.

Meu avô racha de rir.

Eu estreito meus olhos. — O que?

Ele limpa a boca. — Sou velho, mas não sou cego, garoto. Você gosta mais de olhar para a bunda dela do que eu gosto de sorvete do McDonald's e Sinatra.

— Você acha que eu gosto dela? Eu não estou procurando nada além de apenas ser seu amigo. — Esfrego minha têmpora. — Claro que ela é atraente. Mas não é disso que se trata.

Nonno aponta o garfo para mim. — Você está se enganando ou algo assim? Claro *que* você gosta dela. Ela é uma linda garota – de uma maneira natural também. E ela é uma mulher decente, forte e independente. Muito doce. O que há para não gostar? Mesmo que vocês dois tenham uma história, isso está no passado – não tem nada a ver com o hoje.

Girando sem pensar um pouco mais do macarrão no meu garfo, eu digo: — Há algo mais nisso do que apenas querer sair com ela. Tenho essa sensação incômoda de que preciso provar que não sou uma pessoa ruim. Não tenho certeza de onde está vindo.

Ele quase engasga com a comida de tanto rir. — Está vindo de baixo da cintura.

Reviro os olhos e deixo cair o garfo. Ele não vai acreditar em mim. Posso entender por que ele duvida das minhas intenções. É certo que gosto de olhar para a bunda de Aspyn, mas não *estou* tentando entrar em suas calças. Ou em seus scrubs. Não querendo soar como um idiota, mas eu não tenho nenhum problema em conseguir transar, se eu quiser. Eu não preciso recorrer a uma mulher que me odeia na esperança de que ela durma comigo.

Dito isso, penso em como seria com Aspyn. Eu posso ter fantasiado uma ou duas vezes sobre como essa energia entre nós se traduziria no quarto, como seria fazê-la perder a cabeça a ponto de não se importar mais se me odeia.

— Do jeito que vocês dois agem? — meu avô diz. — Eu não ficaria nem um pouco surpreso se tudo vier à tona um dia. Ela está investindo em você. Pode não parecer que ela gosta de você, mas você chegou até ela. Normalmente, se alguém não se importa, eles são ambivalentes. Ela pode ter lhe dito não porque está com medo, não desinteressada.

— Bem, meu ego certamente está feliz em engolir essa teoria, Nonno.

Ele mastiga. — Então, ela acabou dizendo não quando você perguntou a ela?

— Sim. — Recosto-me na cadeira e cruzo os braços. — Eu realmente estava apenas pedindo a ela para jantar, nada mais. Talvez, como você, ela não acredite em minhas intenções. Mas ela prefere sair com um cara que nunca conheceu do que jantar comigo na sexta à noite.

— Ela tem um encontro?

— Sim. Com um cara que ela conheceu em um aplicativo de namoro.

— O que é isso?

— Namoro virtual. Você sabe, aquela coisa que eu mostrei uma vez no meu telefone quando você me perguntou se eu estava procurando uma noiva por correspondência?

— Para que ela precisa fazer isso?

— É como todo mundo conhece as pessoas hoje em dia. Não existe mais sair e conhecer alguém por acaso.

Ele franze a testa. — Isso é triste.

— Sim, mas da mesma forma, é mais fácil conhecer pessoas.

— É demais — diz ele. — Como ser uma criança em uma loja de doces. Condiciona as pessoas a deixarem passar algo bom porque continuam pensando que algo melhor pode surgir naquela esteira rolante. E eles provavelmente passam alguém todos os dias que poderia ter sido o grande amor de sua vida. É preciso mais do que apenas uma rápida olhada para saber se alguém é bom.

Engulo minha água. — Essa é uma perspectiva interessante. E eu concordo, às vezes pode ser demais. Tenho certeza que era melhor quando a vida era mais simples. Infelizmente, não estamos mais lá.

Nonno amassa seu guardanapo. — Olha, você é meu único neto. Eu quero o melhor para você. E eu só posso esperar que você tenha a sorte de conhecer uma mulher que você ame um dia tanto quanto eu amei Nonna.

No fundo, eu quero isso. Só não agora. Ou em breve. Mas algum dia? Claro. Meu avô tinha trinta e poucos anos quando conheceu minha avó. E a única namorada séria do meu pai é a atual, com quem ele começou a namorar aos quarenta e tantos anos. Isso é a prova de que às vezes demora um pouco para a pessoa certa aparecer.

— Eu sei o quanto você sente falta da Nonna — digo a ele. — Isso parte meu coração.

— Se tudo o que você está me dizendo for verdade, ela ficaria orgulhosa de você por tentar ser uma pessoa melhor, Troy.

Uma imagem do rosto da minha avó passa pela minha mente. Seu amor e lições nem sempre vinham da maneira mais fácil. — Bem, ela me bater com aquela colher de pau uma ou duas vezes pode ter me dado um pouco de juízo, mesmo que tenha demorado uma década para entender.

Na sexta-feira à noite, Eric e eu fomos tomar uma bebida no Meadowbrook Center depois do trabalho antes de ele encontrar sua namorada lá para jantar. Apesar de Meadowbrook ser subúrbio, tem um pequeno e agradável centro urbano com bares, restaurantes e um ar urbano.

Depois de sair do bar, fico preso em uma longa fila de carros, parado em um sinal vermelho na avenida principal onde muitos restaurantes estão localizados. Eu mal posso acreditar quando olho para a minha direita. Aperto os olhos para ter certeza, mas é ela. Aspyn está sentada com um cara em uma mesa ao ar livre na calçada. O cara está de costas para mim, mas posso ver o rosto dela claro como o dia. Ela não parece tão confortável, enrolando o cabelo enquanto parece estar ouvindo algo que ele diz. Seus olhos vagam um pouco.

A linguagem corporal nunca mente. Não há como ela gostar desse cara.

Espionar o encontro de Aspyn enquanto estou preso no trânsito é como encontrar subitamente um acidente de carro; sei que não deveria estar olhando, mas é impossível virar as costas. Começo a observá-la tanto que não noto a mudança da luz para verde. O carro atrás de mim buzina, e eu instintivamente coloco meu pé no acelerador em uma reação automática. O único problema é que o carro na minha frente ainda não havia se movido. Bato direto na traseira dele, atingindo um coitado desavisado – alguém que agora sai de seu veículo com um olhar de raiva no rosto.

O homem agita os braços. — O que diabos está errado com você?

Saio e fecho a porta quando os carros começam a passar ao nosso redor. — Desculpe, cara. Não há desculpa para isso. Minha cabeça estava em outro lugar.

Até agora na bunda de Aspyn, não é nem engraçado.

— Eu nem sequer tenho a porra de um seguro! — ele grita. — Que diabos eu devo fazer?

— Sem problemas. Obviamente é minha culpa. — Aponto para o lado da avenida. — Vamos parar lá e trocar informações.

Com o pisca alerta aceso, eu encosto e ele fez o mesmo. Ele ainda está chateado, mas parece se acalmar quando eu lhe asseguro que meu seguro cobrirá os danos.

Depois que eu lhe dou todas as minhas informações, ele vai embora.

Estou prestes a voltar para meu Range Rover e ir embora quando ouço a voz de Aspyn.

— O que diabos está acontecendo? — Ela corre em minha direção. — Você sofreu um acidente?

Surpreende-me que ela tenha deixado o jantar para vir até aqui.

— Apenas uma pequena batida — digo.

Ela olha para a frente do meu veículo que está amassado. — Merda.

— Eu sei. É chato.

— Você apenas bateu com seu carro na frente de onde eu estava esta noite?

Percebo como isso parece, mas o ataque é a melhor defesa. — O que você quer dizer, Aspyn? Que eu estar nesta avenida não foi uma coincidência? É a principal avenida da cidade. Não se chega a lugar nenhum sem passar por aqui.

— Não, eu não estava sugerindo isso. É estranho que tenha acontecido bem na frente de onde eu estava jantando. Isso é tudo.

Passando a mão pelo meu cabelo, digo: — Desculpe estourar sua bolha, mas eu não estava perseguindo você.

Eu com certeza não vou admitir que ela foi a razão pela qual eu estava tão distraído. Toda essa situação poderia ter sido evitada se não fosse pela minha... curiosidade.

— Você deveria voltar para o seu encontro — digo a ela. — Não há mais nada aqui para ver. — Eu imediatamente me arrependo do meu tom afiado.

Seu humor suaviza. — Desculpe se você pensou que eu estava insinuando que você estava me espionando. Isso, é claro, seria ridículo. Só fiquei surpresa ao vê-lo, só isso.

Só então o acompanhante de Aspyn se aproxima. Ele é um cara alto e magro, vestindo um paletó que parece dois tamanhos maior para ele.

— O que diabos está acontecendo? — ele cospe.

Logo de cara, eu não gosto da atitude dele – nem um pouco. Meus punhos se apertam.

— Eu disse a você — ela responde. — Esse é um amigo meu. Eu só estava checando para ter certeza de que ele está bem.

Surpreende-me que ela se refira a mim como um amigo – considerando o quanto ela tentou não aceitar meus esforços a esse respeito. Talvez eu tenha feito mais progresso do que imaginava. Qualquer coisa é melhor do que 'aquele cara que me fez infeliz no ensino médio'.

— Um amigo? — O cara ergue a sobrancelha. — Parecia que vocês estavam discutindo.

— Nós não estávamos — ela diz.

Ele coloca as mãos nos quadris. — Bem, eu acho muito rude deixar um encontro para ir falar com outro homem.

Esse idiota é real?

— O que diabos está errado com você? — retruco. — Ela acabou de dizer que estava checando um amigo.

— Ele bateu o carro — ela acrescenta.

Ele olha entre nós. — Sim, bem, independentemente, eu acho que é rude que você esteja aqui conversando enquanto eu estou lá.

Aspyn olha ao redor como se estivesse se preparando para fugir da cena. — Sinto muito que você se sinta assim, mas...

— Não se desculpe com esse *psicopata* — digo.

— Você gosta dessa palavra, não é? — Ela me dá um sorriso sarcástico e se vira para ele. — Eu não aprecio sua atitude, Brian. Você não tem o direito de me dizer o que é certo ou errado quando acabamos de nos conhecer. Além disso, você não tem o direito de levantar sua voz para mim ou meu amigo.

Segunda referência ao amigo. *Boo-yah.*

Ela enfia a mão na bolsa. — Aqui está uma nota de vinte para cobrir minha metade das bebidas.

O perdedor realmente pega o dinheiro dela antes de balançar a cabeça e ir embora bufando.

Não posso deixar de dizer a ele. — Você deveria usar esse dinheiro para comprar um terno que realmente sirva, idiota. O

que, você estava brincando no armário do seu pai? Maldito perdedor.

— Jesus... — ela murmura.

Aspyn e eu ficamos em silêncio por alguns momentos.

— Eu perguntaria como foi seu encontro, mas...

Ela revira os olhos enquanto seu cabelo sopra na brisa. — Muito engraçado.

— OK, você tem que admitir, essa coisa toda *é* engraçada.

— Na verdade, você bater seu carro na frente do restaurante foi a melhor coisa que aconteceu. Eu estava procurando uma razão para escapar daquele encontro miserável.

— Bem, então eu fiz bem. Talvez este seja o primeiro passo para eu entrar em suas boas graças.

— Se um acidente de carro é o primeiro passo, eu odiaria ver o próximo nível.

— Pode-se dizer que comecei o processo... com uma pancada. — Eu rio.

— De fato. — Ela ri.

Porra, ela tem um sorriso bonito. E ela está tão bonita esta noite, num vestido verde que abraça suas curvas em todos os

lugares certos. Scrubs do Pateta que se danem. *Acho que você tem alguma concorrência.*

Suspiro. — Sério, porém, que perdedor.

— Sim. Sua reação à minha vinda para falar com você não foi a única bandeira vermelha. Ele estava ficando todo meloso mais cedo quando estávamos esperando na fila por uma mesa. Para ser honesta, eu deveria ter dito que estava me sentindo mal um tempo atrás.

Engulo minha raiva. — Bem, se você o tivesse abandonado, esse espetáculo incrível não teria ocorrido. Agora eu tenho uma história interessante para contar ao meu avô quando levar o café da manhã para ele amanhã.

— Ele vai se divertir com isso, com certeza.

Limpo minha garganta exageradamente. — Percebi que você usou a palavra com *A* para me descrever.

Ela franze a testa. — Eu usei?

— Não é a palavra que você costuma usar. — Eu rio. — Você se referiu a mim como um *amigo*. Duas vezes, na verdade. — Dou de ombros. — Não que eu estivesse contando ou algo assim.

— Ah. Suponho que sim, não é?

— Eu não deveria ficar muito animado com isso?

— Sim. Não vá, você sabe, bater seu carro ou algo assim. — Ela ri.

Meus olhos viajam brevemente para seu decote. Sinto meu coração disparar. *Merda.* Meu avô estava certo. Minhas intenções não podem ser puras. Eu devia estar me enganando.

— Você chegou a comer? — pergunto.

— Só bebemos. Ele pediu um aperitivo, mas eu não podia comer aquela porcaria de qualquer maneira. Nós íamos pedir a refeição principal logo quando você bateu.

— Deixe-me pagar-lhe o jantar. É o mínimo que posso fazer por atrapalhar seu encontro. — Ergo minhas palmas para cima. — Eu prometo. Nenhum negócio engraçado. Apenas um jantar amigável entre amigos. — Eu pisco. — *Amigos.* Isso soa bem, não é?

Para minha surpresa, ela concorda. — Sim. OK. Mas você não está pagando por mim.

— Vamos conversar sobre isso — digo, sabendo muito bem que não a deixaria pagar. — Você quer comer naquele lugar ou em outro?

— Na verdade, há um restaurante japonês na esquina que eu queria experimentar.

— Legal. Vamos lá então.

Como está bem perto, Aspyn escolhe me encontrar lá enquanto procuro estacionar na mesma área onde ela me disse que estacionou seu carro.

Assim que encontro uma vaga, é apenas uma caminhada de três minutos até o Yamaguri House of Sushi. Você tem que descer um lance de escadas para entrar no restaurante no porão. É um lugarzinho legal com papel de parede vermelho brilhante, iluminação relaxante e um grande tanque cheio de peixes tropicais no centro da sala. Pegamos uma mesa no canto. Uma pequena vela cintila entre nós quando abrimos nossos menus.

Ela suspira. — Isso é muito melhor.

— Sentada na minha frente em vez de Brian, você quer dizer? — Eu sorrio.

— Bem, eu estava me referindo ao lugar, à comida, ao ambiente..., mas acho que a companhia também está melhor.

— Infelizmente, considerando com quem você estava, isso não é dizer muito.

— Verdade. — Ela ri.

OK. Essa porra de risadinha? Eu poderia ficar chapado com isso.

Um passo mais perto de fazê-la gritar.

Jesus.

De onde veio isso?

Minha mente excitada no subconsciente deve ter pensado que poderia estragar esta festa também.

Ignorando o fato de que meu pau está tendo um dia e tanto, pergunto casualmente: — Você disse que nunca esteve aqui antes?

— É minha primeira vez. Eu amo sushi. É uma das únicas comidas de restaurante que posso comer sem ter que ser um pé no saco com o garçom, pedindo para modificar tudo.

— Se você não se importa que eu pergunte, o que há com todas as suas restrições alimentares?

— Você provavelmente apenas assumiu que eu escolhi ser infeliz, certo? Você sabe, garota do café amargo e tudo mais?

— Eu não disse isso... — *Desta vez.*

Ela toma um gole de sua água. — Vamos pedir primeiro. A resposta à sua pergunta não é rápida.

Isso me deixa curioso. — OK — falo, examinando o menu.

Eu não sou tipicamente um cara de sushi. Gosto do meu peixe cozido. Então, opto por um prato de frango teriyaki. Aspyn faz dois pedidos de salmão cru e atum embrulhados em pepino e uma porção de edamame.

Depois que a garçonete sai com nossos menus, cruzo os braços. — OK, então agora me conte sobre sua dieta.

— Não é uma dieta — ela corrige. — É um modo de vida. E não tem nada a ver com a necessidade de ser chata.

— Diga mais.

Ela exala, brincando com a embalagem de seus pauzinhos. A pele do pescoço dela fica um pouco vermelha. — Alguns anos atrás, comecei a ter todos esses sintomas estranhos. Na época, eu não sabia se estava relacionado ao estresse ou se havia algo mais nisso.

Meus olhos se estreitam. — Que tipo de sintomas?

— Fraqueza, formigamento, fadiga, algumas erupções estranhas que iam e vinham.

— OK...

— Os médicos fizeram vários testes para coisas como esclerose múltipla, lúpus, problemas de tireoide. Nada foi conclusivo. Eles basicamente descartaram essas coisas específicas, mas alguns marcadores autoimunes no meu exame de sangue estavam levemente elevados. Então, eles chegaram à conclusão de que eu tenho alguma forma de doença autoimune, sem outra especificação.

— Desculpe... não sei muito sobre doenças autoimunes. Quão ruim é isso?

Minha pergunta provavelmente soou ignorante. Mas eu realmente não sei nada.

— Bem, *pode* ser ruim se você não puder controlar os sintomas. Eu fiz uma tonelada de pesquisas e descobri que existem protocolos alimentares de autoimunes que muitas pessoas acreditam. Mas a única maneira de funcionar é se você for super rigoroso ao cortar alimentos inflamatórios.

— Então, que tipos de coisas você corta? Eu sei que o açúcar é um...

— Glúten – então todo pão e macarrão, esse tipo de coisa. Além disso, todos os laticínios e açúcar.

Droga.

— Tem alguma coisa para comer?

Ela ri. — Todas as frutas e legumes, todas as carnes e peixes. E alguns amidos sem glúten, como batata e arroz. — Ela suspira. — Realmente não é tão ruim assim quando você se acostuma. É principalmente irritante quando saio para restaurantes.

— Ou quando idiotas como eu te acusam de ser uma pessoa amarga porque você não coloca açúcar no seu café.

— Exatamente.

— Se você não se importa que eu pergunte, comendo assim, como você não fica seca? Seu corpo é saudável, e quero dizer isso da melhor maneira possível.

— Nozes ajudam a manter as curvas. — Ela ri. — Eu como muitas delas. São gorduras saudáveis, juntamente com coisas como abacate e leite de coco integral.

— Entendi. — Eu sorrio. — Então, como você se sente hoje em dia?

— Honestamente? Eu me sinto incrível. Melhor do que eu já me senti, mesmo antes de todos esses sintomas começarem. É por isso que não estou disposta a voltar ao jeito que eu comia antes. Tentei reintroduzir alguns dos alimentos antigos uma vez apenas para experimentar, e muitos dos sintomas voltaram.

— Que legal que você foi capaz de descobrir isso por conta própria.

— Senti-me com sorte.

— Obrigado por me explicar. Faz todo o sentido. — Levanto o chá verde no centro da mesa. — Você pode tomar chá?

— Sim. — Ela sorri. — Eu bebo o tempo todo, na verdade.

Sirvo uma xícara para ela antes de fazer o mesmo para mim.

— Falando sobre minha eliminação de pão e açúcar... — ela diz. — Imagino que seja particularmente difícil para você entender, já que seus avós eram donos de uma padaria italiana quando era criança.

— Você sabe disso, hein?

— Sim. — Ela sorri.

— Nonno e Nonna eram lendários em Meadowbrook. Ele acordava às 3 da manhã todos os dias para ir trabalhar e assar coisas. Ela o seguia logo depois. E eles mantinham o lugar aberto até as sete para pegar a multidão depois do trabalho. Então era um dia longo. Eles chegavam tarde em casa todas as noites. E eu jantava tarde com eles. Geralmente algum tipo de macarrão.

— Italianos comendo macarrão! Não me diga... — Ela brinca.

— Imagina só?

— Espere... — ela diz. — Você morava com eles ou com seu pai?

— Ambos. Vivíamos em uma casa de dois andares. Meu pai e eu morávamos no segundo andar, e meus avós estavam no de baixo. Meu pai trabalhava muitos turnos noturnos no corpo de bombeiros. Houve momentos em que eu estava sozinho em casa e momentos em que estava com meus avós, mas a maioria das noites terminava com um jantar tardio e qualquer pão que

precisava ser levado para casa porque estava muito velho para vender na padaria.

— Visitei aquela padaria algumas vezes, mas nunca soube quem eram os donos ou que eram seus avós.

— Se você soubesse no ensino médio, você definitivamente teria ficado longe, certo?

— Não se o cannoli fosse bom. — Ela ri.

— Ah, era. Acredite em mim.

Ela suspira. — De qualquer forma, de tudo que descreveu, parece uma vida idílica. Deliciosas refeições italianas todas as noites, todo o pão que você podia comer, crescer com avós por perto que moravam na mesma casa. — Ela faz uma pausa e olha profundamente em meus olhos. — Mas tenho certeza que não foi fácil crescer sem mãe.

Uma tensão cresce em meu peito. Se alguém sabia como isso podia ter sido, é Aspyn. Porque ela está criando uma criança naquela situação exata.

— Não foi fácil — eu concordo, escolhendo não entrar mais nisso agora. Eu não quero estragar o clima desta noite. Em vez disso, mudo de assunto. — Eu sei que você pode entender isso por causa de Kiki.

— Sim. Não importa quanto amor eu dê a ela, nunca poderei substituir sua mãe. É assim que são as coisas.

Eu quero perguntar o que tinha acontecido com sua irmã, mas, novamente, sinto que não é o momento certo. Isso me faria sentir obrigado a falar sobre minha mãe. E eu não estou pronto para ir lá. Mas por alguma razão, esta noite me faz sentir como se eu *pudesse* ir lá. Aspyn entenderia, e ela é uma boa ouvinte. Eu poderia ficar aqui a noite toda conversando com ela, mas não sobre minha mãe.

— Seu pai ainda mora na casa em que você cresceu? — ela pergunta.

— Quando Nonno entrou para o lar de idosos, meu pai e ele venderam a casa. Eu estava morando em Seattle naquela época. Meu pai comprou sua própria casa, que é onde estou hospedado agora.

— Entendo. — Ela toma um gole de chá.

— Você é dona da sua casa ou aluga? — pergunto.

— Própria. Mal cubro minha hipoteca todos os meses, mas de alguma forma estou fazendo com que funcione.

— Bom para você. É inteligente ter sua casa. E é um lugarzinho legal. Aconchegante. Mesmo que a última lembrança que eu tenha de lá seja sobre ser atacado.

— Desculpe novamente pela pistola de água.

— Talvez um dia desses você me convide para tomar um café preto e eu possa mostrar a Kiki que não sou realmente o bicho-papão.

Ela assente, claramente não se comprometendo com nada.

Durante o jantar, caímos em uma conversa mais fácil. Ela me perguntou sobre minha experiência universitária na Universidade da Flórida e por que entrei para finanças. Contei a ela um pouco sobre minha vida em Seattle. Ela falou um pouco mais sobre como era ajudar a criar sua sobrinha. Se eu não soubesse melhor, teria dito que esta noite parecia muito com um *encontro* muito bom. Mas eu não vou estragar tudo insinuando nada. Apesar de nos darmos bem por pelo menos uma noite – e apesar do fato de que eu não pude deixar de notar como as luzes aqui realçavam seus olhos verdes – sei que Aspyn e eu provavelmente nunca poderemos ser nada mais do que amigos. Ela me aceitar como amigo *é* o melhor cenário. E isso é péssimo porque esta noite me fez perceber o quanto gosto dela.

Porra.

Eu realmente gosto dela.

Capítulo Cinco

Aspyn

Na segunda-feira no trabalho, uma das enfermeiras, Shala, pergunta sobre meu encontro no fim de semana passado. Enquanto almoçamos na sala de jantar, conto a ela o que havia acontecido e como acabei jantando com Troy Serrano. Meu encontro fracassado se transformou essencialmente em um encontro com Troy, e eu ainda não entendo como realmente me sinto sobre isso. Eu tive um bom tempo com ele, no entanto. Isso é inegável.

Shala se diverte muito com minha história.

— Honestamente, quais são as chances? — ela diz. — É como se você não pudesse ficar longe do cara. Eu amo isso, no entanto.

— Eu sei. E acabou sendo um jantar muito bom.

Foi a primeira vez que pude passar um tempo com Troy sem me debruçar sobre o passado. Eu tinha me perdido na conversa e um pouco em seus lindos olhos, às vezes.

— Parece que você se esquivou de uma bala com aquele Brian também.

Balanço a cabeça. — Sem dúvida. É sempre bom quando alguém mostra suas verdadeiras cores logo de cara. Economiza tempo perdido. Embora eu não estivesse atraída por ele pessoalmente, então provavelmente não teria ido a lugar nenhum, mesmo que ele fosse um cara bom.

— A atração física é importante. — Ela dá uma mordida em seu sanduíche e mastiga. — Falando em atraente, e Troy? Como *ele* é? Você acha que ele ainda é aquele idiota que era no ensino médio?

Balanço minha cabeça. Eu ainda não tinha desvendado o Troy adulto. — Sempre fui ensinada a acreditar que as pessoas não mudam. Não posso dizer que nunca há exceções, no entanto. Mas não tenho experiência suficiente para considerá-lo confiável.

Ela enfia algumas batatas fritas na boca. — Isso é muito ruim, porque ele é tão bonito.

— Se Troy fosse tão confiável quanto ele é gostoso, certamente não teríamos problemas, teríamos? — Eu rio.

Continuamos conversando enquanto o assunto muda de Troy para Kiki. Shala tem três filhos, um dos quais tem oito anos como minha sobrinha, então muitas vezes eu a procuro em busca de conselhos.

Nossa conversa é interrompida quando ela olha por cima do meu ombro. — Oh, meu. Olha quem está aqui.

Viro-me para encontrar um Troy sorridente caminhando em direção à nossa mesa.

Limpo o canto da boca com o guardanapo. — O que você está fazendo aqui?

— O que você acha que estou fazendo aqui? Estou visitando meu avô.

— Eu sei..., mas seus dias geralmente são terças e quintas.

Ele puxa uma cadeira ao meu lado. — Não é uma ciência exata, Dumont. Esses não são os únicos dias em que venho vê-lo, apenas os dias em que saímos. Às vezes eu apareço em horários aleatórios – trago um donut para ele ou digo olá durante o meu horário de almoço. — Ele olha para o meu prato vazio. — O que você está fazendo... comendo?

— Sim. — Coloco uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. — Apenas terminando. — O cabelo em meus braços se arrepia; a maneira como meu corpo reage quando ele está perto definitivamente me enerva.

— O que está acontecendo no resto do dia aqui? — ele pergunta.

— Vamos cantar juntos mais tarde.

— Agradável. Como isso funciona?

— Eu toco piano e canto e todo mundo... — paro, momentaneamente distraída por seu... *rosto.*

— Canta junto. — Ele sorri, terminando minha frase.

— Sim.

— Quais músicas?

— Geralmente escolhemos uma banda ou artista e passamos por várias músicas de seu catálogo. Hoje são os Carpenters.

Ele coça o queixo. — Ah, sim... o irmão e a irmã dos anos setenta. Trágico como ela morreu. O que fez você escolhê-los?

— Suas músicas são muito fáceis de tocar e são as favoritas dos fãs.

Nesse momento, a diretora da instalação, Nancy, enfia a cabeça na sala de jantar. Ela pergunta se poderia pegar emprestado o cérebro de Troy sobre algumas questões financeiras. Ele concorda, e depois que pede licença, eu não o vejo pelo resto da tarde.

Os momentos de cante-junto que fazemos algumas vezes por semana, geralmente acontecem às 15h. Eu gosto porque eles fazem a última hora do meu turno passar bem rápido.

Saber tocar piano nunca foi útil até eu conseguir esse emprego. Eu costumava pensar que meus anos de aulas quando criança tinham sido um desperdício total, mas poder tocar para as pessoas aqui é uma das minhas maiores alegrias. Escolho músicas que eles podem se lembrar de seus anos de juventude e passo as letras das canções.

O cante-junto de hoje começa rotineiramente, já que todos se posicionam em seus lugares. Depois que distribuo as letras das canções, vejo Troy empurrando seu avô para a sala. *Ele ainda está aqui?* Não só isso, ele tem um violão no ombro.

O que...?

Ele para o Sr. Serrano em um lugar na frente, perto do meu piano.

— O que você está fazendo? — pergunto.

Troy larga o violão. — Espero que você não se importe. Achei que quanto mais, melhor.

— Você toca violão?

— Sim. Eu aprendia sozinho no meu tempo livre.

— Oh. Isso mesmo. Seu *obituário* mencionou isso.

— Corri para casa e baixei partituras do The Carpenters e imprimi. Achei que eu poderia tocar junto, a menos que você prefira que eu não faça?

O que devo dizer... não? — Ah, claro. Isso é bom.

— Tem certeza?

Balanço a cabeça, embora a perspectiva de ele tocar ao meu lado me deixe no limite. Eu nunca tive que ficar em sincronia com mais ninguém antes. Isso deveria ser uma cantoria informal em um lar de idosos, não uma performance de dueto bizarro.

— Com qual música estamos começando? — ele indaga.

— *"Close To You"*. — Sinto meu rosto esquentar.

Ele assente e começa a vasculhar suas partituras.

Em vez de deixar meus nervos me consumirem, forço-me a sentar ao piano e começar. Eu não sou a melhor cantora, mas normalmente não me preocupo com como soo, porque assim que canto as primeiras notas, minha voz é abafada por todas as outras vozes desafinadas na sala. Exceto que hoje, tudo que posso ouvir é Troy – porque ele está bem ao meu lado. E sabe de uma coisa? Ele tem uma voz muito legal. Ele também conseguiu me acompanhar. Ou talvez fosse eu conseguindo acompanhá-lo. De qualquer forma, o violão realmente complementava o piano, apesar das minhas dúvidas anteriores. Somos uma dupla improvável, mas funcionou.

Acho que todos apreciaram a mudança de ritmo que Troy e seu violão trouxeram para a ocasião. Todas as mulheres idosas estão compreensivelmente encantadas. Tocamos cinco músicas dos Carpenters, com muitas pausas para relembrar, terminando com um bis de *"We've Only Just Begun"*. A hora voou ainda mais rápido que o normal.

Depois que nosso tempo acabou, empurro o piano de volta para o canto da sala e caminho até Troy.

Ele coloca a alça do violão sobre o ombro. — São quatro horas. Você termina agora, certo?

— Sim. Praticamente depois de pegar todas essas letras.

— Legal. Eu vou ajudar a limpar e levá-la até a saída.

Enquanto ando pela sala, fico arrepiada. Parece que algo havia mudado entre mim e Troy desde a outra noite.

Depois que a sala está limpa, Troy espera enquanto pego meus itens pessoais do meu cubículo. Então caminhamos juntos lentamente até o estacionamento. Ele dá a impressão de que há uma razão pela qual quer esperar por mim.

Quando paramos na frente do meu Honda Civic vermelho, Troy diz: — O sentimento é mútuo, Aspyn.

O sentimento é mútuo? — O que você está falando?

— O que você disse sobre mim para aquela garota com quem estava almoçando.

Quê? Meu cérebro corre para rebobinar. — Você estava ouvindo nossa conversa?

— Eu estava no corredor do lado de fora da área de jantar – bem na esquina da mesa de assinaturas. Não pude deixar de ouvir.

Limpo a garganta, temendo o pior. — Não me lembro do que disse.

— Tecnicamente, foi meio insulto, meio elogio, mas estou escolhendo olhar de forma positiva.

Eu lambo meus lábios. — O que foi que eu disse?

— Você disse que desejava que eu fosse tão confiável quanto sou gostoso.

Porra.

Porra.

Porra.

Não há como negar o que ele tinha ouvido. Eu só tenho que ser o mais sincera possível.

— Eu obviamente não queria que você ouvisse isso.

— Claramente. Mas está tudo bem. Eu já sei que você não confia em mim, nem deveria – ainda. Mas devo dizer que fiquei agradavelmente surpreso ao receber esse elogio.

Minhas bochechas queimam. — Você sabe que é um cara bonito. Por que isso é novidade?

— Isto é *absolutamente* novidade para mim que eu não a repudio fisicamente. Você se referiu a mim no passado como 'irritantemente bonito', mas nunca gostoso. Surpreende-me que você me ache atraente, porque às vezes, se você não suporta alguém, não consegue ver além de sua antipatia por ele, não importa como ele seja.

Engolindo, faço o meu melhor no controle de danos. — Bem, isso não significa nada. É apenas uma observação. Acho que Ted Bundy era bonito também – à sua maneira. Isso não significa que eu o teria deixado entrar na minha casa. — *Merda. O que diabos eu acabei de dizer?* Meus nervos me fizeram jorrar bobagens.

Ele estreita os olhos. — Você *não* apenas acabou de me comparar a um serial killer.

— Eu estava tentando fazer um ponto.

— Você fez isso, tudo bem — ele zomba.

Balançando a cabeça, olho para os meus sapatos. — Eu sinto muito. Isso soou terrível. Estou um pouco envergonhada, para ser honesta. Acho que não estou lidando bem com isso.

— Isso é porque eu intencionalmente te constrangi quando te chamei. Vê? Já estou provando seu ponto. Não sou confiável — ele suspira. — Eu vou cortar a merda agora.

— Obrigada.

— Com uma condição... — Sua boca se curva em um sorriso.

— Você é malvado. — Eu rio.

— Não tão mal quanto um serial killer.

Cruzo os braços. — Qual é a sua condição?

— Minha condição é que você me dê a chance de transformar sua opinião sobre mim antes que eu tenha que voltar para Seattle. Eu quero que você me considere tão confiável quanto eu sou... — Ele faz uma pausa. — Bem, você sabe...

— Entendo seu ponto. — Reviro os olhos. — Eu não entendo por que é tão importante provar a si mesmo para mim.

O sol reflete em seus lindos olhos enquanto ele me encara. — Também não posso explicar, Aspyn. Tudo o que posso dizer é que no segundo em que cheguei aqui, depois de tanto tempo longe, percebi que esses últimos dez anos passaram como um borrão. A maneira como você olhou para mim e agiu comigo quando nos reconectamos, eu não gostei. Estar em casa sozinho, na casa do meu pai, me fez refletir muito. Embora eu seja bem-

sucedido financeiramente, há áreas da minha vida que ainda precisam ser trabalhadas. Apesar do meu obituário falso brilhante, não fiz nada verdadeiramente positivo com o meu tempo nesta Terra. Se tudo acabar de repente, não quero ser lembrado como aquele idiota da Meadowbrook High.

— Eu não entendo por que você se tornar uma pessoa melhor tem a ver comigo. Como eu disse antes, não quero ser seu caso de caridade ou cobaia.

Troy suspira. — Olha, você é alguém que eu machuquei indiretamente no passado. Mesmo que diga que me perdoa, eu não acredito em você. E você *claramente* não confia em mim. Você mesma disse. — Ele abre um sorriso travesso. — Mas também... você é uma cobaia *divertida.* Estamos nos dando melhor, e quando não estamos, também gosto de nossas discussões. Então, é um ganha-ganha.

— Eu me diverti quando fomos comer comida japonesa na outra noite — admito.

— Exceto que você nunca teve a intenção de sair comigo. Chegamos lá por acidente porque Brian de terno largo era um perdedor.

— Isso é verdade.

— O que você está fazendo neste fim de semana?

— Não posso fazer nada neste fim de semana. Eu ficarei com Kiki porque meus pais vão a um casamento no norte do Estado de Nova York.

— Eu poderia levar uma pizza ou algo assim? — Ele rapidamente fecha os olhos. — Merda... você não pode comer pizza. — Ele estala os dedos. — Vou pegar um pouco daquele sushi que você gosta. Kiki gosta de pizza?

— Sim, ela adora, na verdade.

— Então eu vou levar pizza para ela e para mim. E sushi para você. Envie-me exatamente o que você quer, no entanto, para eu não pedir a coisa errada. Você prefere sexta ou sábado? — ele pergunta, apressando as palavras como se quisesse me impedir de ter a chance de dizer não.

— Ainda não concordei com isso — falo, embora saiba que desta vez irei.

— Desculpe. Estou sendo muito apressado na Operação Confiança?

Suspiro. — Sábado.

— Legal.

Escolher o sábado seria muito menos estressante do que ter que deixar minha casa apresentável em uma noite de trabalho. *Acho que isso está acontecendo.*

— O que Kiki gosta de beber?

— Cerveja.

Seus olhos se arregalam.

— Obviamente brincando. Você não precisa levar nada para ela beber. Temos muitas coisas em casa que ela gosta. Eu compro engradado.

Ele joga as chaves no ar e começa a andar para trás em direção ao seu carro. — Apenas me mande uma mensagem de seus sabores favoritos quando você me enviar o pedido de sushi. — Ele grita: — Certifique-se de dizer a ela para não me atacar, no entanto. Estou determinado a fazê-la gostar de mim também.

Eu rio. — Se você acha que *sou* difícil de agradar, você ainda não viu nada.

Sábado à noite, Kiki me segue pela casa enquanto vou de quarto em quarto para ter certeza de que tudo parece apresentável.

— Então, por que ele está vindo mesmo?

Afofando almofadas sem motivo, respondo: — Ele é um amigo.

Troy estará aqui a qualquer minuto, e meus nervos estão tomando conta de mim. Sempre que fico tensa assim, corro pela casa e arrumo, mesmo que as coisas não precisem de conserto.

— Um namorado?

— Não, definitivamente NÃO.

— Um ficante?

Eu viro minha cabeça em sua direção. — Onde você ouviu esse termo?

— Não me lembro. — Ela ri. — Espera! Não um ficante. Um boy *Troy*[10].

— Muito engraçada. — Rindo, balanço minha cabeça. — Ele é apenas um amigo, Kiki.

A campainha toca, salvando-me de mais inquisição.

Eu respiro fundo. — É ele. Seja legal, OK?

Ela assente.

---

[10] Um trocadilho com o nome dele e a expressão *boy toy*, que em tradução livre seria garoto brinquedo, com o sentido de um ficante.

Passo minha mão pelo meu cabelo e vou para a porta, abrindo-a para encontrar Troy fazendo malabarismo com um monte de itens.

— Ei! — ele diz, um sorriso enorme no rosto.

Eu mal posso vê-lo por trás de todas as coisas que ele está carregando.

— Uau, você realmente deu tudo de si. — Afasto-me para deixá-lo entrar.

Ele carrega duas caixas de pizza com um grande saco de papel em cima. Sob o braço direito, segura um Tupperware de algum tipo.

Ele assou alguma coisa?

— Não é muito. — Ele olha ao redor. — Devo colocar tudo isso no balcão da cozinha?

— Na verdade, você pode levá-los para a sala de jantar. Vamos comer lá.

Troy me segue e coloca tudo sobre a mesa.

Quando voltamos para a sala, ele olha para Kiki. — Sem arma hoje?

— Tia Aspyn me disse que eu tinha que me comportar.

— Bem, isso não é divertido. Mas eu aprecio a misericórdia. Talvez eu deixe você me acertar de propósito algum dia. Eu só preciso vir preparado – usar uma calça impermeável. — Troy esfrega as palmas das mãos. — Sua tia me disse que você gosta de azeitonas pretas em sua pizza, mas nada mais. Eu me certifiquei de que eles acertassem.

— Obrigada. — Kiki oferece um sorriso hesitante.

Ela definitivamente não é fácil de agradar. Ela não confia muito facilmente, mas quando o faz, dá todo o seu coração. Eu acho que ela é muito parecida comigo desse jeito.

Nós três voltamos para a sala de jantar e nos sentamos à mesa.

Faço uma limonada fresca e trago a jarra. Eu comprei um pouco de cerveja caso Troy quisesse uma, mas quando ofereci, ele optou por limonada.

Kiki serve-se de uma fatia de pizza e sopra enquanto espera esfriar. Ela observa Troy atentamente enquanto ele coloca lascas de pimenta vermelha em sua própria fatia. Abro meu sushi, que parece tão fresco e vibrante, uma variedade de cores brilhantes de rosa e coral.

— Essa coisa faz minha língua querer cair — minha sobrinha anuncia enquanto olha para a pizza de Troy. — Eu acidentalmente comi um pouco uma vez.

— Elas não são para todos. — Ele pisca. — Mas eu aguento o calor.

Despejando molho Tamari em um pequeno prato de vidro, digo: — Obrigada por fazer uma viagem extra para pegar o sushi. Isso foi muito atencioso.

Troy sorri. — Não foi problema nenhum.

Nós aproveitamos a comida.

— Então, o que você gosta de fazer para se divertir, Kiki... além de ataques com armas de água?

Ela momentaneamente para de mastigar. — Jogar videogame, eu acho.

Ele limpou a boca. — O que você joga?

— Super Mário.

— Eu costumava jogar isso quando era criança também.

— Mario estava por aí naquela época? — ela diz.

Troy olhou para mim e ri. — Sim, na Idade da Pedra, quando eu era criança, eles tinham esse jogo. É um clássico.

— Você foi para a escola com minha tia na Idade da Pedra?

— Sim. Espero que ela não tenha contado a você muito sobre aqueles dias, no entanto.

— Eu não disse uma palavra — asseguro a ele.

— Ufa. — Ele finge enxugar o suor da testa.

— Você conheceu minha mãe? — Pergunta Kiki.

Troy faz uma pausa. — Não. — Ele olha para mim em busca de orientação.

— Sua mãe era alguns anos mais velha que nós — digo a ela. — E ela ia para uma escola diferente.

— Ah — ela diz.

— Eu não a conhecia, mas gostaria de ter a conhecido — acrescenta Troy.

— Eu também nunca a conheci. — Kiki franze a testa. — Pelo menos eu não me lembro dela. Eu tinha apenas seis meses quando ela morreu.

O clima de repente ficou sombrio.

— Sinto muito — diz ele, pousando sua fatia de pizza. Ele fica em silêncio por um tempo. — Eu sei como é não ter uma mãe por perto enquanto cresce.

— Você sabe? — Kiki pergunta com a boca cheia de pizza.

— Sim... — ele sussurra. — Eu sei.

Meu coração aperta.

— Sua mãe morreu quando você era pequeno? — ela pergunta.

Ele fica quieto por um longo tempo antes de finalmente responder: — Não...

Meus olhos se arregalam. Jasmine me disse que a mãe de Troy faleceu quando ele era um bebê.

— O que aconteceu? — minha sobrinha pergunta.

Troy limpa o canto da boca. — Existem diferentes maneiras de perder os pais. A pior maneira, é claro, se seus pais morrerem. Nada é pior do que isso. Mas minha mãe... ela foi embora quando eu era bebê porque não queria ser mãe.

O quê?

Kiki inclina a cabeça. — Você nunca a viu quando era criança?

— Ela foi embora quando eu era muito jovem para me lembrar. Mas... ela já faleceu.

— Uau — digo. — Eu sinto muito.

— Tudo bem. — Ele assente. — Obrigado. — Ele olha de volta para Kiki. — De qualquer forma, estou lhe dizendo isso porque sei como é sentir que você é diferente de todas as outras crianças porque elas têm uma mãe e você não. Eu entendo perfeitamente, Kiki. Mas você sabe, sua mãe nunca quis te deixar. Ela estaria aqui com você se pudesse. E tenho certeza de que ela está com você em espírito todos os dias.

Minha sobrinha assente. — Sim. Meu pai também. Eles morreram juntos. Eles cuidam de mim e de tia Aspyn. E da vovó e do vovô.

— Sim. — Ele sorri.

Eu nunca tinha falado com Troy sobre o acidente. Eu teria algumas explicações para dar mais tarde. Meu coração fica pesado enquanto continuamos a comer em silêncio por alguns minutos. Tudo o que eu achava que sabia sobre a situação de Troy tinha ido pelo ralo.

Kiki de repente se levanta da mesa. — Eu tenho que ir ao banheiro.

— OK — digo enquanto ela corre pelo corredor.

Eu espero que ela esteja bem. Eu não sei dizer se ela realmente tinha que ir ou está apenas se sentindo emocionada.

Depois que ela está fora do alcance da voz, Troy se vira para mim e sussurra: — Bem, essa foi uma conversa mais pesada do que eu esperava ter com uma pizza.

— As coisas aumentam rápido nesta casa às vezes. — Limpo minha garganta. — Eu não sabia disso sobre sua mãe. Jasmine me disse que ela morreu quando você era pequeno. Você nunca contou a ela o que realmente aconteceu?

Ele balança sua cabeça. — Naquela época, eu era muito amargo. Sempre que alguém me perguntava onde estava minha mãe, eu dizia que tinha morrido quando eu era bebê. Porque ela estava morta para mim, sabe? Em retrospecto, isso foi estúpido. Eu nunca deveria ter mentido sobre algo assim. Mas eu não dava a mínima naquela época. Não sabia melhor. Eu não percebi a extensão desse erro até que ela *realmente* morreu, e soube que nunca teria um relacionamento com ela.

Essa história adicionou uma nova camada a Troy e explica muito sobre alguns de seus comportamentos no ensino médio, por que ele agia errado.

— O que aconteceu, se você não se importa que eu pergunte? Mas você não precisa falar sobre isso se não quiser.

— Como ela morreu ou por que ela foi embora?

Empurrando meu prato, digo: — Ambos, eu acho?

Antes que Troy possa responder, minha sobrinha sai correndo do banheiro.

— Eu estou sangrando! — ela anuncia do corredor.

— O quê? — Pulo da minha cadeira e corro até ela.

Meu primeiro instinto foi olhar para o nariz dela, mas quando verifiquei que estava limpo, olho para baixo e vejo a mancha vermelha em sua calça.

Não pode ser. — Ah, não. — Eu a apresso de volta para o banheiro.

— O que está acontecendo? — ela chora.

Abaixo a voz: — Você não está ferida. Acho que você acabou de menstruar.

— Acabei o que?

— Lembra aquela vez que você encontrou meus tampões e eu expliquei o que acontece com as meninas mais velhas a cada mês?

— Sim?

— Isso é o que é menstruar. É apenas mais cedo do que eu pensei que você ficaria. *Muito* mais cedo.

Eu sabia que era possível que as meninas menstruassem a partir dos oito anos, mas presumi que isso era raro. Eu mesma só menstruei aos onze anos, o que pensei ser cedo. Então, eu estava menos do que preparada para isso. Sem falar que não tinha um único absorvente em casa, já que só usava tampões.

Dando-lhe um tapinha no ombro, digo: — Fique aqui.

Corro para a cozinha para pegar um monte de toalhas de papel e volto para o banheiro. Eu a instruo a colocá-las em sua calcinha.

— Está tudo bem? — Troy grita do lado de fora da porta. — Precisa de alguma coisa?

— Está tudo bem. Já vou sair!

Claro, isso tem que acontecer na única noite em que ele está aqui.

Abro a porta. — Kiki, vá para o seu quarto um pouco e assista um pouco de TV, OK? Eu já vou até lá.

— Posso tomar sorvete?

— Claro. Você terminou com sua pizza?

Ela assente.

— Vou trazer um pouco para você — falo, dando-lhe um abraço antes que ela desapareça em seu quarto.

Alcanço Troy na sala de jantar.

— Ei — digo, um pouco sem fôlego.

Ele ergue os olhos, está limpando um pouco da bagunça que tínhamos feito. — O que está acontecendo?

— Então, infelizmente, parece que ela ficou menstruada — sussurro.

Seus olhos se arregalam. — Que diabos? Mesmo? Ela é praticamente um bebê.

— Eu sei. Mas *é* possível acontecer tão jovem quanto oito. Ela tem oito anos e meio.

— OK... — ele solta um longo suspiro e olha para longe. — Bem, merda.

Puxando o topo do meu cabelo, suspiro. — Eu não estava preparada.

— Sim, eu posso entender.

— Quero dizer, eu *literalmente* não estou preparada. Eu não tenho absorventes, e ela é muito jovem para tampões. Eu preciso ir até a loja.

— Eu vou — ele imediatamente oferece, oficialmente tornando esta noite ainda mais bizarra.

Normalmente, eu teria ligado para minha mãe e pedido que ela corresse para a loja, mas meus pais estão fora. Eu não quero mandar Troy, mas aproveitar a oferta dele faz mais sentido.

— Eu odeio fazer isso com você, mas seria ótimo. Eu só preciso de absorvente. Nada chique. Qualquer tipo.

— Há mais de um tipo? — A confusão cruza seu rosto.

Reprimo um sorriso. — Há muitos. Mas pegue qualquer tipo que seja de absorção média. — Balanço minha cabeça. — Eu não posso acreditar que estou tendo essa conversa com você.

— Bem, há uma primeira vez para tudo, certo? — Ele tira as chaves do bolso e as joga no ar. — Esta é minha primeira viagem oficial de absorvente. Você precisa de mais alguma coisa enquanto estou fora?

— Não, obrigada.

Ele voa para fora da porta como se houvesse apenas uma caixa de absorvente no mundo, e ele precisa se apressar para pegá-la. Assisto da janela enquanto ele parte.

Então vou para a cozinha colocar a tigela de sorvete de Kiki. Alguns minutos depois, entro no quarto dela e coloco a tigela na mesa ao lado dela enquanto me sento na beirada da cama. — Você está bem?

— Sim. — Ela se senta contra a cabeceira da cama, puxando seu edredom floral para mais perto.

— Eu mandei Troy para a loja.

— Você contou a ele o que aconteceu?

— Eu precisei. Ele estava preocupado, pensando que você estava ferida. Está tudo bem. Ele sabe do que se trata, mesmo sendo um cara. Não é nada para se envergonhar. Isso acontece com todas as garotas.

Passo os próximos vinte minutos respondendo às perguntas de Kiki sobre o ciclo mensal.

— Você pode não ser regular no começo. Mas geralmente vem a cada vinte e oito dias mais ou menos.

— Como você sabe exatamente quando isso vai acontecer?

— Você não sabe. — Eu faço uma careta. — É como uma surpresa que você realmente não quer.

Um olhar de preocupação brilha em seu rosto. — Como se eu estivesse na escola e começasse a sangrar?

— Sim. Mas você pode usar algo alguns dias antes do tempo apenas para estar no lado seguro.

— Eu gostaria de poder voltar para ontem, quando minha vida era simples — ela chora.

Inclino-me e beijo sua testa. — Você e eu, garota. Esse sentimento só piora à medida que você envelhece.

Sento-me com ela por um tempo, assistindo o desenho que ela escolheu na TV. Quando a campainha toca, coloco minha mão em seu joelho. — Esse é ele. Volto logo.

Vou atender a porta e encontro Troy segurando uma bolsa grande. — Você comprou a loja inteira?

Parecendo que tinha acabado de voltar da guerra, ele entra e coloca a bolsa no balcão. — Honestamente, eu não sabia que tipo escolher, embora você tenha dito para pegar o médio. Havia muitas opções – longos, super longos, noturnos, com abas, sem abas. O que, vocês mulheres voam para longe ou alguma merda? De qualquer forma, eu tenho cinco tipos diferentes.

— Cinco? Podemos ficar abastecidas até que ela seja uma adolescente. — Eu rio enquanto vasculho a bolsa. Levanto um dos pacotes. — Estes são para incontinência urinária.

Ele fecha os olhos. — Merda.

— Eu posso devolvê-los — afirmo.

— Ou podemos doá-los para o Horizons — sugere. — Tenho certeza de que eles podem usá-los para alguém.

— Bom ponto.

O próximo item na bolsa é um unicórnio rosa de pelúcia. — Que diabos? — Eu rio.

— Eu não queria que o caixa pensasse que eu tinha um fetiche em absorvente. Então, para o distrair da minha coleção, eu joguei isso na mistura.

— Sinto que tantos absorventes *e* um unicórnio podem ter feito você parecer ainda mais estranho.

— Ponto válido. Mas, ei, é fofo. É para Kiki... obviamente.

— Isso foi muito gentil da sua parte.

Olho para dentro e noto que o último item é uma garrafa de cabernet.

— Isso é para você — diz ele. — Achei que você poderia apreciá-lo esta noite.

— Com certeza. Obrigada.

— Eu não pensei em perguntar se você bebe vinho – com todos os seus problemas de comida. Mas você mencionou beber na noite em que saiu com aquele cara, Brian.

— Eu bebo vinho, apenas com moderação. Mas eu *definitivamente* estarei me afogando nisso hoje à noite.

— Você prefere que eu vá embora e deixe você relaxar?

Faço uma pausa. Dizer a ele para sair depois que foi até a loja para mim não parece certo. Mas mais do que isso, eu *quero* que ele vá embora? Estou gostando de sua companhia esta noite, apesar de tudo.

— Apenas me dê alguns minutos enquanto vou cuidar dela. Fique à vontade na sala de estar.

— Legal. — Ele sorri.

Levo os suprimentos que Troy comprou para o quarto de Kiki e a faço ir ao banheiro se trocar. Depois que ela volta, dou o unicórnio rosa de pelúcia.

— O que é isso? — ela pergunta.

— Troy comprou no mercado.

— É para mim?

— É.

Kiki olha para ele antes de abraçá-lo contra o peito. — Diga a ele que eu disse obrigada.

— Você não quer dizer a ele você mesma?

Ela balança a cabeça. — Eu só quero ir para a cama.

Eu não posso culpá-la. — OK. — Eu a beijo na cabeça. — Eu entendo. Grite se precisar de alguma coisa.

— Eu irei.

Troy está assistindo TV quando volto para a sala.

Ele abaixa o volume. — Tudo certo?

— Sim. Ela quer dormir cedo. — Sento-me em frente a ele. — Obrigada novamente por ir à loja. Você salvou o dia. Eu realmente apreciei isso.

— A qualquer momento. — Ele sorri. — O que você acha de abrirmos o vinho?

— Sim. — Levanto-me. — Isso seria bom. Podemos sentar lá fora. É uma noite agradável.

— Vou levar a sobremesa especial que trouxe para você. É algo que você pode comer. Pelo menos espero ter acertado.

— Eu esqueci totalmente daquele Tupperware com o qual você entrou. Eu tenho que dizer, você me deixou curiosa.

— Fique confortável. Eu cuido de tudo.

Bem, eu não vou discutir com isso, certamente não esta noite. — As taças de vinho estão lá em cima — informo, apontando para o armário. — Há um abridor na segunda gaveta da esquerda.

Eu não consigo me lembrar da última vez que um homem me disse para ficar à vontade enquanto ele preparava uma taça

de vinho para mim. Troy pode ter seus defeitos, mas parece saber cuidar de uma mulher quando ela precisa.

Minha imaginação, é claro, aproveitou a oportunidade para correr solta com todas as várias maneiras pelas quais Troy poderia *cuidar* de mim.

Capítulo Seis

Troy

Levo a garrafa de vinho e duas taças para fora com o pote Tupperware debaixo do braço. Grilos cantam e o tempo está fresco e confortável na noite seca de verão. Dizer que esta noite não tinha saído como eu imaginava, no entanto, seria colocar as coisas de forma leviana.

Sirvo um copo de cabernet para cada um de nós antes de pegar o Tupperware.

Esfregando por cima do recipiente, digo: — OK, eu quero começar dizendo que isso provavelmente tem gosto de sujeira. Então, vá com calma comigo. Foi a primeira vez que fiz algo assim.

— Você assou alguma coisa?

— Eu fiz. Eu gosto de assar, na verdade. Não sou muito de cozinhar, mas biscoitos? Eu sou o mestre dos biscoitos. Sei que você não pode comer açúcar – ou glúten ou laticínios. Então,

pesquisei sobre sobremesas paleo[11] no Google. Encontrei esta receita de biscoitos de banana. Eles são adoçados com banana madura e tâmaras e feitos com farinha de amêndoa. — Entro em pânico por um segundo. — Merda, você pode comer ovos, certo?

— Sim, com moderação.

— Ufa. OK.

Ela olha para o Tupperware e sorri. — Isso foi incrivelmente atencioso da sua parte.

— Eu provei um mais cedo só para ter certeza de que eles não tinham gosto de merda.

Sua sobrancelha levanta. — E?

— Não sei. Eu não posso dizer. Não são horríveis, mas...

— Bem, eu definitivamente vou experimentar um desde que você se esforçou para fazê-los.

Quando ela pega o recipiente, sinto meu pulso acelerar um pouco. Essa é uma sensação nova para mim – ficar nervoso com alguém provando uma receita que eu fiz. Para onde minha vida está indo?

---

[11] A paleodieta ou dieta paleolítica é uma dieta contemporânea que consiste numa alimentação à base de plantas selvagens, carne, peixe e ovos, habitualmente consumidos pelo Homo sapiens durante o Paleolítico, período durante o qual começou a ser desenvolvida a agricultura.

Aspyn dá uma mordida e fecha os olhos para se concentrar no sabor. Ela mastiga por um tempo antes de finalmente dizer: — Eles não são ruins!

— Mesmo? Seja honesta.

— Eles têm gosto de... bananas... e tâmaras... e uma pitada de gesso.

— Ai. — Eu rio.

— Sério, é tão difícil assar sem laticínios, farinha e açúcar. É como um experimento científico. Eu te dou muito crédito por tentar.

— Eu não deveria desistir do meu trabalho diário, certo?

— Provavelmente não. — Ela dá outra mordida. — Mas eu juro, eles não são ruins. Na verdade, eles ficarão ainda melhor aquecidos no micro-ondas com café pela manhã.

— Ou você pode jogá-los no lixo depois que eu sair. Não vou ficar ofendido.

— Eu não vou. — Ela sorri.

Tomando um longo gole do meu vinho, eu me inclino para trás e relaxo na cadeira. — Esta noite foi certamente inesperada.

Ela olha para o céu. — Não me diga.

— Isso realmente me mostrou como sua vida é diferente. Quanta responsabilidade você tem. Quero dizer, vou para casa e tudo o que tenho que fazer é alimentar Patrick.

Aspyn aperta os olhos. — Patrick?

— O gato do meu pai. Ele certamente não vai menstruar.

— Vamos torcer para que não. — Ela gargalha por um longo minuto, e então enxuga os olhos. — Deus, eu precisava dessa risada. Obrigada.

— É bom ver você rir, Aspyn.

— Às vezes tenho que rir para não chorar. — Ela toma outro gole de seu vinho. — Conte-me mais sobre Patrick.

Cruzo as pernas. — Bem... Patrick é um gato malhado com cabeça gorda e sem pescoço. Ele gosta que cocem sua barriga e de esfregar sua bunda nos meus pés ocasionalmente. Ele é muito bom em usar a caixa de areia, mas convenientemente erra quando é negligenciado. Ele também tem agorafobia.

Ela ri. — Como você sabe que ele é agorafóbico? Ele te contou?

— É obvio. Ele não gosta de sair. Ele ficou furioso comigo quando tentei colocá-lo na caixa para levá-lo ao veterinário outro dia.

— Bem, ele é um gato de interior, eu presumo?

— Sim.

Ela gesticula com o copo. — Qual a sua expectativa? Você o treina para estar do lado de dentro quando é conveniente para você e depois o força a sair para o mundo aleatoriamente.

— Acho que é verdade.

Ela dá uma mordida no biscoito. — Como você finalmente o tirou de lá?

— Eu nunca consegui colocá-lo na caixa, por causa da associação negativa que ele tem com isso. Eu não tenho ideia de como meu pai faz isso. Então, tive que sair e comprar um desses slings – você sabe, um canguru para bebê.

Ela racha de rir. — Ele deixou você colocá-lo lá sem nenhum problema?

— Sim. Ele ainda estava tremendo e nervoso e tudo mais, mas confiava mais nisso do que em ser colocado em uma caixa. Acho que ele imaginou que se ele ia se dar mal, eu ia me dar mal junto com ele.

Ela assente. — Eu não o culpo. Além disso, pagaria para ver você carregando-o nesse sling. Isso é meio adorável.

— Vou te enviar uma foto da próxima vez, se isso me valer pontos de confiança. — Eu pisco.

Aspyn mastiga. — Pontos de confiança, hein?

— Sim. Você não sabia que estou tentando ganhar isso?

— Bem, eu vou te dar pelo menos um depois do que eu te fiz passar esta noite.

Eu soco o punho no ar e murmuro *sim.*

Ela suspira. — De qualquer forma, seu gato parece ter muito caráter. Eu queria um gato, mas não posso assumir nenhuma responsabilidade adicional.

Arqueio minhas sobrancelhas. — Você pode vir e brincar com o meu.

Ela parece corar quando termina o último biscoito.

Quando finalmente olha para mim novamente, meus olhos permanecem nos dela. — Sabe, Kiki tem muita sorte de ter você. Se eu tivesse alguém como você enquanto crescia, talvez não tivesse me transformado em um idiota no ensino médio.

— Você tinha seu pai, no entanto, certo?

— Claro, sim... e meus avós. Mas eu nunca fui realmente – eu não sei – cuidado? Tive a sorte de tê-los. Eu sei disso. Pessoas têm muito menos do que eu. Mas algo estava faltando. — Balanço minha cabeça. — Eu pareço um bundão.

— Nem um pouco — ela diz. — Conte-me mais sobre sua infância.

Respiro fundo e deixo sair. — Como já mencionei antes, meus avós e meu pai estavam sempre trabalhando. Papai tentou o seu melhor, mas ele estava em sua própria cabeça – não que eu precisasse ser afogado em atenção, mas havia uma falta de afeto, com certeza. Não de amor, apenas afeição. Não era culpa deles... apenas sua natureza.

— Isso é tão engraçado, porque seu avô é o homem mais doce.

— Ele abrandou ao longo dos anos. Ele era muito mais sério quando era mais jovem. De muitas maneiras, ele é uma pessoa totalmente diferente agora – ainda mais suave desde que minha avó morreu.

Os olhos de Aspyn vagam para as árvores que sopram na brisa antes que ela olhe para mim. — Você começou a me contar o que aconteceu com sua mãe antes de Kiki sair sangrando.

Balanço a cabeça. — Para encurtar a história, meu pai mal conhecia minha mãe quando a engravidou. Meus avós tinham uma casa na praia. Eles alugavam a maior parte do tempo, mas de vez em quando fechavam a padaria e iam para lá. Eles deixaram meu pai ficar lá sozinho quando não estava alugado. Ele conheceu minha mãe lá um verão. Ela estava de férias na praia com sua família. Papai tinha vinte e dois anos e ela dezoito. — Exalo. — Uma coisa levou a outra, e ela engravidou. Ela voltou para casa em Boston e então o contatou para lhe dizer que estava grávida e provavelmente faria um aborto. Seus pais também

queriam isso. E mesmo que meu pai tenha dito a ela que apoiaria qualquer decisão que ela tomasse, ele implorou para que ela não me tirasse. Ele disse a ela que ele mesmo me criaria. De qualquer forma, ele viajou para Boston e, de alguma forma, conseguiu convencê-la a me ter. Seus pais não estavam felizes. Depois que eu nasci, ela transferiu seus direitos para o meu pai.

— Você a conheceu?

— Uma vez... quando eu tinha quinze anos. Meu pai havia enviado fotos para ela ao longo dos anos, embora ela nunca tivesse entrado em contato comigo. Eu não sabia que ele tinha mantido contato com ela até minha adolescência. Eu finalmente decidi entrar em contato com ela no meu segundo ano do ensino médio. Ela concordou em vir a Nova Jersey para me conhecer, mas eu ainda estava tão cheio de raiva por ela ter me abandonado que não me abri muito quando nos conhecemos. Eu só queria conhecê-la por curiosidade. Ela era legal o suficiente, mas eu não senti uma conexão forte. Acho que também estava bloqueando a possibilidade disso como mecanismo de proteção.

Aspyn assente. — Como era a vida dela?

— Ela era uma espécie de executiva – viajava muito a trabalho. Ela sempre colocou sua educação e carreira em primeiro lugar. Ela nunca teve outros filhos. — Faço uma pausa, sentindo uma tensão indesejada borbulhando no meu peito. — Quando eu estava na pós-graduação, recebi um e-mail dela dizendo que estava doente. Ela me pediu para ir visitá-la, disse

que queria conversar comigo sobre algumas coisas. Eu tinha planejado ir na semana depois das minhas provas finais. Mas ela faleceu antes que eu tivesse a chance. — Respiro devagar. — Muitas vezes me pergunto o que ela queria me dizer. Ela me deixou uma boa quantia de dinheiro, mas eu daria tudo de volta para ter uma chance de falar com ela.

Aspyn me surpreende estendendo a mão sobre a mesa para apertar meu braço. — Eu sinto muito.

— Obrigado.

— Que tipo de doença ela teve?

— Era uma forma agressiva de câncer de mama. Eu fui ao enterro dela. — Balanço minha cabeça. — Foi surreal.

— Você conheceu a família dela lá?

— Eu conheci. Seus pais e irmão. Mas como quando conheci minha mãe, a conexão simplesmente não existia. Acho que saber que os pais dela não me queriam neste mundo me fez incapaz de me relacionar com eles de alguma forma. Mas minha mãe foi contra eles para me ter. Então, eu poderia perdoá-la, mas era difícil querer formar qualquer conexão com seus pais.

— Eu entendo — ela sussurra.

— O que aconteceu com sua irmã... e com o pai de Kiki? — pergunto depois de um momento.

Aspyn engole em seco. — Eles sofreram um acidente de carro em uma noite chuvosa. Ashlyn e seu namorado, Toby, morreram no impacto.

— Deus, eu sinto muito.

— Como Kiki mencionou anteriormente, ela tinha apenas seis meses na época, então não se lembra deles. Sou tão grata que ela não estava com eles naquela noite.

— Eu posso imaginar. — Faço uma pausa. — Olha, eu quero me desculpar novamente pelo que eu disse naquele primeiro dia – sobre você estar presa em uma distorção do tempo. Isso ainda me corrói. Obviamente, eu não sabia nada sobre sua vida, e ainda não sei nada sobre como é estar no seu lugar.

Aspyn sorri. — Eu não culpo você por sua ignorância lá. E é verdade que teria me beneficiado experimentar a vida longe de Meadowbrook. Não há como negar isso.

— Apesar do que eu disse, a grama nem sempre é mais verde. Quanto mais tempo passo aqui, mais começo a pensar que realmente não há lugar como o meu lar – por mais brega que pareça. — Eu rio. — Acho que eu estava tão focado em dar o fora daqui antes da faculdade que nunca parei para apreciar o grande lugar que é para crescer. É como se eu pudesse ver através de uma lente diferente agora.

Ela engole um pouco de vinho e pousa a taça. — Mas ainda assim você nunca escolheria viver aqui novamente...

— Provavelmente não seria minha primeira escolha, não — admito. Por mais que este lugar esteja crescendo em mim, é um lembrete do vazio que eu sentia quando criança.

Ela pega outro biscoito.

— Uau. Eu acho que eles não podem ter um gosto *tão* ruim se você voluntariamente vai consumir outro?

Ela pisca. — O vinho me dá fome. Eu comeria um tijolo agora.

— Isso praticamente é.

Aspyn ri. — Esta noite será para sempre lembrada como a noite bizarra em que Kiki ficou menstruada e Troy Serrano me assou biscoitos paleo.

— O que é essa porra, certo? — Sentindo fome, pego um dos biscoitos menores e dou uma mordida. Eles não têm um gosto tão ruim quanto eu me lembrava. — Então... — eu pergunto — você disse a Jasmine que teria que passar um tempo comigo?

Aspyn assente. — Ela achou a coisa toda tão estranha quanto eu.

— Ela ainda me odeia? Quer dizer, eu sei que ela solicitou amizade no Facebook, mas isso não significa que ela ainda não me odeia em algum nível.

— Na verdade, não. Ela não te odeia. Ela seguiu em frente.

Eu pisco. — Ao contrário de algumas pessoas.

— Achei que deveríamos nos dar bem esta noite.

— Nós devemos. Estou brincando.

Ela sorri por trás de sua taça de vinho. O que quer que eu esteja fazendo, está funcionando. Sinto Aspyn lentamente sendo mais receptiva a mim. Então, aproveito ainda mais.

— Hora da confissão... — anuncio.

Ela estreita os olhos. — Depende.

— Depend[12]... não foi isso que eu comprei hoje à noite em vez de absorventes longos?

Aspyn bufa. — Perto. — Ela enxuga os olhos. — OK, qual é a sua confissão?

— Na verdade, é uma pergunta para nós dois. — Faço uma pausa. — Qual foi o pior nome que você já me chamou pelas minhas costas no ensino médio?

Ela suspira. — Deus, havia tantos. Eu teria que pensar sobre isso. Por que você não vai primeiro. Qual foi a pior coisa que você já me chamou?

---

[12] Marca de absorvente.

— CPL.

— CPL? O que isso significa?

— Cadela psicopata louca.

Ela ri. — Eu sabia sobre a psicopata, mas não tinha ouvido isso em particular.

— Esse era seu apelido principal.

Aspyn revira os olhos. — Encantador.

Dou outra mordida no meu biscoito. — Seus apelidos para mim são tão ruins que você nem consegue decidir qual é o pior. Ou isso, ou você não quer dizê-los porque eles são muito errados...

— Eu não me lembro de todos eles, realmente...

Coloco o último pedaço de biscoito na minha boca. — Porque você me chamou de todos os nomes do livro.

— Eu me lembro de um.

Minha sobrancelha levanta. — E?

— Prostitutonossauro.

Eu cuspo meu vinho. — Oh, meu Deus, como o tiranossauro, mas um prostituto.

— Eu sinto muito. Você perguntou.

— Não. Está tudo de bom. Era apropriado para mim, suponho. Eu mereci.

Seu tom suaviza. — Saber o que sei agora sobre sua mãe... explica muito.

Tomo outro gole de vinho e assinto. — Não há dúvida de que agi por causa da minha raiva em relação a ela. Isso não é desculpa, no entanto. As coisas só pioraram depois que eu realmente a conheci. De certa forma, era mais fácil quando ela basicamente não existia.

— Você tem todo o direito de se sentir magoado pelo que ela fez.

— Talvez, mas às vezes sinto que deveria simplesmente deixar pra lá. Ela está morta, pelo amor de Deus.

— Nem sempre podemos escolher ao que nos apegamos.

Eu a prendo com um olhar. — Como o seu ódio por mim.

— Não era a isso que eu estava me referindo.

— Eu sei. Entendo o que você está dizendo. — Exalo. — Não ter uma mãe moldou toda a minha vida. Isso moldou minha percepção de mim mesmo... minha percepção das mulheres.

Aspyn inclina a cabeça. — De quais maneiras?

— Bem, eu acho que ela não me querendo me fez sentir... não amado. Ao mesmo tempo, é por isso que não vejo relacionamentos com mulheres como permanentes. Tipo 'não se atreva a se apegar a alguém que vai embora como sua mãe fez, Troy'. É uma merda bagunçada.

Ela me encara por alguns segundos. — Mas você deve saber em algum nível que nem todas as mulheres vão embora.

— Sim, mas é difícil confiar nisso, eu acho. — Balanço minha cabeça. — Desculpe, devo soar como um bundão. — Suspiro. — Primeiro os biscoitos, agora isso.

— Não. Você não. Estou gostando dessa conversa. É honesto e me mostra um lado seu que eu nunca soube que existia.

— Não me encoraje. Eu poderia mantê-la acordada a noite toda descarregando minha merda. Ou começar a chorar ou algo assim. — Levanto minha cabeça. — Espere, isso me renderia um ponto de confiança?

— Não abuse da sorte. — Ela sorri. — Sério, porém, eu não me importo de ouvir. É bom conversar sobre isso.

Olho para o céu. — Eu não sei, Aspyn. Também me preocupo que talvez eu seja mais parecido com minha mãe do que gostaria. Parte do motivo pelo qual é tão importante fazer você confiar em mim é para confirmar se é seguro confiar em *mim.* Eu não quero ser o tipo de pessoa que passa pela vida machucando as pessoas.

Ela assente. — É incrível o quanto nossos pais nos moldam, estejam eles por perto ou não.

— Sua educação foi bem normal, certo? Você mencionou que seus pais ainda estão juntos e tudo mais.

Ela bebe o resto de sua bebida. — O meu pai...

— O que tem ele?

— Meus pais ainda *estão* juntos, mas meu pai não foi fiel à minha mãe. Ele se desviou mais de uma vez.

— Sua mãe continuou com ele, mesmo depois que ele a traiu?

— Sim. — Ela franze a testa. — Acho que depois que Ashlyn morreu, ela não podia aguentar separar a família. Então ela aguentou muito. Mas os problemas com meu pai começaram anos antes disso.

Uma lâmpada acende. — Isso pode ter alguma coisa a ver com o motivo de você ter vindo com tudo contra mim depois que eu traí Jasmine?

Aspyn descansa a ponta do dedo no canto da boca e pondera minha pergunta. — Eu nunca pensei sobre isso..., mas sim, poderia muito bem ter algo a ver com o motivo de eu ter reagido tão intensamente.

— É interessante que possamos olhar para trás agora em nosso comportamento quando jovens e ver o significado mais profundo por trás de certas coisas. — Levanto a garrafa. — Você quer um pouco mais?

Aspyn levanta a palma da mão. — É melhor não.

— Você é tão disciplinada.

— Sou exigente com o que coloco no meu corpo, sim.

— Eu não vou tocá-lo. — Claro, minha mente suja tinha que ir para lá.

Ela cora.

— Falando nisso... encontrou alguma coisa boa no aplicativo de namoro ultimamente? — pergunto.

Aspyn revira os olhos. — Bela mudança de assunto.

— É, sim.

— Na verdade, não. Estou dando um tempo depois de Brian.

— Brian seria o suficiente para me assustar por um tempo também.

— E você? Alguma bunda boa para você lá ultimamente?

Infelizmente, a única bunda que estou pensando é a de Aspyn, mas eu não confessarei isso esta noite.

— Na verdade, eu não combinei com ninguém desde que você me escolheu.

— Ah, sim... eu *escolhi* você.

— Acidentalmente ou intencionalmente, aconteceu. Ainda não tenho certeza de como alguém deixa cair um telefone e desliza para a direita ao mesmo tempo. Mas de qualquer forma — eu pisco — acho que você tem habilidades malucas.

Seu rosto fica vermelho novamente.

— Você está bem? — pergunto. — Você parece nervosa.

— Estou bem. — Ela tenta tomar outro gole de vinho, esquecendo que seu copo estava vazio.

Levanto a garrafa novamente. — Por favor, deixe-me servir-lhe o último deste?

Ela cede, deslizando o copo para mim.

Eu a observo beber enquanto ela olha para o céu escuro da noite. Nós finalmente parecemos estar ficando confortável, mas eu não quero prolongar minhas boas-vindas. Especialmente porque esta noite tinha sido *muito.*

Virando-me para ela, forço as palavras a saírem. — Eu provavelmente deveria ir...

Aspyn pousa o copo. — OK...

Está bem então. Eu esperava que ela tentasse me convencer a ficar, mas mais uma vez, ela aparentemente mal pode esperar para se livrar de mim. Mas sinto que é um pouco diferente desta vez. Talvez ela pense que tenha se aberto demais. Eu não consigo descobrir. Ela parecia estar gostando da minha companhia. Tudo o que eu sei é que eu poderia ter ficado aqui a noite toda conversando com ela.

Eu me levanto do meu assento. — Bem, foi um prazer...

Ela se levanta. — Um prazer? Depois do que aconteceu esta noite? Mentiroso.

— Eu me diverti muito, Aspyn. — Faço questão de olhá-la diretamente nos olhos para que ela possa ver que estou sendo sincero. — Não é sempre que eu me abro assim. Senti-me bem. Obrigado por ouvir.

Ela quebra o contato visual, olhando para os pés. — Obrigada novamente por me fazer os biscoitos. O fato de que a primeira pessoa, além de minha mãe, a assar qualquer coisa para mim foi *você,* é muito engraçado.

— Você quer que eu faça de novo?

— Não! Não é necessário. — Ela ri.

Eu rio. — Vou tentar torná-los *melhores* da próxima vez. Eles são um trabalho em andamento.

Ela me acompanha de volta para dentro e para a porta da frente antes de nos encararmos uma última vez.

— Bem... boa noite, Aspyn.

Ela sorri. — Boa noite, Troy.

Saio e, em vez de ouvir a porta bater atrás de mim, desta vez Aspyn fica esperando quando entro no carro.

Depois que ligo o motor, levanto minha mão em um aceno e ela acena de volta. Algo em meu peito se move. Um músculo? Meu coração? Eu não sei o que é, nem estou disposto a reconhecer que tem algo a ver com a mulher que parece estar se infiltrando na minha mente 24 horas por dia.

Volto para a casa do meu pai, e parece mais vazia do que o normal. Enquanto estou deitado na cama com Patrick enrolado em seu lugar ao meu lado, falo com ele como se fosse responder.

— Eu não sei, Pat. Claramente, ela não está tão confortável perto de mim quanto eu estou perto dela. Ela continua tentando se livrar de mim. Talvez eu nem devesse tentar. Eu nunca fui do tipo de me jogar em alguém. — Esfrego meus dedos no topo de sua cabeça enquanto ele fecha os olhos. — Mas ela esperou na

porta quando eu saí. Isso significa alguma coisa, certo? Significa que ela provavelmente não me odeia? Ou talvez ela esteja começando a não me odiar? — Incapaz de relaxar, sento-me na cama. — Por que você nunca me responde? Isso não ajuda, você sabe.

Inclinando minha cabeça contra a cabeceira, olho para o teto. — De qualquer forma... você quer saber de algo confuso? – Como se esta noite não fosse confusa o suficiente? — Olho para o gato. — Ok, eu vou te dizer. — Faço uma pausa. — Eu nem tenho mais certeza dos meus motivos. Tentei me convencer de que estava apenas tentando fazer com que ela confiasse em mim. Mas acho que isso é mais sobre eu gostar dela agora. O que é perigoso. Aonde isso vai me levar se ela não gostar de mim de volta? Ou se ela gostar de mim, mas não confiar em mim? Você vê como essa situação é complicada? Você não tem ideia da sorte que tem, Patrick, por não ter que se preocupar com esse tipo de merda. Contanto que você tenha sua comida e sua água e algum pé para esfregar sua bunda, você está bem. Você não precisa de validação, afeto ou sexo. Você está melhor.

Ouço um ronronar estrondoso – um ronco, na verdade. Patrick tinha adormecido. Eu não posso culpá-lo por ignorar minha divagação.

Enquanto tento adormecer, continuo pensando no rosto de Aspyn, ao mesmo tempo tentando me convencer a parar de pensar nela dessa maneira. Mas, como de costume, quanto mais afasto o pensamento, mais ele permanece.

Capítulo Sete

Aspyn

Terça-feira de manhã, minha mãe vem buscar Kiki para levá-la à escola. Embora eu normalmente a leve de carro, mamãe queria tomar café da manhã conosco para me contar tudo sobre o casamento que ela e meu pai compareceram no fim de semana. Eles tinham acabado de voltar tarde na noite passada. Mamãe sentiu muita falta da neta e se sentiu mal por ela não estar aqui quando Kiki ficou menstruada pela primeira vez.

Minha sobrinha levanta o bicho de pelúcia que Troy havia comprado para ela no supermercado. — Vovó, olhe para o meu novo unicórnio.

— Muito bonitinho! Qual é o nome?

— Menses[13].

[13] Termo em inglês que significa *Menstruação*.

Eu viro para olhar para Kiki enquanto mexo meu café.

— Estranha escolha, mas acho que, dadas as circunstâncias, posso entender — diz minha mãe.

— Eu procurei outro nome para período e vi isso — explica Kiki. — Esse brinquedo me lembra minha menstruação. O amigo de Aspyn, Troy, comprou para mim.

Minha mãe olha para mim. — Entendo. Bem, *Menses* é muito bonito.

Reviro os olhos para a escolha ridícula do nome. Eu contei para minha mãe tudo o que aconteceu na outra noite, incluindo minhas interações recentes com Troy, antes de Kiki acordar.

Depois que Kiki sai da mesa do café para se vestir, minha mãe se vira para mim enquanto termina seu café.

— Então... esse Troy. Você acha que vai convidá-lo de novo?

Eu hesito. — Não estou muito confortável com isso.

— Por que você está desconfortável? Porque você gosta dele apesar de sua história?

— Quem disse que eu gosto dele?

Ela me dá um olhar que diz *pare de mentir para si mesma.*

— Eu não *quero* gostar dele. — Suspiro. — Estou extremamente atraída por ele, embora não goste de admitir isso. E acho que é por isso que estou tão focada nele ultimamente. É como se eu não pudesse pensar direito ao redor dele porque estou com essas viseiras.

Sua sobrancelha levanta. — Não há nada mais do que atração física?

Tento acabar com todas as outras coisas fermentando dentro de mim desde a outra noite. Ele foi tão doce em intervir quando precisei de ajuda com Kiki. Ele se abriu para mim. Na verdade, eu não queria fugir quando estávamos conversando no meu deck.

Mas balanço minha cabeça. — Não pode haver nada mais entre nós do que essa espécie de amizade. Número um, ele não quer um relacionamento. Número dois, acho que nunca poderia confiar nele completamente depois do que ele fez com Jasmine no ensino médio. Número três, ele nem mora aqui em tempo integral. — Aponto meu dedo indicador para ela. — Você sabe o que? Obrigada por me ajudar a ver a luz.

— Eu nem disse nada, Aspyn.

Viro-me para embalar meu almoço em um recipiente. — Bem, falar sobre isso ainda me ajudou a perceber que preciso controlar esses sentimentos estranhos.

Pego um dos biscoitos de Troy do recipiente e o mordo antes de colocar o resto em um filme plástico para poder levá-los para o trabalho. De alguma forma, eles têm um sabor melhor depois de alguns dias.

Maldito Troy, e malditos biscoitos também.

É uma terça-feira comum no Horizons até que entro no quarto do Sr. Serrano às duas. Eu assumi que estaria acompanhando Troy e ele na excursão habitual, e estava ansiosa por isso o dia todo, apesar de tudo com o que eu tinha alimentado minha mãe esta manhã.

Mas quando chego lá, Nancy já está sentada com o Sr. Serrano.

— Oi, Nancy. E aí?

— Então, mudança de planos, Aspyn. Você não precisa mais acompanhar o Sr. Serrano.

Uma voz profunda atrás de mim diz: — O quê?

Eu me viro para encontrar Troy na porta, parecendo tão surpreso quanto eu.

— Hoje ou daqui para frente? — pergunto a ela.

— Daqui para frente.

Os olhos de Troy se arregalam.

Ela olha para ele. — Acho que Troy aqui entende o quão sério somos sobre seguir as regras. Não há mais necessidade de desperdiçá-la como um recurso. Vamos começar a adicionar mais passeios à tarde para alguns dos outros residentes em breve, e precisaremos de você para isso. Hoje estamos fazendo jogos na sala de jantar, no entanto. Então é isso que você vai supervisionar em vez de sair.

Eu não sei como responder. — Uau, uh, tudo bem. Obrigada por me avisar.

Ela acena para Troy enquanto se dirige para a porta. — Bom te ver. — Seus saltos estalam enquanto ela caminha pelo corredor.

Troy e eu apenas olhamos um para o outro.

O Sr. Serrano interrompe o silêncio. — Bem, eu certamente vou sentir falta da sua companhia.

— Isso é foda — Troy finalmente diz.

— Olha a boca — seu avô avisa.

— Desculpe, Nonno.

— Sim, é uma droga — admito. — Eu estava meio que me acostumando com esses pequenos passeios.

— Você está vestindo seu uniforme do Pateta também. Que desperdício. — Ele franze a testa.

Para adicionar insulto à injúria, eu *tinha* decidido usar o uniforme favorito de Troy hoje. Achei que era o mínimo que eu poderia fazer depois de quão bom ele foi para nós na outra noite. E agora olhe onde essa decisão me levou – direto para alguma porcaria de sorte.

Deus, por que ele parece tão adorável franzindo a testa agora? Eu me forço a me mover em direção à porta. — Bem, é melhor eu ir. Vocês dois se divirtam, ok?

Ambos têm exatamente o mesmo beicinho em seus rostos.

— Tchau — Troy geme.

Quase fora da porta, eu me viro, paranoica que Troy está assistindo minha bunda balançar – AKA[14] Pateta rindo. Ele abre um sorriso culpado. Reviro os olhos e faço meu caminho pelo corredor.

Vinte minutos depois, estou preparando um jogo na sala de jantar quando meu telefone toca. É uma foto de Troy. Parece que

[14] Sigla que significa *Também Conhecido Como*.

eles estão no parque. Seu avô está comendo sua casquinha de sorvete do McDonald's em um banco e Troy pegou um café.

Troy: Tomando um café preto em sua homenagem.

Respondo sorrindo como uma tola.

Aspyn: Tem um gosto tão amargo quanto minha personalidade?

Troy: OK, confissão. Eu posso ter colocado um pouco de açúcar.

Aspyn: Fraco. Vá prestar atenção no seu avô e pare de me mandar mensagens antes de perdê-lo.

Troy: Eu só o perco quando você está comigo. De qualquer forma, ele está bem aqui, conversando com essa senhora sentada na nossa frente. Eu me sinto como uma

terceira roda. Estou sentindo muita falta da quarta roda agora.

A quarta roda? *Eu.* Por que ele está ficando tão... sentimental? Ele precisa parar porque eu estava começando a me apaixonar por sua merda. Dou um tapa na minha própria bochecha. *Você precisa se lembrar com quem está lidando, Aspyn. Este é o mesmo cara que traiu sua amiga. O mesmo cara que te xingou pelas costas, causando um boato de que você era realmente louca* (o que pode ter sido um pouco correto na época).

Meu telefone toca novamente, tirando-me dos meus pensamentos.

Troy: Sério, estou chateado que eles tiraram você do meu caso.

Aspyn: O que você é, um criminoso? Você não deveria ter um 'caso'. Comporte-se para não perder seus privilégios.

Troy: Você acabou de me dar uma ideia.

Aspyn: Uh-oh.

Troy: Se eu me atrasar para levá-lo de volta, eles vão mandar você conosco na próxima vez?

Aspyn: Tenho certeza de que da próxima vez será Nancy acompanhando vocês.

Troy: É melhor eu não arriscar então. Ela parece má. Como um bebedor de café preto se parece.

Aspyn: Na verdade, pelo que ouvi, ela gosta muito de você.

Troy: De que maneira?

Aspyn: *Daquela* maneira...

Troy: Sério? Isso é um pouco nojento. Ela tem idade suficiente para ser minha mãe.

Aspyn: Você não ouviu isso de mim.

Troy: O que fez você usar o uniforme do Pateta hoje?

Eu minto.

Aspyn: Todo o resto estava sujo.

Troy: Como minha mente...

Aspyn: Sim.

Após cerca de um minuto, ele escreve de volta.

Troy: Eu realmente gostei de conversar com você na outra noite.

O calor percorre meu corpo. Sinto que sei aonde isso está levando, e se eu concordar, apenas encorajará as coisas. Então, eu não concordo que eu também tinha gostado da nossa conversa.

Aspyn: Obrigada novamente por ir à loja para mim.

Troy: Como está Kiki com tudo?

Aspyn: Ela está lidando. Acostumando-se ao seu novo normal.

Troy: Estou feliz que ela esteja bem.

Aspyn: Como está Patrick?

Troy: Ainda esfregando a bunda dele nos meus pés.

Aspyn: LOL

Troy: É melhor eu deixar você cuidar dos seus jogos.

Aspyn: Sim. Boa ideia.

Troy: Não vá embora até eu me despedir mais tarde. Eu vou te encontrar no estacionamento depois do seu turno.

Meu coração acelera. *Merda.*

Apesar de organizar vários jogos de cartas naquela tarde, minha mente vaga enquanto eu me pergunto o que Troy e seu avô estão fazendo. Eu não tinha percebido até hoje o quanto estava ansiosa para sair com eles.

Às 16h, não fico surpresa ao encontrar Troy esperando por mim no estacionamento, como prometido. O que me surpreende?

Ele está segurando um buquê de flores. Olhando mais de perto são rosas. Rosas *negras.*

— O que é isso?

Ele as estende para mim. — Estas são para você.

Eu as cheiro. — Seu avô as comprou?

— Não. Desta vez foi tudo eu. Elas são para agradecer a você por me aturar nas últimas semanas e me acompanhar. Preto é mais adequado para você, não acha? Você não é uma rosa amarela chata. Você é a rosa negra. Profunda, misteriosa, complexa... e linda.

Meu coração está praticamente batendo fora do meu peito.

Pare.

Limpo a garganta e as cheiro novamente. — Bem, obrigada. Eles são muito legais.

— Podemos falar sobre o quanto é chato que eu não tenha mais uma desculpa para vê-la duas vezes por semana? Sinto que é o fim de uma pequena era.

Quero pisar no meu coração agora. Eu não posso me permitir continuar a reagir a esse homem. Borboletas estão fervilhando na minha maldita barriga a tarde toda – desde o momento em que eu o peguei parecendo tão para baixo quando descobriu que eu não iria me juntar a eles hoje. Por mais que eu

odeie admitir, tenho uma queda enorme por ele que aparentemente começou a sugar a racionalidade de mim. Caso em questão, eu intencionalmente vestindo o uniforme do Pateta que sei que ele ama. Estou me preparando para o fracasso.

— Quais são as chances de você me deixar sair com você neste fim de semana? — ele pergunta, interrompendo meus pensamentos.

Uma onda de pânico toma conta de mim enquanto meu coração luta com meu bom senso.

— Eu não posso mais fazer isso, Troy... — solto.

— Ah... OK? — A cor some de seu rosto.

Entendo por que ele pode ter ficado confuso com a minha resposta. As coisas estavam indo bem entre nós. Eu tinha todos os motivos para dizer sim. Mas o medo subjacente de que estou de alguma forma sendo feita de palhaça por esse homem simplesmente não diminui.

— Sinto muito por reagir tão abruptamente. — Olhando para as rosas, digo: — Eu simplesmente não vejo isso terminando bem.

Um músculo em sua mandíbula se contrai. — De que forma?

— Eu não acho que seja uma boa ideia me aproximar de você.

— Porque você não confia que eu só quero ser seu amigo...

— Não é só isso. Eu não confio em *mim*.

Ele dá alguns passos mais perto. — Elabore.

— Eu sou apenas humana. E... posso ver isso indo na direção errada se continuarmos passando tanto tempo juntos sob a fachada de amizade.

Posso sentir o calor de seu corpo. — A direção errada... o que isso significa?

— Acho que você *sabe* o que significa.

— Você acha que eu quero dormir com você... — Ele faz uma pausa por vários segundos. — Você está certa.

Meus olhos se arregalam. — Eu estou?

— Estou muito atraído por você, sim. Eu quero muito dormir com você. E quando discutimos... — Seus olhos rolam um pouco para trás. — Eu quero te foder ainda mais.

Aquele revirar de olhos e o que ele acabou de dizer fazem os músculos entre as minhas pernas se contraírem, apenas mais uma indicação da minha falta de controle. Meu corpo zumbe

enquanto minha respiração acelera. Mas eu não digo nada – fiquei sem palavras.

Ele exala. — Olha... parte de fazer você confiar em mim é ser honesto com você. Então não vou ficar aqui e negar que tenho *esses pensamentos* sobre você... o tempo todo. — Seus olhos vagam sobre mim. — Especialmente quando você está com esse maldito uniforme do Pateta. — Ele se aproxima, colocando meu corpo em alerta total. — Eu acho que sou certo para você? Não. Isso sou eu sendo honesto também. — Ele engole em seco, seu pomo de Adão subindo e descendo. — Estou confuso. Essa é a verdade. Tudo o que sei é que não consegui parar de pensar em você.

— Eu tenho pensado muito em você também — admito. — Esse é o problema.

Ele olha para mim, o sol brilhando em seus olhos enquanto seu cabelo balança levemente ao vento. — O que você quer, Aspyn? Você quer que eu recue? Pare de tentar me aproximar de você? Porque se é isso que você *realmente* quer, eu prometo, eu vou. Eu vou com tudo quando estou determinado. Mas sei como ir embora ferozmente também. Eu *tenho* orgulho – uma tonelada dele, e é por isso que minha mãe nunca me viu batendo na porta dela.

Isso parte meu coração. Odeio que essa situação de alguma forma o lembre disso.

— Tudo o que você precisa fazer é dizer a palavra — diz ele. — E você não vai mais me ver ou ouvir falar de mim.

Uma quantidade indeterminada de tempo se passa enquanto estamos de frente um para o outro em silêncio. Shala passa enquanto se dirige para seu carro. Ela me dá um olhar que diz, *é melhor você me contar mais tarde.*

Eu tenho duas opções – admitir que estou com medo dos meus sentimentos por ele ou concordar de não nos vermos é o melhor. Escolho o último.

— Sim. Eu acho que é melhor não nos vermos mais.

Essas palavras deixam um gosto amargo na minha boca. Acho que esse é o gosto quando você deixa o medo vencer. Emoções retorcem dentro de mim. Eu tinha acabado de dizer o oposto do que queria. Mas parecia a escolha mais segura, aquela que garantiria que eu não me machucaria no final.

O olhar desapontado em seu rosto me diz que não era a resposta que ele esperava. Eu estou dando a ele mensagens contraditórias, e ele não merece isso – outra razão pela qual isso não poderia continuar. Eu não o culparia se ele nunca mais falasse comigo.

Uma veia salta em seu pescoço quando ele finalmente assente. — Você tem isso.

Essa é a última coisa que ele diz antes de entrar no carro e partir.

Capítulo Oito

Aspyn

Uma semana se passou, e parecia uma eternidade desde que eu tinha visto Troy Serrano. Depois de ser uma presença constante por quase um mês, ele desapareceu da minha vida. De alguma forma, ele conseguiu me evitar completamente quando vinha levar seu avô para passear e não fez nenhum esforço para entrar em contato comigo. Isso era exatamente o que eu tinha pedido, mas quanto mais ele ficava longe, mais pensava nele. Engraçado como isso funciona.

Uma noite, durante o jantar, minha sobrinha me pega olhando para o meu prato.

— Você está bem, tia Aspyn?

Olho para cima de repente. — Sim, querida. Estou bem. Só pensando em algumas coisas.

Ela inclina a cabeça. — Que coisas?

— Coisas de adulto.

Kiki apoia o queixo na mão. — É sobre Troy?

A percepção dela me surpreende, já que eu não o havia mencionado. Mas talvez o fato de eu não ter dito uma palavra sobre ele tenha dado uma pista.

— Sim — admito.

— Ele fez algo ruim?

— Não. — Olho para minha salada. — De jeito nenhum. Ele realmente fez algo... bom.

— Então por que você está triste?

— Porque eu sinto falta dele — sussurro.

O fato de eu ter admitido em voz alta o que estive pensando por dias me choca. E para Kiki, de todas as pessoas. Eu sinto falta de Troy? Porra, sinto. Sinto falta de seu humor, sua presença, seu cheiro. Eu sinto falta de tudo.

— Então por que você não liga para ele?

A pergunta dela faz todo o sentido, mas a resposta não parece simples.

— Porque às vezes você tem que escolher se afastar de algo porque sabe que, em última análise, não é certo para você.

— Como doces?

Eu rio. — Exatamente como um doce.

Troy *é* como doce, exceto que eu ainda não tinha provado. Eu parei antes que pudesse acontecer porque senti que a *degustação* era exatamente para onde as coisas estavam indo. Eu podia sentir isso em cada fibra do meu ser. E sabia que aquele gosto seria tão viciante quanto perigoso. Ironicamente, as fantasias sexuais com Troy pareciam ser tudo em que eu pensava sempre que me deitava na cama à noite. Uma *vez* teria realmente me matado? Balanço minha cabeça.

— Por que Troy não é bom para você? — ela pergunta.

Minha sobrinha está realmente me testando esta noite. Mas essa é uma pergunta justa.

— Não há uma resposta simples para isso. Mas, por um lado, temos muita história negativa de nossos dias de ensino médio.

Ela apoia os cotovelos na mesa. — Tipo, o que você quer dizer?

— Fomos maus um com o outro, e ele fez algumas coisas que não me permitem confiar totalmente nele.

— Troy me assustou no começo — diz ela. — Achei que ele estava tentando nos roubar. Mas agora eu gosto dele. Ele parece legal. E ele me comprou Menses.

— Eu sei que ele é legal. Isso não está em debate. Mas eu me preocupo que uma parte dele ainda seja o garoto que eu conheci. Talvez seja tudo coisa da minha cabeça, mas interfere no nosso relacionamento. Mais do que isso, ele nem está aqui em Meadowbrook permanentemente. Acho que ele não gosta daqui. E eu não quero me apegar a ele se ele for embora. Então, como eu disse, há muitas razões pelas quais ele não é bom para mim.

— Por que vocês não podem ser apenas amigos até que ele vá embora? Meu amigo Ben da escola se mudou. Eu não falo mais com ele. Mas estou feliz por ter sido amiga dele enquanto ele estava aqui.

Eu sorrio. — As coisas são um pouco diferentes quando você é mais velha. As amizades entre homens e mulheres podem ser complicadas. Elas às vezes vão por caminhos onde você não pretendia ir. E então alguém se machuca.

Sua testa enruga. — Não entendo.

Eu rio e suspiro. — Algum dia você vai.

Eu pensei que a conversa tinha acabado até que ela me choca com sua próxima pergunta.

— Ele quer enfiar o pênis na sua vagina? É por isso que as coisas estão estranhas?

Minha boca se abre. — O que você sabe sobre isso?

— Eu estava lendo sobre menstruação e descobri sobre sexo.

— Por favor, me diga que você não viu nada online que não deveria?

— Não. Estava em um livro que a vovó me deu. Ele fala sobre períodos e como os bebês são feitos. Então comecei a fazer perguntas a ela, e ela me disse que às vezes as pessoas fazem sexo, mesmo que não estejam tentando fazer bebês.

Muito obrigada, mãe, por me avisar sobre isso.

— Bem, isso é verdade. Os adultos podem optar por fazê-lo quando não estão tentando ter um filho. Sexo é definitivamente algo que torna os relacionamentos entre homens e mulheres adultos complicados...

— Holden enfiou o pênis na sua vagina?

Ela quase nunca menciona meu ex desde que ele se mudou. E esse contexto é definitivamente estranho.

Por que não tomei vinho com este jantar?

Mantenho minha resposta genérica. — Eu fiz sexo, sim. Porque eu sou uma adulta. E quando você for uma adulta, você pode decidir se essa é uma decisão certa para você.

Ela torce o nariz. — Por que você fez isso?

— Porque... pode ser prazeroso com a pessoa certa.

— Parece horrível para mim – como se machucasse. — Kiki se encolhe. — Eu nunca vou fazer isso.

— Você não precisa pensar sobre isso por muito tempo.

Eu só posso esperar que, quando Kiki tiver a minha idade, ela lide com esses assuntos melhor do que eu.

No sábado seguinte, o marido de Shala se oferece para cuidar das crianças para que ela possa sair por uma noite. Ela pergunta se quero encontrá-la em um dos bares em Meadowbrook Center. Eu passei bastante tempo lamentando o fim auto infligido da minha *amizade* com Troy, então imaginei que uma noitada me faria bem. Uma distração é muito necessária.

Como esperado, o Kaleidoscope Lounge está lotado quando entro. Não há muitas opções em Meadowbrook, mas os poucos bares que temos são todos modernos e populares.

Shala tem sua bolsa em um banquinho ao lado dela para segurar o assento para mim até que eu chegasse. Uma banda está se instalando no canto enquanto o cantor testa o microfone.

Ela ergue o copo. — Já estou na minha segunda bebida. Isso é ruim?

— Não. É por isso que nós duas temos Ubers, certo? E você merece totalmente ficar bêbada esta noite, mamãe.

Peço uma taça de vinho tinto, praticamente o único álcool que me permito, pois posso justificar o resveratrol como um benefício para a saúde.

— Como está Kiki com toda essa coisa de menstruação? — ela pergunta.

— Ela está lidando bem com isso.

— Estou tão feliz. Suponho que tenho sorte de ter meninos nesse aspecto.

— Vê? Eu não poderia imaginar lidar com um menino. Acho que estamos confortáveis com o que sabemos.

— Você é incrível por fazer o que faz por ela.

Dou de ombros. — Não é tão louvável. Qualquer um teria feito isso por sua irmã.

— Desculpa, mas não concordo. Algumas pessoas teriam ido embora e deixado seus pais cuidarem de tudo. Eu sei que é o que meus irmãos egoístas teriam feito. Você não precisava fazer o que fez.

Eu nunca tinha visto as coisas dessa forma, especialmente porque assumi parte da culpa pela morte da minha irmã. Mas mesmo que as coisas fossem diferentes, eu não poderia imaginar deixar Meadowbrook e Kiki para trás.

Depois de alguns minutos, o vinho começou a me atingir e me senti relaxada pela primeira vez em muito tempo.

Três copos e quase duas horas depois, a sensação de euforia é ainda melhor. Isso, infelizmente, chega a um fim abrupto no momento em que o vejo. Meu estômago mergulha.

Troy Serrano.

Ele está em uma mesa do outro lado do bar, bebendo uma garrafa de cerveja e rindo como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

Meu coração começa a acelerar. *Por quê?* Ele parece tão bom. Seu cabelo está úmido e penteado para trás de seu rosto. E o suéter branco que ele usa acentuava sua pele bronzeada e gruda perfeitamente em seu peitoral. Não há como negar o quão bonito ele é. Eu só queria não ter que testemunhar isso esta noite quando estou tentando esquecê-lo. Por que ele escolheu não se aventurar em Trenton ou Philly em vez de ficar em Meadowbrook, eu não entendo. Shala e eu só viemos aqui para que ela ficasse perto de casa. Ela queria a opção de voltar rapidamente se precisasse.

Droga.

Troy ainda não tinha me notado. Ele parece cercado por homens e mulheres. Eu não poderia dizer com quem ele está aqui ou quem ele acabou de conhecer. A incapacidade de distinguir me deixa louca.

Eu me pergunto se deveria inventar uma desculpa e ir embora para não ter que lidar com isso.

— Você está bem? — Shala pergunta.

Não é de admirar que ela tenha percebido algo, considerando quanto tempo estou olhando na direção de Troy.

— Sim. Acabei de notar que Troy está aqui.

Ela se vira para dar uma olhada nele. — Uau. Sim. Isso é uma coisa ruim?

— Podemos trocar de lugar para que eu não fique de frente para ele? — pergunto.

Isso é covarde. Mas a única maneira que posso continuar a relaxar esta noite é se ele não me notar.

Shala estreita os olhos em confusão, mas obedece. — Claro.

Uma vez que estou de costas para ele, eu me sinto um pouco melhor, embora ainda preocupada com o fato de que ele está do outro lado da sala. De todos os lugares, por que ele tinha que estar *aqui* esta noite?

— Tudo bem com você e ele? — Shala pergunta.

— Nós realmente não interagimos mais depois que parei de acompanhar os passeios.

— Eu nunca te perguntei sobre o dia em que te vi no estacionamento. As coisas pareciam tensas. Algo me diz que há mais na história aqui.

Tomo um longo gole do meu vinho e coloco o copo na mesa. — Há. Mas prefiro não entrar nisso agora.

A conversa muda temporariamente de Troy até que eu o noto em uma nova mesa, diagonalmente à minha frente. *Ele se mudou!* E agora estou de frente para ele. Tanto para trocar de lugar. Eu também não vou fazer o jogo da cadeira. A pobre Shala pensaria que estou louca.

Desta vez, Troy está sozinho com uma mulher, e as outras pessoas não estão à vista. Eles estão conversando e, infelizmente, agora tenho um lugar na primeira fila para tudo isso. Ainda não está claro para mim se é alguém que ele acabou de conhecer ou se planejava encontrá-la aqui.

— O que há de errado? — Shala pergunta.

Balanço minha cabeça. — Eu sinto muito. Troy acabou de mudar de lugar, então ele está de frente para mim novamente. Ele está sentado ali com uma garota. E estou um pouco

distraída. — Bebendo o resto do meu vinho, bato o copo na mesa. — Eu sou a pior pessoa com quem sair esta noite.

— Sem problemas. Na verdade, estou achando divertido. — Ela se vira para olhar para Troy e a garota, e quando ela me encara novamente, examinou meu rosto. — Você está ficando vermelha como uma beterraba, Aspyn. — Ela ri. — Você está mal, não é?

Suas palavras são humilhantes. Principalmente porque são verdadeiras.

Limpo minha testa com um guardanapo. — Eu sinto muito. Acho que estou perdendo a cabeça. — Limpo minha garganta. — Não há dúvida de que ele tem um efeito sobre mim, mas eu gostaria que não fosse o caso.

— Por favor, não se desculpe. Você é humana. Ele é um homem muito atraente, e claramente vocês dois estavam se dando muito bem por um tempo lá.

— Nada aconteceu entre nós — sinto a necessidade de esclarecer. — Mas parecia que as coisas estavam começando a cruzar uma linha, e eu disse a ele que achava melhor não nos vermos mais. Não era isso que ele queria. Não é realmente o que eu queria também, para ser honesta. Mas achei que era a coisa certa a fazer. Vê-lo aqui esta noite está ficando um pouco sob minha pele.

Ela assente. — Você gosta dele.

— Eu não *quero* gostar dele, Shala. Ele era um idiota no ensino médio. Não tem sido fácil aceitar que ele mudou. Mas eu *acho* que ele mudou. Mesmo assim, ele *ainda* não é certo para mim. O que estou sentindo é apenas uma atração intensa, principalmente física, por alguém que está totalmente errado. Ele é o ex da minha amiga, além de tudo. Ele nem mora aqui. E ele não quer se estabelecer em Meadowbrook. Há tantos motivos para ficar longe.

Ela sorri conscientemente. — Mas você não conseguiu parar de pensar nele. Parece que você está usando todas as desculpas do livro para justificar sua decisão. Mas os sentimentos não mentem, Aspyn. Você tentou eliminá-lo, mas ele ainda está na sua cabeça.

— Para minha consternação, sim. Esta noite deveria me ajudar a me concentrar em outra coisa. — Olho na direção de Troy. — E agora ele está aqui. Apenas minha sorte.

De alguma forma, depois de todo esse tempo, Troy ainda não parece me notar. Quando Shala se levanta para usar o banheiro, opto por ficar no meu lugar para não chamar atenção para mim.

Cerca de um minuto depois, com o canto do olho, noto o encontro de Troy deixando sua mesa e indo em direção ao banheiro.

Alguns segundos depois, meu telefone toca.

Troy: Isso é olho por olho?

Olho para ele.

Aspyn: Do que você está falando?

Troy: Você pensou que eu estava espionando seu encontro uma vez, então agora você está espionando o meu?

Meus dedos batem no teclado com mais força.

Aspyn: Você está brincando comigo, certo?

Troy: Sim, na verdade, estou. Mas você achou que mudar de lugar mais cedo iria me impedir de a notar? Mesmo se você não tivesse se movido, eu saberia que era você pela parte de trás da sua cabeça. Conheço todo o seu traseiro muito bem.

Aspyn: Bem, se você não é talentoso.

Troy: Você é como um donut de Boston cream cheio de laxante. Destaca-se no grupo.

Aspyn: Obrigada?

Troy: Você parece bem. Espero que você esteja se divertindo. Você merece se soltar. Fico feliz em ver você por aí.

Ele acha que eu sou uma eremita.

Sua acompanhante volta para a mesa, e Troy coloca seu telefone de lado. Tento ignorar a queimadura de ciúme que sinto por ter sua atenção tirada de mim tão abruptamente.

Shala volta para a mesa. — Você sobreviveu sem mim?

— Sim. — Respiro fundo.

Posso ver pelo canto do meu olho que Troy havia se levantado da mesa.

Um momento depois, meu telefone acende novamente com um texto.

Troy: Encontre-me na escada passando pela porta no canto esquerdo do bar.

Eu continuo olhando para o meu telefone.

— O que está acontecendo? — Shala pergunta.

— Nada. — Olho para cima, meu coração acelerado. — Na verdade, eu tenho que... usar o banheiro também. Volto logo.

A sala balança um pouco quando me levanto do meu assento e vou para a parte de trás do bar. *Estou seriamente fazendo isso agora?* Quão patética tenho que ser para vir quando chamada assim? Preciso checar minha cabeça, mas estou muito curiosa para me impedir.

Troy está de pé na escada com os braços cruzados. Seu cheiro é inebriante. Meus mamilos endurecem, meu corpo se conscientiza do quanto sinto falta de estar perto dele. E Deus, ele sempre foi tão alto?

Tomo um cheiro profundo dele e exalo. — Sobre o que você precisava me ver?

— Tenho que admitir, estou um pouco ofendido.

— Por que isso?

— Você ficou olhando para mim a noite toda, mas nunca se preocupou em dizer olá.

— Por que eu iria dizer olá quando você está em um encontro? Seria rude da minha parte interromper.

— Não é um encontro.

— Parece muito com um.

Ele se aproxima. — Acabei de conhecê-la esta noite. Eu saí com meu amigo, Eric, mas ele teve que ir. Casey estava com alguns amigos do trabalho e começou uma conversa comigo. — Seu olhar percorre meu corpo, causando um calafrio na minha espinha. Posso sentir sua respiração no meu rosto quando ele diz: — Você está linda esta noite. Esse delineador que está usando realmente realça seus olhos, mas, ao mesmo tempo, você não precisa dele. — Seus olhos percorrem meu pescoço. — Espero que você não se importe que eu seja franco, mas seus seios ficam incríveis nessa camisa também. — Ele olha de volta para mim. — *Você* está incrível.

Eu mal consigo respirar, muito menos formar uma resposta a isso.

— Tudo o que eu queria fazer era olhar para você. Mas sabia que se eu olhasse para você, você pararia de olhar para *mim.* Eu podia a sentir olhando, e adorei saber que seus olhos estavam em mim. Porra, eu amei cada segundo disso.

Engulo em seco. — Bem, estou surpresa que você tenha me notado olhando para você. Você parecia estar se dando tão bem com ela.

— Nem tudo é o que parece. Porque enquanto eu parecia estar me dando bem com ela, continuei desejando que ela fosse você.

Estou olhando para os meus pés, mas ele coloca a mão no meu queixo e levanta para encontrar seu olhar incendiário.

— Maldição, por favor me diga que não estou sozinho. Você está sentindo isso também, Aspyn?

Ele está longe de estar sozinho. Sentimentos de intensa atração e ciúme me consumiram esta noite. Eu simplesmente não consigo admitir isso.

O que ele diz em seguida me abala.

— Casey *me* pediu para ir à casa dela para uma bebida. Alguma razão para que eu não devesse?

Estou queimando. Quero insistir para que ele não vá para casa com ela, mas e daí? Eu teria que admitir meu ciúme. E não haverá volta se eu cair naquela teia.

— Você deve fazer o que quiser — solto.

Ele se inclina, perto o suficiente para que eu possa praticamente saboreá-lo. — O que *você* quer?

Meu peito arfa. — Isso não tem nada a ver comigo.

— Você tem certeza disso? Porque você parecia se importar muito esta noite com o jeito que não conseguia tirar os olhos de mim.

Minha voz treme. — Seu ego é atroz. O que você quer que eu diga? Não há necessidade de eu responder se você já tirou sua própria conclusão.

— Eu quero que você admita que sentiu minha falta tanto quanto eu senti sua falta na semana passada. — Ele se aproxima ainda mais. — Olhe-me nos olhos e diga que não tem pensado em mim.

Por mais que eu queira fingir e tentar encará-lo na cara e dizer exatamente isso, eu nunca fui uma boa mentirosa. Meu olhar, portanto, permanece firmemente plantado em meus pés. Porque no segundo que eu o encarar, ele saberá.

— Você não pode, pode? — ele diz.

Sinto sua mão no meu queixo novamente quando ele leva meu rosto para encontrar o dele. E é nesse momento que decido deixar ir. — Você está certo. Eu não posso mentir. *Tenho pensado* em você. E eu odeio isso.

A mão de Troy serpenteia em volta do meu pescoço. Ele enfia os dedos no meu cabelo antes de me puxar para ele. Nossos lábios se esmagam, e uma onda de prazer me atinge. Um gemido escapa de sua boca e todo senso de realidade parece se dissipar.

— Você é a porra de tudo que eu penso ultimamente — ele geme sobre meus lábios.

Abro mais, deixando sua língua entrar. Ele tem um gosto doce, com um toque de álcool. Minhas mãos passam por seu cabelo enquanto eu me perco no beijo mais incrível e intenso que já experimentei. O calor de sua respiração parece aquecer meu corpo inteiro, seu cheiro me envolvendo.

Troy de repente empurra para trás, deixando-me com frio e faminta por mais.

— Como faço para parar, Aspyn? Você diz que não quer nada comigo, mas com certeza não parece. — Ele segura minha bochecha, esfregando suavemente o polegar em meus lábios. — Eu preciso tirar você do meu sistema.

Fechando meus olhos, eu ofego. — Eu nunca disse que não queria você. Eu *gostaria* de não querer você.

— Mesmo? Talvez você precise me tirar do seu sistema também, então? — Ele balança a cabeça lentamente. — Olha, eu entendo que isso realmente não pode ir a lugar nenhum. Vou voltar para Seattle. Você nunca vai confiar genuinamente em mim. Somos ruins um para o outro. Eu sou o ex de Jasmine. Blá, blá, blá. — Ele olha nos meus olhos. — Mas você não sente que sempre vai se perguntar... e se? E se deixarmos a natureza seguir seu curso, apenas uma vez? Há muito tempo que não consigo pensar em nenhuma mulher além de você. Eu sinto que é uma coceira que só você pode coçar. Se nós dois estamos curiosos, se nós dois somos adultos, então por que diabos estamos lutando tanto? — Um longo momento de silêncio se passa. — Vou perguntar mais uma vez. Você quer que eu vá para casa com ela... ou com *você?*

Meu telefone vibra, e por uma fração de segundo penso que é o som do meu coração disparando para fora do meu peito.

Eu olho para baixo.

Shala: Você está bem?

Merda.

Há quanto tempo estou aqui com ele? Eu não tenho nenhum maldito conceito de tempo.

Sentindo que estou prestes a superaquecer, tomo uma decisão precipitada. — Minha amiga está preocupada. Preciso voltar para minha mesa. Você deveria fazer o mesmo. Boa noite.

Com a velocidade da luz, saio correndo, quase colidindo com uma parede quando viro no corredor em meio a uma neblina.

De volta à mesa, um olhar de preocupação cruza o rosto de Shala. — Tudo certo? Achei que talvez você tivesse desmaiado ou algo assim.

— Sim. — Pego uma água e bebo a coisa toda em um longo gole. Limpo a boca com as costas da mão. — Tudo está bem.

Ela suspira, olhando para o telefone. — Na verdade, eu tenho que ir. É mais tarde do que eu disse a Felix que estaria em casa.

Colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha, eu assinto. — OK, sim. Obrigada por vir esta noite. Isto foi muito divertido. — *Até que me transformei em uma bagunça quente.*

Ela se levanta da cadeira. — Vejo você na segunda-feira. Tenha cuidado ao chegar em casa, OK?

— Eu irei. — Balanço a cabeça. — Tome cuidado também.

Quando Shala sai, noto que Troy voltou para sua mesa. Logo depois, ele e Casey se levantam. Com a mão dele nas costas dela,

eles caminham juntos em direção à saída antes de finalmente desaparecerem pela porta.

Eu me sinto enjoada. *Bem, se isso não é uma cadela.* Acho que ele estava falando sério quando ameaçou ir para casa com ela.

Idiota. Eu não sei se estou o xingando ou a mim mesma.

Droga, isso doeu. Ele me irritou, e agora está indo para a casa dela para descontar minha rejeição nela. Ele foderá aquela mulher só para me irritar depois do melhor beijo da minha vida? *Se for esse o caso, é apenas mais uma prova de que ele não passa de más notícias.*

Pego meu telefone e rolo até o aplicativo para pedir um carro para casa.

Depois de alguns minutos para me refrescar com outro copo de água, levanto-me e caminho para fora para esperar meu carro.

Assim que o ar frio da noite atinge meu rosto, uma voz me assusta: — Boo.

Olho para a minha esquerda para encontrar Troy encostado no prédio.

Ele está sozinho.

Agarro meu peito. — Você me assustou.

— Você não achou que eu realmente iria para casa com ela, achou? — Ele dá alguns passos em minha direção. — Eu sei que você gosta de me chamar de Prostitutonossauro, mas mesmo *eu* não vou para casa com mulheres que só conheço por questão de minutos. — Ele está a centímetros de distância agora. — Além disso, como eu poderia pensar em mais alguém depois do beijo que tivemos?

Meu coração acelera.

— Cancele o carro, se você chamou um — diz ele. — Vou te levar para casa. E não, você não tem que me deixar *entrar* na sua casa, a menos que queira. É só uma carona para casa, Aspyn. Sem expectativas, apesar do que eu disse quando estava todo excitado lá.

— Você pode mesmo dirigir? — pergunto. — Eu vi você bebendo.

— Quando encontrei Eric mais cedo, não esperava ficar tanto tempo. Parei em duas cervejas porque trouxe meu carro. Eu cuidei da última. Prometo que estou sóbrio. Eu não colocaria você em perigo. — Ele faz uma pausa. — Isso vale mais para apenas dar uma carona.

— Bem, você já sofreu um acidente de carro desde que eu te conheço.

— Sim. Mas isso foi culpa *sua.*

— Minha culpa?

— Eu vi você com aquele cara e me distraí.

— Foi por isso que você bateu seu carro? Porque você me viu? Eu não sabia disso.

— Sim. Vê? Isso não era fácil de admitir. Mas eu já falei demais para você esta noite, então o que é mais uma coisa?

Pegando meu telefone, rolo para baixo para cancelar meu carro enquanto meu corpo zumbe.

Troy e eu caminhamos juntos em silêncio até a área onde ele estacionou o carro. Ele abre a porta do passageiro para mim, e eu entro em seu Range Rover, que é, como sempre, o epicentro de seu perfume inebriante.

A tensão é espessa durante a volta para casa. Eu não sei se são os feromônios no ar, o álcool em mim, ou o que, mas eu não quero nada mais do que Troy me beijando novamente. Minha calcinha ainda está molhada do nosso primeiro. Meu corpo ganha vida de uma forma que parece uma torneira de excitação que não pode ser fechada.

Enquanto passamos pela pequena ponte que leva ao meu bairro, meu instinto me diz que algo acontecerá entre nós esta noite. E eu não vou lutar contra isso, porque quero tanto quanto ele. Talvez mais. Eu preciso disso. Preciso dele. Eu vou me deixar tê-lo.

Troy liga o rádio, *"The Best is Yet to Come"* de Frank Sinatra começa a tocar. Eu me pergunto se ele está tentando me enviar uma mensagem subliminar.

Quando paramos na frente da minha casa, ele desliga a ignição antes de se virar para mim. Mas ele não diz nada.

Minhas palmas estão suadas. — Você está... entrando? — eu finalmente pergunto, percebendo imediatamente como minha escolha de palavras é sugestiva.

Entrando na minha casa? Entrando em mim? Tanto faz.

— Só se você me pedir — diz ele. — Só para ficar claro, não estou fazendo suposições. Não farei *nada* a menos que você me *peça,* apesar de toda aquela conversa no bar. — Ele passa o braço em volta do meu assento, fazendo com que os cabelos do meu pescoço se ericem. — Olha, eu sinto que posso ler as pessoas muito bem. Se eu não achasse que você queria que eu viesse aqui com você, não teria puxado o que fiz esta noite. Sei que sua cabeça está dizendo que eu sou uma má ideia. Mas o que você realmente *quer* é uma história diferente. Estou certo?

Eu engulo em seco. — Você está certo.

Ele acena com a cabeça enquanto seus olhos caem para os meus lábios.

O que meu corpo quer nunca entrou em debate. A principal coisa que me impede é o medo, aonde minha *cabeça* levará as

coisas *depois.* Eu não quero me apegar a um homem que considero perigoso para mim. E eu também não quero lidar com tudo que vem junto com isso, como ter que admitir o que quer que venha a fazer para Jasmine – mesmo que ela já tivesse me encorajado a ir atrás dele. Além de tudo isso, eu não posso negar que eu o quero mais do que qualquer coisa em muito tempo.

— Se você decidir que quer que eu entre — ele fala — vamos deixar as coisas acontecerem naturalmente – apenas o que você se sentir confortável e apenas o que você me pedir. E eu não vou passar a noite. Não precisa haver nenhuma menção a isso amanhã ou no dia seguinte. Pode ser evasivo. Não precisa significar nada se você não quiser, Aspyn. Sem pressão... apenas *prazer.*

— Isso soa como um slogan publicitário. — Eu rio nervosamente. — De qualquer forma, você faz parecer tão simples.

— Eu também posso ir para casa. E podemos fingir que essa conversa nunca aconteceu. Mas isso seria doloroso. — Ele balança a cabeça e geme: — Porque eu quero muito foder você. Desculpe-me por ser franco. Mas eu sonhei em foder você quase todos os dias desde a noite em que bati meu carro.

Suas palavras enviam calafrios pelo meu corpo. — Eu não quero que você vá para casa esta noite — sussurro.

— Bom. Porque eu *realmente* não quero.

Uma onda de adrenalina bate quando forço uma pergunta estranha, mas importante. — Você... tem alguma doença ou algo assim? Você está limpo?

Ele empurra um pouco para trás em seu assento para olhar para mim. — Estou feliz que você perguntou. Eu vi meu médico para o meu exame físico anual antes de sair de Seattle, e assisti uma palestra completa de DST apenas para estar do lado seguro, mesmo que eu sempre use proteção. Totalmente limpo, e não estive com ninguém desde que cheguei aqui. Apesar do que você pode ter assumido, eu não tomo essas coisas de ânimo leve. Você?

— Mesmo. Atestado de saúde limpo e sem doenças. Não estive com ninguém em mais de um ano, e sempre estive segura.

— Duas coisas que eu quero deixar claro — diz ele. — Estou falando sério sobre não discutir nada que aconteça esta noite. Eu só quero que você aproveite e não se preocupe em atribuir significado a isso.

Engulo em seco. — Qual é a outra coisa?

— Como eu mencionei, não vou fazer nada com você, a menos que você me peça especificamente.

— Isso é algum tipo de necessidade sádica de me ouvir implorar?

— Não. Eu só prefiro saber *exatamente* o que você quer e não fazer suposições.

Solto um suspiro trêmulo quando ele coloca a mão na minha perna.

Ele aperta minha coxa suavemente. — Você está tão nervosa. Não fique. Não vou fazer nada que você não queira. Apenas me diga para cair fora a qualquer momento, e eu vou embora.

O que me deixa mais nervosa agora são todas as coisas que eu *quero* que ele faça comigo. Mesmo o toque de sua mão na minha coxa envia ondas de choque pelo meu corpo, que está tão sensibilizado. Estou tão excitada e molhada quanto nervosa.

Finalmente abro a porta do carro e saio. Ele faz o mesmo e me segue. Seu corpo atrás de mim é palpável enquanto caminhamos juntos em direção à minha casa. Então me atrapalho com minhas chaves até conseguir abrir a porta.

Uma vez lá dentro, ele enrola seus dedos com os meus e prende minha mão na dele. Ele lentamente me leva em sua direção até que nossos lábios se pressionem. Eu exalo em sua boca enquanto nossas respirações frenéticas colidem. A língua de Troy vem em busca da minha, e sei que é um caso perdido. *Inferno.* Este homem é o melhor beijador. Cada centímetro de mim parece pronto para explodir. Faz muito tempo desde que eu fiz sexo, com certeza. Mas a atração sexual que tenho por Troy é

de outro nível. Eu nunca senti essa necessidade intensa pelo corpo de outra pessoa antes.

Arranho suas costas enquanto nosso beijo se intensifica. Quando ele se inclina para mim, sua ereção se torna aparente. Não posso deixar de lembrar o boato sobre seu tamanho. Eu não estou orgulhosa de estar pensando no que Jasmine costumava dizer sobre ele agora, mas foi para onde minha mente seguiu. Pergunto-me se serei capaz de levá-lo, já que os dois homens com quem estive eram ambos de tamanho médio.

— Aspyn, estou tão feliz agora.

Eu não respondo a isso, mas meu corpo certamente ecoa o sentimento. E acaba que sou a única com menos paciência entre nós.

— Devemos ir para o meu quarto — murmuro em sua boca.

Ele fala sobre meus lábios. — Mostre o caminho, linda.

Nós quebramos o beijo antes de levá-lo para o meu quarto. Paro na frente da minha cama para alcançar meus braços em volta do pescoço dele e beijá-lo novamente.

Com nossos lábios ainda pressionados, ele coloca minha mão em seu cinto. — Tire minha roupa.

Envolvendo meus dedos ao redor da fivela de seu cinto, abro-o lentamente como se fosse o presente embrulhado mais

ornamentado. Afrouxando o cinto, eu o tiro das presilhas de sua calça e o jogo no chão. A fivela cai com um barulho alto. Puxo a braguilha de sua calça jeans, notando a pele quente de seu estômago duro. Olho para baixo para encontrar uma trilha fina de cabelo revestindo seu abdômen. Porra, ele é lindo. Minha boca enche de água.

— Você gosta do que vê? — ele pergunta.

Mordendo meu lábio inferior, assinto.

— Espere até você me sentir dentro de você.

Jesus.

Em vez de empurrar suas calças para baixo, deslizo minhas mãos pelo seu peito nu para sentir os contornos de seus músculos.

— Eu amo o jeito que você está olhando para mim agora... tanto, Aspyn.

— Recomponha-se — provoco.

— Mal posso esperar para ter *você* sobre mim – e sob mim. Mal posso esperar — ele diz com voz rouca, olhando para o meu peito. — Posso tocar em você?

Balanço a cabeça rapidamente. — Mm-hum.

— Posso tirar sua camisa? — ele indaga.

Balanço a cabeça novamente.

Ele desliza minha camisa sobre minha cabeça e estende a mão para gentilmente segurar meus seios através do meu sutiã, massageando-os lentamente. Ter suas mãos em mim é incrível.

— Sabe o que eu amo sobre o seu corpo? — ele pergunta.

— O que? — Eu mal consigo formar palavras, tão excitada por seu toque.

— Como é natural. Eu amo que você não é pele e osso. Eu amo que seus seios não são falsos. Eles são fenomenalmente reais. — Ele coloca a mão na minha barriga. — E eu amo isso.

Uma pontada de desconforto me percorre. — Você ama minha pancinha?

— É uma pancinha minúscula – e sim, isso me excita pra caralho. — Ele estende a mão atrás de mim. — Mas o que me deixa absolutamente louco é sua bunda, Aspyn. Fiquei obcecado com isso desde o momento em que a vi balançar naquele uniforme do Pateta, e mal posso esperar para foder você por trás.

Excitada ao máximo, inclino-me para provar seus lábios novamente.

— Agora me diga o que *você* quer — ele sussurra sobre minha boca.

Estou longe demais para ser qualquer coisa, menos completamente honesta neste momento. — Você parece querer que eu lhe diga o que eu quero. Mas eu não quero isso.

Ele se afasta e arqueia a sobrancelha. — OK?

Decido liberar meu desejo mais profundo e sombrio. — Eu prefiro que você dê as cartas. Diga-me o que fazer.

Sua respiração está difícil quando ele segura meu seio novamente e aperta. — É disso que você gosta, hein? Bem, eu serei amaldiçoado. Tem certeza de que quer me dar todo o controle assim?

Arrasto meus dentes ao longo do meu lábio inferior. — Sim.

— Bem, então você *me* disse o que você quer. — Ele coloca outro beijo duro em meus lábios. — Tire seu sutiã e calcinha para que eu possa olhar para você nua.

Depois que tiro o resto das minhas roupas, ele me olha de cima a baixo, seus olhos vidrados de desejo. — Você não tem ideia de como estou excitado só de olhar para você. — Troy volta seus olhos para os meus. — Agora, termine de me despir.

Colocando minha mão em seu zíper, eu o abaixo e empurro seu jeans para baixo. Uma mancha de umidade em sua cueca boxer cinza encontra meu olhar. Esfrego minha palma contra o calor de sua protuberância. Eu posso perceber o quão grande ele é. Isso me emociona e me apavora ao mesmo tempo.

— Você pode ver o quão duro eu estou?

— Sim — sussurro.

— Tire meu pau para fora — ele exige.

Deslizo minha mão em sua cueca, envolvendo meus dedos em torno de seu eixo grosso, movendo minha mão para cima e para baixo sobre a pele sedosa.

— Atende às suas expectativas?

Olho para cima para encontrá-lo sorrindo para mim maliciosamente.

— Sua reputação o precedeu, mas é melhor.

— Você quer provar? — ele murmura.

Consigo sussurrar: — Sim.

Ele balança a cabeça lentamente e agarra meu queixo. — Não até que eu comece a provar você.

Troy dá um beijo duro em meus lábios antes de se ajoelhar e começar a esfregar o polegar sobre meu clitóris. Ele move lentamente dois de seus dedos dentro de mim.

— Porra – e eu me preocupei que você não estaria pronta para isso esta noite. Você está tão molhada.

Estou incrivelmente excitada, tanto que posso ouvir minha umidade enquanto ele move seus dedos dentro e fora de mim. Meus olhos rolam para trás, mas eles se abrem de repente ao sentir sua boca quente, sua língua lambendo minha carne macia. Enfio meus dedos em seu cabelo enquanto sua cabeça se move em sincronia com os impulsos de sua língua. Um gemido escapa dele, o som vibrando dentro de mim. Ele parece estar tendo tanto prazer com isso quanto eu, e isso me excita ainda mais. Inclino minha cabeça para trás e gemo de prazer quando ele acelera os movimentos de sua língua.

Ele de repente se levanta, envolvendo a mão em volta da minha bochecha e trazendo minha boca para a dele. Eu me provo em seus lábios quando ele pressiona seu peito contra o meu e me leva para a cama. Ele tomba sobre mim, em seguida, abaixa a boca para o meu pescoço antes de descer para os meus seios. Ele coloca meu mamilo entre os dentes e puxa levemente antes de chupar forte.

— Abra suas pernas para mim — ele fala sobre a minha pele. — Amplamente.

Afastando meus joelhos, abro caminho para ele enquanto se reposiciona entre minhas pernas, desta vez me devorando com ainda mais vigor. Troy usa não apenas a boca, mas moveu todo o rosto em um movimento circular enquanto lambe e chupa. A sensação de seu hálito quente, a pressão de sua língua, é quase demais para suportar. Quero gozar contra aquela língua, mas preciso me conter. Fico tensa várias vezes, fazendo tudo ao meu

alcance para evitar que meu orgasmo aconteça cedo demais. Eu não posso dar a ele a satisfação de saber o *quão* fora de controle estou.

— Ainda quer me provar? — ele pergunta.

Lambendo meus lábios, assinto.

— Eu quero foder sua boca enquanto como você. — Ele levanta. — Venha aqui. — Troy se reposiciona de modo que seu pau duro como pedra esteja no meu rosto e *seu* rosto está entre as minhas pernas na posição meia e nove. A ponta de sua coroa brilha quando eu a levo em minha boca e chupo, engolindo cada resquício do pré-sêmen que está pingando dele. Ele tem um gosto tão incrível, a mistura perfeita de salgado e doce. Arqueio meu pescoço, levando-o mais fundo em minha boca enquanto seu pau raspa a parte de trás da minha garganta. Minha cabeça balança enquanto eu o movo para dentro e para fora, quase engasgando. Ele geme de prazer, contraindo seus quadris enquanto lambe meu clitóris com ainda mais intensidade quanto mais profundo eu o levo. Eu nunca tinha feito isso antes. Mas algo me diz que não teria sido tão bom com mais ninguém.

— Você tem um gosto tão bom, Aspyn. — Ele se levanta de cima de mim. — Fique de joelhos por um minuto. Eu quero ver você me chupar antes de eu te foder.

Minha excitação escorre pela minha coxa enquanto eu me movo para o chão e mais uma vez envolvo minha boca em torno

de seu pau latejante. Eu o levo ainda mais fundo na minha garganta desse ângulo até o ponto em que engasgo uma vez.

Ele sai da minha boca com um estalo. — Por mais que eu goste de fazer você engasgar, essa é a minha deixa para parar por enquanto. Mais do que isso, e vou gozar muito mais rápido do que gostaria. — Ele gesticula com os dedos. — Fique de pé. Eu quero olhar para você de novo.

Quando me levanto e endireito minha postura, meu clitóris lateja.

— O que agora? — pergunto.

Sua boca se curva em um sorriso. — Agora eu me enterro dentro de você, se ainda estiver disposta a isso.

— Eu estou.

— Deixe-me pegar alguma coisa. — Ele corre até as calças e volta com um preservativo. — Isso é tudo que eu tenho. Então, precisamos fazer durar.

Eu não tenho nenhum preservativo, o que é lamentável, considerando que já sabia que iria querê-lo mais de uma vez esta noite.

Ele rasga o pacote enquanto olha para mim, seus olhos cheios de fome. Ele então rola em seu pau e aperta a ponta antes de se aproximar lentamente de mim.

— Aspyn... — ele sussurra, levantando meu queixo para encontrar seu olhar.

— Sim?

Os olhos de Troy se enchem de alegria. — Aquele pouco de ódio que você ainda tem por mim está aí em algum lugar?

— Sim? — eu ofego.

— Estou prestes a foder isso para fora de você. *Duro.*

Capítulo Nove

Troy

Puta merda. Meu corpo parece estar pegando fogo. Eu não consigo me lembrar de estar tão excitado na minha vida. Eu nunca entenderei o que fiz para merecer isso. Aspyn Dumont sucumbindo a todos os meus comandos sexuais – e realmente amando – por seu *próprio* pedido? *O que é esta vida?* Parece que vou acordar a qualquer segundo e encontrar Patrick na cama comigo em vez dessa linda mulher.

Eu me abaixo sobre ela e abro suas pernas, mantendo meus olhos colados aos dela. Preciso ver como ela parece no segundo em que entrar nela. Eu normalmente não me importo com essas coisas. Mas é importante saber que estou dando a Aspyn tanto prazer quanto ela me dá. Quero ver o momento exato em que ela perderá o controle. Quero testemunhar cada segundo disso.

Lambo meus lábios, saboreando os restos de seu sabor delicioso enquanto me preparo.

Colocando a cabeça do meu pau em sua abertura, deslizo lentamente dentro de sua boceta quente e molhada, observando-a atentamente. Surpreso mais uma vez com o quão pronta ela está, eu momentaneamente quebro minha promessa de manter meus olhos abertos enquanto os fecho contra o ataque de puro prazer. Rapidamente volto meu olhar para o rosto dela. Eu pensei que talvez ela revirasse os olhos no momento em que eu estivesse profundamente nela, mas em vez disso seus olhos se arregalam enquanto ela engasga, sua boca caindo aberta. A reação dela é ainda melhor do que eu esperava.

Bombeio dentro e fora dela. — Estou dentro de você, Aspyn. Você não pode voltar atrás. Você sempre terá me fodido.

Ela ri através de suas respirações pesadas.

— Você está tão molhada, mas ao mesmo tempo, tão apertada. É incrível. — Acelero meus movimentos. — Quão duro você quer?

— Eu posso pegar o que você tiver, Serrano — ela diz, seus olhos brilhando.

Droga.

Droga.

Droga.

Empurro mais forte a cada segundo, puxando quase tudo para fora e batendo nela mais fundo a cada vez. Minhas mãos afastam seus joelhos para dar mais espaço para mim. Eu mantenho meu olhar no dela, não querendo perder uma única reação. Minhas bolas batem contra ela enquanto eu me movo ainda mais rápido, afastando o desejo intenso de gozar, já que esta é a única camisinha que tenho. Se dependesse de mim, ficaria acordado a noite toda transando com ela de todas as maneiras. Por mais que queira virá-la e fodê-la por trás agora, vendo aquela bela bunda balançar enquanto bato nela, preciso me controlar.

Mas mesmo que ela tenha se soltado um pouco, ela ainda está tão apertada. O desejo incontrolável de liberar minha carga toma conta de mim e não alivia. Antes que eu possa parar, sinto meu corpo estremecer quando me deixo ir.

— Merda, Aspyn. Merda! Foda-se... — gemo quando gozo duro dentro da camisinha, muito preso na intensidade para ficar desapontado comigo mesmo por ir tão rápido assim.

Dentro de alguns segundos, ela solta um grito. E é alto. Ela contrai os quadris e treme debaixo de mim. Quando meu orgasmo chega ao fim, meus olhos se abrem, precisando ver o olhar em seu rosto quando ela atinge o clímax. Seus músculos se apertam ao redor do meu pau – entre aquele som que ela fez e a pressão de sua boceta convulsionando, foi o orgasmo mais lindo que meu pau já teve o prazer de participar. Mesmo no escuro,

posso de alguma forma ver como ela está corada. Eu me movo dentro e fora dela até que seus músculos param de pulsar.

Meu corpo está saciado, mas quero muito mais. Isso parece apenas a ponta do iceberg.

Depois que puxo e descarto o preservativo, sinto vontade de me deitar na cama e abraçá-la. Isso é muito mais do que eu esperava, apesar dos limites que estabeleci mais cedo esta noite. E é exatamente por isso que preciso manter minha promessa e não ficar aqui, não ser tão carente quanto me sinto agora. Porque não só eu quero transar com ela de novo – ainda mais forte nessa próxima vez – quero me aconchegar com ela depois. *E aí está o problema.*

Eu a beijo suavemente... descendo pelo rosto até o pescoço e a barriga. Meu pau já está latejando por mais, mas me forço a falar. — Vou deixar você em paz para dormir um pouco.

Ela se endireita contra a cabeceira da cama, permitindo-me uma visão perfeita de seus lindos seios enquanto eles saltam. — Você não precisa ir...

Eu não quero ir. Mas prometi escapar sem palavras ditas sobre o que fizemos esta noite. — Esse foi o nosso acordo, lembra? Prazer, sem pressão.

Ela assente, parecendo desapontada. — OK.

A reação dela me faz sentir em conflito. Eu pensei que isso era o que ela queria. Porra, se ela me implorasse para ficar, eu ficaria, mesmo que fosse contra o meu melhor julgamento.

Sair é a decisão certa. As coisas tinham escalado muito rápido esta noite, e eu sentia a responsabilidade de protegê-la de... bem, de *mim.* Se eu não posso garantir que poderia ser mais para ela do que uma aventura sexual, preciso agir como o filho da puta que sou e ir embora, não fazer nenhuma promessa. Além disso, sem outros preservativos, seria dolorosamente difícil não tentar fodê-la novamente se ficar. Preciso estar melhor preparado da próxima vez. E Deus, espero que haja uma próxima vez.

Eu relutantemente rolo para fora da cama e vou procurar minhas calças. Eu me viro rápido para ver se ela está me verificando. Ela está.

— O que você está olhando, Dumont?

Pega em flagrante, ela desvia o olhar de repente.

Já mencionei que realmente não quero sair agora?

O chão frio sob meus pés não é acolhedor. Um sentimento quase tão indesejável quanto esse desejo fodido de me aconchegar.

Pare de ser um bundão, Troy.

Volto até ela e me sento na ponta da cama, inclinando-me para beijar sua testa. Eu tinha planejado deixá-la na cama, mas ela de repente se levanta, me dando uma visão gloriosa de seu corpo nu.

— Você não precisa se levantar — falo.

— Bem, eu preciso trancar a porta atrás de você.

— Ah. Duh. Certo.

Seus seios balançam livremente enquanto ela caminha até o armário e pega um roupão de seda curto, o qual enrola em volta do corpo.

Caminhamos juntos até a porta dela e a cada passo à frente, quero sair ainda menos.

Enquanto nos encaramos, ela tropeça em suas palavras. — Bem, obrigada. Aquilo foi...

Eu termino a frase dela: — Foi incrível pra caralho. — Envolvo minha mão ao redor de sua bochecha. — Lembre-se, não precisamos falar disso amanhã – a menos que você queira. Mas, você sabe, de qualquer forma, devemos *realmente* fazer isso de novo em breve.

Ela sorri. — Eu gostaria disso.

A adrenalina bombeia através de mim com essa perspectiva.

— Boa noite, linda.

— Boa noite, Troy.

Na saída, quase entro nos arbustos do lado de fora da casa dela. Minha cabeça ainda está em uma névoa induzida pelo sexo. Depois de entrar no meu carro, eu me inclino para trás no banco, sentindo como se não pudesse me mover, como se o ar tivesse sido tirado de mim. Então percebo que ela ainda está esperando na porta, então preciso me mover antes que ela pense que algo está errado comigo, sentado aqui olhando para o espaço.

Mas há *algo* errado, não há? Eu deveria ter transado com ela e ido embora, mas de alguma forma parece que um pedaço de mim ainda está dentro daquela casa. Não é assim que normalmente me sinto depois do sexo. Na verdade, isso não é como nada que eu já senti antes, e eu preciso me controlar *rápido.*

Uma vez que chego em casa, *me controlar* consiste em uma intensa sessão de masturbação no chuveiro enquanto finjo que minha mão é a boceta de Aspyn e revivo cada gosto, cheiro e sensação desta noite. Depois que gozo, me inclino para frente

contra a parede do chuveiro, deixando a água cair sobre mim enquanto eu me esforço para me controlar.

Então saio e me seco, embora o chuveiro não tenha feito nada para me relaxar.

Enquanto estou deitado na cama com Patrick aos meus pés, estou nervoso.

Decidindo apenas me levantar, me aventuro na cozinha. São 3 da manhã – praticamente manhã de qualquer maneira. Sirvo um pouco do café velho da manhã anterior e olho pela janela para as árvores na escuridão.

Alguns segundos depois, Patrick entra para se juntar a mim.

Levanto minha caneca para o gato. — Você também não consegue dormir?

Ele mia, provavelmente gritando comigo por arruinar a situação aconchegante que ele tinha na cama. Então circula ao redor das minhas pernas e ronrona. Ele é muito perdoador.

Inclino-me para coçar entre suas orelhas. — Sabe, você tem a ideia certa. Nunca saia de casa. Se eu tivesse ficado nesta maldita casa, esta noite não teria acontecido. Eu não teria ficado viciado pela boceta de uma garota que não quer nada comigo porque ela sabe o que é certo para ela. Bem, há *uma* coisa que ela quer comigo – e acredite em mim, eu entreguei.

Levanto-me. — Vou te contar um segredo, Pat. Você sabe como gosta de se aconchegar comigo? Isso é o que eu queria fazer com Aspyn esta noite. Isso não é louco? Não é assim que deveria ser, sabe? Não é isso que eu faço. Eu não sou um cara que se aconchega como você. Eu nunca quis me aconchegar com uma mulher. Mas eu queria com Aspyn. — Suspiro. — O que isso significa? O que vem a seguir, esfregar minha bunda nos pés dela?

Ele fecha os olhos enquanto massageio sua cabeça.

Eu quero vê-la novamente. E preciso de uma desculpa.

Quando olho para uma pilha de bananas maduras no balcão, tenho uma ideia.

Apenas me chame de paleo *Betty Crocker*[15].

Espero estar fazendo a coisa certa. Eu disse a ela que iria embora sem falar sobre o que fizemos, mas isso é o dia seguinte,

[15] Betty Crocker é uma marca e personagem fictícia utilizada em campanhas publicitárias para alimentos e receitas.

certo? Um dia totalmente novo é um jogo justo. Também não precisamos discutir nada. É o café da manhã.

Apenas café da manhã.

Eu mandei uma mensagem para ela avisando que estava indo. Ela parecia bem com isso. Espero que seja realmente assim.

Chego à sua porta e bato.

Alguns segundos depois, Aspyn abre a porta.

Seu cabelo comprido ainda está tão bagunçado quanto parecia quando eu saí na noite passada, e ela ainda usa o mesmo roupão de seda curto que gruda perfeitamente em seus seios. Seus mamilos perfurando o tecido, e estou emocionado que ela ainda não tenha colocado um sutiã.

— Ei — ela diz grogue.

— Oi. — Eu sorrio, meus olhos caindo em seu pescoço. Aspyn tem marcas em toda a sua pele de onde eu a chupei na noite passada. Meu pau endurece com a percepção de que eu a marquei. Isso me faz ansiar por uma repetição neste exato segundo. Ela deve ter me notado boquiaberto porque ajusta o roupão.

Show encerrado.

— Eu trouxe o café da manhã — anuncio, estendendo o Tupperware. — Seus biscoitos não tão favoritos, já que você disse que eles são bons com café pela manhã.

— Quando diabos você os fez?

— Às 3 da manhã. Patrick ajudou.

— Você não dormiu?

— Eu estava um pouco ligado. Tive uma noite e tanto, mas não tenho permissão para falar sobre isso. — Finjo fechar meus lábios. — Apenas aqui para um café da manhã inocente.

Seus olhos vagam por mim. — Café da manhã é tudo pelo que você está aqui, hein?

Eu engulo em seco. — Sim. — Meus olhos baixam para seu peito novamente enquanto minha boca saliva. — Aspyn, a noite passada foi incrível. A verdade é que eu não conseguia dormir porque precisava de mais.

— Por que você foi embora, então?

— Porque eu estava tentando te dar espaço. Eu sabia que se ficasse, estragaria alguma coisa ou cruzaria algum limite. Sem falar que eu não tinha mais camisinha.

— Bem, nós poderíamos muito bem estar juntos. Eu também fiquei acordada a noite toda.

Isso me surpreende. — Você ficou?

— Sim.

Ela caminha até a cafeteira e me serve uma xícara. — Como você gosta?

Mesmo sua simples pergunta me faz ter pensamentos sujos. *Você se inclinando sobre o maldito balcão com suas nádegas abertas parece muito bom agora.*

Limpo minha garganta. — Você provavelmente não tem creme ou açúcar, certo?

— Eu mantenho açúcar em casa para Kiki. Eu não tenho creme, mas tenho leite?

— Perfeito. Uma colher de açúcar e um pouco de leite será ótimo. — *Eu quero foder você.*

Observo enquanto ela prepara meu café, tentado a abraçá-la por trás, então a virar e a beijar com força. Em vez disso, eu relutantemente mantenho minha distância.

Ela me entrega uma caneca. — Aqui está.

Pego dela e bebo. — Obrigado. Eu precisava disso.

Aspyn serve-se do habitual café preto e se encosta no balcão à minha frente.

— O que você normalmente faz aos domingos? — pergunto.

— É o meu dia de me organizar antes de Kiki voltar para casa esta noite. Eu costumo limpar, fazer compras, coisas assim. E você?

— Às vezes eu levo rosquinhas para Nonno para o café da manhã. Não hoje, obviamente. Eu malho em algum momento normalmente. Domingos são bem preguiçosos para mim.

Aspyn abre o recipiente de biscoitos e tira um antes de mergulhá-lo em seu café. Ela morde e mastiga por alguns segundos. — Mmm... estes têm um gosto melhor do que o último lote. Você fez algo diferente?

Ela percebeu. — Eu adicionei alguns flocos de coco que meu pai tinha no armário — digo orgulhosamente.

— Ah. Eu poderia dizer. Adição muito boa.

— As bananas estavam ainda mais maduras desta vez também.

Observo enquanto ela continua a comer o biscoito e sua mente parece vagar.

— O que você está pensando, Aspyn?

Ela solta um longo suspiro. — Estou pensando que não sei o que fazer com você.

— Tenho algumas ideias.

— Sim. Esse é o problema. Eu nem sei como agir perto de você agora. — Ela toma um gole de seu café.

— Posso ser honesto?

— Sim — diz ela com a boca cheia de biscoito.

— Eu também não sei o que diabos estou fazendo. Tenho quase certeza de que não vou ver você esta semana porque Kiki estará aqui. Então eu não queria ficar longe hoje. Senti a sua falta.

— Só se passaram sete horas. — Ela ri.

— Acho que posso estar viciado. — Aponto meu polegar para a porta. — Eu posso sair totalmente se você preferir que eu a deixe seguir com o seu dia.

— Não. — Seus olhos se movem sobre mim. — Eu não quero que você vá.

Sua insistência para que eu fique me dá coragem. — Eu não consigo parar de pensar em te foder por trás.

Ela fica vermelha quando coloca o café na mesa.

Eu pego a chance. — Vire-se.

As coisas mudam muito rápido a partir daí. Aspyn se inclina contra o balcão enquanto deslizo seu roupão acima de sua cintura e desabotoo meu jeans. A tanga que ela usa deixa pouco para a imaginação. Apesar da noite passada, eu não tinha dado uma boa olhada em sua bela bunda em plena luz do dia até agora.

— Eu preciso ver essa bunda balançar enquanto estou fodendo você. É a minha fantasia suprema.

Deslizando minha mão no bolso de trás da minha calça, tiro uma camisinha e cuidadosamente a rasgo. Depois de me embalar, enrolo meus dedos ao redor de sua calcinha e puxo para baixo para que sua bunda fique totalmente à mostra. Em segundos, empurro dentro dela enquanto ela engasga. Aspyn parece ainda melhor do que ontem à noite, se isso é possível.

— Essa porra de bunda vai ser o meu fim — digo enquanto observo meu pau deslizar dentro e fora dela.

Aspyn geme, movendo seus quadris mais rápido enquanto continuo a golpeá-la por trás.

Ela quase me desfaz quando diz: — Seu pau está tão bom agora.

Porra.

Instigado por suas palavras, bombeio nela mais rápido. — Você não tem ideia do que faz comigo. — Beijando atrás de seu

pescoço, continuo a empurrar enquanto ela agarra a borda do balcão para obter estabilidade. Meu corpo treme. — Estou prestes a desmoronar. Você me faz gozar tão rápido, Aspyn. É insano.

Explodo na camisinha, mas a sensação de euforia é prejudicada pelo conhecimento de que ela ainda não tinha chego ao clímax. À medida que meus movimentos diminuem, eu não consigo aceitar o que tinha feito. Preciso ter certeza de que ela experimente tanto prazer quanto eu. Depois que desço do meu orgasmo, lentamente puxo para fora dela antes de remover o preservativo e jogá-lo no lixo.

Pego sua mão. — Vamos. Vou fazê-la gozar, já que eu não consegui diminuir a velocidade.

Seus olhos brilham quando ela me segue de volta ao seu quarto.

Nós nos despimos antes de eu a empurrar suavemente para baixo na cama. Abrindo suas pernas, abaixo meu rosto até sua boceta molhada. Ela está tão excitada, e tenho grande prazer no fato de ter feito isso com seu corpo.

Abaixando minha boca para seu monte, passo minha língua sobre seu clitóris, surpreso com o quão faminto estou para provar sua boceta, apesar do fato de que eu tinha gozado apenas alguns minutos atrás. Saboreando cada pedacinho de seu sabor doce, lambo e chupo, aplicando a quantidade certa de pressão.

Seus quadris levantam quando sua respiração se torna difícil. Ela gira sua pélvis, pressionando sua boceta na minha boca. Ela logo grita de prazer.

Foda-se se eu não estou duro novamente e precisando estar dentro dela uma segunda vez.

Aspyn goza contra minha boca, eventualmente diminuindo seus movimentos e caindo no colchão. Abaixo meu corpo no dela e beijo seu pescoço.

Sem fôlego, ela diz: — Isso foi tão bom, Troy.

Satisfação toma conta de mim, mas, honestamente, qualquer coisa que ela dissesse poderia ter me colocado agora neste estado embriagado.

Eu me movo para não a esmagar com o peso do meu corpo.

Ficamos em silêncio por um tempo, e então levanto minha cabeça para descansar em minha mão enquanto olho para ela. — A coisa certa seria ir para casa e deixar você fazer suas coisas hoje. Mas tudo que eu quero é ficar aqui com você.

Ela não diz nada sobre isso. Em vez disso, aninha seu corpo no meu. Depois de não dormir na noite passada, é tão bom descansar aqui com ela. Escuto o ritmo de sua respiração enquanto nós dois caímos no sono.

O som de batidas altas me acorda. Olho para o despertador ao lado da cama de Aspyn. São 17 horas! Nós dormimos o dia inteiro.

— Merda! — Ela pula.

— O que há de errado?

— Essas são minha mãe e Kiki. Ela normalmente vem às cinco. Não acredito que dormimos tanto. Temos que nos vestir. Eu não quero que eles saibam... você sabe...

Aspyn corre em busca de suas roupas enquanto pego meu jeans e o coloco o mais rápido possível.

Merda. Não estou preparado para conhecer a mãe dela.

Atravessamos a sala de estar, e Aspyn atende a porta.

Os olhos de sua mãe pousam em mim quase imediatamente. — Oh, olá — ela diz, olhando entre nós. — Eu não sabia que você tinha companhia.

A sobrinha de Aspyn oferece um leve sorriso. — Oi, Troy.

Aceno, tentando agir o mais casualmente possível. — Oi, Kiki. Bom te ver de novo.

A Sra. Dumont sorri. — Ah... *este* é Troy.

Aspyn morde o lábio inferior.

A Sra. Dumont é uma mulher atraente, provavelmente na casa dos cinquenta. Ela parece uma versão mais velha de Aspyn com o mesmo cabelo castanho claro e olhos amendoados.

Inclino minha cabeça. — Acho que Aspyn me mencionou?

— Uma ou duas vezes — diz ela.

Aspyn vira-se para Kiki. — Como foi o seu final de semana?

— Divertido. Fomos colher maçãs no Pomar Wright.

— Lembro-me de ir lá quando criança — digo. — Um dos poucos lugares que meu avô me levava quando não estava trabalhando. Íamos buscar maçãs para fazer tortas para a padaria dele.

— As tortas tinham um gosto melhor do que aqueles biscoitos que você fez para tia Aspyn?

— Definitivamente. — Eu rio.

A mãe de Aspyn se vira para mim. — Você está aqui em Meadowbrook apenas temporariamente pelo que entendi?

Assentindo, limpo minha garganta. — Está correto. Voltarei para Seattle quando meu pai voltar da Europa. — Olho para Aspyn, mas sua expressão estoica é difícil de ler.

— Eu vejo. — A Sra. Dumont me dá um olhar examinador. — Bem, estou indo para casa. — Ela dá um abraço na neta antes de se virar para mim. — Aproveite seu tempo em Meadowbrook, Troy.

Ela não precisa dizer mais nada. Sua mensagem é clara: *é melhor você não brincar com minha filha no pouco tempo que você está aqui, idiota.*

— Obrigado — digo. — Foi maravilhoso conhecer você.

Infelizmente, antes que a Sra. Dumont tenha a chance de sair completamente, Kiki olha para minhas calças e aponta.

— Sua braguilha está aberta. — Ela cobre a boca e ri.

A mãe de Aspyn se vira para nós, e todos agora olham para mim.

Olho para baixo e rapidamente fecho o zíper. — Bem, isso é embaraçoso. Obrigado por notar.

— Ela percebe tudo — diz Aspyn.

A Sra. Dumont me dá mais um olhar engraçado antes de sair. Aspyn ainda está mordendo o lábio, parecendo tensa depois

que sua mãe provavelmente tirou a conclusão correta sobre o que estava acontecendo aqui hoje.

— Troy trouxe alguma comida com ele desta vez? — pergunta Kiki. — Eu estou com fome.

Aspyn caminha em direção à cozinha. — Ele fez alguns biscoitos de novo.

— Aqueles que têm gosto de pedra? — indaga Kiki.

— Eles estão muito bons desta vez — Aspyn diz a ela.

Eu rio. — Vou falar uma coisa, da próxima vez que eu vier fazer uma visita, trarei algo especialmente para você, Kiki. Eu não estava pensando em te ver hoje.

— Com açúcar de verdade?

— Sim. Com açúcar de verdade.

— O que vocês fizeram hoje? — ela pergunta a Aspyn.

Aspyn olha para mim. — Tomamos café da manhã juntos e apenas passamos um tempo juntos.

Os olhos de Kiki se movem entre nós. — Vocês descobriram como ser amigos?

Lanço um sorriso divertido para Aspyn. — Eu não sabia que este era um desafio para nós.

— Sim... — ela diz a sua sobrinha. — Nós resolvemos isso.

— Finalmente descobri o que a motiva, Kiki. — Meus olhos disparam para Aspyn maliciosamente. — Biscoitos de pedra.

— Que nojo. — Ela dá uma risadinha, então dispara, indo para seu quarto.

Quando a porta se fecha atrás dela, sussurro: — Você acha que sua mãe juntou dois mais dois?

— Confie em mim, mesmo que sua braguilha não estivesse aberta, ela é muito perspicaz. Tenho certeza de que descobriu antes de dar uma olhada em nós. — Ela suspira. — Mas sim, seu zíper aberto praticamente selou o acordo.

— Eu suspeito que você não falou exatamente bem de mim antes de hoje.

— Ela sabe sobre nossa história e que nós estamos passando um tempo juntos. Mas minha mãe não me julga pelas decisões que tomo. Ela me deixa viver e cometer meus próprios erros sem interferir muito.

— Ah, então você já está me chamando de erro.

Seus olhos se arregalam. — Eu não quis dizer isso assim.

— Estou brincando. — Eu sorrio. — De qualquer forma, estou feliz que ela não seja crítica. Eu odiaria que ela lhe desse

merda sobre dormir com o Prostitutonossauro. Quero dizer, você poderia fazer muito melhor.

— Ela não sabe sobre esse apelido.

Encosto-me no balcão e cruzo os braços. — Falando nisso... você vai contar a Jasmine o que fizemos neste fim de semana?

Ela se encolhe. — Eu não estou ansiosa por isso, mas eu vou ter que em algum momento.

Eu sei que elas ainda são amigas, mas, da minha perspectiva, não devíamos uma explicação a ela.

— Não é realmente da conta dela, você sabe.

— Sim. Mas não posso mentir para ela. Ela sabe que estamos saindo juntos.

— Ela vai falar mal de mim quando você contar a ela — digo, sentindo-me na defensiva.

— Confie em mim, não há nada que ela possa dizer que eu já não tenha pensado.

— Excelente. Obrigado pela confiança.

Aspyn dá um tapa na testa. — Desculpe. Isso saiu errado.

— Não, não, não. Vamos encarar. É a verdade. Acho que devemos sempre ser verdadeiros um com o outro. E agora você

está sendo real comigo. — Eu me aproximo e coloco uma mecha de seu cabelo atrás da orelha. — Quando eu vou te ver de novo?

Ela olha para a porta do quarto de Kiki por um momento. — Talvez possamos descobrir algo para o próximo fim de semana.

— *Talvez?* Você tem que me dar algo melhor do que isso. Já estou praticamente duro de novo, e não vou te ver por quase uma semana. Eu preciso mais do que um *talvez.*

— Eu pensei que essa coisa toda deveria ser, em suas palavras, *evasiva.*

— Isso foi antes de eu estar dentro de você e ficar viciado — digo, inclinando-me para acariciar seu pescoço.

— Sábado? — Ela finalmente oferece.

— Sexta-feira — eu rebato.

Aspyn franze os lábios. — Talvez.

— Você está me matando. Mas acho que vou aceitar um talvez em vez de um não.

Capítulo Dez

Aspyn

Na terça-feira, Shala e eu paramos para conversar no balcão da administração. Ela ficou em casa com uma criança doente ontem, então eu não a tinha visto desde nossa noite no sábado.

Ela ergue os olhos do bloco de cavalete. — Este fim de semana foi muito divertido. Obrigada por me acompanhar.

— Foi.

— Apesar de seu comportamento estranho sobre Troy — ela adiciona.

— Sim, uh, sobre isso...

A curiosidade brilha em seus olhos. — Aconteceu alguma coisa depois que eu saí?

— Ele... — eu sussurro. — Mais ou menos... foi para casa comigo.

Seu queixo cai. Rapidamente resumi o fim de semana da melhor forma que pude. Eu preciso de alguém para conversar sobre o que está acontecendo com Troy ou irei explodir. Ela é praticamente minha amiga mais próxima aqui. Não é como se eu quisesse correr e contar a Jasmine.

— Droga. Eu não tinha ideia de como sua noite se tornou excitante depois que eu a deixei. Aqui estava eu pensando que você tinha ido para casa chateada porque ele estava em um encontro com aquela garota.

Balanço minha cabeça. — Eu também não vi isso chegando.

Ela suspira. — Ele é tão gostoso, Aspyn. Sério, nem pense nisso. Apenas aproveite.

— É isso que estou tentando fazer. Mas me sinto me envolvendo nele de qualquer maneira. É uma merda. Sei que ele não é certo para mim a longo prazo, e ele está indo embora depois disso. Mas é o que é.

Ela sorri. — Nem sempre podemos escolher o que nos faz perder a cabeça.

Sopro uma respiração soprando meu cabelo. — Isso é malditamente certo.

— Tudo o que importa é que você está se divertindo. A vida é muito curta para não ter sexo de ódio incrível com homens

gostosos. — Seus olhos viajam além do meu ombro. Ela levanta o queixo e sussurra: — Falando do diabo.

Eu me viro para encontrar Troy se aproximando do outro lado do corredor. Ele está tão bonito em uma camisa polo bordô e jeans escuros.

Ele para na nossa frente com um sorriso enorme no rosto. — Ei, senhoritas.

Limpo minha garganta. — Está aqui para levar seu avô para passear?

— Sim. — Seus olhos caem para o meu peito, e de alguma forma sei que ele está me despindo com o olhar.

Meus mamilos endurecem quando começo a transpirar.

— Você está bem? — ele pergunta.

Minhas bochechas queimam. — Sim.

Ele olha através de mim enquanto continua pelo corredor. — Foi bom ver você, Shala — diz.

— Você também. — Shala se vira para mim. — OK, se essa pequena interação não gritou *estamos fazendo sexo*, eu não sei o que mais posso dizer.

Eu me afasto, precisando de um minuto para descomprimir. Terei que sair para levar alguns de nossos moradores em uma

viagem de compras em poucos minutos, mas decido enfiar minha cabeça no quarto do Sr. Serrano antes de sair. Você sabe, para verificar o *Sr. Serrano.*

Troy está sentado em frente ao avô.

Ele sorri e age casualmente. — Bem, ei, Aspyn. É bom te ver.

— Oi, Troy. Eu pensei em vir dizer olá antes de ter que sair.

— Não é doce da sua parte... — Ele sorri.

— Pena que você não pode vir conosco hoje, Aspyn — diz o Sr. Serrano. — Sinto falta da sua companhia.

Aproximo-me e coloco minha mão em seu braço. — Ah, Sr. Serrano, também sinto sua falta. Eu não posso dizer o quanto gostaria de continuar a sair com vocês.

O velho tem um prato de laranjas descascadas ao lado de sua poltrona em uma mesinha lateral.

Troy pega uma fatia de laranja e coloca entre os lábios, chupando lentamente com a língua. A maneira como ele a devora enquanto olha para mim é mais do que sugestiva. Ele está me mostrando *exatamente* o que estaria fazendo comigo agora se pudesse. Felizmente, o Sr. Serrano não parece notar.

Mas os músculos entre minhas pernas se apertam. Preciso sair daqui e rápido.

Indo em direção à porta, digo: — Bem, vocês se divirtam.

Olhando para Troy uma última vez, sinto minhas bochechas esquentarem com o jeito que ele ainda está olhando para mim.

Enquanto caminho pelo corredor, meu telefone vibra.

Troy: Rapaz, eu nunca vi você sair de uma sala tão rápido.

Aspyn: Você sabia o que estava fazendo com aquela laranja.

Troy: Isso te lembrou alguma coisa?

Aspyn: Como você gostaria se eu entrasse lá comendo uma banana?

Troy: Você ainda tem que perguntar? Eu aceitaria qualquer coisa que pudesse agora, mesmo que fosse uma tortura. Mal posso esperar até sexta.

Resolvo provocá-lo.

Aspyn: Quem disse que vamos nos encontrar na sexta? Eu nunca confirmei isso.

Troy: Não faz isso, Aspyn. Estou ansioso.

Aspyn: Estou brincando. Estou ansiosa por isso também.

Troy: A propósito, sua bunda está incrível nesses scrubs da Betty Boop.

Aspyn: Ela estava rindo também?

Troy: Ela estava. Nonno me pegou me ajustando depois que você saiu da sala. Ele me perguntou por que eu estava mexendo nas minhas bolas. Inventei uma história sobre coceira por fungos.

Aspyn: LOL

Troy: Sério. Você está linda.

Maldito seja.

Naquela noite, no jantar, Kiki me estuda cuidadosamente. — Você está bem, tia Aspyn?

Estava olhando para o espaço. — Claro. Por que você pergunta?

— Espere. — Ela corre para seu quarto e volta com algo na mão. — Abri minha lancheira na escola hoje e estava dentro dela. — Ela estende o controle remoto da TV.

Minha boca está aberta. — Eu coloquei isso lá?

— Você não se lembra?

Continuo a olhar para ela incrédula. Parando para pensar, eu estava assistindo ao noticiário esta manhã antes de me preparar para sair de casa... devo ter enfiado lá sem pensar? Puxa, preciso me controlar.

— Uau. Eu realmente sinto muito. Um controle remoto não é um lanche muito bom, é?

Ela ri. — Provavelmente tem um gosto melhor do que os biscoitos de Troy. — Ela dá de ombros. — De qualquer forma, meus amigos acharam engraçado.

— Tenho certeza que eles acharam. Da próxima vez, diga a eles que sua tia maluca às vezes tem a cabeça nas nuvens.

— Próxima vez? Você vai colocar o controle remoto no meu almoço de novo?

— Espero que não.

— Se você quiser, pode colocar acidentalmente alguns M&Ms lá amanhã. Eu não vou me importar.

Bagunço seu cabelo. — Menina boba.

Depois de uma semana que passou devagar como tartaruga, a noite de sexta-feira finalmente chegou.

Troy e eu decidimos jantar no restaurante japonês com meu sushi favorito. Acho que você poderia dizer que se tornou o nosso lugar. Tivemos uma conversa fácil durante a refeição. Mas entre Troy olhando para mim com olhos nebulosos como se quisesse me devorar ali mesmo na mesa, e minha própria necessidade urgente de ser tocada por ele, o jantar não poderia ter acabado rápido o suficiente.

Quando terminamos de comer, Troy pareceu ler minha mente. — Vamos para minha casa hoje à noite. É mais perto.

Eu não vou discutir com isso. Não só a casa dele é mais perto, mas estou curiosa para ver onde ele está morando.

Troy dirige mais rápido do que o limite legal durante todo o caminho para casa. Você não vai me ouvir reclamar, no entanto. A certa altura, ele ligou o rádio na música *"The Lady is a Tramp"* de Frank Sinatra. Eu rio. *Sim. Sim, eu sou agora, e não preciso ser julgada, Frank.* Estou prestes a transar gostoso com este homem esta noite.

A casa do pai de Troy é uma estrutura estreita de tijolos em uma rua residencial bastante movimentada. Troy usa sua chave para abrir a porta e somos recebidos por um lindo gato.

— Ei, Patrick! Temos uma visitante — Troy anuncia.

— Então *este* é o famoso Patrick. — Ajoelho-me para acariciar o gatinho entre suas orelhas. Ele fecha os olhos e ronrona. A pele de Patrick é multicolorida com listras. — Ele é mais fofo do que eu imaginava.

— Não acaricie o ego dele. Ele nunca vai deixar você sozinha esta noite. E eu meio que quero você para mim.

Então Troy pega minha mão e me leva para seu quarto – que acabou sendo uma cápsula do tempo virtual. Há troféus em uma prateleira e fotos na parede de muitas pessoas com quem estudamos no ensino médio.

— Este lugar mudou em dez anos?

— Muito patético, certo? Como eu te disse, esta não é a casa em que cresci, mas meu pai basicamente transferiu toda a porcaria do meu antigo quarto para este depois que ele se mudou da casa que dividíamos com meus avós. Eu não estava morando em Meadowbrook quando ele comprou este lugar, então não tenho nada a ver com a decoração ou este santuário para mim.

— Eu acho adorável. Só seria estranho se você morasse aqui em tempo integral e mantivesse assim.

Vou até uma das fotos de Troy e esfrego meu dedo sobre a imagem de seu rosto jovem.

— O que pensa quando olha para esse cara? — ele pergunta.

Suspiro. — Que idiota. — Coloco minha mão em seu ombro. — Eu estou brincando. — Mas balanço minha cabeça quando volto para a foto. — Olhar para isso faz com que tudo pareça ontem.

— Essa foto está causando TEPT[16]? — Ele esvazia suas bochechas de ar. — Talvez trazer você aqui tenha sido uma má ideia.

Agarro sua camisa e falo em um tom sedutor. — Vou superar isso em breve.

— Ah, eu vou me certificar disso.

Olho para baixo. Sua ereção está forçando contra seu jeans. Ele está pronto, mas infelizmente minha mente *havia* se desviado um pouco. Olho de volta para a foto do jovem Troy e seu lindo rosto anguloso.

— Sabe, eu costumava te odiar, mas sempre achei você gostoso. Isso nunca entrou em discussão. Eu definitivamente tive uma queda indesejada por você quando estava namorando Jasmine.

[16] Transtorno de estresse pós-traumático.

Ele acaricia a parte inferior das minhas costas. — Eu nunca tive uma queda por você. Pensei que você era estranha e distante... e mais tarde, depois que tudo aconteceu, louca.

— Caramba, valeu. Diga-me como você realmente se sente...

— Ouça. — Ele passa os braços em volta de mim por trás. — Agora? Eu tenho uma queda *enorme* por você. Você é tudo em que eu penso...

Viro a cabeça para olhar para ele e vejo que ele está olhando para a foto de si mesmo. — Eu não sou mais aquele garoto, Aspyn. Aquele garoto... ele estava fodido da cabeça. Ele se sentiu abandonado toda a sua vida. Eu me comportava mal com os outros porque não podia me comportar mal contra minha mãe – porque ela não estava por perto para receber nenhuma das minhas angústias. Nos últimos anos, cheguei a um acordo com a história de como eu era, mas naquela época? Eu estava uma bagunça.

Balanço a cabeça. — Você teve um tempo difícil no ensino médio. Meu momento difícil foi *depois* do ensino médio — admito.

Ele me vira para encará-lo. — Por causa de Ashlyn...

Olho para seu piso de madeira. — Não só isso.

— Fale comigo, Aspyn. Você não fala muito sobre o que aconteceu depois do ensino médio. Eu sinto que você está se segurando.

Sentindo uma onda ansiosa de adrenalina, balanço minha cabeça. — Agora não. Mas vou falar sobre isso no momento certo, ok? Eu só quero desfrutar de estar com você esta noite.

— Eu posso ficar com isso. — Ele coça o queixo e vai até o armário. Ele tira uma camisa de futebol verde. — Lembra disso?

As cores de Meadowbrook eram verde e branco. Ele me entrega a camisa, e olho para o material brilhante.

— Acho que você deveria colocá-la — diz ele.

— Sério?

— Sim. Eu quero ver você nela.

Tiro minha camisa e desabotoo meu sutiã, deixando-o cair no chão. — Serrano, o que vou fazer com você?

— Eu vou te dizer. — Ele me ajuda a ajustar sua camisa sobre meus seios. — Eu quero que você me monte enquanto está vestindo minha camisa. É uma fantasia que eu nem sabia que tinha até este momento.

Troy arranca sua camisa para revelar seu peito e estômago incrivelmente esculpidos. Ele pressiona seus lábios contra os meus antes de deslizar sua língua dentro da minha boca. Eu rodeio minha língua ao redor da dele, saboreando seu sabor delicioso, que ainda tem um toque de cerveja Sapporo. Nós não nos beijamos a noite toda, e eu estava morrendo de fome para

prová-lo. Não importava que memórias fugazes essas fotos trouxeram apenas um momento atrás. Agora mesmo? Nada poderia ter me impedido de dar cada centímetro de mim para este homem e tomar qualquer coisa que ele me desse em troca. Estou total e completamente intoxicada por ele – e estou começando a não dar a mínima para o quão patético isso me faz. Eu me preocuparei com tudo isso mais tarde.

Troy desfaz meu jeans e o empurra para baixo até que eu o chuto. Ele arrasta o dedo pela minha calcinha encharcada.

— Puta merda. — Ele para de me beijar por um momento quando insere dois dedos em mim e olha nos meus olhos. — Você está brincando comigo? Como já está molhada assim?

— Fico excitada sempre que você me olha como se quisesse me devorar. E isso só continuou acontecendo ao longo da noite.

Sua respiração treme. — Você vai ser o meu fim, Aspyn. O pensamento de você ficando molhada quando estávamos no jantar me deixa louco. Sério, estou tão excitado para sentir você em volta do meu pau. Receio gozar em dois segundos se te foder agora. Meu histórico nesse sentido tem sido terrível. Preciso me controlar e provar você primeiro. — Ele cai de joelhos e empurra minha calcinha para baixo. Ele começa a me devorar, passando a língua com tanta força sobre meu clitóris que agora sou eu quem corro o risco de gozar cedo demais.

Puxo seu cabelo e sua cabeça para trás. — Pare. É muito.

Ele olha para mim com olhos vidrados. — De um jeito bom?

— Porra, sim.

Com um olhar de pura fome em seu rosto, Troy se levanta e tira o cinto antes de jogá-lo de lado. Ele desabotoa as calças, e quando as deixa cair, seu grande e lindo pau salta para fora, atingindo-me no abdômen.

Lambendo meus lábios, eu me ajoelho e envolvo minha mão em torno de seu eixo, bombeando lentamente e girando meu polegar ao longo da coroa. Ele inclina a cabeça para trás em êxtase. Desde que seus olhos estão fechados, ele não teve nenhum aviso quando envolvo minha boca em torno dele antes de levá-lo pela minha garganta.

Ele estremece. — Porra, Aspyn. Apenas... porra.

Movo seu pau para dentro e para fora da minha boca enquanto acaricio a pele cheia de veias. Ele enfia os dedos pelo meu cabelo.

De repente ele se afasta. — Eu estava prestes a gozar pela sua garganta. Isso foi muito bom.

Depois que me levanto, Troy me beija com força e pega minha mão, me levando para sua cama. Ele se recosta. — Você vai me montar? Não sou orgulhoso demais para implorar.

Não há nada que eu queira mais do que estar por cima agora, olhando para o rosto dele. — Eu adoraria montar seu pau, Serrano.

Ele faz um som gutural. — Essa é a coisa mais suja que já saiu da sua boca. E estou aqui para isso.

Troy acaricia-se algumas vezes antes de chegar em sua mesa de cabeceira para um preservativo. Ele se embala em um flash.

Posicionando-me sobre ele, afundo lentamente até que ele esteja totalmente dentro. Troy agarra meus lados enquanto empurro meus quadris.

Ele ofega. — Olhe para você, montando-me em minha camisa. Eu quero gravar isso na minha memória. Tenho certeza que este pode ser o melhor momento da minha vida. — Ele sorri. — Você é tão linda, Aspyn Dumont.

Depois de alguns minutos, fico com calor, então tiro a camisa pela cabeça. Meus seios saltam quando Troy estende a mão para apertá-los.

— Eu senti falta desses lindos seios — ele geme.

Enquanto balanço meus quadris sobre ele, sinto suas bolas na minha bunda. Agarro os músculos duros de seu peito e cravo minhas unhas em sua pele, o prazer dele tão profundo dentro de mim quase demais para suportar. Troy começa a empurrar seus quadris para cima para encontrar meus movimentos, e mantém

seu olhar fixo em mim. Então ele empurra ainda mais fundo dentro de mim. Meu clitóris pressiona mais forte contra ele, e de repente sinto meu orgasmo ricochetear pelo meu corpo.

— Estou gozando — engasgo.

— Sim, eu sei. — Ele sorri. — Posso sentir isso.

Esta é a primeira vez que perco o controle antes dele.

Ele fecha os olhos com força enquanto sua boca se abre. Seu corpo treme debaixo de mim enquanto gozamos juntos.

Uau.

Cada vez com Troy é melhor que a anterior.

Completamente saciada, desabo sobre ele. Ele beija minha cabeça suavemente. Eu quase desejo que ele não faça coisas assim, porque sempre que ele é gentil comigo, isso me faz querer... mais. E sei que não poderei definir essa expectativa.

Ele sai debaixo de mim para descartar o preservativo antes de voltar para a cama. Ele me puxa de volta para deitar em cima de seu corpo novamente. Descansando minha cabeça em seu peito, sinto seu batimento cardíaco trovejando contra minha bochecha. Eu não quero sair. Eu não tenho ideia se ele planeja me levar para casa ou o quê, mas sei que estou feliz aqui. E quero passar a noite. Mas eu não serei a primeira pessoa a sugerir isso.

Um minuto depois, sinto algo pesado cair nas minhas costas. Eu vacilo, e demoro um pouco para perceber que é Patrick.

— Merda. Sinto muito — Troy diz. — Eu vou tirá-lo.

— Não. — Eu rio. — Tudo bem. Ele pode ficar.

— Você está bem com ele nas costas? Ele pode nunca se levantar, você sabe.

— Sim, está tudo bem. É meio que... legal. A vibração do ronronar. Ele é como um cobertor pesado.

Ele abre um lindo sorriso, e essa é a última coisa que me lembro quando adormeço – em cima de Troy com um gato nas costas. Tipo de um trio estranho, se você me perguntar.

No dia seguinte, quando finalmente saímos da cama depois de todo o sexo que tivemos novamente esta manhã, Troy e eu saímos para um bom café da manhã no Meadowbrook Center. Enquanto esperamos por nossa comida, ele me mostra algumas fotos que seu pai havia enviado da Europa. Jurei economizar dinheiro suficiente para fazer minha própria viagem ao exterior

algum dia. Ficar em Meadowbrook é uma coisa, mas nunca conhecer o mundo não é uma opção.

A brisa fresca de setembro foi uma adição bem-vinda à nossa refeição ao ar livre. Realmente não podia ficar melhor do que isso.

Depois do café da manhã, ele volta para minha casa, e nós relaxamos um pouco no meu quintal. É o epítome de um sábado preguiçoso. Nenhum de nós reconhece que todo esse tempo que passamos juntos é uma clara violação do precedente de sexo sem compromisso que discutimos no início. E eu certamente não irei reconhecer que o jeito que Troy olhou para mim o dia todo hoje fez meu coração disparar.

A certa altura, saio do quintal para entrar e fazer cafés para nós. Mesmo que eu tenha dito a ele para esperar do lado de fora, Troy deve ter ficado impaciente porque logo se junta a mim na cozinha.

Ele coloca meu telefone ao meu lado no balcão. — Você recebeu uma mensagem.

— Eu recebi?

— Seu telefone acendeu lá fora. Olhei para ele porque pensei que era meu. Temos o mesmo som de notificação, aparentemente. Você recebeu uma mensagem pelo aplicativo.

Ele está se referindo ao aplicativo de *namoro.* Meu estômago afunda quando olho para baixo e vejo uma mensagem de um cara com quem conversei no início desta semana.

Desculpe a demora em responder. Eu estava offline para cuidar de algumas coisas de família. Você gostaria de me encontrar para bebidas esta noite?

Merda. Recebi uma mensagem na quinta-feira passada de um cara com quem combinei antes de Troy e eu ficarmos juntos. Eu respondi casualmente, embora não tivesse intenção de me encontrar com ele agora. Mas posso entender como isso parece – como se eu estivesse ativamente procurando outra pessoa. Não que Troy e eu tenhamos qualquer tipo de acordo formal de exclusividade, mas ainda é chato que ele tenha que ver isso, especialmente quando não significa nada. Eu acabei respondendo o cara para não ser rude.

Seu tom é amargo. — Talvez você devesse conhecê-lo.

— Eu não quero conhecê-lo.

— Mas você estava conversando com ele. Por que estaria conversando com ele se não pretendia conhecê-lo? — Suas narinas se dilatam. — Qual é o ponto?

— Ele e eu combinamos antes de você e eu começarmos essa... coisa. Nós trocamos mensagens brevemente na semana passada, mas nada aconteceu, nem eu planejei que algo acontecesse com ele.

Troy apenas continua balançando a cabeça e desvia o olhar. — Uau.

— O que?

— Eu não gosto de como eu reagi agora. — Ele balança a cabeça, parecendo atordoado. — Como um filho da puta ciumento. — Sua expressão é sincera. — Eu sinto muito. Isso não foi justo. Eu não sei o que deu em mim. Eu não deveria ter ficado chateado com você. Não somos exclusivos, certo? Não tenho o direito de questionar nada.

— Está tudo bem — asseguro a ele. — Eu me sentiria da mesma forma se os papéis fossem invertidos.

Troy pisca, parecendo não ter absorvido o que eu tinha acabado de dizer. — Você sabe o que? — Ele caminha até a mesa ao lado da porta da frente e pega suas chaves. — Vou dar uma volta.

Meus olhos se arregalam. — Aonde você está indo?

— Apenas para um passeio. — Ele abre a porta. — Eu voltarei.

Ele sai mais rápido do que eu poderia pensar para tentar detê-lo. Quando a porta se fecha atrás dele, o silêncio é ensurdecedor.

Sentindo-me terrível, eu não sei muito bem o que fazer comigo mesma depois que ele partiu. Fico me perguntando o que diabos está acontecendo em sua cabeça e o que o compeliu a sair tão de repente. Ele estava tão chateado que eu estava conversando com outro cara? Ou havia algo mais em sua reação?

Duas horas se passaram e Troy ainda não havia retornado. Devo ter limpado minha casa três vezes na tentativa de acalmar meus nervos. Eu não tinha certeza se ele voltaria.

Perto das 17h, eu quase perdi a esperança de seu retorno quando a campainha tocou.

Corro até a porta e a abro.

Com as mãos nos bolsos, Troy dá um sorriso hesitante. — Ei...

— Eu estava começando a pensar que você não voltaria. — Afasto-me para deixá-lo entrar.

— Eu fiz um longo passeio — diz ele.

— Por duas horas?

— Sim.

— Onde você foi?

— Em nenhum lugar realmente. Peguei estradas secundárias, viajando para o sul. Ouvindo música.

Eu puxo o tecido da sua camisa. — Troy, escuta...

— Não... — ele interrompe, colocando sua mão sobre a minha. — Você não me deve nenhuma explicação, Aspyn. Esqueça qualquer coisa que planejou me dizer quando eu voltasse. Sou eu quem precisa explicar. — Ele se aproxima para ficar bem na minha frente. — Fui pego de surpresa pela minha reação a esse cara te mandando mensagem. Isso me fez perceber que meus sentimentos por você são mais fortes do que eu pensava. Fiquei impressionado com isso e não sabia como expressar o que estava sentindo, então saí para limpar a cabeça.

Meu coração bate forte contra meu peito. — Ajudou?

— De alguma forma. — Ele segura minha bochecha. — Aspyn, eu não sei o que está acontecendo entre nós ou para onde isso está indo. Mas sei que o pensamento de você com outra pessoa agora me deixa doente do estômago.

Engulo em seco. — Anotado.

— Eu precisava ter certeza de me entender antes de voltar aqui para explicar. Quanto mais eu dirigia, mais claro ficava. — Ele fala sobre meus lábios. — Eu não quero compartilhar.

Sua boca envolve a minha. Minhas pernas estão fracas quando meu corpo derrete no dele. Ele agarra minha bunda e aperta com força, quase possessivamente, enquanto nossas línguas colidem. Estendo as mãos e passo por seu cabelo sedoso, saboreando seu gosto, e mais uma vez me perguntando o que diabos eu deveria fazer sobre meus inegáveis sentimentos por este homem.

Ele quebra o beijo. — Enquanto estivermos fazendo isso, nenhuma outra pessoa, OK? — Ele olha profundamente em meus olhos. — A menos que não seja isso que você quer?

— Eu não penso em mais ninguém há muito tempo — admito. — Sim, eu respondi à mensagem daquele cara. Senti que precisava manter minhas opções em aberto, embora não tivesse intenção de me encontrar com ele enquanto passávamos um tempo juntos. — Suspiro. — Mas estou confusa, Troy. Porque isso é temporário, não é? Esse tem sido o meu entendimento esse tempo todo. Você está indo. Eu tenho tentado não envolver meu coração com base nessa suposição.

Ele encosta a testa na minha. — Esse era o meu plano antes de perceber que tinha esses sentimentos. Talvez devêssemos apenas... ver onde as coisas vão? Não rotular, mas também não fechar a porta. No momento, não suporto pensar em você com mais ninguém.

Dou um passo para trás. — Então, você está dizendo que isso é mais do que apenas uma coisa física para você?

— Hoje não provou isso? Eu tenho sentimentos genuínos por você, Aspyn. Eu não quero apenas te foder. Eu quero *namorar* você. — Ele olha para seus pés. — Mas, ao mesmo tempo, não quero fazer promessas quando não tenho muita experiência com relacionamentos monogâmicos.

— Você *já* foi monogâmico?

Ele pega minha mão. — Vamos nos sentar. — Troy me leva para o sofá. — Eu tive um relacionamento sério depois da pós-graduação quando me mudei para Seattle — ele começa. — Eu nunca a traí, mas também não senti que ela era a única. Sarah acabou conseguindo um emprego fora do estado, e quando eu a convenci a aceitar sem sugerir que tentássemos um relacionamento à distância, as coisas terminaram. Mas esse relacionamento não durou nem um ano. — Ele procura meus olhos. — E você? Quando foi seu último relacionamento?

Eu torço meu anel. — Passei por uma fase difícil depois que minha irmã morreu. Então, demorei um pouco para estar no estado mental para um compromisso com alguém. Nos últimos sete anos, só tive dois namorados. Mas estive com um deles – o mais recente – por três anos. Acabou há um ano.

— Quem era ele?

— O nome dele é Holden. Ele admitiu para mim uma vez que quase me traiu, mas parou antes que algo acontecesse. Eu preferiria que alguém terminasse comigo do que ter que se

impedir de me trair. Por causa do que testemunhei toda a minha vida – com minha mãe continuamente voltando para meu pai infiel – eu não queria correr esse risco. Então, fui eu quem terminou as coisas com ele antes que ele pudesse inevitavelmente estragar tudo de novo.

— É fodido que ele admitiu isso, mas acho que é bom que ele tenha feito. Mas que idiota.

— O que realmente foi ruim era que Kiki era muito apegada a ele. Acho que ela foi uma das principais razões pelas quais eu o mantive por perto por tanto tempo, apesar das minhas dúvidas.

Ele solta um suspiro. — Eu nem tinha pensado em como qualquer relacionamento que você tenha inevitavelmente a afetará. Você é incrível por toda a responsabilidade que assumiu. — Troy passa o dedo pela minha bochecha. — Eu vou ser real com você, Aspyn. Não me sinto digno do seu tempo.

Coloco minha mão sobre a dele. — Por que você diria isso?

— Não sei. Isso só saiu.

— Por que você não se sente digno?

Troy desvia o olhar. — Acho que remete à infância. Quando eu era adolescente, meus problemas com mamãe se traduziam em raiva ou agir de maneira ruim. Mas à medida que envelheço, concentro-me menos no fato de ela ter saído e mais no significado mais profundo por trás do *motivo pelo qual* ela partiu. A única

conclusão a que cheguei é que... eu não era o suficiente. Eu não era digno de seu amor. Esse sentimento, verdadeiro ou não, me faz sentir indigno de quase qualquer coisa que possa trazer alegria à minha vida. — Ele para e olha para mim. — Agora, a alegria da minha vida é você.

Envolvendo minhas mãos em torno de seu rosto, trago seus lábios nos meus e os beijo com firmeza. Eu me afasto para olhar para ele. — Eu não sei se você é certo para mim, Troy, ou aonde isso vai levar. Eu nem sei se devo confiar em você. Mas uma coisa que posso dizer com absoluta certeza é que você definitivamente merece alegria, amor e tudo o que esta vida tem a oferecer. — Faço uma pausa. — Sua mãe cometeu um erro. E tenho certeza de que ela morreu com arrependimento, mesmo que nunca tenha admitido isso para você. Lamento que a decisão dela faça você duvidar de tudo. Mas nunca duvide de que você é digno.

Ele beija minha testa e sussurrou: — Obrigado.

Troy e eu passamos o resto do fim de semana juntos. E isso marca uma mudança não oficial em nosso relacionamento, quando Troy Serrano de alguma forma se transformou de mulherengo em namorado.

Capítulo Onze

Troy

Outro fim de semana se foi, e o jogo de espera para ver Aspyn começou mais uma vez.

Os últimos dias não foram nada como eu esperava. Eu não estava preparado para minhas comportas se abrirem tão facilmente à primeira ameaça de uma pequena competição. Posso ser experiente quando se trata de sexo, mas com certeza não sou experiente quando se trata de lidar com sentimentos reais por alguém.

Por mais que aquele passeio de carro tenha me ajudado a entender o que realmente estava me incomodando – que eu não queria compartilhá-la – eu ainda não estou mais perto de saber se sou *o certo* para ela ou se devo continuar bagunçando com seus sentimentos.

Eu não costumo falar com meu avô sobre minha vida pessoal em grandes detalhes. Mas hoje fiz uma visita especial para pedir uma orientação.

Aspyn tinha mencionado que ela estava levando alguns dos moradores para fazer compras na tarde de segunda-feira, então passo na minha hora de almoço quando sei que ela não estará aqui. Eu não quero me distrair. Por mais que eu queira ver seu lindo rosto, não é disso que se trata esta visita.

Meu avô está sentado na cama assistindo *"Dr. Phil"* quando entro.

— Ei, Nonno.

Ele endireita as costas. — Eu estava me perguntando se ia ver você hoje. Você não me trouxe um donut ontem.

— Desculpe por isso. Eu estava um pouco distraído neste fim de semana. — Sento-me na cadeira em frente a ele. — Na verdade, eu estava esperando obter sua opinião sobre algo.

— Isso é sobre Aspyn?

Eu não posso deixar de sorrir. — Porque você pensaria isso?

— Como já disse antes, posso ser velho, mas ainda não estou cego. Toda vez que ela entra na sala, você acende. Então houve aquela sua pequena performance com o violão. Você está brincando comigo? Vamos. Desde quando você toca violão em público? Quem você pensa que é, Eddie Van Halen? Pareceu-me que você estava procurando qualquer oportunidade de estar perto dela.

Tiro alguns fiapos do meu jeans. — Sim. Acho que é óbvio.

Ele sorri. — Ela pode ser a razão pela qual eu não vi você neste fim de semana?

— Ela pode.

— Já era hora de você ver alguma ação, Troy. Eu estava começando a pensar que você e aquele gato tinham alguma coisa acontecendo.

Bocejando, esfrego meus olhos. Um bom sono continua me escapando ultimamente, pelo menos sempre que eu não estou deitado ao lado dela.

Ele balança sua cabeça. — Você está muito envolvido, hein?

— Estou realmente a fim dela, sim, mas não sei o que fazer sobre isso.

— O que há para se preocupar? Você tem que agradá-la se quiser que ela o mantenha por perto. Mantenha-a feliz. Mantenha-a satisfeita. Sua avó nunca precisou de mais, e não estou falando de dinheiro.

Seguro minhas palmas para cima. — Eu não preciso saber sobre as várias maneiras que você agradou a Nonna. Guarde essa merda para você, pelo amor de Deus.

— Eu não estou falando apenas de sexo, seu cabeça-dura. Estou falando sobre fazê-la sentir que é a pessoa mais

importante do mundo, que está segura com você. É assim que você mantém uma mulher.

— Aí que fica o problema. Ela *não* está necessariamente segura comigo. Eu tenho um histórico horrível com ela, de volta ao ensino médio. E um histórico horrível com as mulheres, em geral.

Ele bate a mão contra a mesa lateral. — Bem, então eu diria que você está prestes a mudar.

— Eu só deveria estar de passagem pela cidade. Não estava planejando desenvolver sentimentos por alguém que exigiria que eu ficasse em Meadowbrook.

— Você só queria transar com ela e não esperava que as coisas se desenvolvessem? Você não é mais criança, Troy. E acho que você sabia desde o início que ela não é o tipo de garota que você fode uma vez e esquece. Ela é especial, aquela. Uma mulher de verdade. Como sua avó.

— Exatamente. Ela é uma mulher de verdade. E é por isso que não sei se ela deveria estar perdendo seu tempo comigo. Não quero machucá-la.

— Por que você precisa machucá-la? Você está escrevendo o final da história antes mesmo de começar. Talvez deva levar seu tempo vendo aonde as coisas vão antes de tirar conclusões. Você está vivendo no futuro, não no presente.

— Ela quase foi traída por um ex – possivelmente realmente traída sem o seu conhecimento. E ela sabe que eu traí a amiga dela no ensino médio. Como diabos a faço confiar em mim?

— Você se torna alguém digno de confiança. — Nonno ajeita o cobertor sobre as pernas. — Deixe-me perguntar algo. Você acha que ainda é um traidor? Se sim, talvez devesse deixar essa garota em paz.

Se eu realmente olhar para dentro de mim, sei que nunca machucaria Aspyn dessa maneira. — Eu nunca a trairia, mas como faço para que ela acredite nisso?

— É preciso trabalho e tempo, filho. Mas tão importante quanto ganhar sua confiança é manter uma mulher feliz. — Ele sorri como um gato Cheshire. — Tenho alguns segredos a esse respeito.

Arqueio uma sobrancelha. — Mesmo. E você tem escondido de mim?

— Pegue uma caneta e papel. Há cinco deles, e quero que você os escreva.

Rindo, levanto-me e caminho pelo corredor até a mesa da administração, onde peço papel e caneta antes de retornar ao quarto do meu avô.

Sentando-me de volta, digo: — OK... estou pronto.

Ele baixa o volume da televisão. — Agora, tenha em mente, esses truques do ofício não são substitutos para coisas grandes e óbvias como lealdade. Estas são pequenas coisas que você pode fazer para fazê-la sorrir. Essas são as coisas que basicamente selam o acordo em uma coisa que já é boa.

— Tudo bem... — Eu clico no topo da caneta e me preparo para fazer anotações.

Ele limpa a garganta. — OK, primeiro segredo.

— Sim?

— Esfregue os pés dela.

Eu gargalho. — Isso é um segredo para um relacionamento bem-sucedido? Esperava algo um pouco mais profundo.

— Eu te disse, essas são pequenas coisas..., mas elas se somam e importam. Esfregar os pés é um ato íntimo que mostra a ela que você entende o quanto ela trabalha, que não se importa de sujar um pouco as mãos e que se preocupa com o bem-estar dela.

Pés, em geral, meio que me empurram para longe. Eu nunca entendi fetiches por pés. Mas por alguma razão, o pensamento de esfregar os pés de Aspyn não me incomoda. Mas eu ainda não entendo esse suposto segredo.

Escrevo *Esfregar os pés.* — OK, bem, isso é bastante fácil. Suponho que se você acha que funciona, eu vou tentar — falo, principalmente para agradar meu avô.

Ele estende a mão para sua mesa lateral e começa a descascar uma laranja. — Segundo segredo, escreva notas para ela, mesmo que sejam curtas, para dizer a ela que você está pensando nela. Uma nota é mais sincera do que este negócio de mensagens de texto. Na minha época, você escrevia um bilhete e o dobrava de maneira legal. Faça-o curto, doce e direto ao ponto. Sua Nonna tinha uma coleção inteira deles de mim. Isso não apenas prova que você realmente se importa com ela, mas também dá a ela algo para consultar nos tempos em que a irritar.

Balanço a cabeça. — Isso faz sentido. Eu só tenho que descobrir como escrever notas para ela que não soem bregas.

— Se é do seu coração, nunca é brega. Esse é o problema com a maioria dos homens hoje – eles acham que precisam agir com firmeza. Mas a verdade é que, se você não expressar seus sentimentos de vez em quando, como diabos ela vai saber como você se sente? Você está construindo uma apólice de seguro para garantir que ela nunca se sinta negligenciada e não precise recorrer a outra pessoa para satisfazê-la. Escrever seus sentimentos pode ser a melhor maneira de se comunicar. Mas você deve enviá-los por correio para que sejam entregues quando não estiver com ela.

— Por que enviar?

— Porque será uma boa surpresa e aumentará o efeito. Todo mundo adora receber coisas legais pelo correio.

— Tudo bem. — Eu anoto. — Esse é definitivamente um pouco mais desafiador do que a massagem nos pés. Mas vou ver o que posso fazer.

Ele sorri enquanto coloca um pedaço de laranja em sua boca. — Segredo três.

Inclino-me. — Dê-me.

— Agarre-a de repente e beije-a quando ela menos esperar. Incline-a de forma dramática. Essa última parte é obrigatória.

— Para que serve isso? — Estendo a mão para pegar uma fatia de sua laranja.

— É um ato de espontaneidade – mostra a ela como você perde o controle facilmente perto dela, mesmo nos momentos mais comuns. Mas não se esqueça de incliná-la. Essa é a parte romântica.

Enfio a laranja na boca. — Como diabos você se tornou um especialista em romance?

— Eu tive um ótimo pai, seu bisavô. Ele era um verdadeiro romântico. Aprendi ao observá-lo, e sua Nonna colheu os benefícios.

— OK. — Balanço minha cabeça e rio. — Próximo.

— O quarto segredo é colocar uma música e dançar com ela. Não importa se é apenas um dia comum. Não precisamos de uma ocasião especial para dançar. Coloque um pouco de Sinatra e vá em frente.

Eu balanço a cabeça. — OK. Brega, mas fácil.

— Pronto para o último? É o mais importante.

— Jogue-o para mim.

Ele termina de mastigar. — Faça cócegas nela.

Meus olhos se arregalam. — O que?

— Estou te dizendo. — Ele ri. — Rir é bom para a alma. As cócegas podem ser uma expressão física de amor. Eu costumava fazer cócegas em Nonna pelo menos uma vez por semana. Isso sempre a tirava de qualquer mau humor em que estivesse.

Pisco com ceticismo. — Não tenho certeza sobre isso.

— Você já viu um resultado ruim de fazer alguém rir incontrolavelmente? Libera hormônios da felicidade.

Suspiro. — Estou começando a me perguntar se você está armando para mim. Algumas dessas coisas parecem ridículas, particularmente esta última.

Ele balança sua cabeça. — Experimente tudo isso e você será bem-sucedido.

Naquela noite, depois que meu dia de trabalho terminou, fico surpreso ao receber um telefonema de Aspyn. Ela normalmente não me liga durante a semana.

— Ei, linda. A que devo essa surpresa?

— Eu só queria dizer olá.

— Bem, *olá.* Eu estive pensando em você o dia todo.

— Ouvi dizer que você esteve no Horizons hoje — diz ela. — Desculpe se a gente se desencontrou.

— Sim. Decidi fazer uma visita improvisada a Nonno na hora do almoço. Tivemos uma pequena conversa agradável.

— Ele... sabe sobre nós?

— Eu meio que tive que dizer a ele. Ele imaginou que algo estava acontecendo. Eu não neguei. Espero que esteja tudo bem para você.

— OK, bom saber. Está bem. Eu não queria bancar a idiota perto dele se ele soubesse.

— Eu não acho que ele vai dizer nada para você. Ele sabe que você é uma pessoa privada. — Suspiro no telefone. — Eu não posso acreditar que tenho que esperar até sexta-feira para vê-la novamente.

Ela hesita. — Não necessariamente.

— Você não está puxando essa merda de *talvez* de novo, está? Não posso esperar até sábado, Aspyn.

— Não foi isso que eu quis dizer. Na verdade, eu estava me perguntando se você queria vir jantar hoje à noite. Eu sei que é de última hora, mas...

— Última hora? Você acha que eu me importo com isso? Como se houvesse mais alguma coisa que eu preferisse fazer do que ir jantar com você.

— Estou experimentando esta lasanha sem glúten feita com queijo de nozes. É uma nova receita. Pode sair horrível, mas meu palpite é que Kiki não vai gostar, e eu vou ter uma tonelada de sobras.

— Ah. Então, você está me convidando para ser seu triturador de lixo humano?

Ela faz uma pausa. — Não, Troy. Estou convidando você porque quero ver você.

Amando o som disso, fecho meus olhos. — Eu quero ver você também.

— Nós obviamente não podemos... você sabe, por causa de Kiki, e você não pode passar a noite.

— Entendi. Isso não importa. Eu apenas quero ver você.

— Ok... sete então?

— O que posso levar?

— Só você mesmo.

— Droga. Eu me sinto como uma criança que acabou de descobrir que pode ficar acordado até tarde em uma noite de escola. Isso é maravilhoso.

Ela ri. — Vejo você em breve.

— OK, linda.

Depois que desligo o telefone, olho para Patrick sentado no sofá. Seus olhos estão sonolentos, e ele parece que está prestes a adormecer.

— Acorda, Pat! Esta é uma grande notícia. Ela me convidou *durante a semana.* Eu posso estar oficialmente me afastando do status de mulherengo.

Ele solta um grande bocejo.

— Isso é tudo que você tem a dizer?

Chego na casa de Aspyn às 19h em ponto. O cheiro do que ela está fazendo imediatamente me atinge. Cheira a molho de tomate saboroso e... algo que lembra queijo. Dou uma longa fungada. — Droga, algo cheira bem.

— Sim, vamos ver como é o gosto. Não tenho certeza se vai combinar com o cheiro.

É difícil não estender a mão e beijá-la nos lábios, mas com Kiki na sala, sei que não poderia. Eu a beijo na bochecha e vou para dentro de sua casa.

Aspyn olha para a caixa branca que estou carregando. — Você não precisava trazer nada.

— Sim, bem, eu prometi a Kiki uma sobremesa de verdade. — Eu me viro para sua sobrinha. — Lembra?

— Eu esqueci disso. — Kiki sorri.

— Eu trouxe alguns brownies. Eles têm açúcar e chocolate de verdade e tudo. E a melhor parte é que eu não os fiz.

— Adoro brownie. — Kiki esfrega a barriga.

— Ufa. OK. Bom.

Aspyn pega a caixa de mim. — Isso foi muito doce.

— O prazer é meu.

Nós três nos sentamos para a refeição na sala de jantar. A lasanha que Aspyn fez parece comestível, embora eu certamente esteja curioso para saber qual será o sabor do queijo de nozes.

Aspyn serve uma fatia para cada um de nós.

— É feito com macarrão de arroz e o queijo é feito de caju. — Ela olha para Kiki. — Dê uma chance.

Kiki dá uma mordida e imediatamente cospe.

Aspyn olha para ela. — Vamos lá, sério?

— Eu odiei. Isso *não* é queijo.

— É queijo de nozes — insiste Aspyn.

— Queijo de nozes? — Kiki torce o nariz. — *Não* é queijo.

Eu quero rir, mas sei que isso irritaria Aspyn, então me contenho.

Aspyn joga as mãos para cima. — Bem, se você não vai comer, o que você vai comer no jantar? Eu não tenho mais nada.

— Ela solta um suspiro frustrado. — Eu normalmente faço algo diferente para ela, mas queria uma noite em que pudesse fazer apenas uma refeição para todos.

Deus, não é fácil ser responsável por uma criança de oito anos. Eu mal consigo abrir uma lata de comida para Patrick, muito menos fazer um plano de refeições para mim e outra pessoa todas as noites da semana.

De jeito nenhum irei fazê-la se sentir mal por causa da lasanha. Eu não dou a mínima para o gosto; fingirei gostar. Dou uma mordida e, sem nem mesmo registrar o sabor, finjo adorar. — Mmm... Kiki, eu não sei do que você está falando. Isso é delicioso. — Eu o movimento na minha boca.

— Você começou a falar antes mesmo de mastigar — Kiki desafia. — Eu o observei.

Ela tem um ponto. Mastigo um pouco mais e depois engulo. OK, não é ótimo. Ainda assim, digo: — Viu? Mastiguei e amei.

— Você é um mentiroso — Aspyn sussurra. Então ela mesma dá uma mordida antes de jogar o garfo no chão. — Oh, meu Deus. É totalmente ruim! O queijo não é comestível e o macarrão está duro. — Ela olha para a sobrinha. — Desculpe por gritar com você, Kiki. Você estava certa.

Estendo a mão e coloco minha mão sobre a de Aspyn. — Estou aqui pela companhia?

Aspyn move sua mão debaixo da minha e esfrega os olhos em frustração. Ela está cansada. Eu posso dizer. Ela trabalhou um longo dia e voltou para casa para fazer uma refeição que ninguém apreciou. Preciso fazer algo.

De pé, digo: — Vou pegar uma pizza para Kiki e para mim e um pouco de sushi para você. Apenas me dê meia hora.

Aspyn olha para mim. — Você não precisa.

Kiki entra na conversa. — Sim, ele precisa.

— Eu quero. — Esfrego os ombros de Aspyn. — Relaxe e descanse. Sirva-se de um copo de vinho ou algo assim. Eu voltarei. — Pisco para Kiki. — Azeitonas pretas, certo?

Ela pula em seu assento. — Obrigada, Troy.

Uma hora depois, volto com a comida e nos sentamos e devoramos a refeição para viagem – a lasanha sem queijo fracassada como uma mera lembrança.

No meio do jantar, Kiki anuncia: — Troy, adivinhe o que tia Aspyn colocou na minha lancheira semana passada?

— Nenhum dos meus biscoitos, espero?

— Não. — Ela ri. — Você nunca vai adivinhar.

Dou uma mordida na minha pizza. — Dê-me uma dica.

— É algo que você usa para ligar algo.

Aperto os olhos enquanto olho para Aspyn. Tudo que minha mente suja pode conjurar é um vibrador.

— Eu vou dizer a ele, Kiki, e acabar com essa tortura. — Aspyn revira os olhos. — Eu coloquei o controle remoto da TV na lancheira dela, OK? Pode rir.

Meus olhos se arregalam. — O que a possuiria para fazer isso?

— Claramente, não foi intencional. Devo ter empacotado tão rápido que agarrei tudo o que estava à vista.

— Você disse que isso foi há cerca de uma semana, hein, Kiki?

— Sim.

Olhando para Aspyn, eu sorrio. — Algo devia estar distraindo você.

Ela cora. Dá-me um grande prazer saber que consumi seus pensamentos o suficiente para fazê-la perder a cabeça por um momento.

Depois que Kiki sai da mesa para ir para seu quarto, Aspyn se vira para mim. — Obrigada por salvar a noite. — Ela sorri. — Eu vou ter que te compensar.

Agora eu realmente queria que estivéssemos sozinhos. Isso me faz querer levá-la direto nesta mesa. — Continue dizendo merdas assim, e eu trarei o jantar todas as noites.

Kiki sai novamente, segurando um caderno de matemática.

— Troy, você pode me ajudar com minha lição de casa? — ela pergunta.

— Uh, sim... claro, se estiver tudo bem para sua tia.

— Só se estiver tudo bem para você — diz Aspyn.

— Claro que está. Eu adoraria ajudar.

Levanto-me e sigo Kiki de volta ao seu quarto. Nos minutos seguintes, ajudo-a a resolver alguns problemas de matemática.

Depois que terminamos, ela sussurra: — Eu realmente não precisava de ajuda com minha lição de casa. Eu tenho que te perguntar uma coisa.

— Oh, tudo bem. E aí?

Ela solta um longo suspiro. — Tem essa garota. Ela é a pior. Tão má comigo. De qualquer forma, terá uma dança de pai e filha na escola em uma semana. Todo mundo sabe que eu não tenho pais. E Maisy ficou tipo 'pena que você não pode ir ao baile porque você não tem um pai para te levar'. Eu não ia. Mas ela me deixou louca quando disse isso. Eu ia perguntar ao meu avô, mas ele é meio embaraçoso e cheira a fumaça de cigarro. Não sei a

quem mais perguntar. — Ela faz uma pausa e me entrega um panfleto. — Você vai comigo?

A pergunta dela me atinge bem no estômago, e eu não tenho ideia de como lidar com isso. Olho para o papel. — É só para os pais, ou qualquer um pode ir? Quero dizer, como poderíamos me explicar?

— Não sei. Mas quero mostrar a ela que ainda posso ir, mesmo que não tenha pai. Eu simplesmente não posso aparecer sozinha. Eu preciso de um cara para ir comigo.

Como posso dizer não? Mas também não posso dizer sim – não sem falar com Aspyn.

— Eu vou te dizer uma coisa, se estiver tudo bem com Aspyn, eu adoraria acompanhá-la.

— Eu sabia que você ia dizer isso. — Ela solta um suspiro frustrado. — Ela vai dizer não. Porque você não é meu pai e porque ela me disse que as coisas eram complicadas com você.

Claro que ela disse. — Eu não posso concordar em te levar sem a aprovação dela. Ela vai ter que saber de qualquer maneira. Mas vou tentar convencê-la, OK?

Seus ombros caem. Ela parece derrotada, como se nunca esperasse que sua tia dissesse sim. — OK. Obrigada por tentar.

Meu coração se parte por ela. Entendo muito bem como é se sentir excluído por não ter um pai por perto. Sei que Aspyn faz tudo o que pode por Kiki, mas ninguém poderia substituir seus pais. Para não mencionar, foi preciso coragem para me pedir – a um estranho – um favor como esse. Também me irrita que alguma criança de nariz ranhoso se esforce para fazer Kiki se sentir mal por algo sobre o qual ela não tem absolutamente nenhum controle. Dá vontade de socar os pais daquela criança por criar uma babaca.

Aspyn imediatamente registra a expressão séria em meu rosto quando reapareço na sala.

— Está tudo bem? Parece que ela te esgotou. Você mal sobreviveu ao dever de casa de matemática? — Ela ri. — Sempre me surpreende quando a matemática do ensino fundamental me deixa perplexa. É impressão minha ou ficou muito mais difícil desde que estivemos na escola?

— Não é isso. A lição de casa foi fácil.

Seu sorriso desaparece. — O que aconteceu?

Sento-me e abaixo a voz. — Você sabia sobre essa dança de pai e filha na escola dela?

— Ela mencionou isso, sim. Disse que uma garota fez um comentário que a deixou chateada.

— Sim. Isso a irritou muito. — Faço uma pausa. — Ela me perguntou se eu iria com ela. Você ficaria bem com isso?

Aspyn fecha os olhos e suspira. — Você está brincando...

— Não. Ela é muito séria sobre isso.

— Ela quer que eles pensem que você é o pai dela?

— De jeito nenhum. Ela só quer esfregar isso na cara daquela garota – vangloriar-se aparecendo comigo.

Ela balança a cabeça. — Não acho que seja uma boa ideia, Troy.

Eu solto um suspiro. — Kiki sabia que você diria isso.

— Você acha que estou errada?

Ela parece um pouco irritada. Eu não quero isso, mas prometi a Kiki que tentaria.

— Eu posso entender por que você está hesitante. Mas também posso ver por que pode ser importante deixá-la aparecer comigo.

Aspyn apoia a cabeça no encosto do sofá. — É tão difícil às vezes. Nem sempre sei como lidar com as coisas com ela.

— Eu não dei uma resposta a ela porque obviamente não posso ultrapassar. Mas saiba que eu ficaria feliz em levá-la, se

você estiver bem com isso. Absolutamente nenhuma pressão de mim. Não vou dizer mais uma palavra sobre isso.

Posso entender por que Aspyn não está ansiosa para que eu vá ao baile com Kiki. Eu não quero me tornar o próximo cara a desaparecer da vida de Kiki tão rápido quanto entrei. Preciso pisar levemente aqui. Ao mesmo tempo, entendo totalmente a necessidade de Kiki de esfregar na cara daquela garota punk.

— Vou tentar convencê-la a não querer ir — diz Aspyn. — Mas obrigada por sua disposição em levá-la. Eu aprecio isso.

— Claro.

Enquanto continuamos sentados juntos no sofá, estendo a mão e começo a massagear seu ombro.

— Eu só quero dizer mais uma coisa — peço, incapaz de me segurar.

— OK...

— Entendo exatamente como ela se sente. Crianças podem ser cruéis. Lembro-me da época da escola primária sendo importunado por não ter uma mãe. Há algumas pessoas que chafurdam nos infortúnios dos outros apenas para se sentirem melhor consigo mesmas. Estar perto de Kiki realmente traz de volta alguns desses sentimentos antigos – não de uma maneira ruim, mais de uma maneira retrospectiva e auto compassiva. O fato de ela querer ir ao baile para provar que tem tanto direito de

estar lá quanto qualquer outra pessoa mostra o quão forte ela é. E ela recebe isso de você. Não tenho nada além de respeito por vocês duas, Aspyn.

Estendo minha mão, e ela a pega, entrelaçando nossos dedos.

Ficamos em silêncio por alguns minutos. — Você quer que eu a deixe se preparar para dormir?

Aspyn aperta minha mão. — Fique mais um pouco.

— OK. Você apenas diz uma palavra, e vou embora.

Como ela ainda parece tensa, tenho a ideia não tão brilhante de implementar um dos segredos de Nonno. Abaixando-me e agarrando seu pé, começo a remover sua meia.

Aspyn imediatamente se afasta de mim. — O que você está fazendo?

— Você teve um longo dia. Eu quero te dar uma massagem nos pés.

— Você não pode. — Ela parece horrorizada.

— Por que não?

— Porque meus pés estão... sujos. Ainda não tomei banho e trabalhei o dia todo.

Eu rio. — Você arruinou meu momento romântico. — *Primeiro strike, Nonno.*

— Bem, desculpe-me, mas prefiro que você faça qualquer coisa agora além de esfregar meus pés.

— Hmm... agora você está falando. Se Kiki não estivesse em casa, estaria acontecendo. Para constar, eu esfregaria seus pés sujos e colocaria minha boca em qualquer outra coisa que estivesse suja também, se você me deixasse agora.

— Bem, isso é muito nojento, mas não vou culpá-lo por isso.

Esfrego sua coxa. — Você claramente tem alguma compreensão do meu nível de desespero.

Capítulo Doze

Aspyn

Como ainda é quarta-feira?

Preciso sair daqui.

Eu nunca deixei de ir ao trabalho a menos que tivesse um bom motivo. Na verdade, não consigo pensar em uma vez que fingi estar doente para faltar ao trabalho. Mas hoje, no meio do dia de trabalho, simplesmente não aguento mais estar no Horizons. Sexta-feira parece eternamente longe. Preciso ver Troy antes disso. A única maneira de fazer isso é deixar o trabalho enquanto Kiki está na escola.

Tinha sido um começo de semana frustrante. Depois que Troy saiu da minha casa na segunda-feira à noite, tive uma conversa franca com Kiki e finalmente a convenci de que era melhor não ir ao baile. Mas desde então, estou questionando minha decisão, perguntando-me se meus medos sobre ela se apegar a outro homem na minha vida influenciaram minha opinião sobre as coisas.

Estou estressada e, mais do que isso, estou com tesão.

Então, embora seja incomum, coloco minha cabeça no escritório da minha supervisora. — Oi, Laura. Eu não estou me sentindo bem — minto. — Acho melhor ir embora antes que alguém fique doente. Espero que não seja nada, mas não gostaria de arriscar.

Ela tira os óculos e os joga de lado sobre a mesa. — Uau. Você nunca está doente. Vá ter algum descanso. Podemos cancelar as atividades da tarde. Sem problemas.

— Obrigada. Agradeço sua compreensão.

Uma leve pontada de culpa me segue até o estacionamento e ao entrar no meu carro. Mas enquanto dirijo, principalmente estou excitada e cheia de antecipação. Quero surpreender Troy, porque sei que ele nunca esperaria que eu aparecesse em sua porta, principalmente a esta hora. Isso me deixa tão nervosa quanto empolgada. Ele está no meio de seu dia de trabalho, e eu poderia muito bem interromper algo importante.

Demora cerca de vinte minutos para chegar à casa de Troy saindo do Horizons. Quando chego à sua porta, bato algumas vezes. Minhas palmas começam a suar. *E se ele não estiver em casa?*

Quando a porta se abre, Troy tem um olhar de alarme no rosto.

— Ei. Está tudo bem? Aconteceu alguma coisa com Nonno?

Cubro meu peito com a mão, meu coração batendo rapidamente. — Oh, meu Deus. Ele está bem. Desculpe se eu te assustei. Não me ocorreu que você pudesse pensar isso. Eu só... deixei o trabalho mais cedo. Inventei uma história e disse que estava doente. Eu sei que é ruim mentir, mas queria ver você.

— Sério? — Um sorriso enorme se espalha por seu rosto. — Aspyn Dumont, você acabou de sair do trabalho para vir aqui e me foder?

Exalo. — Sim?

Uau, ele murmura antes de se mover para o lado para me deixar entrar.

Noto seu laptop na mesa de centro, um monte de papéis espalhados e uma caneca de café. Patrick entra na sala e mia, tecendo dentro e fora das minhas pernas.

Troy me vira para encará-lo. — Você já fez algo assim na vida?

Balanço minha cabeça. — Nunca.

— É melhor eu fazer valer a pena então. — Ele me levanta enquanto envolvo minhas pernas ao redor dele.

Ele me beija com tanta força que penso que minha boca vai cair. Nossas línguas colidem enquanto o beijo fica mais frenético

a cada segundo. *Isso.* Isso é o que eu precisava desesperadamente durante todo o dia. Minha calcinha está molhada em questão de segundos. Estou tão longe quando se trata desse homem, não é nem engraçado. Eu não me importo com o quão desesperado tudo isso parece. Tudo o que importa é colocá-lo dentro de mim.

Puxo sua camisa, nossos lábios se separando apenas o suficiente para eu puxá-la sobre sua cabeça. Seu cabelo está uma bagunça despenteada enquanto ele continua a me segurar. Ele empurra minha calça para baixo e empurra minha calcinha para o lado. Sinto a queimadura de seu pau entrando em mim. São vários segundos felizes de senti-lo dentro de mim nu antes que ele geme e sai.

— Eu sinto muito. Perdi o controle por um segundo. Tenho que ir pegar algo.

Jesus. Eu mesma não estava prestando atenção, mas aqueles poucos segundos foram a felicidade.

Ele me coloca no chão e me segura pela mão enquanto vamos para seu quarto. Ele abre a gaveta da mesa lateral e se atrapalha para pegar um preservativo antes de rasgá-lo. Ele o coloca e volta para mim.

Troy toma minha boca novamente enquanto pressiona seu peito contra o meu, levando-me em direção à parede. Ele me vira para que minha bunda fique de frente para ele. Com minhas

mãos contra a parede, mordo meu lábio inferior, me preparando para o que ele fará a seguir.

— Eu quero foder você por trás assim um pouco, então acabar com você na minha cama, OK?

Através de respirações superficiais, assinto.

Com minhas calças de trabalho na metade das minhas pernas, amplio minha postura para dar espaço para ele enquanto desliza lentamente dentro de mim.

— Você está tão malditamente pronta. — Ele beija minha nuca e puxa meu cabelo enquanto me fode mais rápido.

Incapaz de formar palavras, eu simplesmente gemo em resposta enquanto uso meus dedos para massagear meu clitóris. Minhas pernas tremem quando sinto meu orgasmo pronto para rolar por mim a qualquer momento.

Ele para de repente, me pegando pela mão e me levando para sua cama. Troy arranca o resto de suas roupas e termina de me despir. Nós dois estamos completamente nus agora quando ele me prende debaixo dele. Ele abre minhas pernas e se abaixa antes de afundar em mim. Sua pele quente pressionada contra a minha é tão bom. Sua bunda nua é ainda melhor quando a agarro, guiando seus movimentos.

Mas nada poderia ter me preparado para o que sinto quando ele diminui o ritmo de suas estocadas e me olha diretamente nos

olhos enquanto me fode mais devagar, seus quadris moendo em um movimento circular, me trazendo um prazer tão intenso que quero gritar. Mas eu não faço. Eu apenas continuo a olhar para ele atentamente.

Ele dá um sorriso gentil, e eu sorrio de volta enquanto continuamos a nos observar.

— Você não me odeia mais — ele sussurra enquanto puxa lentamente e empurra dentro de mim novamente.

— Eu não.

Ele sorri mais largo.

Sentindo meus músculos apertarem, começo a gozar. Ele fecha os olhos e solta uma série de golpes duros enquanto o calor de seu esperma enche o preservativo. Foi o orgasmo mais intenso que experimentei com ele até agora.

Faltar o trabalho valeu muito a pena.

Depois que descemos da nossa alta, ele se levanta para descartar o preservativo antes de retornar ao seu lugar ao meu lado na cama.

Troy me envolve em seus braços e beija minha nuca. — Quanto tempo tenho com você aqui comigo hoje?

— Mais algumas horas. — Eu me viro para encará-lo. — A menos que você tenha que voltar ao trabalho.

— Vou compensar o trabalho esta noite. Essa é uma das vantagens de trabalhar remotamente. Quero você aqui enquanto puder ficar. — Ele dá um beijo firme em meus lábios. — Como sabia que eu estava pensando em você o dia todo e não podia esperar até sexta-feira?

— Eu não sabia. — Sorrio, mas quando isso se vai, ele me dá um olhar examinador.

— O que está em sua mente?

Corro meu dedo ao longo de seu queixo. — Não sei. Sinto que deveria ter muito em mente, considerando o quão fora de controle me senti esta tarde. Mas só quero aproveitar esse momento e não analisar meu comportamento maluco.

— Isso soa como um plano muito bom. E você não estava fora de controle ou louca. Você estava simplesmente aderindo ao HTP.

— O HTP?

— Você é *humana*, você estava com *tesão*, e é dia da *preguiça.* — Ele sorri.

Balanço com o riso. — Bem, isso explica. Obrigada pelo esclarecimento.

Ele aperta meu lado. — Você sabia exatamente para onde ir, também. Você tem necessidades. E estou tão feliz por ser a pessoa que você escolheu para atendê-las.

Troy baixa a boca para o meu peito e chupa meu mamilo. Inclinando minha cabeça para trás, solto um suspiro de prazer, estupefata com a rapidez com que estou pronta para o segundo round enquanto passo meus dedos por seu cabelo sedoso.

Troy fala em meu peito. — Desculpe ter entrado dentro de você sem nada quando chegou aqui. Isso foi irresponsável, mesmo que tenha sido apenas alguns segundos.

— Tudo bem. Estou tomando pílula.

Ele olha para mim. — Você nunca mencionou isso.

— Sim. Eu queria ser mais cuidadosa.

— Faz sentido. Mas é bom saber. Não preciso mais me preocupar com a minúscula chance de ter estragado tudo mais cedo.

Seus olhos perfuram os meus. É difícil me deitar com ele neste lugar íntimo e não deixar minha mente vagar por todas as perguntas, todo *e se*. Meu corpo não tinha sido a única coisa explodindo de energia hoje. Meu coração estava trabalhando horas extras também.

— OK, eu posso ver as rodas girando em sua cabeça. — Ele se endireita um pouco. — Fale comigo, Aspyn.

— Eu sinto que estive me enganando esse tempo todo — digo.

Um olhar de preocupação cruza seu rosto. — De que forma?

— Convencendo-me de que posso me divertir um pouco com você e não me apegar.

— E você se preocupa que se apegar é uma má ideia.

— Sim, mas é difícil tentar não me apegar.

— Talvez você deva se apegar então.

Eu já estou.

— Você não é a única a se sentir assim. — Ele olha profundamente em meus olhos. — Dê-me algo, Aspyn.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer... eu sinto que me abri um pouco com você, e você não fez o mesmo. Diga-me o que você tem guardado aí dentro.

Suspiro, não ansiosa por isso. — Talvez você deva me perguntar o que você quer saber.

— Eu quero saber sobre sua vida depois do ensino médio antes de nos reencontrarmos. É como um buraco negro sobre o qual você não fala.

— Isso é exatamente o que parece. Um buraco negro. Principalmente porque eu bloqueei muito disso.

— Por que?

Escovo meu dedo ao longo de seu peito. — Depois do ensino médio, as coisas não saíram como planejado. Acabei tirando alguns anos de folga em vez de começar a faculdade imediatamente. Eu me envolvi com a galera errada e festejei muito, o que era o oposto de mim no ensino médio. Era como se eu estivesse caminhando para trás. Eu não estava usando drogas nem nada, mas bebia muito.

— Todos nós fizemos merdas das quais nos arrependemos — diz ele. — Acredite em mim, eu tive minha cota de noites de bebedeira nos meus vinte e poucos anos.

Ele não tem ideia de onde estou indo com isso. — Na noite em que minha irmã morreu, ela e o namorado estavam indo me buscar em uma festa, porque eu estava bêbada demais para ir para casa.

Troy me puxa para mais perto. — Eu entendo...

— Nada nunca mais foi o mesmo depois daquela noite. Eu parei de sair. Eu parei tudo. Tudo simplesmente... parou. — Uma

lágrima rola pelo meu rosto. — Isso é muito difícil de falar, Troy. Porque eu nunca parei de me culpar. A única vez que não me culpo é quando bloqueio isso. Então, é isso que eu faço.

Ele aperta meu lado. — Não foi sua culpa, Aspyn.

— Em um nível racional, sei que não causei o acidente. Era uma noite chuvosa e o carro deles capotou. Não tenho ideia de quão rápido Toby estava dirigindo. Mas o fato é que eles não teriam saído naquela chuva em primeiro lugar se não fosse por mim. — Eu o encaro. — Agradeço a Deus todos os dias por não terem Kiki com eles. Eles a deixaram com meus pais naquela noite. — Balanço minha cabeça. — É tão cruel que eu a veja crescer e eles não. Você fala sobre se sentir indigno – eu sinto o mesmo, mas por um motivo diferente.

Os olhos de Troy brilham. — A vida pode ser cruel. Não há dúvida sobre isso. Merdas inimagináveis acontecem. Mas ninguém merece se culpar pelo resto da vida por algo que não é sua culpa. Não entendemos por que fomos colocados aqui nesta Terra ou por que algumas pessoas são subitamente levadas. Poderia ter sido a hora de sua irmã ir, independentemente de para onde ela estava indo naquela noite. Talvez isso pareça piegas, mas e se for verdade e você estiver se culpando? Não podemos saber nada com certeza. Eu percebo que isso não vai necessariamente fazer você se sentir melhor, mas essa é uma verdade na vida – que nós não sabemos nada. Então, por que não assumir que não há problema em deixar de lado a culpa porque não havia nada que você pudesse ter feito?

Sua perspectiva me conforta, pelo menos momentaneamente. — Bem, deixar ir é certamente mais fácil dizer do que fazer.

— Eu sei — ele suspira. — Eu só queria poder fazer você se sentir melhor. — Troy encosta sua testa na minha. — E me desculpe se a forcei a falar sobre isso.

— Você não me forçou, embora seja o máximo que eu disse em voz alta sobre isso em anos. Mas me sinto um pouco mais leve, mesmo que apenas por agora. — Aperto sua bochecha. — A vida é estranha...

Ele pega minha mão e a beija. — Você quer dizer isso... nós...

— Sim. — Eu sorrio. — Uma vez eu te odiei tanto, e agora não há nenhum lugar no mundo que eu gostaria de estar.

— Eu sinto exatamente o mesmo. — Ele acaricia meu pescoço. — Exceto que vou dar um passo adiante e dizer que prefiro estar dentro de você novamente agora. Esse é o único lugar no mundo que eu quero estar.

Envolvo minha mão em torno de seu pênis rígido. Abrindo minhas pernas, coloco sua coroa na minha entrada.

Ele se reposiciona em cima de mim antes de empurrar para dentro em um impulso profundo.

— Tem certeza que está tudo bem? Eu posso pegar uma camisinha. — Ele imediatamente fecha os olhos em êxtase.

— Sim. Isso é bom.

Ele engasga e se empurra mais fundo. Quando começa a entrar e sair, ele diz: — Deus, isso parece tão incrível. Acho que nunca mais vou poder voltar a usar camisinha com você agora que sei como é.

Empurro meus quadris. — Desde que você não esteja com mais ninguém, não precisa.

— Não há mais ninguém — ele sussurra enquanto empurra mais fundo. — Você é tudo que eu quero, porra.

Hoje tinha sido certamente o dia das estreias. Primeira vez pulando o trabalho. Primeira vez fazendo sexo com Troy sem camisinha. Primeira vez que me abri para ele. E eu nunca me senti mais perto dele do que no momento em que ele gozou dentro de mim. O fato de eu ter deixado provou que em algum nível – mesmo que eu não tenha admitido – eu confiava nele.

Um pouco depois, enquanto estamos deitados na cama, totalmente satisfeitos, uma pequena nuvem de culpa retorna. Não tenho certeza por que penso nisso neste momento. Talvez seja minha inclinação sempre me sentir indigna de paz nos raros momentos em que a experimento.

— Acho que preciso contar a Jasmine sobre nós mais cedo ou mais tarde — digo.

Troy assente. — Eu concordo, se isso está pesando em você. Eu não acho que devemos uma explicação a ela pessoalmente..., mas ela ainda é sua amiga. Então eu entendo.

Olho para o meu telefone. — Tenho cerca de uma hora antes de pegar Kiki na casa dos meus pais.

— Você já almoçou?

— Não. Saí do trabalho antes de ter a chance de comer.

— Deixe-me preparar algo para você. Você pode comer ovos, então que tal uma omelete com legumes – sem queijo?

Meu estômago ronca. — Isso soa incrível.

Depois que colocamos nossas roupas, eu o sigo até a cozinha e Troy me prepara um delicioso almoço tardio. Sentamos em seu balcão e comemos nossas omeletes juntos, enquanto Patrick aguarda ansiosamente por qualquer pedaço de comida aos nossos pés.

Quando estamos limpando, Troy aleatoriamente para o que está fazendo, passa os braços em volta de mim e dá o beijo mais longo em meus lábios. Para minha surpresa, ele conclui me inclinando para trás de forma exagerada, fazendo com que minha cabeça bata na lateral da ilha central.

— Ai!

— Porra. Eu sinto muito. Isso deveria ser uma inclinação dramática. — Ele xinga baixinho enquanto esfrega o topo da minha cabeça.

— Foi bem dramática.

— Deus, eu sou um desastre. — Ele me puxa para perto e beija a área que havia sido ferida. — Maldito Nonno e seus segredos. Estou dois para dois na zona de falha.

— O que você está falando?

Ele beija o topo da minha cabeça novamente. — Nada.

Quatro dias depois, Troy e eu estamos no meio de mais um fim de semana juntos. Domingos preguiçosos aparentemente se tornaram nossa coisa.

Estamos cochilando na minha cama depois de brincar a manhã toda quando uma batida na porta nos faz pular de pé.

— Você está esperando alguém? — ele pergunta.

Esfrego meus olhos. — Não?

Totalmente nua e quente na minha cama, eu não estou em condições de atender a porta.

Troy se move para a beirada da minha cama, exibindo suas belas costas esculpidas e a rachadura de seu traseiro musculoso. — Não é Kiki tão cedo, é?

— Não. Ela e minha mãe foram ao festival da colheita hoje.

O festival da colheita é uma das maiores coisas que acontecem em Meadowbrook todos os anos. Traz pessoas de estados vizinhos como Nova York e Pensilvânia. Eu quase sugeri que Troy e eu fôssemos, mas meio que preferia ficar com ele hoje.

Então me lembro que tinha feito um pedido no meu mercado orgânico favorito, e a FedEx estava programada para entregá-lo hoje.

— Acho que é uma entrega que estou esperando.

Ele se vira e beija a ponta do meu nariz. — Fique aqui. Eu vou pegar.

— Provavelmente só deixaram cair na porta — digo. — Eles geralmente batem para me avisar que tenho um pacote, para que não fique lá fora.

Enquanto Troy veste seu jeans, aprecio o breve vislumbre de sua bunda esculpida.

Alguns segundos depois que ele sai da sala, posso ouvir uma conversa abafada. Parece mais de uma pessoa. E então vem o som do balbucio de um bebê.

Eu pulo da cama.

Que diabos?

Correndo para pegar meu roupão de seda do armário, enrolo-o em volta de mim antes de me aventurar para a sala de estar.

Então meu coração quase para.

Troy está ali sem camisa enquanto encara Jasmine e seu marido, Cole, que está carregando sua bebê, Hannah.

Engulo em seco, apertando o fecho do meu roupão enquanto sinto a adrenalina correr pelo meu corpo. — Jasmim! O que você está fazendo aqui?

— Estávamos na cidade para o festival da colheita — diz ela, com os olhos arregalados. — Passamos por aqui a caminho de casa, então pensei que poderíamos aparecer e dizer olá, já que nunca estou em Meadowbrook.

Liguei para Jasmine esta semana e fiz planos para visitá-la no próximo sábado, especificamente para poder contar a ela sobre mim e Troy. Certamente não era assim que eu queria que ela descobrisse.

O rosto de Jasmine fica vermelho. — Troy estava me dizendo que vocês estão... saindo.

Troy olha diretamente nos olhos deles, deixando claro que não tem nada a esconder. Isso é o oposto de como eu me sinto – como se eu fosse perder a cabeça a qualquer segundo. Seu cabelo recém-fodido espetado só piora a situação. Eu não tenho vergonha do que ele e eu tínhamos desenvolvido, só que não tive a chance de explicar direito a ela.

— Eu sei o que isso parece — digo estupidamente. — OK, não o que *parece* – o que *é*. Esta é a razão pela qual eu queria vê-la no próximo fim de semana, para explicar que Troy e eu estamos nos vendo.

Jasmine olha entre Troy e eu. — Você não precisa explicar. Se você se lembra, eu meio que incentivei isso. Então, não é uma surpresa total. A maneira como você continuou divagando sobre ele naquele dia em que foi visitar, eu meio que suspeitei que algo aconteceria.

Troy ri. — Divagando sobre mim, hein?

Cole sacode a bebê para cima e para baixo desajeitadamente, mas não diz nada.

Jasmine agarra o braço do marido. — Nós devemos ir. Claramente estamos interrompendo.

— Não! — eu insisto.

Eu não posso deixá-la ir agora. Por mais envergonhada que esteja, preciso encarar a música, e deixá-la ir só tornará as coisas mais difíceis de explicar mais tarde.

— Vocês quase nunca vêm a Meadowbrook. Por favor, não vão. Fiquem. — Olho para Troy. — Obviamente, temos muito a discutir. — Aponto para minha cozinha. — Vou preparar um café.

Troy ergue a palma da mão. — Na verdade, você sabe o quê? Acho que devo deixar você curtir seus amigos em paz. Eu tenho que ir para casa de qualquer maneira porque Patrick está ficando sem comida, e eu o negligenciei o suficiente neste fim de semana. — Ele aponta o polegar de volta para o meu quarto. — Só vou pegar o resto das minhas coisas.

Hannah balbucia. Depois de alguns segundos de silêncio constrangedor, aponto para o sofá. — Sentem-se. Por favor. Sintam-se à vontade. Eu volto já.

Vou para o meu quarto e coloco um sutiã, top e uma calça enquanto Troy vai em busca de sua camisa.

— Eu sinto muito que isso tenha acontecido antes que você tivesse a chance de contar a ela — ele sussurra enquanto puxa sua camisa sobre sua cabeça.

— É o que é — falo em voz baixa.

— Eu não quero que você pense que estou saindo para jogá-la no fogo sozinha. Mas acho que só vai tornar as coisas mais estranhas se eu ficar. E eu assumi que você não ia me dizer para sair. Inventei aquela história sobre a necessidade de alimentar Patrick, mas se você quiser que eu fique por aqui, eu vou. Basta me dizer.

— Não. Essa foi uma boa desculpa. Eu acho que seria mais estranho se você estivesse aqui.

— Tenho certeza que ela vai querer reclamar de mim em paz. Ela merece ser capaz de fazer isso, eu acho.

— Sim. — Abro um sorriso simpático.

Voltamos juntos para a sala de estar. Depois que Troy lhes dá um rápido adeus, eu o acompanho até a porta.

Ele puxa o material da minha camisa. — Ligue-me quando eles saírem, OK?

— Sim.

Ele me dá um beijo rápido nos lábios antes de caminhar para seu carro.

Quando volto a entrar em casa, Jasmine está sentada ao lado do marido no meu sofá. O que tornou isso ainda mais estranho? Eu não sei o que posso e não posso dizer, já que não

tenho ideia se Cole sabe que Troy era o ex-namorado de sua esposa.

O mistério logo acaba quando Jasmine solta: — Então esse foi o idiota que me traiu no ensino médio.

OK. Maneira de facilitar as coisas.

— Ele o quê? — Seus olhos se estreitam enquanto ele balança sua filha em seu colo. — Você *namorou* aquele cara?

— Aquele era Troy. Lembra que falei sobre ele? Ele me traiu com a esposa de Noel, Samantha, quando éramos líderes de torcida juntas.

— Ah, aquele cara. — Ele se vira para mim. — Aspyn não fez ele se cagar ou algo assim?

Limpando minha garganta, balanço a cabeça. — Eu tentei... com um donut.

— Por que diabos você está namorando com ele, Aspyn? Isso é louco.

— Ela não está namorando com ele — Jasmine esclarece. — Ela está *brincando* com ele.

Engulo em seco. Troy se tornou um pouco mais para mim do que uma foda conveniente, mas de jeito nenhum irei entrar em tudo isso com eles.

Esfrego as palmas das mãos. — Bem, como você disse naquele dia em sua casa, Jasmine, ele e eu somos solteiros. E nós estávamos passando muito tempo juntos de qualquer maneira. Não é fácil conhecer pessoas. Especialmente em Meadowbrook. Então, uma coisa levou a outra. Achei que não havia mal nenhum se nós dois fôssemos adultos.

— Sim, quero dizer, contanto que você não se apegue ao cara — Cole diz, colocando a mão na coxa de sua esposa. — Porque claramente ele não sabe como tratar uma mulher, se ele traiu essa beleza.

Isso dói um pouco. Não só porque me faz sentir como se Cole pensasse que sou ingênua, mas porque também me lembra do passado de Troy, algo que estou trabalhando duro para esquecer. Sim, Troy havia traído uma garota bonita e gentil. Ele é tecnicamente a mesma pessoa que tinha feito coisas terríveis. Mas cada vez mais, eu também sinto que ele havia mudado. Até que ponto, eu ainda não posso ter cem por cento de certeza. Mas ele não é a mesma pessoa que tinha sido naquela época. Não parece o momento apropriado para defendê-lo quando eu literalmente fui pega com minhas calças abaixadas.

— Já volto — digo, precisando de um momento para respirar. — Vou pegar aquele café.

Eu me atrapalho com a jarra de café, praticamente esquecendo como completar essa tarefa simples. Jurando colocar

minha calcinha de menina grande, preciso enfrentar essa situação de frente.

Volto para a sala carregando uma bandeja com uma jarra de café e três canecas. Eu sirvo uma xícara para cada um de nós e deixo que eles coloquem seu próprio leite e açúcar. Embaraçosamente, eu não tenho nada em casa para servir junto com o café em tão pouco tempo. Comida não é minha prioridade nos dias de hoje, aparentemente. Talvez eu devesse ter oferecido a eles um controle remoto de TV para mastigar.

— Eu só não quero que você se machuque — Jasmine diz enquanto mistura açúcar em sua bebida. — Você está bem com Troy desde que não leve isso a sério. Eu sinceramente acredito que caras assim não mudam. — Ela olha para Cole. — Estou tão aliviada por ter conseguido um dos bons.

Quero vomitar um pouco. Isso é ótimo para eles, mas ela não confessou que o sexo não era mais tão excitante? De qualquer forma, eu discordo. A verdadeira razão pela qual me sinto tão desconfortável é essa necessidade inexplicável de defender Troy. Está me matando não o fazer. E isso, suponho, diz muito sobre meus sentimentos por ele.

— Concordo que você tem um dos bons. — Forço um sorriso. — Mas Troy é bom para mim agora. Ele é o que eu preciso na minha vida no momento. E ele pode não ter sabido como ser um namorado decente no passado, mas era praticamente uma criança e estava passando por muita coisa. Há

coisas que eu aprendi que eu não sabia então. Coisas que você também não sabe, Jasmine. Não estou dizendo que ele é perfeito. Mas eu não estaria gastando meu tempo com alguém se eu acreditasse que ainda fosse um idiota – mesmo para sexo casual. — Eu a olho nos olhos. — Levei algum tempo para tirar essa conclusão sobre ele. Isso não foi algo em que eu pulei.

Jasmine apenas me encara por alguns momentos. — Você está falando sério? Você está pensando que ele é material para namorado?

— Neste momento estamos apenas vendo para onde as coisas vão. Mas o lado dele que experimentei nas últimas semanas não é nada como eu esperava. Ele não tem sido nada além de atencioso, confiável, cuidadoso – gentil com Kiki. Eu entendo de onde você está vindo também, no entanto. É por isso que eu mantive minha guarda esse tempo todo.

— Bem — ela diz presunçosamente — acho que o tempo dirá.

Posso deduzir pelo tom dela que, independentemente do que eu disser, ela sente que estou sendo ingênua. Mas ela está certa sobre uma coisa: o tempo certamente dirá.

— Honestamente, fiquei apavorada em contar a você. Porque naquela noite em sua casa, eu nunca vi isso acontecendo, mesmo que você diga *que* sim. E eu sabia que você reiteraria que 'uma vez traidor, sempre traidor'. Apenas saiba que estou sendo

cautelosa e que sinto muito por qualquer constrangimento que causei a você por causa dessa decisão. Você está lidando com isso muito melhor do que eu jamais faria.

— Não se preocupe comigo. Estou bem. — Seus olhos permanecem nos meus. — Verdadeiramente, Aspyn. Apenas cuide de si mesma.

Largo meu café e caminho para abraçá-la.

Ela esfrega minhas costas. — Eu não quero bater em um cavalo morto. Então vamos falar de outra coisa.

— Depois que você terminar com este cara — diz Cole — vou fazer da minha missão encontrar um cara legal para você. — Ele dá a Hannah seu copo com canudinho. — Tenho alguns amigos solteiros.

Enquanto continuamos sentados conversando, Jasmine se mexe muito. Ela ainda parece desconfortável. Apesar dela me encorajar a ir para Troy, não acho que ela pensou que isso iria acontecer.

Eu certamente não.

Capítulo Treze

Troy

Puxo meu cabelo. — Por que estou tão nervoso, Pat? Ela não vai deixar o que Jasmine disser a afetar, certo? Ela está começando a confiar em mim.

Miau.

— Obrigado por concordar comigo, mesmo que você realmente não queira dizer isso. — Estreito meus olhos para ele. — Eu sinto sua desconfiança às vezes também.

Patrick ronrona.

Meu telefone toca, fazendo-me pular. Não é como se eu estivesse esperando com a respiração suspensa ou algo assim. Tentando soar como se não estivesse cagando nas calças nas últimas duas horas, atendo. — Ei, linda.

— Oi — ela diz.

— Eles saíram?

— Sim.

Engulo em seco. — Como foi?

— Bem, eu diria que foi uma visita agradável, mas foi estranho como o inferno, como você pode imaginar.

— Sim. Posso imaginar o que estava acontecendo aí. Isso foi azar. A primeira vez que eu atendo sua porta e *bam.*

— Sem camisa, nada menos — ela suspira. — De qualquer forma, Kiki acabou de voltar, então não posso falar muito. Eu tenho que fazer o jantar. Mas eu só queria que você soubesse que eles foram embora, e eu lidei bem com isso.

Esfregando minha têmpora, pergunto: — Ela... teve algo interessante a dizer sobre mim e você?

— Como você podia esperar, sim. Ela acha que você é seguro para passar um bom tempo, mas só isso. Mas você pode culpá-la?

— Não, eu não posso. E não importa para mim o que ela pensa, desde que o que ela diga não entre na sua cabeça e faça você duvidar de tudo. Eu só me importo com o que *você* pensa.

— Eu sou uma garota crescida com uma mente própria. Acredite ou não, eu tentei defendê-lo.

— Aspyn Dumont defendendo Troy Serrano. O que foi parar na água de Meadowbrook? Nunca pensei que veria o dia.

— Acho que o bom sexo pode estragar o julgamento de alguém. — Ela ri.

— O que quer que esteja funcionando, eu vou continuar fazendo.

— Sabe qual foi a pior parte de hoje?

— O que? — Eu sorrio, finalmente sentindo meu pulso desacelerar.

— Que você teve que sair mais cedo, e nós não conseguimos passar o resto do fim de semana juntos.

— Bem, se eu estiver no meu melhor comportamento, talvez eu receba outro convite para jantar durante a semana.

— Terei que descobrir como não fazer do jantar um experimento científico da próxima vez.

Na noite da quinta-feira seguinte, estou em casa sozinho na frente da televisão comendo um prato de macarrão com feijão e brócolis que eu tinha preparado. Afinal, eu não tive a chance de ver Aspyn esta semana. Ela mencionou que estava tendo alguns problemas com Kiki e que provavelmente era melhor esperarmos

até sexta-feira para nos encontrarmos. Embora eu não possa ter certeza, suspeito que parte disso possa ter algo a ver com aquele baile marcado para sexta à noite na escola dela.

Enquanto Aspyn estava ocupada lidando com coisas da vida, aproveitei as noites livres para colocar o trabalho em dia e jantei uma noite com Nonno. Durante o dia de hoje, ele e eu fomos ao shopping, uma vez que o tempo estava muito ruim para fazer qualquer outra coisa. Eu sempre penso em Aspyn toda vez que vamos a qualquer lugar agora, e isso me faz sentir falta de sua companhia.

Assim que levo meu prato sujo para a cozinha, meu celular toca. Eu sorrio quando vejo o nome dela aparecer.

— Como sabia que eu estava pensando em você? — pergunto quando atendo.

— Eu não sabia. Mas é bom saber disso.

— Como vai tudo?

Ela solta o que parece ser uma respiração frustrada. — Não tão bem, na verdade.

Meu estômago afunda. — Você está bem?

— Não é nada ruim. Eu não queria alarmá-lo.

De volta à sala, sento-me no sofá e levanto meus pés. — Fale comigo. O que está acontecendo?

Depois de um momento de pausa, ela diz: — Kiki está realmente chateada por eu não ter mudado de ideia sobre a dança. Estou começando a duvidar se estou tomando a decisão certa em não a deixar ir.

— Vamos conversar sobre isso então. Qual é o cerne da questão? Você está preocupada que ela tenha uma ideia errada se eu for com ela – ficar muito apegada a mim ou algo assim? Ou há mais em sua apreensão?

— Não é apenas minha apreensão sobre as expectativas dela quando se trata de você. — Ela faz uma pausa. — Isso faz parte. Mas também, se ela aparecer, não é quase como... ceder ao bullying? Quero dizer, e se você não estivesse disposto a levá-la e ela não tivesse ninguém com quem ir? Ela teria lidado com isso. Eu não quero ensiná-la a ter reações instintivas toda vez que alguém é mau com ela. Ela não precisa provar nada para ninguém aparecendo apenas para fazer um ponto. Ao mesmo tempo, posso ver por que isso seria empoderador, então não tenho certeza se estou exagerando. — Ela exala. — Eu só estou... cansada.

A frustração em sua voz é palpável.

— Eu gostaria de poder abraçá-la agora — digo.

Ela suspira.

— OK. Quer saber o que eu acho?

— Sim — ela diz imediatamente.

— É apenas uma noite. Nem isso, apenas algumas horas. Não vale a pena você se estressar. Seria uma coisa se ela não tivesse com quem ir, mas ela tem. Ela me tem. E estou realmente feliz em levá-la.

— Ela nem tem vestido. Eu teria que levá-la às compras logo depois da escola amanhã. Não teremos muito tempo.

— Você vai encontrar um. Respire fundo. Vai ficar tudo bem.

— Alguns dias eu não sei se estou preparada para isso.

— Você está sempre em movimento, seja no trabalho ou cuidando dela. Você não consegue nem parar o suficiente para olhar para si mesma e ver que está fazendo um trabalho muito bom. Como alguém que não teve uma mãe enquanto crescia, posso garantir que você é muito necessária na vida dela. Você está ocupando um lugar enorme, e eu sei que você não escolheu esse papel, mas está fazendo a maldita coisa, Aspyn, e estou orgulhoso de você.

Há um pouco de silêncio. — Agora sou eu quem deseja poder *abraçá-lo.* Obrigada por levá-la, Troy. Eu devo muito a você.

— Ainda mais uma razão para levá-la — provoco.

Aspyn me olha de cima a baixo enquanto me deixa entrar em sua casa na sexta à noite. — Você está bonito, Serrano.

— Ora, obrigado, linda.

Ela mencionou que o código de vestimenta não foi especificado, então eu decidi por uma camisa de colarinho azul escuro e calças pretas. Espero não estar mal vestido, mas imaginei que me vestir básico era mais seguro do que parecer um idiota se eu exagerasse. Eu não queria envergonhar Kiki.

Ela olha para o que seguro na minha mão. — Oh, meu Deus. Você comprou um corsage para ela? — Aspyn cobre a boca.

— Não ria. Mas sim. Procurei no YouTube o que fazer para uma dança entre pai e filha para ter certeza de que não estava perdendo nada. Estou sem noção sobre no que estou me metendo aqui. Por exemplo, não me ocorreu que eu poderia estar realmente *dançando.* De qualquer forma, obter algum tipo de flor é uma obrigação, aparentemente. Ela pode usar este no pulso, então não precisa estragar o vestido.

— Isso foi muito legal, obrigada.

— Não fique muito impressionada. Eu tenho segundas intenções quando se trata da tia dela. — Envolvo minhas mãos em suas costas para puxá-la para um beijo breve. Então olho ao redor. — Onde está Kiki, afinal?

— Ela está tomando seu tempo doce lá. Eu apenas a ajudei a colocar o vestido, mas ela insistiu em fazer seu próprio cabelo – não me deixou tocá-lo. Estou rezando para que ela não se queime com o babyliss.

— Então, você acabou encontrando um vestido OK?

— Sim. Na verdade, encontramos um muito bonito.

— Boa. Vê? Deu tudo certo. — Olho para o meu telefone. — É melhor irmos embora.

— Deixe-me ver como ela está. — Aspyn corre pelo corredor.

Fico na sala esperando, olhando pela janela para as luzes da rua.

Quando me viro, Kiki está andando lentamente em minha direção. Ela usa um vestido azul claro com uma saia grande e parece adorável.

Estendo minhas mãos. — Uau. Olhe para você. Que vestido!

Kiki dá uma volta. — Obrigada.

— Eu nunca vi você com seu cabelo encaracolado. Parece legal.

Kiki tem a mesma cor de cabelo castanho claro que Aspyn. Por alguma razão, eu não tinha notado até agora o quanto elas se parecem.

— Eu nem me queimei como tia Aspyn pensou. — Ela olha para o recipiente de plástico na minha mão. — Isso é um pedaço de bolo?

— Não, boba. Olhe mais de perto. — Eu o seguro.

Ela sorri. — Você me comprou uma flor grande?

— Sim. Um corsage. É até azul como o seu vestido. Eu não tinha ideia de que você estava usando essa cor, então era para ser. Mas você não precisa usá-lo se não quiser.

— Não, eu gostei. Obrigada.

Tiro-o do recipiente de plástico e coloco-o sobre seu pulso. Aspyn está com a mão no peito, olhando para nós com adoração. Ela não parece mais ter dúvidas sobre isso, o que me deixa feliz. Eu só quero que *ela* seja feliz. E Kiki também. Isso é o que toda essa coisa é para ser.

Aspyn nos acompanha até a porta. — Vocês dois se divirtam. Kiki, certifique-se de que Troy se comporte, OK?

Kiki se vira. — Eu irei.

Eu a ajudo a entrar no meu Range Rover e corro para o lado do motorista. Antes de ligar a ignição, eu me viro para ela. — Você está bem? Pronta para fazer isso?

Ela dá de ombros, parecendo insegura de si mesma.

— Você está nervosa? — pergunto.

— Um pouco — ela admite.

— Aquela criança problemática sabe que você está indo?

— Não. Eu nunca disse nada.

— Bom. Mal posso esperar para ver o rosto dela. Não fique nervosa, OK? Vai ser legal. E se você não estiver feliz lá, não temos que ficar. Há muitos outros lugares onde podemos ir bem vestidos hoje à noite.

Quando chegamos ao baile, cerca de vinte e cinco meninas estavam pulando pela pista de dança enquanto vários homens se demoravam nas bordas, forçando-se a falar uns com os outros. Alguns desses caras vestiam smoking. Eu posso estar mal vestido. *Pontos com a flor, no entanto.* Nem uma única garota tem algum tipo de flor presa a ela ou ao redor de seu pulso.

Ajoelho-me e sussurro no ouvido de Kiki: — Onde está a valentona malcriada?

Ela olhou ao redor. — Ainda não a vi.

— Aponte-a para mim quando você a vir. Eu vou dar a ela e ao pai dela o olhar torto.

Alguns minutos depois, Kiki e eu estamos cuidando de nossos negócios perto da tigela de ponche quando ouço uma vozinha atrás de nós.

— Você alugou um pai para a noite?

Eu me viro para encontrar uma garota de cabelos castanhos, que só posso supor que é a pequena Cruella Deville.

O rosto de Kiki fica vermelho quando ela olha para mim. — Ele não é um pai — diz ela. — Ele é meu namorado.

Eu estremeço. *Hum... que porra é essa?*

Os olhos da garota se arregalam. — Seu namorado?

Kiki assente. — El...

Agarrando seu braço, eu a puxo de lado. — Kiki, você não pode dizer que eu sou seu namorado.

— Por que não?

— Porque não é apropriado. Se alguém acreditasse em você, eu poderia ser preso.

— Eu sinto muito. Apenas saiu.

— Eu sei. Ela te deixa toda encurralada. Você pode dizer que eu sou qualquer outra coisa, só que não seu namorado, OK?

Ela assente. — OK.

— Eu menti — ela diz à garota quando voltamos para o nosso lugar perto da tigela de ponche. — Ele não é meu namorado. — Ela faz uma pausa. — Ele é o brinquedo da minha tia.

Eu bufo. *Jesus.* Ela definitivamente aceitou minha oferta de me chamar de *qualquer outra coisa.*

— O que é um brinquedo de alguém? — a menina pergunta.

— É um cara que aparece muito, e então um dia você nunca mais o vê — Kiki responde com naturalidade.

Merda.

— Se ele não é seu pai, por que ele está aqui? Isto é para pais e filhas.

Nem mesmo um minuto a conhecendo, e essa garota já tinha me dado nos nervos.

Eu não posso deixar de soltar: — Quem morreu e fez de você a polícia da dança entre pai e filha?

A garota pisca confusa.

— Tudo bem por aqui? — Um homem que presumo ser seu pai interrompe nossa conversa e começa a me avaliar. — Troy Serrano?

Levo um segundo para reconhecê-lo.

Cristo. Não é à toa que ela é uma idiota. — Albie Cummings. Já faz muito tempo.

Albie é o irmão mais velho da minha primeira namorada no ensino médio, Larissa Cummings. Ele tornou minha vida miserável naquela época, intimidando-me e ameaçando-me até que eu finalmente parei de vê-la. Eu deveria saber que poderia encontrar alguém que eu conhecia aqui. Meadowbrook não é tão grande assim.

Ele olha para Kiki. — Esta é sua filha?

— Não. Ela é sobrinha da minha namorada. Vou acompanhá-la esta noite.

Meu uso do termo *namorada* para descrever Aspyn não passa despercebido para mim. Tinha saído naturalmente e parecia certo, dado o estado atual do nosso relacionamento, mesmo que eu não tenha dito a ela que a vejo assim.

— Ele é o brinquedo da tia dela. — A garota ri.

Ele estreita os olhos. — Oh. Isso faz mais sentido.

Meus punhos se apertam, mas ao invés de responder, eu me lembro que esta é a noite de Kiki. Preciso esfriar minha cabeça.

Balanço a cabeça. — Bom te ver. — Colocando minha mão nas costas de Kiki, digo: — Vamos, Kiki. Vamos dar uma olhada na cabine de fotos.

Enquanto nos afastamos, ela diz: — Você conhece o pai de Maisy?

— Sim. E vamos apenas dizer que a maçã não cai longe da árvore. A razão pela qual aquela garota é uma idiota é porque ela aprendeu a ser uma com seu pai. Ele costumava me intimidar assim como ela intimida você.

Para minha surpresa, Kiki parece prestes a chorar. — Acho que quero ir para casa.

Ajoelho-me para ficar no nível dos olhos dela. — O que você quer dizer? Acabamos de chegar.

Kiki olha ao redor da sala. — Não quero mais estar aqui.

— Não entendo. Você foi tão insistente em vir e provar que aquela garota não poderia chegar até você. O que aconteceu?

Ela dá de ombros. — Ela chegou até mim.

Coloco minhas mãos em seus ombros. — Kiki, você merece estar aqui tanto quanto qualquer outra pessoa. *Não* a deixe chegar até você. Pessoas assim se sentem melhor quando

colocam os outros para baixo porque isso as fazem se sentir melhor consigo mesmas. Normalmente, se você olhar mais a fundo, há uma razão por trás do comportamento deles, e não tem nada a ver com a pessoa que eles estão mirando. Eu prometo que à medida que você envelhecer, entenderá isso melhor. — Olho para a pista de dança. — Não podemos sair. Nós nem dançamos ainda ou tiramos nossa foto na cabine.

Como eu poderia olhar Aspyn nos olhos se deixasse Kiki ir para casa toda triste? Não havia como levar essa criança de volta sentindo-se pior do que quando ela partiu.

— Eu não sei dançar — diz ela.

— Com certeza sabe. Você apenas se move no ritmo da música e não pensa muito nisso.

Kiki se mexe, parecendo que está pronta para sair correndo pela porta. Acho que talvez se começarmos uma atividade, ela se soltará.

— Vamos esperar na fila para a cabine de fotos.

Lidero o caminho, e ela relutantemente me segue. Há todos os tipos de adereços em uma mesa perto do estande: estola de plumas, chapéus, máscaras e pompons.

Coloco uma cartola e Kiki escolhe uma estola de plumas azul para combinar com o vestido. Quando chega a nossa vez, entramos no estande. Kiki aperta o botão antes que eu esteja

pronto, e os flashes começam. Enquanto eu mostro minha língua, Kiki enfia o dedo médio para cima. Talvez isso seja inapropriado, mas não posso nem ficar bravo com ela. Isso me faz rir, o que prova que eu poderia não ser capaz de ser um pai algum dia. Todas as fotos depois disso acabaram sendo eu rindo dela dando o dedo. Uma lembrança tão doce que levaremos para Aspyn.

Kiki e eu esperamos que nossas tiras de fotos sejam reveladas, e então eu as enfio no bolso.

Quando o DJ começa a tocar *"Daughters"* de John Mayer, ele encoraja as meninas a pegarem seus pais e irem para a pista de dança.

Eu cutuco Kiki. — Devemos ir também.

Ela coloca as mãos em volta dos braços e balança a cabeça.

Droga. Eu realmente esperava que a noite fosse melhor do que isso. Achei que quando chegássemos aqui, ela se sentiria melhor. Acho que estava delirando ao supor que poderia entregar uma flor a ela e fazer tudo melhor. Mas aquela garota Maisy era realmente uma idiota – assim como o pai dela. E, honestamente, ambos eram do jeito que *eu* costumava ser na escola. É preciso um para conhecer outro.

Enquanto todo mundo dança, Kiki e eu assistimos do lado de fora. Preciso de alguma forma salvar esta noite, ou isso ou

desistir e levá-la para outro lugar. Mas eu não posso ficar aqui sem fazer nada.

— Eu já volto — digo a ela quando a deixo momentaneamente.

Caminho até a cabine do DJ e explico a situação para o adolescente responsável pela música hoje à noite. Eu lhe dou uma nota de cinquenta, pedindo que ele escolha uma música que seja apropriada para Kiki e eu dançarmos.

Depois que a música de Mayer termina, todos se dispersam.

O DJ pega o microfone e diz: — A próxima é um pedido especial. Eu gostaria de chamar Troy e Kiki para a pista de dança. Essa música é para quem acha legal intimidar alguém só porque não tem pai. Eu sou uma daquelas crianças cujo pai não está aqui também. E deixe-me dizer... — Ele faz uma pausa. — Bem, eu vou deixar a música dizer isso. Mantenha a cabeça erguida, Kiki.

Os olhos de Kiki se arregalam. Apontando minha cabeça na direção da pista de dança, de alguma forma consigo fazer com que ela pegue minha mão e me siga.

No início, a música é apenas uma melodia agradável e leve, rápida, mas fácil de dançar. Começo a bater palmas, sacudir os quadris e bater os pés na tentativa de fazer Kiki dançar comigo. Em vez disso, ela está estoica, recusando-se a se mover enquanto danço ao redor dela.

Então vem a letra da música.

— *Fuck you*[17].

São apenas essas palavras, repetidas vezes.

Kiki começa a rir, pulando para cima e para baixo e entrando na música. Ela parece pensar que isso é a coisa mais engraçada de todas.

Enquanto isso, eu congelo e paro de dançar. *Merda. O que eu fiz?*

Reconheço a música agora, apropriadamente chamada *"Fuck You"* de Lily Allen.

Meus olhos disparam para o adolescente no comando. Jogo minhas mãos para cima e murmuro: — *O que diabos está errado com você?*

Ele encolhe os ombros.

A cada *fuck you* que Lily canta, Kiki ri mais forte. Parece que ela finalmente tinha superado sua tristeza. Então, em vez de exigir que ele mude a música, deixo rolar. O que quer que a tenha feito feliz neste momento.

---

[17] Tradução: Vai se foder.

Olho em volta para encontrar os olhos de cada menino e menina no salão em mim.

Pode ser hora de ir.

Quando a música acaba, eu me viro para Kiki. — Quer ir comer um hambúrguer ou algo assim?

— Sim. — Ela sorri, parecendo genuinamente à vontade pela primeira vez esta noite.

Saímos de lá como dois morcegos para fora do inferno. Nós deixamos nossa marca na dança, mas não do jeito que eu tinha imaginado.

Kiki e eu acabamos no Wonder Diner, uma das maiores e mais antigas instituições de Meadowbrook. Eu mandei uma mensagem para Aspyn para dizer a ela onde estávamos e disse que a contaria sobre o resto mais tarde, mas assegurei que estava tudo bem.

— Todo mundo vai falar sobre essa música na próxima semana — diz Kiki.

— Eu nunca teria escolhido essa música. Eu só pedi para ele escolher algo que enviasse uma mensagem para Maisy.

— Não estou envergonhada. Foi divertido.

— Inapropriado, mas acho que foi engraçado, sim. Se alguém te der merda, você me diz. Vou à sua escola na segunda-feira e explico o que aconteceu. — *Aspyn vai me matar.*

— A expressão no rosto de Maisy fez valer a pena — diz Kiki.

— Ninguém tem o direito de intimidar você, Kiki. — Minha posição sobre isso é bastante irônica, dado meu comportamento no ensino médio. — Na verdade, eu tenho um segredo.

— Você é gay?

Eu pisco. — Não.

— O irmão da minha amiga disse a mesma coisa para ela, que ele tinha um segredo, e foi o que contou depois.

— Não. — Eu rio. — O que eu queria te dizer é que... eu não era o melhor garoto quando era mais jovem. Eu provocava as pessoas e às vezes agia como a Maisy. Quando você é mais velho, entende melhor como é importante ser gentil. Mas como eu disse antes, na maioria das vezes quando as pessoas agem assim, há uma razão. No meu caso, eu era uma criança raivosa. Com raiva da minha mãe, principalmente, por não estar por perto. Enquanto alguns podem ter dito que eu tinha o direito de estar

com raiva, eu não tinha o direito de descontar em outras pessoas. Ninguém nunca tem esse direito.

Ela toma um gole de seu milk-shake. — Eu também fico com raiva.

— Mas você é uma boa pessoa. Mesmo quando aquela garota estava sendo má esta noite, você se conteve de se rebaixar ao nível dela. Isso diz muito sobre você. Nunca mude.

Kiki dá uma mordida em seu hambúrguer. Sua boca está cheia quando ela pergunta: — Quando você vai parar de vir?

Eu pisco. — O que fez você me perguntar isso?

— Porque foi isso que Holden fez. Ele simplesmente foi embora. E ele não liga nem nada. Ele desapareceu.

Eu não respondo imediatamente, porque preciso ter muito cuidado para não fazer promessas que não tenho cem por cento de certeza que poderei cumprir.

— Eu sei que pode ser difícil quando você se acostuma com alguém por perto e então você não o vê mais — digo.

— Não quero ver minha tia chorar de novo.

Meu corpo endurece. — Ele a fez chorar?

Ela assente.

— Depois que ele saiu, você quer dizer? Ou enquanto ele estava lá?

— Depois que ele foi embora. Ela estava triste. — Kiki mergulha a batata frita em um pouco de ketchup. — Também fiquei triste.

Isso me faz sentir raiva e, estranhamente, ciúme. Não porque quero ser aquele que a faz chorar, mas agora percebo que Aspyn tinha sentimentos verdadeiros por aquele cara Holden, embora ela tenha minimizado o rompimento na única vez que me contou sobre ele. Se ela chorou quando ele partiu, havia uma boa chance de que estivesse apaixonada por ele.

Olhando para as luzes de neon da placa do restaurante, sinto-me um pouco culpado por contornar o assunto que Kiki havia trazido à tona um segundo atrás. Quando você escolhe fazer parte da vida de uma criança porque está envolvido com seu cuidador, não é justo desaparecer só porque as coisas não deram certo com esse relacionamento. Aquele idiota do Holden poderia ser um adulto e pelo menos fazer um esforço para manter contato com Kiki.

— Ninguém que alguma vez significou algo para você deveria desaparecer completamente de sua vida, Kiki. Aspyn e eu estamos nos divertindo muito juntos. E eu adoraria que isso nunca mudasse. Eu me importo muito com ela. Mas acho que sua tia estava certa quando mencionou que as coisas entre rapazes e garotas podem ser complicadas. Eu nunca iria querer

fazer uma promessa a você que não pudesse cumprir. Mas o que posso dizer é que não importa o que aconteça, você sempre pode contar comigo se precisar de um amigo. Vou te dar meu número e e-mail, se você quiser conversar.

Ela lambe um pouco de ketchup do lado de sua boca enquanto olha para mim com surpresa. — Obrigada.

— Na verdade, deixe-me dar minhas informações agora, OK? Assim você já as tem.

Vou até a frente e peço a uma garçonete papel e caneta para anotar meu e-mail e número de celular.

— Posso enviar um e-mail para você agora ou apenas se você desaparecer?

Eu rio. — Você pode me enviar um e-mail a qualquer momento.

Ela pega o pedaço de papel. — Obrigada. Tia Aspyn me deixou criar uma conta de e-mail.

— Bem, momento perfeito então.

Nossas barrigas estão cheias e, felizmente, Kiki ainda está de bom humor quando voltamos para casa.

Os olhos de Aspyn imediatamente encontram a enorme mancha de ketchup no vestido de Kiki. — Como foi? — ela pergunta.

Kiki está praticamente falando rápido. — Maisy foi malvada, eu dei o dedo do meio na cabine de fotos, dançamos ao som da música *eff you*, depois comemos hambúrgueres e Troy me deu seu e-mail.

Meus ombros tremem de tanto rir.

Aspyn estreita os olhos. — OK... vai demorar um pouco para eu decifrar tudo isso.

Kiki boceja. — Podemos falar sobre isso pela manhã? Estou cansada.

— Claro. Mas pule no chuveiro, por favor, antes de cair na cama, OK?

Kiki começa a correr, mas de repente se vira e volta na minha direção. Para minha surpresa, ela estende a mão para me abraçar. Ajoelho-me e a pego em meus braços, fechando os olhos com a doçura de tudo isso. Posso sentir o cheiro de batatas fritas em seu cabelo. Ela não diz nada. Ela não precisa.

Depois que Kiki sai, Aspyn fica boquiaberta. — Uau.

— Nós tivemos um bom tempo. — Eu sorrio.

— Ela não dá abraços com muita facilidade.

— Bem, ela é uma cliente difícil... como sua tia.

Passo os próximos minutos elaborando os breves detalhes que Kiki tinha cuspido sobre nossa noite.

Aspyn balança a cabeça incrédula. — O que o DJ estava pensando ao tocar aquela música? Mas estou feliz que isso a tirou de sua concha.

— Eu sabia que se não fizesse algo drástico, ela continuaria deixando aquela garota chegar até ela. Essa música não era o que eu pretendia, mas definitivamente quebrou o clima sombrio.

— Estou muito feliz por deixá-la ir esta noite. É uma boa prática para *mim,* deixar-me ir também.

— Eu pessoalmente adoro quando você se solta. — Aperto sua coxa. — Tem outra coisa que eu preciso te contar.

Ela ergue a sobrancelha. — OK...

— Quando estávamos na lanchonete, Kiki e eu começamos a falar sobre seu ex. Ela mencionou como nunca mais ouviu falar dele depois que vocês terminaram. Ela sente que a mesma coisa vai acontecer comigo algum dia. Então eu meio que fiz uma promessa a ela. E espero que você esteja bem com isso.

A testa de Aspyn enruga. — O que você disse?

— Eu disse a ela que não importa o que aconteça entre mim e você, eu manteria contato com ela – que ela sempre pode contar comigo se precisar falar com alguém. Dei a ela meu e-mail e telefone. Espero que esteja tudo bem para você. Eu sei que provavelmente deveria ter checado primeiro.

Aspyn assente, absorvendo tudo. — Essa é uma promessa muito grande. Mas se você está bem com essa responsabilidade, eu também estou. Tudo depende de você seguir com ela.

— Eu vou. — Endireito minhas costas. — E eu sei disso. Eu não vou levar isso de ânimo leve.

Fico tentado a perguntar por que ela chorou depois que seu ex foi embora quando ela supostamente iniciou o rompimento. Mas, em última análise, não é da minha conta. Eu também não quero que ela fique brava com Kiki por mencionar isso.

— A noite ainda é uma criança — digo. — O que você quer fazer?

Ela brinca com o botão da minha camisa. — Você quer assistir a um filme?

— Parece bom para mim.

Escolhemos um filme em primeiro lugar na Netflix. Aspyn pega um cobertor enorme e peludo do sofá de dois lugares e o

coloca sobre nós. Envolvo meus braços ao redor dela e tomo uma longa lufada de seu perfume floral. Terminar a noite com essa nota faz qualquer coisa que veio antes desse momento valer a pena. Não há nenhuma maneira no inferno que eu sinta vontade de voltar para minha casa solitária esta noite (Desculpe, Patrick). Tudo que preciso está bem aqui neste sofá, debaixo deste cobertor.

Aspyn se aninha em meu peito. Em um ponto no meio do filme, ela arqueia o pescoço e se vira para olhar para mim. Ela não diz nada, mas sei que ela quer um beijo. Eu de bom grado obedeço, abaixando meus lábios e tomando sua boca na minha. Então ela vira seu corpo para que esteja de frente para mim. Ajustando o cobertor sobre nós, aprofundo o beijo.

— Eu quero você — ela sussurra.

Meu pau endurece.

— Kiki alguma vez se levanta quando está dormindo? — pergunto.

— Raramente.

— Eu posso ser discreto, se você puder.

Espero que ela me dê uma razão por que fazer sexo neste sofá é uma má ideia, mas em vez disso, com os olhos nebulosos, ela assente, aparentemente me dando total permissão para entrar debaixo deste cobertor.

Abro meu jeans apenas o suficiente para tirar meu pau enquanto ela abaixa sua legging. Eu ajusto o cobertor para nos cobrir, e ela se senta em cima de mim enquanto afundo nela. Eu não sei o que há sobre isso – que fomos forçados a ficar quietos, ou apenas que eu senti tanto a falta dela esta semana – mas estar dentro dela parece ainda mais incrível do que o habitual. Nós dois gozamos rapidamente, o que provavelmente é uma coisa boa, considerando as circunstâncias.

Beijo o topo de sua cabeça. — A que horas posso vir amanhã?

— Você ainda está dentro de mim, e está se perguntando quando pode fazer isso de novo?

— Sou apenas eu?

— Não. Não é.

Minha risada balança contra ela. — Então, que horas?

— Minha mãe vem buscá-la ao meio-dia.

— Então, um minuto depois do meio-dia?

— Isso funciona.

Depois ela desaparece no banheiro para se lavar. Quando volta para o sofá, ela encosta seu corpo no meu enquanto assistimos o que resta do filme.

Quando os créditos rolam, posso senti-la olhando para mim. Eu sorrio. — O que você está pensando agora?

— Como eu passei de odiar você para isso, Serrano?

— Defina *isso.*

— Eu não posso, realmente. É indescritível. Como se eu estivesse fora do meu próprio corpo, observando tudo. É uma sensação fenomenal, no entanto.

— Ah, *isso.* Sim. Tenho essa sensação há semanas. Tenho certeza que estou dez passos à sua frente. A propósito, só fica mais intenso. Tipo, não se surpreenda se você colocar a própria TV na lancheira na próxima.

— Tão ruim, hein? — Ela ri.

Eu a seguro mais forte. — Sim... de um jeito bom.

Capítulo Quatorze

Aspyn

Na terça-feira seguinte, no trabalho, faço questão de entrar no quarto do Sr. Serrano para cumprimentá-lo. Quero ter certeza de que não o estou ignorando inconscientemente para evitar ter que abordar meu relacionamento com Troy. Quando entro, o cheiro habitual do spray corporal Love Spell paira no ar.

— Eu sinto que não vejo você há um tempo — digo.

— Bem, pelo que ouvi, você tem estado ocupada. — Ele sorri.

Eu ainda estou formulando minha resposta a isso quando ele me salva.

— Estou brincando — diz ele.

— Eu sei que seu neto o informou. — Sento-me em frente a ele.

Ele assente seriamente. — Ele é um bom menino, Aspyn. Ele cometeu alguns erros no passado. Mas acredito que ele mudou. E também sei que ele realmente gosta de você. Nunca vi o Troy falar de alguém do jeito que fala de você. Mas você não ouviu isso de mim.

Um nível patético de borboletas se enrola no meu estômago ao ouvir essa notícia. Eu sorrio. — Meus lábios estão selados, mas obrigada por me avisar.

— Ele me disse que levou sua sobrinha para aquele baile.

— Ele levou. Kiki realmente gosta dele. Ela dá trabalho, mas é uma bênção na minha vida.

— Troy sente que pode se relacionar com a situação dela, eu acho. Não foi fácil para ele, crescendo sem mãe e tudo. Estávamos tão ocupados o tempo todo. Fizemos o melhor que podíamos, mas certamente cometemos nossos erros. Ele não teve a infância mais feliz.

Eu acaricio seu braço. — Bem, se há uma coisa que eu sei, é que você pode dar o seu melhor e ainda ter um filho infeliz às vezes.

O Sr. Serrano abaixa o volume de *"Judge Judy"*[18]. — Eu não tinha ideia quando te conheci que você tinha tanto sobre seus ombros. E você ainda consegue ter um belo sorriso no rosto o tempo todo.

— Bem, não ajuda em nada ser infeliz. Eu tento olhar o lado positivo, mesmo se eu estiver tendo um dia ruim.

Ele limpa a garganta. — Eu só vou dizer mais uma coisa rápida, porque sei o que está acontecendo com você e Troy não é da minha conta...

— Está bem. — Eu sorrio. — Eu valorizo sua opinião.

— Espero que dê certo para vocês dois. Porque ele merece uma garota tão legal quanto você.

Isso aquece meu coração. Nem sempre me sinto uma garota legal, mas o fato de ele me ver assim me deixa feliz.

— Obrigada por dizer isso — digo a ele. — Estamos vivendo um dia de cada vez. Muita coisa ainda está no ar. Mas ele me deixa feliz, Sr. Serrano. Cá entre nós, não sou tão feliz há muito tempo.

— Bem, isso *me* deixa feliz. — Ele sorri.

---

[18] Judge Judy foi um reality show americano baseado em arbitragem presidido pela ex-juíza Judith Sheindlin do Tribunal de Família de Manhattan.

Eu nem tinha admitido isso para Troy. Por alguma razão, é mais fácil se abrir para o mais velho.

— Eu percebo o quão irônico tudo isso é dada a forma como as coisas começaram entre nós.

Ele assente. — A vida pode ser engraçada. Se tem uma coisa que aprendi é que a vida tem um senso de humor incrível.

Naquela noite, estou examinando a correspondência quando noto um pequeno envelope endereçado a mim. O endereço do remetente é o de Troy. Estranhamente, minha primeira reação é de pânico. É uma carta do tipo *"Querido John"*? Por que diabos ele me enviou algo quando poderia simplesmente ter me dado na próxima vez que estivéssemos juntos?

Abro o mais rápido que posso. Dentro há um simples pedaço de papel branco pautado com um bilhete escrito à mão em tinta azul.

Querida Aspyn,

Eu tenho tentado descobrir algo por um tempo, e acho que finalmente consegui.

Ultimamente, meu café tem um gosto melhor. No começo, pensei que talvez tivesse comprado uma marca diferente por engano, mas não. É a mesma marca que sempre usei.

Então notei que as folhas das árvores parecem muito mais coloridas do que me lembro. Acho que nunca tinha parado para apreciar o outono em Meadowbrook. Por que estou percebendo isso de repente?

A resposta é, não é o café ou as folhas. É você, Aspyn. Você me faz feliz. E tudo é melhor, mais vibrante, quando você está feliz. Você é a primeira mulher a me fazer sentir assim.

Espero que você perceba o quão especial é.

XO Troy

Eu não podia acreditar que ele tinha me enviado isso. Meu coração bate rapidamente enquanto seguro minha mão no meu peito. No começo, eu me pergunto se ele havia escrito isso por causa do que eu disse ao avô dele. Acho que talvez o Sr. Serrano tenha contado a ele sobre minha confissão. Mas essa conversa foi apenas hoje cedo. E isso tinha sido enviado antes.

Pego o telefone e ligo para Troy.

Ele atende no terceiro toque. — Ei...

Eu suspiro no telefone. — Sabe, se houvesse morte por desmaio, eu estaria deitada no chão sem pulso em uma pilha de mingau agora.

— Você recebeu meu bilhete?

— Sim. Foi muito doce e profundo e incrível – e caramba, você é bom, Serrano. Eu nem sei o que dizer.

— Você não precisa dizer nada. O objetivo não era obter uma resposta. Era só para te dizer como estou me sentindo. Cada palavra disso é verdade. Eu não sou o mais romântico quando se trata de palavras. Mas essa era a única maneira que eu poderia descrever o que tenho sentido ultimamente.

— O que deu em você para enviá-lo em vez de me dar?

— Eu queria que você soubesse que eu estava pensando em você enquanto não podíamos estar juntos durante a semana. Além disso, meu guru do romance me disse que seria um bom gesto.

Minhas bochechas praticamente doem de tanto sorrir. — Guru do romance? O que deu em você? E quem é seu guru do romance, afinal?

— Meu avô.

— Mesmo? Ele disse para você me enviar isso?

— Esta foi a primeira de suas dicas que realmente funcionou.

Algo clica. — Espere um minuto... isso tem alguma coisa a ver com a tentativa de esfregar os pés?

Ele ri. — Talvez.

— Oh, meu Deus. O inclinar! Quando eu bati minha cabeça.

— Talvez. — Ele ri. — Mas é importante notar que, embora ele tenha me dado a sugestão de escrever uma carta para você e enviá-la pelo correio, nela era tudo eu.

— Bem, obrigada novamente. Você fez minha noite.

— Obrigado por me dar uma razão para escrevê-la, linda.

Solto um longo suspiro no telefone.

— Diga-me do que se trata... esse suspiro — diz ele.

— Acho que continuo esperando o outro sapato cair com você. É horrível admitir isso?

Ele não responde por alguns segundos. — Não, porque eu sempre quero que você seja honesta comigo.

— Você não me deu nenhuma razão para me sentir assim — digo.

— Acho que a maneira como agi no passado está enraizada em sua mente.

— Talvez em um nível subconsciente, mas não é só você. Sou *eu* também, Troy. Tenho grandes problemas de confiança. Eu sei que não me abri muito sobre meu último relacionamento. Fiquei arrasada quando *terminou,* mesmo sendo eu quem tecnicamente terminou com ele. Uma vez que ele me disse que tinha considerado me trair, eu sabia que tinha acabado. Ele poderia muito bem ter feito isso. Foi um grande golpe porque eu tinha confiado nele antes disso.

— Você terminou as coisas imediatamente?

— Demorei mais ou menos um mês antes de arrancar o Band-Aid. Fiquei pensando em Kiki. E o quanto ela o amava. Ele me implorou para não terminar. Ele disse que se sentia tão culpado que teve que confessar o que quase fez, mas tentou me fazer acreditar que o fato de *não ter* traído significava que ele me amava. Eu sabia que não era verdade. — Suspiro. — Eu me sinto sortuda por ele ter admitido isso para mim. Não consigo imaginar se tivesse continuado a assumir que estava segura com ele.

Troy suspira. — Como alguém que traiu uma namorada no passado, talvez eu não tenha o direito de dar minha opinião

aqui..., mas quem te ama não vai pensar em trair nem por um segundo. Você fez a coisa certa.

— Eu sei que sim. Acreditar que alguém me amava por um minuto e depois perceber que eu não era suficiente para ele o tempo todo foi um verdadeiro alerta. Certamente não ajudou meus problemas de confiança.

Troy fica quieto por um momento. — Eu não ia te contar isso, mas sinto que preciso para explicar alguma coisa.

— OK...

— Na outra noite com Kiki, quando estávamos na lanchonete, ela mencionou que não queria ver você chorar de novo. Ela estava aludindo ao tempo depois que seu ex foi embora. Isso meio que levou à nossa conversa sobre eu manter contato com ela, não importa o que aconteça entre mim e você. De qualquer forma, foi a primeira vez que percebi o quanto ele machucou você.

— Eu gostaria que ela não tivesse dito isso a você...

— Achei que não era algo que você queria que eu soubesse. Mas isso me atingiu com força. Antes disso, eu via você como um tanto cautelosa, alguém que guardava suas emoções. E ouvir que ele te quebrou assim... isso me deixou não apenas com raiva, mas estranhamente ciumento por você ter experimentado sentimentos profundos por alguém. Também me fez pensar se o

que você tinha com ele era mais uma conexão emocional, enquanto comigo poderia ser mais... física.

Eu balanço a cabeça, mesmo que ele não possa me ver. — As coisas com você podem ter começado como físico, mas meus sentimentos evoluíram. — Fecho os olhos para reunir meus pensamentos. — Acho que deveria explicar melhor. Não que eu achasse que Holden era *o único.* Embora eu definitivamente acreditasse que o amava na época, acho que a razão por trás das minhas lágrimas tinha mais a ver com como sua confissão refletia em *mim,* o que significava sobre minha capacidade de ser suficiente para alguém. E, claro, isso me lembrou meus pais, como meu pai sempre afirma amar minha mãe, mesmo que ele a traia. Estou lhe dizendo, Troy, prefiro ficar sozinha do que me deitar ao lado de alguém à noite que faria isso.

Ele faz uma pausa. — Qualquer um que traia você é um tolo absoluto. Você é a mulher mais inteligente e sexy que eu já conheci.

Olho para o teto e balanço a cabeça. — Troy Serrano, meu cérebro está nas nuvens há semanas. E é tudo culpa sua. É uma maravilha que eu ainda não tenha embalado o aspirador de pó para o almoço de Kiki. Não sei o que vou fazer com você.

— Você pergunta muito isso, mas agora eu tenho uma resposta específica. Eu sei o que você pode fazer comigo. Diga que está doente no meio do dia novamente. Venha e sente-se na minha cara amanhã.

— Bem, essa é uma ideia.

No dia seguinte, a sugestão de Troy sobre dizer que estou doente passa pela minha cabeça repetidamente a manhã inteira no trabalho. Sou uma causa perdida. Em vez de inventar uma história sobre estar doente desta vez, crio um compromisso fictício. Então, embora eu tenha muito menos tempo com ele como resultado, aceitarei o que conseguir.

Quando saio do trabalho no meio do dia, sentindo que estou fugindo de um assassinato, mal posso esperar para surpreendê-lo. Mas quando paro na frente de sua casa, vejo outro carro ao lado de seu Range Rover. Meu estômago afunda quando percebo que Troy tem uma visita. Meu pulso começa a acelerar quando saio do meu carro e me aproximo da porta da frente.

Ele condenou meu ex por traição ontem à noite ao telefone, então por que minha primeira inclinação foi rezar para que seu convidado não seja uma mulher? Por que estou tão desconfiada logo de cara? Eu só poderia atribuir isso ao trauma da traição do meu pai e da quase traição de Holden.

Meu coração dispara quando bato na porta. Minhas mãos tremem.

Pare.

A porta se abre, mas não é Troy quem atende. É um homem mais velho.

— Posso ajudar? — ele pergunta.

— Oi. Estou aqui para ver Troy?

Ele sorri. — Você é Aspyn?

Meu pulso imediatamente se acalma um pouco. — Sim.

Ele estende a mão. — Sou Giovanni Serrano. O pai de Troy.

Quê? — Ah... uau. Você voltou da Europa?

— Sim. Infelizmente, a mãe da minha namorada teve um ataque cardíaco. Parece que ela vai ficar bem, mas encurtamos nossa viagem e voltamos correndo ontem à noite.

— Sinto muito por ouvir isso.

— Obrigado. — Ele acena para que eu entre. — De qualquer forma, entre. Entre. Troy acabou de entrar no chuveiro. Passei a manhã toda falando sobre minha viagem. Esta foi a primeira chance que ele conseguiu de se afastar de mim. Ele não mencionou que estava esperando você, no entanto?

O pai de Troy tem cabelo preto, mais escuro que o castanho de Troy. Enquanto eles são altos e bonitos, suspeito que Troy

deve ser mais parecido com sua mãe. Ele e seu pai não se parecem muito nas feições do rosto. Por outro lado, Giovanni definitivamente se parece muito com seu pai, Louie.

Lambendo meus lábios nervosamente, digo: — Eu, uh, não disse a ele que estava vindo. Apenas decidi aparecer e dizer olá.

— Você não trabalha no Horizons agora?

Pega.

— Sim. — Eu me contorço. — Mas eu tinha um compromisso hoje. Saí disso um pouco mais cedo, então decidi passar por aqui e falar olá antes de voltar ao trabalho.

— Ah. Entendi. Bem, tenho certeza que ele ficará feliz em vê-la quando sair. Devo ir lá e dizer a ele que você está aqui?

— Claro. Isso seria bom. Não quero pegá-lo desprevenido.

Enquanto caminha para trás em direção ao banheiro, ele diz: — Posso pegar uma coisa para você? Um chá ou café?

— Não, obrigada.

Deve ter sido apenas dois minutos depois e Troy aparece, enrolado em uma toalha com o cabelo molhado. Gotas de água escorrem pelo seu peito belo e duro.

Mesmo com meus nervos abalados, eu ainda quero pular nele agora.

Ele ajeita o cabelo molhado para trás. — Você não me disse que viria.

— Eu sei. Eu queria fazer uma surpresa para você.

— Deve ter sido minha sugestão ontem no telefone. — Ele sorri.

Limpo minha garganta. — Eu tinha um compromisso que terminou cedo.

— Certo. — Seus olhos brilham. — Eu vejo que você conheceu meu pai.

— Sim. — Solto um suspiro trêmulo. — Ele sabia quem eu era.

— Isso porque depois que ele falou demais sobre a Europa esta manhã, eu falei demais sobre você.

— E eu estou muito feliz que você apareceu — seu pai diz. — Porque quem sabe quanto tempo levaria para Troy nos apresentar adequadamente.

Troy vira-se para ele. — Não com esta. Você a conheceria em breve.

Calor corre pelo meu corpo.

— Bem, tudo bem, então. — Seu pai sorri. — Olha, eu tenho que estocar comida de verdade, já que meu filho não tem quase

nada na geladeira. Então vou deixar vocês dois por um tempo. Estarei fora por pelo menos uma hora, se essa informação for de alguma utilidade. — Ele olha para Troy, e então acena em minha direção. — Se eu não a vir quando voltar, Aspyn, foi um prazer absoluto. Agora posso ver por que Troy não calava a boca sobre você.

— Obrigada, Sr. Serrano.

— Sr. Serrano é meu pai, o velho que você conhece e ama. Por favor, me chame de Giovanni. — Ele sorri.

— OK. — Eu sorrio. — Prazer em conhecê-lo, Giovanni.

Depois que ele sai da casa, Troy e eu apenas nos entreolhamos.

Ele move a cabeça lentamente de um lado para o outro. — Sua garota safada. Você veio sentar na minha cara e teve uma surpresa desagradável, não foi?

— Eu certamente não esperava conhecer seu pai, não. E tenho certeza de que ele sabia *exatamente* por que eu vim.

— Sim. Ele provavelmente sabe. Mas e daí?

Talvez devesse ter me deixado desconfortável que o pai de Troy soubesse o que estávamos prestes a fazer em sua ausência, mas acho que estou com muito tesão para me importar. Dou de ombros.

— Eu amo que você está criando o hábito de mentir descaradamente para ficar comigo — Troy diz.

— Esse vício provavelmente será o meu fim.

— É melhor eu fazer valer a pena.

Depois que eu o sigo até seu quarto, ele deixa cair a toalha.

— Venha aqui e fique de joelhos. Eu quero sentir essa boca linda em volta do meu pau por alguns minutos.

Desço e envolvo minha mão em torno de seu eixo inchado. Fecho os olhos quando o levo em minha boca e chupo com força.

Troy solta um som ininteligível, e eu olho para cima quando ele inclina a cabeça para trás, seu peito subindo e descendo.

— Porra, você dá um ótimo boquete, Aspyn.

Paro por um momento, e seus olhos brilham quando ele olha para mim com um sorriso malicioso. Lambendo meus lábios, abro minha boca e começo a ir mais fundo. Eu nunca gostei de fazer boquetes até Troy. Eu não posso dizer se é o meu nível de atração por ele ou a maneira como ele expressa tão alto seu prazer que me excita tanto, mas eu absolutamente amo fazer isso com ele.

Ele sai da minha boca com um estalo e diz: — Vamos deixá-la nua.

Troy me ajuda a tirar minhas roupas até que estou totalmente nua. Um arrepio percorre minha espinha enquanto antecipo o que está por vir. Eu me deito em sua cama, e meus joelhos tremem quando ele abre minhas pernas. Ele se abaixa, e não há alívio para isso. Ele imediatamente começa a lamber meu clitóris enquanto guio cada movimento com minhas mãos ao redor de sua cabeça.

— Eu amo como você me usa — ele murmura.

Ele continua até que quase me faz gozar, mas de repente para. — Eu preciso foder você agora. Não temos tanto tempo assim.

Abrindo meus joelhos para abrir espaço para ele, espero o momento em que ele entra em mim. Acontece em uma estocada forte, fazendo-me suspirar tão alto que Patrick se assusta e sai correndo do quarto. Eu nem tinha percebido que o pobre gato estava aqui.

A cama treme quando Troy bate em mim, suas bolas batendo contra minha bunda. Eu adoro a sensação quando estamos pele com pele. E mais, amo o jeito que ele me fode ainda mais forte antes que esteja prestes a gozar.

— Você está perto? — ele ofega.

Eu balanço a cabeça, deixando-me ir e sabendo que ele saberá exatamente quando se soltar. Com certeza, no momento em que meus músculos começam a se contrair, sinto o calor de

seu esperma derramando dentro de mim. Ele continua a entrar e sair até que não há mais nada.

— Desculpe. Eu estava particularmente acelerado hoje. Tenho certeza de que deixei uma situação perigosa dentro de você — ele ofega. — Porra, isso foi bom.

Eu rio. — Posso tomar um banho rápido no seu banheiro?

— Vá em frente. — Ele puxa lentamente.

Depois que me lavei, me senti tão relaxada. Isso era exatamente o que eu precisava, mesmo que essa rapidinha tivesse um começo embaraçoso.

No momento em que saio do banheiro, Troy me puxa em seus braços e sussurra em meu ouvido: — Estou tão feliz que você marcou essa *consulta* hoje. O que foi, aliás?

— Eu gosto de pensar que era algo como... acupuntura — brinco. — Nada muito assustador, como um exame de Papanicolau.

— Bem, espero que tenha corrido bem.

— Correu *muito* bem.

Olho para o meu telefone. — Merda. Eu tenho que ir.

Ele pressiona seus lábios nos meus. — Obrigado por esta maravilhosa surpresa.

Ao sair de seu quarto, meus olhos pousam em um anel de ouro brilhante no topo de sua cômoda.

— Esse é o seu anel de classe de Meadowbrook?

— Sim. Você tem um?

— Não, eu nunca poderia pagar por isso na época. Eles eram como quatrocentos dólares.

— Acho que não usei nem uma vez. Aposto que ficaria legal em volta do seu pescoço. — Ele passa os braços em volta de mim e solta a corrente que tenho, que contém um pequeno pingente em forma de feijão. Ele enrola o anel volumoso na corrente e tranca o fecho. Imediatamente sinto o peso do ouro.

— Fica muito melhor em você do que em mim.

Corro meus dedos ao longo da pedra. — Eu não posso ficar com isso.

— Por que não?

— É uma lembrança especial, a única de seu tipo.

Ele olha nos meus olhos. — Aspyn, *você* é minha lembrança mais especial do ensino médio. O fato de eu ter recebido esta segunda chance, desta vez com você, é tudo para mim. Eu quero que você o tenha. Especialmente desde que você disse que não conseguiu um. — Ele puxa levemente a corrente. — Agora você tem. — Ele beija minha testa. — E você *me* tem.

Sentindo-me pronta para derreter, digo: — Obrigada. É lindo. A esmeralda também é minha pedra de nascimento[19].

— Vê? Era para ser.

No caminho de volta ao trabalho naquele dia, sinto tantas emoções diferentes. O anel pesado agora pendurado no meu pescoço não é a única coisa que pesa sobre mim. Com o pai de Troy de volta à cidade, ele não precisa mais ficar em Meadowbrook. A única coisa que o mantém aqui sou... eu. Isso parece muita pressão. Eu o quero aqui, é claro. Quero tanto que dê certo. Estava preocupada com sua capacidade de ser um parceiro, mas agora sinto que sou *eu* quem precisa trabalhar em mim ainda mais do que ele. Eu tenho problemas de confiança que não têm nada a ver com Troy. E se eu os deixar estragar isso, ele terá motivos para voltar para Seattle para sempre.

[19] Uma pedra preciosa popularmente associada ao mês ou sinal astrológico do próprio nascimento.

Capítulo Quinze

Aspyn

Quatro dias depois, Troy convidou Kiki e eu para jantar na casa de seu pai no domingo. Giovanni fez seu famoso molho de espaguete, que Troy sempre elogiou. Foi bom sentar para uma refeição caseira preparada por outra pessoa que não eu. Giovanni até comprou uma massa especial sem glúten para eu comer com todo mundo.

Quando o jantar termina, Giovanni limpa a boca e pergunta: — Quando você vai embora, filho?

— Ainda não decidi. Terça ou quarta-feira, provavelmente. Mas ainda não tive a chance de discutir isso com Aspyn.

— Oh, eu não percebi isso — diz seu pai. — Desculpe por trazer à tona.

Meus olhos se arregalam. — Você vai a algum lugar?

— Sim. Acabei de saber disso. Eu estava esperando para lhe dizer esta noite antes que ele abrisse a boca grande.

Giovanni estremece. — Desculpe, filho.

— Estou voltando para Seattle — Troy explica. — É só por algumas semanas.

Meu coração afunda, apesar de saber que isso era inevitável.

— Meu escritório precisa que eu vá para um evento pessoal — continua ele. — Pensei em aproveitar para pegar algumas coisas do meu apartamento e trazê-las de volta para cá, amarrar algumas pontas soltas enquanto estou lá.

Kiki morde seu pão. — Muito ruim você ter que ir.

— Não será por muito tempo — Troy diz.

— Você sente falta dos seus amigos lá? — ela pergunta.

— Às vezes, mas não o suficiente para me fazer querer estar lá e não aqui.

Tentando parecer calma por fora enquanto enlouqueço por dentro, limpo minha garganta. — Qual é a situação do seu apartamento lá?

— Eu ainda não tenho certeza. Estou pagando meu aluguel esse tempo todo, mas meu contrato termina em alguns meses. Acho que preciso descobrir, certo?

A sala parece estar girando um pouco. Pego o vinho tinto na minha frente e tomo um longo gole. *Você está exagerando.*

Giovanni deve ter sentido a tensão no ar. Ele se vira para Kiki. — Kiki, você já jogou bocha[20]?

— O que é isso?

— É um jogo de boliche italiano. Eu tenho isso instalado no quintal. Por que você não vem comigo e me deixa te mostrar como jogar?

Ela se vira para mim, seus olhos brilhando. — Eu posso?

— Claro. — Forço um sorriso.

Kiki leva o prato até a pia sem que ninguém peça e segue Giovanni até o quintal.

Uma vez que estamos sozinhos, Troy pega minha mão. — O que está em sua mente?

Brinco com os restos do meu macarrão. — Nada... eu meio que estava me preparando para isso, eu acho – você retornando para Seattle.

Ele franze a testa. — Eu vou voltar para cá, Aspyn. Você sabe disso, certo?

---

[20] A Bocha é um esporte jogado entre duas equipes que consiste em lançar bochas (bolas) e situá-las o mais perto possível de um bolim (bola pequena), previamente lançado. O adversário por sua vez, tentará situar as suas bolas mais perto ainda do bolim, ou remover as bolas dos seus oponentes.

Eu o encaro. — Sim, eu só...

Ele aperta minha mão. — O que está acontecendo? Fale comigo.

Eu olho para ele. — Nós realmente não conversamos sobre para onde vamos a partir daqui, Troy. Agora que seu pai voltou, não há nada o prendendo aqui em Meadowbrook, exceto eu. Isso me assusta um pouco. Quero dizer, você não estaria aqui de outra forma, certo?

— Honestamente, não. Eu não estaria. Você *é* a única coisa que me mantém aqui. Mas você se tornou uma grande parte da minha vida. O que significa que prefiro estar aqui agora do que lá. Isso é realmente tudo o que há para mim.

Agora. *Estou lendo demais em cada palavra que sai de sua boca?*

— Eu não estou acostumada com ninguém ajustando sua vida por mim, eu acho.

— Bem, eu não estou acostumado a ajustar minha vida por ninguém. Mas não senti o que sinto por você com mais ninguém. — Ele empurra sua cadeira para mais perto da minha e prende minhas pernas com as dele. — Olha, isso é tudo novo para mim. Isso não é segredo. Desde o início, meu maior medo é fazer algo para te machucar, mesmo que não seja minha intenção. Não vou mentir, às vezes ainda tenho minhas dúvidas, mas não sobre meus sentimentos por você. Mais sobre minha capacidade de ser

o homem que você precisa a longo prazo. Eu quero desesperadamente ser esse homem. Mas alguns dias, isso parece síndrome do impostor. Eu sou realmente bom o suficiente para você confiar em mim com seu coração? Tudo o que sei é que *quero* ser.

Aprecio sua honestidade, mas não está exatamente me fazendo sentir melhor, mesmo que eu confie que suas inseguranças não se originam de seus sentimentos por mim. Suspeito que seus problemas estejam profundamente enraizados, assim como meus problemas de confiança.

Infelizmente, nossa discussão é interrompida quando o pai de Troy e Kiki voltam para dentro.

— Tia Aspyn, você tem que sair e jogar bocha com a gente. É muito divertido! Vai ser ainda melhor com duas equipes de dois.

Troy esfrega meu braço e dá um sorriso torto. — Quer jogar?

Ainda me sentindo insegura, assinto e os sigo para fora.

De volta à minha casa mais tarde naquela noite, depois que Kiki foi para a cama, Troy e eu finalmente temos a oportunidade de ficar sozinhos novamente.

Estamos sentados na sala quando, do nada, ele coloca uma música em seu telefone. Ele baixa o volume e me pega pela mão.

— O que você está fazendo?

Ele me traz para seu peito. — Vamos dançar.

Escuto um momento e reconheço *"The Way You Look Tonight"* de Frank Sinatra. Eu levanto uma sobrancelha. — Espere, Sinatra? Esta foi outra sugestão do seu guru do romance, não foi?

Ele pisca. — Talvez.

Troy me abraça enquanto dançamos. Com minha cabeça em seu ombro, fecho meus olhos e respiro seu cheiro enquanto balançamos para frente e para trás. Eu não sei se é o jeito que ele me segura, a música, ou o fato de que sei que ele está saindo por um tempo, talvez uma combinação de tudo, mas eu simplesmente perco o controle.

Quando ele olha para baixo e percebe que estou chorando, ele se afasta. — O que eu fiz?

Limpo meus olhos. — Nada. Eu sinto muito. Não é nada que você fez.

— Eu juro, quase toda vez que tento um dos segredos de Nonno, sai pela culatra.

— Não é a dança, Troy. Isso foi lindo — eu fungo. — Só me abrace um pouco.

Ele me puxa para perto enquanto a música continua a tocar.

Quando a música termina, ele me leva até o sofá. — Eu odeio ver você chorar.

Eu fungo novamente. — Eu sinto muito. Isso é tão diferente de mim. Eu nem tenho certeza de onde tudo isso está vindo.

— Não se desculpe. Eu só quero fazer melhor. — Preocupação enche seus lindos olhos.

Todas as dúvidas e medos dentro de mim parecem estar subindo à superfície. E eu não consigo mais segurá-los. Eu precisava ser cristalina com ele.

— Posso te pedir um favor? — digo.

Ele enlaça seus dedos com os meus. — Claro.

— Se houver alguma dúvida em sua mente sobre se estabelecer aqui em Meadowbrook, se você sentir que não tem certeza disso – de nós – de alguma forma, você me contará assim que souber? — Olho para nossas mãos unidas. — Eu não quero ser pega de surpresa. Não há nada pior do que sentir que você está segura com alguém e então perceber que você não está... que você nunca esteve.

— Você acha que eu vou decidir não voltar ou algo assim? Por que tudo isso está vindo agora?

— Sua partida foi o que motivou isso, mas a verdade é que... as coisas estão pesando sobre mim há um tempo. E isso não é só sobre você, Troy.

Ele pisca várias vezes. — Eu sinto muito. Estou perdido.

— Todo esse tempo, você tem sentido que tem algo a provar para mim, mas sou eu quem precisa de trabalho. Tenho tanto medo de me machucar que nem consigo aproveitar o momento.

— Saber que você tem tanto medo de se machucar me deixa com muito mais medo de te machucar. — Ele aperta a minha mão. — Porra, Aspyn, esse é o meu maior medo.

Suspiro. — Estou tornando as coisas mais difíceis do que deveriam ser pensando demais em tudo. Mas não consigo evitar. — Balançando a cabeça, murmuro: — Tenho tendência a sabotar coisas que são importantes para mim.

Troy franze a testa. — O que você está falando?

— Ainda há tanta coisa que eu não te contei. — Soltando sua mão, eu me acomodo no meu lugar. — Eu não sei se você sabia disso, mas eu era muito inteligente no ensino médio. Sempre tirei boas notas e fui classificada como a melhor da classe.

— Isso não me surpreende, mas não, eu não sabia disso porque minha cabeça estava presa na minha bunda naquela época.

Coloco um travesseiro no meu colo e o aperto para me apoiar. — Você já ouviu falar da Bolsa Kauffman?

Ele morde o lábio. — Sim. Isso me parece familiar – o nome, pelo menos.

— Apenas dois alunos em todo o ensino médio são escolhidos, mas eles restringem a dez finalistas inicialmente. E eu era um deles.

Sua boca cai. — Isso é incrível.

— Na época em que descobri a possibilidade da bolsa de estudos, também consegui uma aceitação antecipada em Princeton.

— Uau. Mas você acabou indo para a faculdade estadual, certo?

Eu balanço a cabeça. — Estou chegando a isso. Fomos informados de que a bolsa iria para o GPA mais alto no final do ano – os dois melhores.

— Droga, isso é muita pressão. Não é à toa que você foi tão má comigo — ele brinca.

— Isso foi *depois* de tudo que aconteceu com você.

— Estou brincando, é claro.

— De qualquer forma, eu não tinha certeza se poderia pagar Princeton sem a bolsa de estudos, e o estresse era demais. Ironicamente, começou a afetar minhas notas. — Eu me encolho. — E eu tomei uma decisão muito ruim.

Ele se aproxima e coloca a mão no meu joelho. — Qual foi?

Soltando um suspiro, abraço o travesseiro com mais força. — Eu colei em um exame importante. Eu tinha me destacado em todas as matérias, exceto Cálculo AP, e uma amiga minha achava isso muito fácil. Então eu copiei as respostas dela. — Balanço minha cabeça. — Eu realmente pensei que tinha escapado, mas fui pega. Isso fez com que a bolsa de estudos e a aceitação em Princeton fossem renegadas. Tudo pelo que trabalhei tanto se foi. E foi tudo culpa minha, porque deixei o estresse de ganhar me influenciar a agir fora do personagem. Eu nunca tinha trapaceado um dia na minha vida antes disso.

A boca de Troy se abre, e a cor some de seu rosto. Ele parece absolutamente devastado. — Puta merda — ele finalmente diz. — Eu... sinto muito, Aspyn.

Dando de ombros, falo: — Eu não poderia ficar brava com ninguém além de mim mesma. Sabia o que estava fazendo quando tomei a decisão de trapacear e tive que pagar o preço. É tudo o que há para isso.

Ele balança sua cabeça. — Não sei se é verdade. — Ele desvia o olhar. — Eu não tinha ideia de que você perdeu tudo isso.

— De qualquer forma, isso foi um catalisador para muitos dos meus problemas nos anos que se seguiram. Entrei em depressão e decidi tirar uma folga antes de começar a faculdade. Esse foi o maior erro que eu poderia ter cometido. Eu tinha muito tempo livre e comecei a sair com a turma errada – desperdiçando minha vida.

Ele coça o queixo. — O que você estava fazendo?

Eu rio com raiva. — Um monte de nada, na verdade. Fiquei um tempo sem trabalhar. Foi como se eu caísse em um buraco e não conseguisse sair. Tornei-me ambivalente sobre a vida e realmente muito egocêntrica. Naquela época, meus pais estavam passando por uma fase difícil em seu casamento, e minha irmã era a única pessoa da família com a cabeça no lugar. Ela se formou na faculdade com um diploma de enfermagem e estava feliz e apaixonada. Toby e Ashlyn já estavam planejando se casar quando ela engravidou de Kiki. Mesmo que a gravidez tenha sido uma surpresa, ela estava na lua para ter um bebê. — Olho para a porta fechada do quarto de Kiki. — Eles a amavam muito.

Troy esfrega o polegar suavemente ao longo do meu joelho.

— Quando descobri que minha irmã estava grávida, fiquei feliz por ela, mas muito infeliz com minha própria vida. Eu queria

o que ela tinha – não necessariamente o namorado e o bebê a caminho, mas um *propósito.* — Fecho meus olhos. — A noite em que eles morreram a caminho de me buscar foi a última noite em que agi de forma egoísta. Esse foi o fim da minha festa de piedade de anos. Eu tive que me levantar e descobrir como ser uma pessoa melhor para minha sobrinha. Foi o maior alerta que eu poderia ter recebido.

Troy suspira profundamente, ainda parecendo um pouco abalado. — Eu não posso imaginar como deve ter sido – estar em um lugar difícil para começar e depois essa tragédia acontecer... como você conseguiu lidar com isso?

— Eu não consegui, realmente. Apenas segui a maré. Quando Ashlyn morreu, eu ainda morava com meus pais. Comecei a frequentar a faculdade estadual em tempo integral. Todos nós apenas fizemos o melhor que podíamos. Eu me formei em estudos gerais e fiz bicos, mas nunca encontrei nada que tivesse paixão. Minha prioridade era ajudar a cuidar de Kiki e tentar de alguma forma corrigir o mal que eu havia causado. De muitas maneiras, tudo parecia resultar de uma má decisão que tomei ao colar no teste. É incrível como uma escolha pode mudar todo o curso da sua vida, mas também a vida dos outros. — Sussurro: — Um efeito dominó.

Troy fecha os olhos.

A escolha de se concentrar nesta coisa sombria e deprimente esta noite foi, infelizmente, um desperdício de nosso tempo juntos antes que ele tenha que ir. Mas tudo precisava sair.

— Como você foi parar no Horizons? — ele finalmente pergunta.

— Na época em que fui contratada, trabalhava no varejo. Minha mãe e Nancy têm uma amiga em comum. Consegui o cargo mesmo não tendo experiência real de trabalho, nem mesmo remotamente relacionada para ser uma diretora de atividades. Eu não merecia o trabalho, e sempre o encarei como um presente. Aprendi à medida que fui. Mas pela primeira vez na minha vida, sinto-me realizada nesta carreira. Sou boa no que faço, mesmo que tenha começado como um peixe fora d'água.

Ele assente. — É por isso que quando tiramos Nonno pela primeira vez, você disse que tropeçou no trabalho.

— Sim. Foi assim que me senti, como se eu tivesse tropeçado nele acidentalmente. Mas tem sido uma das melhores coisas para mim. — Acariciando sua bochecha, acrescento: — Você também tem sido, Troy. Desculpe não ter me aberto mais com você. Não parecia certo até agora.

Ele coloca a mão sobre a minha. — Estou feliz que você fez. Eu nunca quis pressioná-la porque achei que era difícil falar sobre isso.

— O irônico é que só na morte da minha irmã encontrei meu verdadeiro propósito, que é cuidar de Kiki, ser um modelo para ela. Não é assim que as coisas deveriam ter sido, é claro. Mas é assim que as coisas são. Tornei-me uma pessoa melhor depois de perder minha irmã. Fui forçada a crescer.

— Tenho certeza que ela está orgulhosa de você. Sei que eu estou. — Troy olha para o chão por um tempo.

Eventualmente eu mudo o assunto de volta para nós. — Sinto que chegamos a uma encruzilhada, Troy. Percebi que quero muito mais do que um relacionamento casual com você. Mas não quero me apegar mais a menos que você tenha cem por cento de certeza de que deseja continuar construindo algo. Nós nos divertimos muito juntos. Pareceu fácil até agora, mas um relacionamento comigo nem sempre será fácil. Eu preciso que você tire um tempo enquanto estiver fora para pensar se você vê um futuro comigo aqui em Meadowbrook. Pense bem antes de fazer qualquer promessa, OK?

Troy coloca a cabeça no meu colo e fica ali por um tempo. Posso sentir seu hálito quente no meu estômago.

Quando ele olha de volta para mim, seus olhos estão vidrados e têm uma intensidade que eu nunca tinha visto antes. — O que eu sinto por você não está em questão — diz ele. — A única coisa em dúvida é se eu posso ser o homem que você precisa. E acho *que* preciso dar um passo para trás e pensar sobre isso.

Meu estômago afunda. Por alguma razão, eu não esperava que ele concordasse com o meu pedido tão *facilmente.* Eu falei por medo esta noite, e o ouvir concordar comigo e sentir que *dar um passo para trás* é uma boa ideia me faz surtar um pouco.

— Eu nunca quero que você olhe para mim com ódio ou desconfiança novamente — diz ele. — Farei o que for preciso para garantir que isso não aconteça, mesmo que isso signifique deixar você ir.

Mais uma vez, sua escolha de palavras me assusta. De onde vem isso? Mas eu *pedi* a ele para examinar nosso relacionamento. Mais um exemplo de como tendo a sabotar as coisas.

Ele passa os braços em volta da minha cintura. — Prometo usar meu tempo fora para pensar em tudo o que você disse. Por mais que eu não queira sair de Meadowbrook ainda, acho que será bom colocar alguma distância entre nós enquanto pensamos no que é melhor. As coisas ficaram intensas entre nós rapidamente. E eu concordo que estamos em um ponto sem volta – nós dois estamos nos preparando para nos machucar se não estivermos na mesma página. Preciso ter certeza de que o que quero e o que posso entregar são a mesma coisa. — Ele me puxa para um abraço apertado. — Você me mudou e me fez querer coisas que nunca quis antes. Mas, ao mesmo tempo, reconheço a incrível honra e responsabilidade que seria possuir seu coração. E eu *não vou* brincar com isso.

O medo toma conta de mim quando me afasto. — Está tarde. Eu deveria ir para a cama. Verei você de novo antes de você partir?

— Eu adoraria isso, se eu puder passar por aqui em uma noite da semana.

Engulo em seco. — Claro.

Depois que ele sai, meu estômago está em nós. Eu fui clara com Troy, mas acho que queria que ele me dissesse que eu estava louca por pensar que poderíamos não dar certo. Ele não tinha feito exatamente isso.

No dia seguinte, no trabalho, eu tinha acabado o cante-junto quando decido parar no quarto de Ruby Blandford. Ruby tem 87 anos e adora romances e cerveja Blue Moon. Ela também é uma parente distante por parte de mãe, então ela sempre se refere a mim como *prima.* Sempre que me sinto mal, paro no quarto de Ruby, que deixa entrar mais sol do que qualquer uma das outras unidades do Horizons. Fotos emolduradas de seus netos cobrem as paredes.

Eu a ajudo com a roupa lavada por alguns minutos, mas ela finalmente larga o item que estava tricotando. — Algo em sua mente, prima?

— Por que você diz isso?

— Você parece um pouco distraída. Você acabou de colocar seu telefone na minha gaveta junto com as camisas que me ajudou a dobrar.

Jesus. Sou perigosa quando estou distraída. — Eu fiz? Eu sinto muito. — Abro a gaveta e com certeza meu telefone está em cima de uma de suas blusas.

— Não se desculpe. Diga o que está errado. Você parece um pouco para baixo.

Eu não tinha derramado uma lágrima sobre a situação com Troy desde a nossa conversa na noite passada, e prometi não fazer, especialmente na frente de Kiki.

Mas a simples pergunta de Ruby faz meus olhos se encherem de lágrimas.

Ela percebe imediatamente. — Oh, céus.

Enxugando uma lágrima solitária, eu fungo. — Eu não deveria estar fazendo isso no trabalho.

— Você não está no trabalho. Você está tecnicamente na minha casa – ou pelo menos na única casa que eu tenho. Está

vendo aquele sinal? — Ela aponta para uma tapeçaria de parede bordada. — Lar Doce Lar? Eu faço as regras neste espaço. Então, diga-me porque você está tão triste.

As palavras que saem da minha boca são uma surpresa. — Acho que estou apaixonada.

Não há outra explicação para o quão mal do estômago eu me sinto na primeira ameaça real de perder o que tenho com Troy.

— Bem, isso é uma coisa linda. Porque você está chorando?

— Porque eu não acho que percebi até que senti que estava prestes a perdê-lo. Estou prestes a perdê-lo. E é em parte minha culpa.

— Por que você o está perdendo?

Sento-me em frente a ela. — Eu meio que dei a ele um ultimato – não em tantas palavras, mas pedi a ele para avaliar se um relacionamento de longo prazo comigo era o que ele realmente queria antes de levarmos as coisas adiante. Você vê, ele nunca foi do tipo monogâmico. Então, acho que vamos fazer uma pausa enquanto ele volta para Seattle para cuidar de alguns negócios. Ele tecnicamente mora lá. A coisa toda foi minha sugestão, mas quase no segundo em que ele concordou comigo, eu me senti arrasada. Acho que queria que ele tentasse me convencer a desistir. O medo que senti quando ele não fez, me fez perceber o quão fortes são meus sentimentos. Eu já sinto falta dele, e ele ainda nem foi embora.

Rubi estala os dedos. — Espere, este é o neto de Louie, não é?

Eu nunca disse nada a ela sobre namorar Troy. — Como você sabia?

— Quando você disse Seattle, isso me atingiu. Ele é um bom garoto. Falei com ele e sabia que era de fora da cidade. Além disso, eu me lembro daquele pequeno dueto que você fez do The Carpenters cantando junto.

— Sim, você me pegou. É Troy Serrano.

— Nenhum segredo entre a família, você ouviu? — Ela pisca. — Você pode me dizer qualquer coisa. Está segura comigo.

— Obrigada, Rubi.

— Você já ouviu o termo *ausência faz o coração ficar mais afeiçoado,* é claro?

— Sim...

— Bem, às vezes a ausência leva o lixo para fora. — Ela ri. — Confie em mim, se ele não voltar para você, você nunca o teve para começar. Esta pequena separação será boa. Isso provará de uma vez por todas se você significa algo para ele.

É realmente tão preto e branco? — E se ele se importa comigo, mas não acha que está preparado para um relacionamento de longo prazo?

Ela balança a cabeça. — Não tem isso. Ou você ama alguém o suficiente para se arriscar ou não. Fim da história.

Naquela tarde, fico chocada ao encontrar Troy andando de um lado para o outro no corredor em frente ao quarto de seu avô.

— Ei, eu não sabia que você viria hoje — chamo quando me aproximo.

Ele dá um suspiro de alívio. — Aí está você. Eles disseram que não sabiam onde você estava. — Apesar da expressão preocupada em seu rosto, Troy está incrivelmente bonito em um casaco de lã preto e cachecol, como se ele tivesse acabado de sair de um catálogo de roupas masculinas. Seu cabelo grosso e lindo está soprado ao vento.

— Eu estava conversando com uma das moradoras. Está tudo bem?

— A reunião que tenho que comparecer para o trabalho foi remarcada para amanhã de manhã. Isso significa que tenho que pegar o próximo voo. Estou indo para o aeroporto.

Meu coração cai para o meu estômago. — Nós não vamos passar um tempo juntos antes de você ir?

Sua testa enruga. — Não. Receio que não. Mas eu não podia ir embora sem te ver. Então vim me despedir.

A coisa toda não se encaixa bem comigo, mesmo que ele não tenha controle sobre a situação.

Ele parece devastado. — Sinto muito, Aspyn.

Minha garganta aperta. Ele está arrependido por sair mais cedo ou na expectativa de outra coisa? Empurro minhas preocupações de lado. — Você não pode evitar, certo? Não há nada para se desculpar. — Meu corpo inteiro fica tenso na tentativa de lutar contra os sentimentos de tristeza e saudade.

— Você acha que poderia sair escondida por alguns minutos para que possamos ter um momento a sós? — ele pergunta.

Eu verifico meu telefone. Tenho um passeio marcado para o shopping, e a van estará embarcando em breve. — Tenho apenas alguns minutos antes de sairmos para um passeio.

Troy me segue por uma porta lateral. Está frio lá fora, e eu não tinha colocado uma jaqueta. O ar frio penetra no tecido fino do meu uniforme.

Troy olha para mim. — Claro que você tem que estar usando meu uniforme favorito agora. Como se partir não fosse doloroso o suficiente. — Ele força um sorriso.

Esfrego meus braços. — Você tem algo a me dizer em particular? É por isso que queria ficar a sós?

— Não. Eu só quero te abraçar sem olhares indiscretos. Porque eu vou sentir sua falta.

Talvez eu esteja lendo demais as coisas *de novo,* mas me pergunto por que ele sentiria tanto a minha falta se voltará em algumas semanas. Eu não quero parecer paranoica, então não pergunto. Em vez disso, deixo a pergunta apodrecer dentro de mim com todas as outras incertezas flutuando.

Ele tira a jaqueta e a enrola nos meus ombros, então a usa para me puxar para ele. O calor é dolorosamente bom. Em seus braços, é muito mais difícil enterrar minhas emoções, e eu as sinto subindo à superfície.

— Você é a mulher mais bonita do mundo, sabia disso? — ele sussurra.

Eu não digo nada, com medo de que se eu disser uma palavra, minhas inseguranças virão à tona ou eu deixarei escapar uma pergunta para a qual realmente não quero a resposta. Preciso confiar que, se isso for para dar certo, dará. *Ele voltará.*

Troy se afasta e coloca a mão no meu queixo, me levando a olhar para ele. Seu sorriso desaparece, provavelmente porque ele vê a tristeza em meus olhos.

Ele se inclina e beija meus lábios. Tem um gosto agridoce quando a barba por fazer em seu queixo arranha meu rosto. Respiro fundo o cheiro dele, sabendo que levará algum tempo até que eu sinta o cheiro novamente.

Meu telefone toca. Olho para baixo para encontrar uma mensagem de texto de Nancy perguntando onde estou porque a van está esperando.

— Eu tenho que ir.

Troy coloca as mãos em volta do meu rosto e dá um último beijo na minha testa.

— Deixe-me saber quando você chegar em segurança — peço.

— Eu vou — ele sussurra contra a minha pele.

Tiro seu casaco e entrego a ele antes de voltar para dentro. Mesmo que eu queira chorar de novo, eu não me permitirei.

Só o tempo dirá se Troy vale as lágrimas.

Capítulo Dezesseis

Aspyn

Quatro semanas depois, as coisas não saíram do jeito que eu esperava.

É agora início de dezembro, e a suposta viagem de duas semanas de Troy de volta a Seattle já dura um mês e contando. Segundo ele, eles lhe deram um novo projeto que exige que ele fique um pouco mais no oeste. Isso não faz exatamente sentido para mim, já que ele sempre me disse que poderia trabalhar de qualquer lugar.

Tínhamos trocado mensagens, mas ele se distanciou, optando pelas mensagens de texto em vez de atender ao telefone depois de algumas ligações quando chegou lá. Ele continuou dizendo que o trabalho o estressava e usou isso como o motivo de sua falta de comunicação. Como não conseguíamos conversar sobre muita coisa, evitei fazer perguntas a ele sobre o estado das coisas entre nós. Quero dizer, também, *por que eu deveria perguntar?* Deixei minha posição clara. A bola está em seu campo agora. Foi ele que saiu, não eu.

Ao invés de chafurdar em minha tristeza pelo desaparecimento virtual de Troy da minha vida, eu me joguei no meu trabalho e cuidei de Kiki. No fundo, porém, me sinto vazia. Eu simplesmente não estou disposta a admitir isso para ninguém, muito menos para Troy.

No meu mundo de fantasia, Troy teria corrido para casa na primeira oportunidade que tivesse, talvez até voado para casa no fim de semana e insistido que não queria viver sem mim. Mas, em vez disso, ele parece aceitar o fato de que terá que ficar lá por um tempo. Ele nunca falou de como era difícil ficar longe de mim, e seu silêncio me enviou uma mensagem alta e clara – que as coisas conosco parecem estar *fora de vista, fora da mente.*

Talvez quanto mais tempo passe, mais ele descobrirá que o que temos é apenas uma fase, e ele não queira voltar para Meadowbrook. Suponho que a pior parte do silêncio de Troy foi que me deixou tirar minhas *próprias* conclusões. Elas podem não descrever com precisão como ele se sente, mas elas se adequam à minha necessidade de me proteger e de me machucar.

Mais algumas semanas se passaram, e antes que eu percebesse, a temporada de férias está em pleno andamento. Pelo menos me preparando para o Natal – principalmente fazendo

compras para Kiki – manteve-me mais ocupada do que o habitual, e minha mente longe de analisar por que Troy deixou de ser uma parte significativa da minha vida.

Jasmine convidou Kiki e eu para uma festa de Natal que ela e Cole estão dando num sábado em meados de dezembro. Então, minha sobrinha e eu nos juntamos e fomos para New Hope. Eu uso um vestido vermelho de gola alta que tem pequenos brilhos embutidos no material. Kiki veste um vestido xadrez de veludo que comprei recentemente para ela. Ela o usou para a foto do nosso cartão de Natal anual.

Eu só tinha visto Jasmine uma vez desde o estranho encontro em minha casa durante o festival da colheita, então esta visita está muito atrasada. Eu decidi ir para a casa dela um pouco mais cedo para ajudá-la a se preparar para seus convidados. Achei que isso nos daria algum tempo para recuperar o atraso.

Estou cortando legumes para um prato vegetariano e para o molho enquanto Jasmine enrola fatias frias em uma travessa. Ela serve uma xícara de chá de Natal Twinings para cada uma de nós. Kiki está na sala ao lado brincando com Hannah enquanto Cole supervisiona.

— Então, quais são as novidades entre você e Troy? — Jasmine finalmente pergunta.

Suspiro e corto uma cenoura. — Na verdade, ele está de volta a Seattle.

Ela para de enrolar o peru por um momento. — De vez?

Abaixo minha faca. — Não sei. Era para ser apenas algumas semanas de trabalho, mas ele acabou tendo que ficar lá por mais tempo. Agora eu não sei quando ou *se* ele vai voltar.

— Você não perguntou a ele?

— Estou tentando dar a ele espaço para avaliar o que realmente quer, seja ficar em Seattle ou não. Não quero manipular as coisas, nem sinto que deveria fazer isso.

Ela assente e volta a preparar os frios. — Bem, isso é provavelmente o melhor. Aquele dia em que eu te observei com ele, parecia que você estava bem apegada, que ele te tinha sob algum tipo de feitiço. Francamente, ainda não acho que ele seja o certo para você, e provavelmente foi uma coisa boa que ele tenha ido embora.

Suas palavras são um golpe, apesar do fato de que eu sabia que ela se sentia assim, e a cada dia que passa, estou mais perto de acreditar que ela está certa.

— Eu entendo o que você está dizendo — digo a ela. — Minha impressão do tempo que passei com ele é diferente, mas não espero que você entenda. Eu realmente não quero passar

este dia analisando o que aconteceu entre mim e ele, no entanto. É o que é, neste momento.

Ela abre um pacote de pepperoni. — Bem, parece que agora pode ser um bom momento para manter suas opções em aberto. Isso é certamente melhor do que ficar de mau humor enquanto Troy está em Seattle se divertindo, festejando com seus amigos, tenho certeza.

— Ele não está se divertindo — Kiki entra na conversa.

Eu não tinha percebido que minha sobrinha tinha entrado na cozinha até que ela disse isso.

Olho para ela. — O que você está falando?

— Falei com ele outro dia.

Meu coração acelera. — Você falou com Troy?

— Eu mandei um e-mail para ele.

— Por que você mandou um e-mail para ele?

— Você me disse que eu poderia, lembra?

Isso é verdade. Na verdade, toda a razão pela qual eles trocaram informações era para que ela pudesse manter contato com ele se as coisas entre nós não dessem errado. E parece que não tinham. No entanto, certamente não é justo da minha parte usá-la para obter informações. Então resisto a perguntar-lhe

qualquer coisa. Embora, o que quer que ela *ofereça* seja um jogo justo.

Talvez apenas uma pergunta. — O que você quer dizer com ele não está se divertindo?

— Ele me disse que estava muito cansado. Mas disse que receber minha mensagem o animou.

Jasmine olha entre nós, seus olhos se estreitam, parecendo julgar o fato de que minha sobrinha está se correspondendo com Troy.

OK, eu menti. Preciso saber mais uma coisa. — Sobre o que mais vocês falaram?

Kiki dá de ombros. — Escrevi para ele reclamando da Maisy porque sei que ele entende. Ele me disse que eu preciso agir como se ela não me incomodasse porque ela só está sendo má para obter uma reação.

— É um bom conselho.

— Então ele disse que estava trabalhando muito e que sentia falta de Meadowbrook e me disse novamente para escrever para ele sempre que quisesse.

Hmm... — Bem, isso é bom. — Resisto ao impulso de perguntar se ele havia me mencionado.

Depois que Kiki sai da cozinha, Jasmine baixa a voz. — Ele está trocando e-mail com ela?

Aqui vamos nós. — Eu sei que parece estranho. Mas eles se ligaram bem rápido. Ambos cresceram sem mães, e ela sente que ele pode se relacionar com ela de uma forma que os outros não podem.

Ela dá de ombros enquanto abre um pote de pepperoncini. — Eu acho que isso é meio doce.

Nesse sentido, parece um bom momento para mudar a conversa para outros tópicos, então pergunto a Jasmine sobre seus planos de voltar a trabalhar meio período em design de interiores.

Assim que seus convidados começam a chegar, o clima melhora consideravelmente. Kiki e eu passamos muito tempo brincando com Hannah, permitindo que Jasmine e Cole aproveitem seus amigos.

A árvore de Jasmine está espetacularmente decorada com enfeites de cor creme e luzes brancas. A casa inteira está iluminada para os feriados, tão quente e convidativa. Mas estar em meio a toda essa alegria de Natal me faz sentir falta de Troy. Eu poderia facilmente imaginá-lo ao meu lado, esfregando as minhas costas e sussurrando em meu ouvido, provavelmente me dizendo o que ele planejava fazer comigo depois que chegássemos em casa. Não foi surpresa que minha mente tenha vagado para

coisas sexuais quando se trata dele, já que isso tinha sido uma grande parte do nosso relacionamento. Mas o sexo não é o que eu mais sinto falta. Eu sinto falta da sensação de que alguém tem as minhas costas, sua amizade, seu encorajamento, suas piadas, sua companhia, e do jeito que ele me segurava. Eu sinto falta *dele.* Sinto falta do jeito que as coisas *eram.*

Meus pensamentos são interrompidos quando Cole se aproxima. Ele traz um amigo com ele.

— Aspyn, há alguém que eu quero que você conheça. Este é meu bom amigo, Christian Bartholomew. Trabalhamos juntos na agência.

— Prazer em conhecê-lo — digo.

— Você também, Aspyn. Que nome interessante. — Ele inclina a cabeça. — Você nasceu no Colorado?

— Não. A origem na verdade tem algo a ver com árvores e folhas esvoaçantes – sem relação com Aspen, Colorado. É soletrado com um yn no final.

A próxima coisa que sei, Cole tinha escapado, me deixando sozinha com esse cara. Não sei por que demorei tanto para perceber que era uma armação.

Duas noites depois, depois colocar minha sobrinha na cama na noite de segunda-feira, eu me sentei com uma xícara de chá quente. Eu optei por não montar uma árvore de Natal este ano, para desgosto de Kiki. Eu disse a ela que meus pais tinham uma árvore tão grande e bonita que não havia como competir. Conseguir uma árvore de verdade era um aborrecimento, e eu não tinha energia ultimamente. Eu me senti culpada por essa decisão, mas não o suficiente para mudar de ideia. Tentei comprar uma árvore falsa, mas a única que encontrei era muito cara. Então, coloquei velas natalinas nas janelas, algumas plantas de polinésia e deixei assim. Estou olhando para as luzes da janela quando meu celular toca.

Quando o nome de Troy aparece na tela, meu coração começa a acelerar – não de excitação, mas de pavor. O fato de ele estar ligando de repente depois de enviar mensagens de texto exclusivamente por várias semanas dispara um alarme.

Meu corpo fica tenso quando respondo: — Ei...

— Ei. — Ele parece cansado. — Como está indo?

Ouvir sua voz faz meu peito apertar. Talvez seja meu coração começando a quebrar. — Bem — consigo dizer. — Kiki acabou de dormir, e eu estou sentada aqui tomando chá. — Engulo em seco. — E aí?

— Eu... só queria ouvir sua voz e ver como você está.

Sem saber por onde começar, fico em silêncio, deixando-o somar dois e dois.

Ele finalmente suspira. — Sei que estive distante desde que cheguei aqui. Estou tentando fazer o que você me pediu e, ao mesmo tempo, estou... tentando chegar a um acordo com algumas das minhas próprias merdas. — Depois de um longo momento de silêncio, ele acrescenta: — Eu não quero que você pense que estou brincando com você.

O pavor e a tristeza que senti um momento atrás agora se transformam em pura raiva e frustração. — Sinto muito, Troy. Eu não falo enigmático. Você vai ter que falar inglês.

— Porra — ele murmura. — Você sabe que Kiki está me mandando e-mails, certo?

— Bem, ela só mencionou isso para mim uma vez.

— Ela enviou um e-mail hoje cedo e mencionou que vocês foram a uma festa de Natal na casa de Jasmine no fim de semana.

— Sim, nós fomos. Foi muito divertido — minto.

— Ela disse que ouviu um cara na festa te convidar para sair.

— É por isso que você está ligando? Porque você se sentiu ameaçado?

— Não! — ele fala e solta um longo suspiro. — Isso é tão difícil para mim — sussurra.

— Apenas diga, Troy. É tão óbvio o que está acontecendo conosco. O que *já* aconteceu. — Minha voz treme. — Apenas diga, porra.

Ele não responde por vários segundos, e quando finalmente o faz, é um golpe, apesar de eu me preparar para isso.

— Eu não quero que você espere por mim se eu não conseguir me recompor e ser o que você precisa. Você me pediu para descobrir se eu era o homem certo para você, se eu poderia ser ele. — Ele hesita. — Eu não fui capaz de fazer isso. E não é justo mantê-la neste limbo sem respostas.

— Você acabou de me dar sua resposta — eu cuspo. — Porque você não deveria ter que pensar sobre isso tanto quanto tem feito. Se você se importa com alguém, não pode viver sem ele. Se você é o homem certo para mim ou não, é irrelevante – é sobre se você está disposto a correr o risco. Não deveria ser tão difícil.

Sua respiração treme. — Você está certa. Você merece muito melhor, e está melhor sem mim.

Imploro às malditas lágrimas para ficarem longe, mas elas não obedecem. Limpo meus olhos enquanto elas caem. — Não entendo o que aconteceu. Parecia diferente com você. Diferente de Holden. Diferente de qualquer um que veio antes de você.

— Eu me odeio pra caralho agora, Aspyn. Você não tem ideia de quanto.

— Eu *gostaria* de poder te odiar de novo, Troy. Isso tornaria muito mais fácil. Mas eu *não* odeio você. Esse é o problema.

Eu amo você.

Balanço minha cabeça lentamente, reunindo alguma força interior. — Você faz você mesmo. Não me arrependo do nosso tempo juntos. Só lamento que as coisas não tenham funcionado de forma diferente. Você é quem você é. E eu nunca deveria ter pensado que poderia o mudar. Isso é comigo. Eu não posso nem ficar brava com você porque você foi direto comigo desde o início. Se eu pensar lá trás, você nunca fez nenhuma promessa. Mas... foi o jeito que olhou para mim. O jeito que você me fez sentir. E você disse que eu era especial.

Sua voz treme. — Você *é* especial para mim, porra, você sempre será.

Eu não posso ver seu rosto, então não posso saber se ele está realmente chorando, mas com certeza parece, e isso me deixa ainda mais confusa.

— Eu acho que algumas coisas na vida nunca farão sentido — digo. — Não é a primeira vez que tenho que aceitar isso.

Eu não aguento mais essa conversa. Preciso ir para a cama e me enterrar debaixo das cobertas.

— Eu vou deixar você ir, Troy.

— Espere, você está bem?

— Eu vou estar. — Fungando, digo: — Tchau.

Antes que ele possa responder, desligo.

Acabou.

Capítulo Dezessete

Troy

O tempo em Boston está bom enquanto caminho pelo bairro de South End. É a manhã da véspera de Natal, e os postes que ladeiam a rua estão enfeitados com guirlandas.

Quando chego ao endereço que anotei, paro nos degraus da frente e olho para cima. Não adianta bater. Ela não mora mais aqui. Eu só queria ver.

Um homem sai da casa. — Posso ajudar?

Balanço minha cabeça. — Acho que não.

— Troy? — Ele inclina a cabeça. — É você?

Quê? Como ele me conhece? Meus olhos se estreitam. — Quem é você?

— Eu sou Gregory Jones. Eu era o namorado de Jennifer. Reconheci seu rosto, você se parece com ela. Eu estava tomando café na minha cozinha e o notei olhando pela janela.

— Eu não achei que alguém que a conhecesse ainda morasse aqui.

— Morávamos aqui juntos e nunca mais me mudei depois que ela faleceu.

— Eu não me lembro de ter visto você no velório — digo.

— Eu estava lá. Simplesmente não estava com a família. Nós realmente não nos demos bem. Eles nunca gostaram de mim, nunca pensaram que eu era bom o suficiente para ela. Eles pensaram que eu estava atrás do dinheiro dela. Não ajudou quando ela me deixou sua casa. — Ele ri. — Agora eles me odeiam ainda mais.

— Bem, isso é uma coisa que temos em comum. Os pais de Jennifer também me odeiam.

— Você ia apenas passar e não bater na porta?

— Estou indo para Nova Jersey no Natal e decidi parar aqui no caminho. Sempre tive curiosidade sobre onde ela morava. Esta é apenas uma parada rápida.

Ele gesticula em direção à porta preta onde uma guirlanda de natal com fita vermelha está pendurada. — Entre, por favor.

Ele parece bom o suficiente. Acho que não tenho nada a perder.

Eu o sigo para dentro da casa de luxo, que é quente, com um ar urbano. Uma escada emoldurada em madeira preta com corrimão de mogno leva a um segundo nível. As paredes são de tijolos aparentes pintados de branco.

Na parede do saguão há uma enorme obra de arte tridimensional.

— O que é isso? — pergunto.

— Eu fiz isso — diz ele. — É metal que foi jogado no lixo por pessoas deste bairro, tudo soldado.

— Uau. Isso é legal.

Olho em volta, notando as grandes janelas que deixam entrar muito sol. — Quanto tempo ela viveu aqui?

— Nós nos mudamos para cá quando ela descobriu que estava doente, na verdade. Jennifer se saiu bem ao longo dos anos, mas por algum motivo ela sempre alugou, nunca querendo se comprometer com nada.

Nunca quis se comprometer. A ironia.

— Ela finalmente se arriscou e comprou um triplex no meio da cidade, que era exatamente onde ela queria estar em seus últimos dias.

— Você cuidou dela?

Ele assente. — Até o fim.

Devo agradecê-lo por isso? Eu não sei, então não digo nada, em vez disso caminho até um canto da sala onde uma foto da minha mãe está em uma prateleira. Erguendo-a, falo: — Sou o único da minha família que não se parece com o lado Serrano. É porque eu pareço com ela.

— Você com certeza parece. Foi assim que eu soube que era você do lado de fora.

Continuo olhando a foto. Jennifer com certeza sabia como se vestir. Camisa branca lisa. Um colar de pérolas. Blazer preto. Ela parecia... poderosa.

— Eu deveria sentir alguma coisa quando olho para isso, mas não sinto — digo a ele. — Acho que é melhor do que sentir raiva.

— Eu acho que ela ficaria feliz com isso. Ela não esperava mais nada de você.

Eu finalmente tiro meus olhos da foto e me viro para ele. — Como você sabe o que ela esperava?

— Porque eu a conhecia melhor do que ninguém. Ela foi minha vida inteira. Depois de todos esses anos, ainda não consegui seguir em frente. — Ele fica ao meu lado e olha para a foto. — Eu adoraria falar sobre ela, se você ouvir.

Coloco o quadro de volta na prateleira. — OK...

— Posso fazer um café ou chá para você? — ele pergunta.

— Eu poderia tomar um café.

— Como você o quer?

— Preto.

Desde que saí de Meadowbrook, eu só bebo meu café assim. Isso me lembra de Aspyn.

— Bastante fácil. — Ele sorri.

Gregory tem longos cabelos grisalhos e barba grisalha. Ele meio que me lembra um George Clooney desleixado. Seu estilo hipster é o oposto da vibe mais formal da minha mãe. Claramente, os opostos se atraem.

Nós nos movemos para a cozinha, que tem armários amarelos brilhantes.

— Ela escolheu essa cor amarela?

— Isso foi ela me agradando. Seu gosto era um pouco mais conservador. Ela me deixou cuidar do projeto da cozinha, no entanto. — Ele ri. — Tenho certeza que ela se arrependeu disso.

Depois que Gregory me serve um café, nos sentamos juntos à mesa da cozinha, que tem um tampo fosco.

Ele toma um gole de sua caneca. — Eu sei que você provavelmente pensa que já sabe tudo sobre ela, que ela foi simplesmente egoísta por desistir de você. Mas posso garantir que há muita coisa que você não sabe.

— Então me esclareça.

— Pensei em ir te encontrar ao longo dos anos. Mas nunca tive certeza se você iria querer isso. — Ele esfrega a têmpora. — De qualquer forma, eu sei que Jennifer queria lhe contar muitas dessas coisas, mas ela nunca teve a chance.

— OK...

— Uma vez que ficou claro que ela não ia conseguir, ela começou a ver sua vida sob uma luz diferente. Ela tinha muitos arrependimentos – seu maior sendo nunca ter tido um relacionamento com você. Ela teve dificuldade em se perdoar por isso, e devo dizer que ela levou muito desse arrependimento quando morreu, nunca alcançando paz com isso.

Não me dá nenhuma satisfação saber disso. Não importa seus erros, ela merecia morrer em paz.

— Quando somos mais jovens — continua ele — às vezes tomamos decisões que nos assombram pelo resto de nossas vidas. Sua mãe agradava as pessoas, principalmente quando se tratava de seus pais. Eles colocaram muita pressão sobre ela desde muito jovem para ser bem-sucedida. Nesse sentido, suponho que fossem progressistas para sua geração. Eles

também colocaram uma tremenda pressão sobre ela para desistir de você. Ela não podia culpá-los inteiramente, afinal, ela tinha livre arbítrio. Ela poderia ter fugido ou os desafiado. Mas ela tomou a decisão que sentiu ser a melhor naquele momento. Ela nunca duvidou que seu pai iria amá-lo e cuidar bem de você, porque ele lutou muito com ela para mantê-lo. O que ela subestimou foi o nível de arrependimento que se acumularia para ela ao longo dos anos por não ter visto você crescer. A cada ano que passava, porém, ela sentia que tinha cada vez menos direito a um lugar em sua vida.

— Por que ela nunca teve outros filhos?

— Ela sempre sentiu que, se não foi capaz de ser uma boa mãe para você, não deveria ter uma segunda chance. — Gregory olha pela janela por um momento. — Mas todos nós cometemos erros. Alguns são tão grandes que você nunca sai da sombra deles. Ela realmente esperava acertar as coisas com você antes de morrer. Ela sabia que era um pouco tarde demais, mas nunca perdeu a esperança. Eu a encorajei a dizer que ela estava doente e pedir que você viesse, embora ela suspeitasse que você poderia estar hesitante.

— Ela pensou que eu não queria vir vê-la?

— Ela mencionou que o primeiro encontro com você não foi tão bem quanto ela esperava. Ela sentiu sua raiva e não queria aborrecê-lo novamente.

Balanço a cabeça. — Quando ela e eu nos conhecemos, eu era um garoto de quinze anos raivoso que não estava pronto de forma alguma para perdoá-la. As coisas teriam sido diferentes se eu tivesse a chance de vê-la no final.

— De qualquer forma... — ele fala — eu sei que você planejou vir, mesmo que não tenha chegado a tempo. E ela apreciou isso.

Tomando um gole do meu café, olho pela janela por um momento. — O que ela ia me dizer naquele dia?

— Que ela te amava. Foi a única coisa que ela foi covarde demais para dizer quando te conheceu pela primeira vez.

Balanço minha cabeça enquanto contemplo isso. — Passei muito da minha juventude com raiva dela. Foi um desperdício de energia.

— Você não poderia evitar isso.

— Ela morreu pensando que eu não a amava. Ela não percebeu que a maior parte da minha raiva se originou do fato de que eu *amava.* Eu não entendia como poderia amar alguém que eu também odiava. Alguém que eu nem conhecia. Mas a verdade é que seu amor era tudo que eu sempre quis. A única coisa — sussurro.

Os olhos de Gregory brilham com lágrimas não derramadas. — Você teve isso o tempo todo. Você pode pensar que o que ela

fez foi imperdoável, mas ela te amava, Troy. — Ele faz uma pausa. — Você disse que tudo que você queria era o amor dela. Tudo o que *ela* queria era o seu perdão.

— Eu teria dito a ela que a perdoei se tivesse chegado a tempo.

Ele assente. — Bem, eu acredito que onde quer que ela esteja, ela sabe disso. — Ele olha para sua xícara de café. — Eu a amava. E me doeu vê-la morrer, mas saber que ela não iria em paz? É uma lição que, enquanto estamos vivos, nunca é tarde demais para fazer as pazes. Mas se esperarmos muito, podemos perder a chance.

Flocos de neve começam a voar lá fora, e eu levo um momento para deixar o que Gregory disse afundar.

— O que fez você querer vir vê-la agora? — ele pergunta. — Quero dizer, eu sei que você disse que só queria ver onde ela morava, mas em certo sentido você não estava vindo para *vê-la?*

Há apenas uma resposta.

— Eu me apaixonei — confesso.

— Qual é o nome dela?

— Aspyn.

Ele assente com um sorriso.

— Mas não estamos mais juntos.

— O que aconteceu?

— Estou escondendo algo dela. E em vez de lidar com isso de frente, eu fugi. Eu não posso encará-la novamente a menos que eu diga a ela. Ela vai ter que me perdoar para ficarmos juntos. Mas quem sou eu para pensar que mereço isso? Como posso esperar que ela me perdoe se eu não consegui perdoar minha mãe enquanto ela estava viva? Se eu não consigo me perdoar? Acho que vim aqui hoje porque preciso de esperança... ou um sinal ou algo assim. Achei que talvez me sentiria mais perto de Jennifer aqui, que encontraria as respostas que estava procurando.

— Em vez disso, você me encontrou, um artista velho e decadente — brinca ele.

— Eu acho. — Eu rio. — Bem, sua história sobre Jennifer me ajudou a ver que não tenho uma eternidade para consertar as coisas na minha situação atual. E mesmo que Aspyn não possa me perdoar, pelo menos saberei que tentei. Falar sobre minha mãe definitivamente me ajudou a ver que nunca é tarde para tentar, enquanto eu estiver vivo.

Ele se levanta de seu assento. — Venha aqui. Eu quero te mostrar algo.

Eu o sigo até um quarto. Ele pega uma foto emoldurada do criado-mudo e me entrega. Levo dois segundos para reconhecer a pessoa na foto.

— Este sou eu.

Devia ter uns seis ou sete anos. Meu cabelo cortado naquele ridículo corte de tigela que minha avó costumava fazer em mim, porque eles eram muito mão de vaca para me mandar para um cabeleireiro normal.

— Ela manteve essa foto ao lado de sua cabeceira. Nunca tive coragem de movê-la. Ela adorou como você parecia feliz. Isso a fez sentir como se tivesse feito algo certo ao deixar seu pai criar você. Ela não tinha nada além de coisas maravilhosas a dizer sobre ele. Ela estava muito grata a ele por estar lá para você.

Coloco-a de volta na mesa de cabeceira, emoções se retorcendo dentro de mim.

— Obrigado por compartilhar isso comigo.

Gregory vai até uma cômoda de madeira e abre uma das gavetas. — Eu quero te dar algo dela.

Ele enfia a mão em uma caixa de joias. — Este era um dos pins favoritos de Jennifer.

É de prata ou ouro branco. Olhando mais de perto, percebo que é uma libélula.

— Ela gostava de libélulas?

— Não tenho certeza. Só sei que ela sempre usava isso em suas jaquetas, então presumo que sim.

Os olhos da libélula são pequenas esmeraldas. *A pedra do nascimento de Aspyn.*

— É lindo — digo, esfregando meu polegar sobre ele. — Obrigado.

Passo cerca de mais uma hora com Gregory, ouvindo suas histórias sobre a vida com minha mãe. Eles pareciam ter um forte respeito mútuo um pelo outro e fizeram um ao outro feliz – o tipo de felicidade confortável que eu tive com Aspyn antes de estragar tudo.

Embora eu não possa dizer que meu tempo com Gregory apagou magicamente vinte e nove anos de dor, este foi de longe o dia mais significativo da minha vida quando se trata de entender minha mãe e o que ela poderia estar pensando.

Ao contrário dos meus supostos avós do lado da minha mãe, Gregory é definitivamente alguém com quem manterei contato. Além disso, eu saí daquele prédio realmente entendendo o quão perigoso é deixar as coisas não ditas. Hoje me deixou com muito o que pensar em termos do meu próximo movimento quando eu voltar a Meadowbrook.

Depois da minha visita a Gregory, vou direto para o aeroporto. Como tenho meia hora antes do embarque, abro meu laptop para colocar o trabalho em dia. Antes que eu possa começar, porém, vejo um e-mail de Kiki na minha caixa de entrada que chegou ontem.

Olá, Troy,

Adivinha? Tentei o que você disse com a Maisy, e acho que funcionou! Ela estava me provocando no recreio e, em vez de ficar chateada, comecei a rir. Eu não queria rir, mas fiquei nervosa. Ela olhou para mim como se eu fosse louca, mas então ela simplesmente foi embora! Foi mágico. Então, acho que vou rir na cara dela o tempo todo agora.

O que as pessoas da sua idade querem de Natal? Quero comprar algo para tia Aspyn, mas não sei o que dar para ela. Eu só tenho dez dólares, e é véspera de Natal, então não sei o que fazer!

Você ainda está se sentindo triste? Você está voltando?

Tchau!

Kiki

Seus e-mails sempre me fazem sorrir, principalmente a forma abrupta como terminam. Eu clico em responder.

Oi, Kiki!

Estou orgulhoso de você por ser forte quando se trata de Maisy. Fico feliz que você possa ver que, se não se incomoda com ela, ela não está mais interessada em intimidar você. É como mágica, não é? Se todos percebessem isso mais cedo, poderiam evitar muitos problemas.

Lamento não ter uma resposta rápida para você em termos do que Aspyn pode gostar de ganhar no Natal. O que estou descobrindo, à medida que envelheço, é que a intenção é o que conta. Apenas saber que alguém pensou em você o suficiente para fazer algo ou escolher algo é o que importa.

Desculpe se lhe dei a impressão de que estava triste da última vez que nos falamos. Quando eu disse que estava triste e com saudades de Meadowbrook, eu estava apenas tendo um dia ruim. Assim como você, eu tenho dias bons e dias ruins. E sabe de

uma coisa? Hoje foi um bom dia. Eu vou te contar sobre isso em algum momento, mas ainda estou deixando tudo assimilar.

Eu não tenho certeza se deveria dizer a ela que voltarei para Nova Jersey no Natal se não for vê-la. Então, mantenho genérico:

Espero estar em casa muito em breve.

Mantenha o bom trabalho com Maisy. Estarei torcendo por você. E se eu não conseguir falar com você novamente antes do Natal, espero que você tenha um incrível. Por favor, dê um grande abraço em Aspyn por mim.

Falo com você em breve,

Troy

Eu só preciso de uma pequena árvore. Infelizmente, todos as que sobraram são enormes. Isso é péssimo. Nonno vai ficar chateado.

Ele já estava bravo o suficiente porque eu cheguei em Meadowbrook mais tarde do que o normal. Foi o primeiro ano que eu não levei uma árvore fresca para ele colocar em seu quarto antes do Natal. Ele disse que não tinha pedido ao meu pai para montar uma porque era o *meu* trabalho. Ele intencionalmente esperou até o último minuto, depois que cheguei na cidade, para que eu pudesse fazer as honras.

Atualmente, estou no único lugar ainda aberto e vendendo árvores de Natal tão tarde na véspera de Natal. Depois que cheguei aqui esta tarde, mal tive tempo de desfazer as malas antes que meu avô começasse a explodir meu telefone. *Ele tem sorte que eu o amo.* Infelizmente, o amor não foi suficiente para salvar esta noite, e neste momento estou pensando em tirar um arbusto do chão em algum lugar. Nonno insistiu em uma árvore de verdade porque gosta do cheiro de pinho fresco. Como muitas coisas, ele disse que isso o lembra da minha avó. Meus avós nunca seriam vistos com uma árvore falsa quando eu era criança.

Minha busca por uma pequena árvore descarrila ainda mais no momento em que a vejo: Kiki. Imediatamente me escondo atrás das folhas perenes mais próximas. Espreitando pelos galhos, posso ver que ela está com a mãe de Aspyn e um homem que presumo ser o pai de Aspyn. Meu peito aperta. A visão dela

me faz desejar ver Aspyn esta noite. Mas isso não é possível. Eu não posso deixá-la saber que estou na cidade até o dia *depois* do Natal, porque precisamos conversar, e eu não quero estragar as férias dela perturbando-a. Mas depois de 26 de dezembro, não será possível esperar.

Se Kiki me vir esta noite, Aspyn saberá que estou de volta a Nova Jersey e não disse a ela que estava voltando para casa no Natal. Ela ficará infeliz, e isso se espalharia para Kiki. Eu posso ter feito um monte de coisas ruins na minha vida, mas, até agora, estragar o Natal de uma criança não é uma delas. Eu quero mantê-lo assim.

Kiki e seus avós estão de costas para mim enquanto passo direto por eles, indo para o estacionamento. Terei minha bunda chutada por Nonno por voltar de mãos vazias, mas não tenho escolha a não ser ir embora.

Na minha pressa para sair do local, não presto atenção para onde estou indo e esbarro em alguém. — Desculpe-me, eu...

Perco minhas palavras no momento em que percebo que estou olhando nos olhos chocados de Aspyn.

Capítulo Dezoito

Aspyn

— Aspyn... — ele sussurra.

O ar frio sai da minha boca. — O que você está fazendo aqui?

— Eu... vim buscar uma árvore para meu avô. Mas eles não têm uma pequena o suficiente. — Ele se atrapalha em suas palavras. — Eu ia... ligar para você no dia seguinte ao Natal.

Cruzo os braços. — Você não me deve uma ligação.

— Porra que eu não. — Ele exala. — Olha, nada é o que parece, OK? Nós realmente precisamos conversar. Mas não vai ser uma conversa fácil. Não quero estragar o seu Natal. Então optei por não dizer que estava em casa até o dia 26.

— Você acha que eu vou ser capaz de me concentrar em qualquer outra coisa além de você agora que sei que você está de volta e acabou de me dizer isso? Você não quis ter uma conversa real comigo em semanas. Eu nem sei o que aconteceu. Você já

estragou meu Natal, Serrano. Pode muito bem dizer o que tem a dizer agora.

— Foda-se — ele murmura, olhando para o chão coberto de neve.

Um longo momento de silêncio se segue enquanto os transeuntes se movem ao nosso redor, carregando suas árvores de última hora pelo estacionamento.

— Eu sinto muito. Isso foi duro — digo. — Estou chocada em ver você, isso é tudo.

— Eu sei. — Ele olha para cima. — Eu, uh, vi Kiki e seus pais. Eles não me viram.

— A fornalha dos meus pais não está funcionando. Então temos que fazer o Natal na minha casa ao invés da deles. A eu estúpida não queria ter uma árvore este ano, então não estava preparada. Isso é o que eu recebo. Não temos escolha a não ser levar para casa uma dessas árvores gigantescas que sobrou no último minuto. Não sei nem se vai caber na minha casa. Os tetos são bem baixos.

— Troy! — Kiki vem correndo em nossa direção.

Ele força um sorriso enorme, fingindo estar surpreso ao vê-la. — Kiki! Ei!

Minha pobre sobrinha parece tão feliz. — Eu não posso acreditar que você está de volta!

— Sim. Vim para casa para ver meu avô no Natal.

Seu sorriso desaparece. — Não nos ver?

Sua boca abre e fecha uma ou duas vezes até que ele finalmente diz: — Eu ia te ver *depois* do Natal, na verdade. Não queria interromper seu tempo com a família.

— Oh. — Ela olha para mim. — Acho que encontramos uma árvore que pode caber.

Meu pai aparece. — Vai ser uma merda colocá-la em cima do meu carro. — Ele acena para Troy. — Quem é?

— Este é *Troy* — minha mãe responde atrás dele.

Os olhos do meu pai se arregalam. — O cara que terminou com você?

— Não! — Troy desabafa.

Eu arqueio minha sobrancelha. — Não?

— Não — Troy sussurra, seus olhos queimando nos meus.

Confusa, eu me viro para meu pai. — Ele sempre deveria voltar para Seattle. Nunca foi permanente. Está tudo bem.

Os cinco de nós ficamos em um silêncio constrangedor até que Troy aponta para seu Range Rover. — Ouça, eu tenho um rack de teto. Ficaria feliz em jogar essa coisa em cima do meu carro e levá-la até lá para você.

Meu pai parece cético. — Só se estiver tudo bem para minha filha.

Ficaríamos aqui a noite toda tentando prender aquela árvore no carro do meu pai, então concordo. — Isso seria bom. Obrigada.

Troy segue meu pai de volta para as árvores, e Kiki corre atrás deles, deixando-me sozinha com minha mãe.

— Ele acabou aparecendo aqui? — ela pergunta.

— Sim. Ele veio para encontrar uma pequena árvore para seu avô, aparentemente. Ele nem ia me dizer que estava na cidade.

— Nós não temos que concordar com isso, você sabe.

— Não. Está bem — suspiro. — Precisamos levar essa árvore para casa. Devo isso a Kiki depois de ser tão teimosa por não ter uma.

Desde que os encontrei aqui, sigo o carro do meu pai de volta para minha casa. O Range Rover de Troy vem atrás de mim com a árvore afixada no topo. Estamos em carros separados, sem

falar, mas o peso de tudo o que não foi dito parece avassalador. Eu tenho tantas perguntas, mas não há palavras para articular nenhuma delas.

São apenas 17h, mas já está escuro e flocos de neve leves começam a cair.

Depois que chegamos à minha casa, Troy e meu pai carregam a árvore para dentro, mas para o desânimo de todos, ela é realmente alta demais para caber.

— O que nós vamos fazer? — Kiki chora.

Troy se vira para mim. — Você não tem uma serra, não é?

Balanço minha cabeça.

Meu pai coça o queixo. — Também não tenho certeza se tenho algo apropriado em casa.

— Meu pai tem todas as ferramentas conhecidas pelo homem — diz Troy. — Deixe-me correr até em casa e pegar algo para cortá-la.

Troy desaparece alguns segundos depois. Isso definitivamente é uma das vésperas de Natal mais bizarras já registradas. Enquanto esperamos que ele volte, decido continuar com isso, colocando uma música de Natal e pegando coisas para fazer biscoitos com Kiki. Meu plano é fazer tudo ao meu alcance

para fingir que o cara que partiu meu coração não está prestes a voltar aqui e cortar nossa maldita árvore.

Cerca de meia hora depois, Troy volta com uma mistura de facas grandes e serras. Do meu lugar na cozinha, eu não consigo ver o que ele está fazendo, mas quando Kiki e eu voltamos para a sala, Troy havia podado a árvore com sucesso. Nem parece tão deformada. O cheiro fresco e amadeirado é tudo que eu posso sentir.

Meus pais e Kiki começam a tirar ornamentos e enfeites da caixa que eu tinha guardado. Troy junta os pedaços de árvore espalhados pela sala.

Algum tempo depois, ele me encontra na cozinha.

— Quem poderia saber que você era um lenhador? — provoco.

— Um lenhador idiota é o que você realmente quer dizer, certo?

Tiro uma bandeja de biscoitos do forno. — Na verdade, isso *é* mais apropriado.

— Bem, acho que posso usar essas partes da árvore para montar algo para o meu avô. Posso jogá-los em uma panela, amarrá-los de alguma forma e colocar algumas luzes ao redor. Pelo menos ele terá o cheiro fresco que queria. É melhor do que voltar lá de mãos vazias.

— Ele não vai para a casa do seu pai hoje à noite?

— Ele vai amanhã. Ele queria ficar no Horizons esta noite com seus amigos porque muitos deles não vão estar com suas famílias. Eles estão tendo sua própria festinha.

— Sim, eu ouvi. Isso é doce.

Troy olha para uma etiqueta de algum tipo em suas mãos.

— O que é isso? — pergunto.

— Estava pendurado na árvore. Diz Douglas Fir. Esse é o tipo de árvore que é. — Ele faz uma pausa. — O sobrenome de minha mãe era Douglas. Eu tenho pensado muito sobre ela hoje, então isso me abalou um pouco.

— Uau — eu sussurro.

Os sons abafados da minha família na sala ao lado parecem desaparecer quando Troy se aproxima e olha nos meus olhos. Seu olhar desce para os meus lábios, causando arrepios na minha pele. E eu nunca sonhei que ele diria o que sai de sua boca em seguida.

— Eu te amo, Aspyn.

Eu pisco. — O que?

Seu olhar queima no meu. — Achei que podia esperar para lhe dizer isso. Eu queria terminar a conversa difícil primeiro, mas

não consigo mais segurar. Eu te amo pra caralho e, no mínimo, preciso que você saiba disso.

— Não entendo. — Meu peito arfa. — Por que você não diz o que precisa dizer?

— Eu apenas o fiz. O resto pode esperar até o dia depois do Natal. O que preciso que você entenda quando for dormir esta noite é que eu te amo – e eu amo há algum tempo. Tenho certeza de que no dia em que saí daqui com ciúme e fiz aquele longo passeio, eu já sabia disso.

Balanço minha cabeça. Por mais que eu sinta o mesmo por ele, não posso retribuir o sentimento agora sem entender o quadro completo.

Kiki entra correndo na cozinha e vai até o fogão onde os biscoitos estão esfriando.

— Troy, você quer um biscoito?

Demora alguns segundos antes que ele tire os olhos de mim e vá para ela. — Eu adoraria um biscoito.

— Aspyn não pode ter um — diz ela. — Eles têm açúcar.

— Droga, eu deveria ter feito um pouco dos meus para ela. — Ele pisca.

Kiki dá uma mordida no biscoito de açúcar em forma de homem de gengibre. — Na véspera de Natal, podemos comer biscoitos antes do jantar. — Ela lhe entrega um.

— Garota de sorte. — Troy sorri.

— Você vai ficar para o jantar? — ela pergunta.

— Bem, eu tenho partes da árvore para levar para o meu avô... — Ele olha para mim.

Apesar da minha hesitação, sinto que deveria pelo menos oferecer a ele a oportunidade de jantar conosco, dado seu trabalho duro com a árvore esta noite.

— Você deveria ficar para o jantar, se quiser — digo.

Ele coloca a mão no meu ombro, enviando ondas de choque de consciência através de mim. — Não. Você aproveita sua noite com sua família. Apenas reserve um tempo para mim depois de amanhã, OK?

Ainda me sentindo quase fora do meu próprio corpo depois de sua declaração de amor, eu o acompanho até a porta e observo enquanto ele desaparece na noite fria de inverno.

Desnecessário dizer que passei a maior parte daquela véspera de Natal e do dia seguinte totalmente preocupada. Eu não conseguia nem olhar para a árvore sem pensar em Troy. Seu comportamento me deixou completamente perplexa, mas não

pude deixar de ser impulsionada pela esperança. *Ele me ama.* Eu só espero que nossa conversa faça todas as outras peças se encaixarem.

Capítulo Dezenove

Troy

Nervoso é uma palavra muito branda para descrever como me sinto na porta de Aspyn no dia seguinte ao Natal. Meus feriados foram cheios de ansiedade antecipada. Nonno, meu pai e eu jantamos juntos ontem, mas enquanto meu corpo estava lá, minha cabeça não estava.

Aspyn concordou em me deixar vir ao meio-dia. E quando ela abre a porta, ela está vestida um pouco mais arrumada do que o habitual para ficar apenas andando pela casa. Ela usa um suéter lavanda e uma saia preta curta com botas de couro até os joelhos. Ela parece incrivelmente gostosa, mas eu não posso nem me permitir apreciá-la até que saiba a direção que as coisas estarão tomando hoje.

Limpo a neve dos meus pés antes de entrar. — Obrigado por arranjar tempo para mim. Presumo que Kiki esteja com seus pais, já que é sábado?

— Sim. Ela não está aqui, então temos privacidade. — Aspyn dirige-se à cozinha. — Você quer um pouco de café? Acabei de preparar um novo.

— Certo.

— Leite e açúcar, certo?

— Não, na verdade eu tenho bebido preto.

— Mesmo...

— Sim. — Eu sorrio, deixando de admitir o motivo sentimental.

Aspyn calmamente prepara nossos cafés antes de me entregar uma caneca.

— Devemos nos sentar? — pergunto, sentindo-me nervoso.

Ela balança a cabeça. — Não. Estou muito ansiosa para ficar parada. Apenas me diga do que se trata. Não entendo nada do que aconteceu desde que você foi para Seattle.

Eu me dou um empurrão mental para começar a falar. Tudo o que estou fazendo é perder tempo. — Então... eu parei em Boston no meu caminho de volta para Meadowbrook.

Aspyn faz uma pausa no meio do gole. — Você foi?

— Sim. Resolvi ir ver onde minha mãe morava. Eu estava fazendo muita autorreflexão em Seattle, e parte disso era precisar entender as coisas que supostamente eram tão importantes para Jennifer – mais importantes do que eu. — Inalo e solto um pouco de ar. — De qualquer forma, encontrei o namorado dela, Gregory, o homem que cuidou dela antes de morrer.

— Uau. OK...

— Ele me contou muitas coisas que eu não sabia. Minha mãe vivia com mais arrependimento quando se tratava de mim do que eu jamais imaginei. Eu vou te contar mais sobre isso algum dia, se você quiser, mas agora não é a hora. — Enfio a mão no bolso. — Olha o que ele me deu. — Estendo a libélula. — Ele disse que era um de seus pins favoritos.

Aspyn pega de mim. — É tão bonito.

— Ele não tinha certeza se ela amava libélulas ou qual era a história por trás disso. Decidi pesquisar o que as libélulas simbolizam. Aparentemente, elas representam mudança, transformação e autorrealização. Essas são as coisas que senti acontecendo comigo nos últimos quatro meses. Precisou eu chegar em casa e me conectar com você para perceber que todas as coisas que eu achava que queria na vida – dinheiro, independência – significam merda nenhuma. Assim como eles significavam merda nenhuma para minha mãe no final. Tudo o que ela queria em seu leito de morte era que eu soubesse que ela me amava. Só não cheguei a tempo de descobrir.

Aspyn assente com simpatia. Depois de um longo momento de silêncio, ela finalmente diz: — Ainda não entendo. O que está acontecendo, Troy? O que você precisa me dizer que não podia antes do Natal?

Coloco minha caneca para baixo. — Na noite em que lhe disse que voltaria para Seattle por algumas semanas, na noite em que você se abriu para mim sobre o que aconteceu com você no último ano, você mencionou como uma decisão pode mudar todo o curso da sua vida. Você disse que acreditava que colando no exame acabou levando a todas as coisas que vieram depois, incluindo o que aconteceu com sua irmã e a vida que você vive agora. Você ainda acredita nisso?

Ela desvia o olhar. — Bem, nunca saberei com certeza como seria minha vida se isso não tivesse acontecido. Mas é seguro supor que as coisas seriam diferentes se eu tivesse conseguido aquela bolsa e ido para Princeton. Nunca poderei dizer com certeza que minha irmã ainda estaria aqui se eu não tivesse feito essa escolha, mas acredito que ela estaria.

Tomo uma respiração longa e lenta e exalo. — Se você acredita que ser pega colando mudou tudo para você, eu tenho que deixar você saber que *eu* sou a razão disso.

Seus olhos se arregalam. — O que você está falando?

— Eu não me lembrava do que tinha feito até você me contar essa história. Eu fiz e disse tantas coisas de merda no ensino

médio, nunca antecipando que qualquer uma delas poderia ter consequências terríveis.

Sua boca se abre lentamente. — O que você está dizendo?

Meu coração bate no meu peito. — Fui eu quem te delatou por cola.

Aspyn dá alguns passos para trás, seu rosto ficando mais vermelho a cada segundo. — O quê?

— Eu também estava nessa aula. Você provavelmente não se lembra, porque quem diabos se lembra de quem estava em que classe no ensino médio. Eu estava sentado atrás de você e vi você e aquela garota passando notas durante o exame. Passei minha própria nota para a professora, e foi isso que a alertou. Eu estava tão orgulhoso de mim mesmo por me vingar de você. Eu não tinha a menor ideia do que estava em jogo, nenhuma ideia de que você estava concorrendo a uma bolsa de estudos, ou que já tinha sido aceita em Princeton. Eu apenas pensei que era... engraçado. — Eu rio com raiva. — Você pode imaginar? Na verdade, tive prazer em algo que acabou arruinando sua vida.

Aspyn deixa cair a cabeça em suas mãos. — Oh, meu Deus.

A dor atravessa meu corpo. Quero estender a mão e abraçá-la, mas temo que isso piore se a tocar.

— Quando você me contou a história e eu me lembrei do que eu tinha feito, eu não tinha certeza se poderia *admitir* isso para

você. Eu não poderia suportar o risco de você me odiar para sempre. Passei todo o meu tempo em Seattle debatendo a escolha certa – e até que descobrisse o que fazer, eu não sabia como falar com você. Parecia errado tentar ficar em sua vida, mesmo que eu sentisse sua falta terrivelmente. Continuei dando voltas e voltas: eu preferiria não te contar, vivendo sem você, mas sabendo que você não me odiava por arruinar sua vida? Ou arriscar dizer a você, na esperança de que me perdoasse e ainda quisesse ficar comigo? — Minha voz treme. — Em última análise, eu sabia que não poderia enfrentá-la novamente a menos que lhe dissesse a verdade. Só demorei muito tempo para criar coragem.

Eu me perguntei se talvez ela choraria quando eu dissesse a ela, mas Aspyn parece entorpecida. Ou talvez isso seja força.

Ela olha para mim. — Eu não sei o que dizer — ela sussurra.

— Você não precisa dizer nada. Você não me deve nada.

Ela balança a cabeça. — Só estou tentando entender a linha do tempo. Então... essa não era a razão pela qual você inicialmente iria embora? Mas uma vez que você descobriu, você decidiu ir mais cedo?

— Sim. Depois que saí na noite em que você me contou sobre a bolsa de estudos, meu pânico sobre as possíveis repercussões aumentou. Eu sabia que precisava resolver as coisas longe de você. Eu realmente tive que voltar para Seattle

para uma reunião de trabalho, e nunca tive a intenção de deixá-la por mais de duas semanas. Mas uma vez que você se abriu para mim, e percebi minha parte nisso, isso me deixou em parafuso. Eu não sabia como lidar com isso. Foi só quando fui para Boston e aprendi a lição que minha mãe indiretamente me ensinou que decidi correr o risco. Eu *tinha* que correr o risco de que você pudesse me odiar, para ter a chance de amar você.

Aspyn permanece em silêncio.

— É mais importante para mim que você saiba que eu te amo, mesmo que você me odeie. Sinto muito ter desaparecido, mas saiba que cada segundo foi uma tortura. Saiba também que eu vou entender completamente se você não conseguir encontrar em seu coração espaço para superar o que eu fiz. Se há alguma coisa que eu poderia tomar de volta nesta vida, seria essa decisão – mais do que qualquer outra decisão que já tomei.

Ela engole em seco. — Eu posso entender agora por que você não quis me contar antes do Natal.

Enquanto a tensão no ar persiste, eu não sei se vou ou fico. — Diga-me o que você precisa de mim agora.

Ela leva o que parece um minuto inteiro para responder, e quando o faz, não é o que eu queria ouvir.

— Eu preciso ficar sozinha por um tempo.

Enquanto isso dói, eu entendo. — OK. — Balanço a cabeça. — Eu vou embora.

Saio de lá com medo de perdê-la para sempre, mas fico em paz depois de ter contado a verdade. A vida é muito curta para viver uma mentira. Passarei as próximas horas, talvez dias, rezando para que ela decida me perdoar.

Dois dias se passaram, e eu ainda não tinha ouvido nada de Aspyn. Mas prometi continuar dando espaço a ela. Enquanto isso, tenho alguns negócios para cuidar.

Provavelmente há uma pessoa que me odeia mais do que eu me odeio agora. Então, por que não fazer uma visita a ela? As coisas não poderiam ficar piores de qualquer maneira.

— O que você está fazendo aqui? — ela pergunta, parecendo completamente chocada ao me ver em sua porta.

Você sabe como pode *sentir* quando alguém te despreza? Emana dele? Bem, essa é a vibe que estou recebendo agora.

— Desculpe se estou interrompendo alguma coisa — digo a ela. — Eu esperava que pudéssemos conversar.

— Acabei de colocar minha filha para dormir.

— Posso entrar?

Jasmine se move para o lado enquanto limpo meus pés no tapete de boas-vindas.

— Posso me sentar?

Ela gesticula para o sofá, e eu me aproximo e me sento.

Esfrego as palmas das mãos nas calças. — Eu nunca me desculpei por te machucado no ensino médio. E sinto que isso está muito atrasado.

— Agora? — Jasmine cruza os braços. — Isso realmente não é necessário.

— Talvez você não sinta que é, mas é necessário para mim. — Respirando fundo, eu digo: — Eu era um idiota naquela época, sem levar em conta seus sentimentos. Estava passando por muita merda, e mesmo que isso não seja desculpa para o meu comportamento, apenas saiba que minhas ações não foram um reflexo a você.

Ela suspira. — Eu nunca levei para o lado pessoal, especialmente considerando a pessoa com quem você me traiu. — Ela revira os olhos. — Esse pedido de desculpas obviamente não é sobre mim, é? É sobre Aspyn.

— Você falou com ela?

— Não desde a festa de fim de ano antes do Natal.

Por alguma razão, eu temia que Aspyn tivesse ligado para Jasmine para lamentar nos dois dias desde que joguei aquela bomba nela. Mas eu deveria saber melhor. Aspyn é reservada, e algo me diz que, apesar de tudo, ela ainda está protegendo minha reputação.

— É importante para mim que você saiba que não estou brincando com os sentimentos dela. Eu a amo, Jasmim. Você tem todo o direito de ter sua opinião sobre mim. Mas se você acha que estou levando-a na brincadeira, está errada.

Passo os próximos minutos admitindo para Jasmine porque menti para ela sobre minha mãe quando ela e eu namoramos, tentando o meu melhor para explicar minhas ações durante o ensino médio. Termino com uma explicação da situação atual.

— Então, você não sabe se ela vai te perdoar? — Jasmim pergunta.

— Eu não. Mas agradeceria se você pudesse encontrar isso em seu coração para não piorar as coisas, se ela falar com você. Você tem direito à sua opinião sobre mim. Só estou pedindo que não dê conselhos não solicitados a ela com base em suas velhas noções preconcebidas. Nada disso é mais verdade. E não importa o que você pense, isso não muda o fato de que eu a amo. Só eu posso saber a verdade sobre isso.

Ouço choro no corredor.

— Eu tenho que cuidar dela. — Jasmim se levanta. — Olha, eu não vou interferir. E respeito você por ter vindo se desculpar comigo, mesmo que fosse apenas por medo de que eu estragasse as coisas para você. Você está certo. Eu teria dito a ela para te largar de outra forma. Então agradeço a explicação. E não teremos problemas se você estiver sendo genuíno.

Ela me guia até a porta.

Antes de ir embora, eu me viro. — Obrigado, Jasmim. Verdadeiramente.

— Só para constar, eu ainda acho que você é um idiota. E eu sempre irei. Mas se você não a machucar novamente, não vou interferir.

Abro meu primeiro sorriso desde que cheguei na casa dela. — Acho que temos um acordo.

Quando chego na casa do meu pai um pouco mais tarde, a última coisa que eu esperava era ver Aspyn do lado de fora.

Estaciono e corro para fora do meu carro. — Há quanto tempo você está esperando aqui?

Ela fecha seu casaco marrom. — Cerca de dez minutos. Eu sei que você foi ver Jasmine. Ela me ligou depois que você saiu de New Hope.

— Sim. Acabei de voltar de lá. O que você está fazendo, esperando no frio?

Seus dentes batem. — O ar frio acalma meus nervos por algum motivo.

— Por que você está nervosa? — Aceno com a mão em direção à porta. — Vamos. Vamos entrar em casa.

Ao entrar, ela esfrega as mãos. — Estou surpresa que você foi ver Jasmine.

Suas bochechas estão rosadas pelo vento. Eu senti tanto a falta dela.

— Eu tinha algumas coisas que precisava dizer — falo. — E pensei que seria bom se, depois de todos esses anos, eu finalmente pedisse desculpas por tratá-la mal. Sei que ela é cética em relação a mim, e eu precisava que ela entendesse que meus sentimentos por você são genuínos e eu gostaria muito que ela não interferisse.

— Estou surpresa que você sentiu a necessidade urgente de fazer isso.

— Bem, eu precisava fazer algo produtivo enquanto te dava espaço. Acho que quando algo importa para alguém tanto quanto você importa para mim, você quer ter certeza de que não há nada em seu caminho. Embora, neste caso, eu perceba que a maior coisa no meu caminho foi o meu próprio maldito eu.

Seus olhos viajam sobre mim. — Achei que poderia ter notícias suas nos últimos dois dias.

— Mesmo? Estava morrendo de vontade de entrar em contato com você, mas achei que você precisava de espaço para processar o que eu soltei.

Aspyn olha para seus pés, e depois de volta para mim. — Achei que você poderia estar pensando isso, e é por isso que decidi vir.

Sinto que todo o meu futuro depende das próximas palavras que sairão da sua boca. Meu coração parece pronto para voar para fora do meu peito.

— Você sabe qual é a vida útil de uma libélula? — ela pergunta.

Minhas sobrancelhas franzem. — Não.

— Cinco semanas ou menos. E algumas duram apenas alguns dias. Fiquei surpresa ao saber disso — ela exala. — Não temos mais garantias do que isso, mesmo que passemos a vida pensando que temos todo esse tempo. Eu poderia passar o resto

da minha vida com raiva de você pelo que você fez, por mais uma má escolha que você fez no ensino médio. — Ela dá alguns passos em minha direção. — Ou eu posso escolher perdoá-lo.

A esperança me enche. — E?

— Fui eu quem tomei a decisão de colar. Em última análise, eu sou responsável por isso, não importa o que aconteceu depois. E você não sabia as repercussões de me delatar. Assim como eu não sabia que sair para beber naquela noite faria minha irmã e o namorado dela morrerem em um acidente de carro. — Aspyn suga um pouco de ar. — Guardar rancor é uma escolha. Não quero guardar esse rancor. Estou escolhendo não o fazer. Eu valorizo muito esta vida para fazer isso comigo ou com você. E sei que em seu coração você não é mais essa pessoa. Não mais do que eu sou a pessoa que bebia compulsivamente e... arranhava carros. — Ela se aproxima. — Nós dois cometemos erros, erros com consequências involuntariamente sérias. Mas eles aconteceram. E mantê-los não vai mudar nada.

Finalmente parece seguro tocá-la. Estendo minha mão.

Ela a segura e aperta. — Nós dois fodemos tudo. Mas também *crescemos*. E, de alguma forma, no final achamos um ao outro – por mais que possa ter parecido uma dupla estranha no começo. Tínhamos mais em comum do que sabíamos e, de uma maneira singular, sinto que você é a única pessoa que tem a ver comigo. Agora não consigo me imaginar com mais ninguém. — Ela solta minha mão para envolver seus braços em volta do meu

pescoço. — Se eu não te perdoar, não posso te amar. E isso não é uma opção. Porque eu te *amo,* Troy Serrano. Mas você não pode desaparecer assim de novo.

Enterrando meu rosto em seu pescoço, sinto como se pudesse respirar pela primeira vez em semanas. Solto um longo suspiro em sua pele. — Eu te amo tanto, Aspyn. — Eu me afasto para olhar para ela. — No momento em que voltei para Seattle, sabia que não era mais meu lar. Não parecia mais certo, e isso é porque você não estava lá. Nunca me senti em casa em Meadowbrook até perceber que lar não é sobre o lugar. É onde está a pessoa que você mais ama. Eu te amo muito, Aspyn. Mais do que qualquer coisa ou qualquer um. Eu não quero ficar longe de você. Quero fazer parte da sua vida.

Seus olhos lacrimejam quando ela estende a mão para me beijar. Enquanto nossas línguas colidem, sei que este é provavelmente o momento mais feliz da minha vida – o início de um novo começo em Meadowbrook. E eu mal posso esperar para descobrir o que o futuro reserva.

— Eu nunca vou sentir que mereço você, Dumont — digo depois que paramos o beijo.

— Você não é perfeito, Serrano. Não mesmo. Nem eu. Mas acho que somos perfeitos um para o outro.

Naquela noite, fui para casa com ela. Em uma noite de *semana.* E eu nunca saí de verdade.

Algumas semanas depois, Kiki, Aspyn e eu estamos à mesa tomando café em uma manhã de quinta-feira quando Kiki se vira para mim e pergunta: — Você mora aqui agora?

Limpo a garganta, quase engasgando com meus Cheerios[21]. — Por que você pergunta?

— Só parece.

Vestida para o trabalho com seu uniforme do Pateta, Aspyn sorri atrás de sua caneca de café.

Aspyn e eu conversamos sobre morarmos oficialmente juntos. Eu disse a ela que era o que eu queria, mas apenas quando ela estivesse pronta. Nada é oficial ainda. Estamos apenas vivendo a vida e vendo aonde ela nos leva. E honestamente? É incrível.

Eu ainda passo boa parte do dia na casa do meu pai, e não me junto a Aspyn e Kiki para jantar *todas* as noites. Mas eu não tinha perdido uma noite na cama de Aspyn desde o dia em que

[21] Tipo de cereal.

ela oficialmente me perdoou. Todas as noites, eu me esgueiro depois que Kiki dorme e me certifico de acordar de madrugada para evitar que ela nos pegue na cama juntos. Kiki nunca soube realmente se eu estive lá na noite anterior ou apenas apareci para o café da manhã. Por algum milagre, ela também não havia questionado – até agora.

— Eu realmente gosto daqui — digo, finalmente respondendo a ela. — Na verdade, eu gosto mais do que qualquer outro lugar do mundo. Então tenho passado mais tempo aqui, sim. Talvez algum dia eu me mude oficialmente, se sua tia me permitir, e se estiver tudo bem para você, é claro. — Eu engulo em seco.

Ela olha para Aspyn. — Seria legal se Troy se mudasse, não seria? Poderíamos jantar com ele com mais frequência, e ele não teria que se esgueirar tarde da noite para que eu não o visse. — Kiki dá uma risadinha.

Meus olhos se arregalam. *Merda.*

Aspyn suspira. — Bem, tudo bem então.

— Acho que não fui tão quieto quanto pensei, hein? — Eu coço meu queixo.

Kiki balança a cabeça. — Esses sapatos de couro que você usa às vezes fazem um som estridente.

— Droga. Exposto pelos meus sapatos.

Aspyn limpa a garganta. — Eu não tinha certeza de como você se sentiria sobre ele totalmente morar conosco.

Kiki come o resto de seu leite com cereais. Ela coloca a tigela na mesa e limpa a boca com as costas da mão. — Eu quero que ele se mude. Porque ele te faz feliz. — Ela dá de ombros. — E ele *me* faz feliz também.

Meu peito se contrai – de um jeito bom. — Eu sei que você teve uma experiência ruim no passado, que você confiou em outra pessoa que se mudou para este lugar. Então saiba que eu não tomo o seu convite de ânimo leve.

— Tem certeza, Kiki? — pergunta Aspyn.

Ela assente. — Troy é diferente. Eu posso apenas dizer. Não sei como, mas quando olho para ele... — Ela se vira para mim. — Eu sinto que ele é... para sempre.

Uau.

Aspyn pega minha mão. — Sim, eu sei o que você quer dizer. — Ela coloca a outra mão no braço de Kiki. — Bem, talvez devêssemos perguntar a ele agora. Você quer fazer as honras?

Kiki sorri. — Você gostaria de morar conosco, Troy?

Eu respondo sem hesitar. — Não há nada que eu queira mais. *Para sempre* é uma boa maneira de descrever o

pressentimento que tenho sobre isso também. Posso ter minhas coisas aqui esta noite.

— Não há pressa, você sabe. — Aspyn ri.

— Acho que estou apenas animado.

Kiki salta. — Podemos ter uma noite de cinema hoje à noite, já que Troy pode ficar depois do jantar e não precisa fingir que não mora aqui?

— Sim, claro que podemos. — Aspyn sorri.

— Legal!

Alguns minutos depois, Kiki sai correndo para terminar de se arrumar para a escola, e Aspyn desaparece para terminar de se arrumar para o trabalho.

Depois que limpo nossa bagunça do café da manhã, encontro Aspyn em seu quarto – nosso quarto agora – enquanto ela escova o cabelo na frente do espelho. Ela sairá a qualquer minuto para deixar Kiki na escola a caminho do Horizons.

— Então... isso foi diferente do que eu esperava — digo.

Ela coloca a escova na cômoda. — Eu deveria saber que ela era muito esperta para não saber o que estava acontecendo. Estou feliz que deixou de ser um segredo e você finalmente está se mudando. — Ela se vira para me encarar. — Eu me sinto sortuda por poder passar mais tempo com você.

Sortudo é um eufemismo de como eu me sinto. Tenho o desejo repentino de levantá-la e girá-la ao redor, então é o que eu faço. E depois disso, eu a jogo na cama e começo a fazer cócegas nela.

— Oh, meu Deus. O que você está fazendo? — ela grita.

Movendo meus dedos sobre seus lados, digo: — O que você acha que estou fazendo?

Sua risada ecoa por todo o quarto. — Pare!

Fazendo cócegas nela mais rápido, falo sobre suas risadinhas. — É uma expressão de amor.

— Quem disse? — Ela chuta as pernas.

— Meu avô.

— Uh! Claro. Eu deveria saber.

Kiki aparece na porta e começa a rir.

Estou prestes a tirar Aspyn de sua miséria quando ouço o que parece ser material rasgando. Eu paro abruptamente.

Ela pula e corre para olhar sua bunda no espelho. — Minhas calças de trabalho rasgaram.

— Porcaria! Eu sinto muito.

Ela aponta para sua bunda. — Olha o que você fez com seu uniforme favorito!

— Droga. Dividido bem no meio do rosto do Pateta. — Envolvo meus braços em volta dela por trás e beijo sua nuca. — Ele nunca mais vai sorrir.

Epílogo

Aspyn

Dois anos depois

— Corte o bolo! Estou morrendo de vontade de um pedaço! — alguém grita.

— Corte o bolo ou eu corto o queijo! — Frank Romo, de noventa e cinco anos, grita do outro lado do corredor, provocando risos no grupo de pessoas reunidas no quarto do Sr. Serrano e se espalhando pelo corredor.

Não era o tipo de casamento que eu tinha imaginado, e de alguma forma isso o torna ainda mais perfeito. Por um lado, eu nunca imaginei me casar em um lar de idosos. E vamos ser sinceros, eu também nunca imaginei me casar com meu inimigo do ensino médio, Troy Serrano.

Estamos esperando a fotógrafa voltar do banheiro para que possamos cortar nosso bolo de casamento de três camadas. Tem

um topper com uma noiva e um noivo segurando facas enquanto se preparam para esfaquear um ao outro. Troy e eu achamos apropriado, considerando a história de nosso relacionamento.

Vestida com meu vestido de renda e corte em A, olho ao redor para todos os rostos felizes na sala, muitos deles com mais de oitenta e cinco anos. Um sentimento avassalador de gratidão toma conta de mim – por este dia, e principalmente pelo homem bonito ao meu lado.

— Eu mencionei como seus seios ficam incríveis nesse vestido? — Troy sussurra.

— Sim. Algumas vezes, na verdade.

— Acho que estou animado para a lua de mel.

Troy e eu voaremos para a Europa para uma viagem de três semanas amanhã, minha primeira vez no exterior.

O Sr. Serrano – a quem eu também chamo carinhosamente de Nonno – não está indo bem ultimamente. Aos 92 anos e com a saúde debilitada, não é mais fácil para ele se aventurar. Na verdade, ele está praticamente confinado à sua cama. Não há nenhuma maneira no inferno que íamos aceitá-lo perdendo nosso casamento, já que ele tecnicamente uniu Troy e eu. Então a única opção era fazer a cerimônia e a recepção no Horizons.

Tínhamos decidido fazer uma pequena cerimônia e cortar o bolo bem no quarto dele, com um pouco de dança adicional e

comida de bufê na sala de jantar. Decoramos o quarto de Nonno com rosas amarelas, em homenagem à avó de Troy. Estão presentes a família, alguns amigos, incluindo Jasmine, e *todos* os residentes e funcionários do Horizons.

— Onde diabos está a fotógrafa? — Troy pergunta, segurando a faca enquanto esperamos para cortar o bolo.

— Eu sei. Ela está demorando uma eternidade.

Enquanto isso, Nonno levanta a mão para chamar minha atenção.

— Eu já volto — digo a Troy antes de caminhar até seu avô. — Está tudo bem, Nonno?

Com uma voz grogue, ele diz: — Eu só quero te dizer como você está linda.

— Obrigada. Quanta gentileza.

— E também como sou grato por você ter decidido fazer o casamento aqui.

— Não havia nenhum outro lugar que preferimos tê-lo.

Ele tenta se inclinar. — Eu guardei o último segredo para você, bela Aspyn.

Eu pisco. — Segredo?

— Sim. O segredo para um relacionamento feliz. Eu dei a Troy cinco.

— Ah, aqueles! Sim.

— Os primeiros cinco foram todos sobre as coisas felizes, as pequenas coisas. Mas na verdade são seis, e este é para você, porque suspeito que Troy tenha mais chances de estragar tudo do que você.

Descanso minha mão sobre a dele. — O que é?

— Nunca vá para a cama com raiva, não importa o que meu neto idiota diga ou faça. Sempre beije e faça as pazes antes de suas cabeças baterem nos travesseiros. OK? A Nonna de Troy e eu raramente brigávamos, mas tivemos uma briga na noite anterior à sua morte enquanto dormia. Nada importante, apenas uma briga sobre a temperatura da casa. Mas se há uma coisa que eu poderia mudar, seria ir para a cama com raiva naquela noite e não ter dado um beijo nela antes de dormir. Ir para a cama com raiva não vale a pena. A vida é muito curta. E você nunca sabe se vai ter a chance de acertar.

Eu sorrio. Esse é um conselho que guardarei perto do meu coração. — OK, Nonno. Entendi.

Troy aparece ao meu lado, parecendo tão elegante em seu paletó bege. — Ei, você está mantendo minha esposa como refém aqui ou algo assim? — Ele me beija na bochecha. — A fotógrafa acabou de voltar. Pronta para cortar o bolo?

Como é o dia do meu casamento, optei por provar um pouquinho do bolo e lidar com os possíveis efeitos colaterais dos ingredientes mais tarde. Em meio aos flashes da câmera e risos, Troy e eu fingimos estar prontos para jogar bolo na cara um do outro. Mas nenhum de nós teve coragem de seguir enquanto *"Love and Marriage"* de – quem mais? – Frank Sinatra toca ao fundo.

Após o corte do bolo e mais fotos com a família, nos mudamos para a sala de jantar onde um jantar exclusivo foi servido para todos os convidados. Depois, Troy e eu dançamos *"We've Only Just Begun"* do The Carpenters, uma das músicas que cantamos juntos quando ele tocou no cante-junto com seu violão.

Depois que a música termina, Kiki vem correndo em nossa direção, sua saia longa quase a fazendo tropeçar. Presa na frente de seu vestido está a libélula que tinha pertencido à mãe de Troy, Jennifer. Troy tinha dado a ela quando ele me pediu em casamento. Naquele dia, ele também contou a Kiki sua intenção de adotá-la quando ele e eu nos casássemos. Esse foi o dia mais feliz da minha vida – até hoje. Eu a adotarei legalmente também, e começaremos o processo em breve.

— Posso ter algum dinheiro para a máquina de venda automática? — pergunta Kiki. — Queremos pegar M&Ms.

— Tem certeza? Você vai comer bolo daqui a pouco.

— Por favor?

Vou até minha bolsa e entrego a ela alguns dólares.

— Obrigada, Sra. Serrano — diz sua amiga Maisy.

Sim. Maisy. *Aquela* Maisy. Maisy Cummings, a garota que costumava intimidá-la. Acontece que Troy e eu não fomos os únicos que cresceram e aprenderam a perdoar erros do passado.

Troy coloca o braço em volta de mim. — Tudo bem com Kiki?

— Sim. Ela só queria dinheiro.

— Ah. O que mais é novo? — Ele ri.

O som de talheres tilintando atrai minha atenção para longe de Troy e para as mesas.

— Eu acho que eles querem que nós nos beijemos — Troy diz.

— É disso que se trata? Como você sabia?

— Eu sei todas as coisas românticas — ele brinca.

Troy dá um longo beijo em meus lábios que é classificado como não adequado para o público.

Então damos as mãos e andamos pela sala de jantar, certificando-nos de dar a cada mesa alguma atenção.

Emoldurado para exibição pública em uma mesa no canto da sala está o recorte de jornal que Troy tinha usado para me propor. Na verdade, ele pagou ao jornal local em Meadowbrook para imprimir... seu obituário.

— Eu não sabia que você ia colocar isso em exibição — diz ele.

— Era bom demais para não compartilhar. — Eu sorrio.

É muito diferente do que ele havia escrito para o aplicativo de namoro.

Troy Serrano, 31, de Meadowbrook

Entre seu avô e bisavô, o consultor financeiro Troy Serrano veio de uma linha de verdadeiros românticos. Mas apesar dos melhores esforços de seu Nonno Louie para compartilhar os segredos para o coração de uma mulher, Troy nem sempre executou esses gestos sem problemas. É uma coisa boa que não importava para o amor de sua vida. Aspyn foi muito indulgente com a falta de sutileza romântica de Troy. O que ela apreciava era seu amor e lealdade eternos, apesar das muitas imperfeições que o tornavam quem ele era.

Nascido em Meadowbrook, Nova Jersey, filho de pai solteiro, Troy passou a maior parte de sua infância acreditando que não era digno de amor porque sua mãe o havia abandonado. Foi só depois que ela morreu, anos depois, que ele soube do arrependimento que ela guardava em seu coração pela decisão que tomou. Troy prometeu usar a experiência de sua mãe como uma razão para nunca deixar nada por dizer. Como a amada libélula de sua mãe, que representa a transformação, Troy passou a se orgulhar de estar aberto à mudança. Como tal, ele aprendeu a perdoar muitos erros do passado, especialmente os seus. Ele também aprendeu a passar menos tempo sentindo pena de si mesmo e, em vez disso, a apreciar as coisas que tinha – como um pai e avós trabalhadores que faziam o melhor que podiam para apoiá-lo.

Apesar de uma carreira de sucesso analisando números para estranhos virtuais, aos vinte e poucos anos Troy percebeu que faltava muito em sua vida. Não foi até que ele se reencontrou com uma garota do ensino médio que uma vez tentou envenená-lo que ele aprendeu o quão irônico o mundo pode ser. Depois de se apaixonar por ela (a já mencionada Aspyn), Troy finalmente experimentou a verdadeira felicidade. E pela primeira vez em sua vida, ele se sentiu digno de amor.

Ele também percebeu, através dos olhos da jovem sobrinha de Aspyn, Kiki, que ele não estava sozinho na luta para alcançar um sentimento de pertencimento a este

mundo. Juntos, como almas gêmeas que cresceram sem suas mães biológicas, Troy e Kiki se uniram de uma maneira que ele não conseguiu com mais ninguém. Troy permaneceu convencido de que eles sempre estiveram destinados a se encontrar.

Então, veja você, se este obituário fosse real e Troy realmente tivesse falecido na idade madura de trinta e um anos, ele teria morrido um homem feliz e iluminado. Mas ele está muito vivo, e há muito mais que ele precisa alcançar. Ou seja, ele quer se casar com Aspyn, adotar Kiki e um dia expandir sua família.

Assim, este obituário em particular não é um obituário. É uma proposta. Não é o fim de uma história. É apenas o começo, mas apenas se ela disser sim.

Fim

